

O CENSOR



N.º 1

Collecção PROFESSOR AMARAL

A Rome les desordres domestiques ou publics étoient reformés par les Censeurs.

Rollin.

SEGUNDA FEIRA 24 DE JANEIRO DE 1825

Censor, he nome deste, e de outros escritos, que sahirão á luz sem regulação periodica, nem determinado volume, e preço, o que se annunciara antes da publicação de cada hum: em que seu author pertende, dedicando-se ao bem do Estado, e da Patria como parte componente, e cumprindo com o dever sacrosanto do cidadão honrado, ser nimamente regular e constante, segundo lho permittrem suas froxas luzes, em todos os principios da moral e da politica, no que dezeja expender conducente á prosperidade sancta da Sociedade, e da ordem e doce harmonia da mesma: opinando sobre o estado de egritude politica desta convulciva Provincia: não afastando nunca suas ideias do principio irrevogavel que nutre em seu coração de que = o Brazil só poderá solidar a sua Independencia, e elevar-se á mais sublime grandeza, por meio unicamente de huma uniao indiscrepavel e sinsera de seus habitantes com o Magnanimo Principe que a Providencia

Continu

lançou em seu seio como huma constellação celeste que havia servir de guia magnete á liberdade, na Europa opprimida, para correr ao seu luminoso ambito a onde emdoce laço com todos os habitantes do mesmo vasto e aurifero Brazil, livres todos de preocupações pueris e insensatas, sabendo apreciar tanta gloria, em breve erigissem o mais magnifico, immenso, e assombroso Imperio que se há visto desde a idade de Adam.

Quem não acreditaria que o Brazil quebrando o pacto com Portugal por merce das Cortes de Lisboa, não circunscrevesse logo em acertada ordem, e unanime consenso de seus habitadores, todas as suas faculdades, politicas, e, por hum acto expontaneo incontestavel, dicesse com extremada, justa, e valente ousadia: *eu sou o mais poderoso, e o mais rico Gigante dos Gigantes do Mundo, e se a Europa for comigo submissa, em relaçoens commerciaes repartirei com ella os meus thezouros!*

Tal era o prospecto da eminente gloria do Brazil; por que tanta ventura a Providencia lhe lançara em sorte: mas como não he dado ao ser humano achar-se constituido na quelle gráo de felicidade que amplamente gozar podesse aquelles bens supremos que são incompatíveis com a imperfeição da natureza, he por isso que muitas vezes acontece caminharem os homens voluntariamente a hum abysmo de desgraças quando julgaõ em punhar a felecidade, illuzos pelo predominio das suas paixões, propenções, e differentes interesses; e he por esta razão que tudo infelizmente se botou a perder.

Nas opinioes discrepantes dos homens consiste o mal de todos, e a improsperidade do Estado; e nem todos possoidos de malevolas intenções ou ideias furibundas trilhaõ o caminho tenebrozo: muitos seguem o turbilhão sem examinarem o fim a que se encaminha, e sem obter primeiro o conhêcimento da verdade: carecem pois os homens para retrogradar ou melhorarem a confuza e arriscada marcha; de hum farol luminoso, e este não pode ser outro que a Opinião publica bem dirigida e bem illustrada: taõ nobre fim porem não pode conseguir-se em huma difuzaõ de luzes que abranja todas as classes, e os individuos do povo: mas como em nos não

caiba tão bella possessão para esparzir, offerecemos aos nossos caros e benevolos Concidadãos, isto he, Cidadãos Brasileiros em genero numero e cazo como designa a Constituição, offerecemos sim a nossa rude pena para copiar quanto convenha a esse proveitozo fim, e o meio que adoptamos, como orgão dos bem intencionados, para publicar todas as reflexões, e todas as ideas que os mesmos senhores nos quizerem communicar aptas para tão justo empenho: e o poderaõ fazer remetendo quaes quer escritos a esse respeito á Typografia Mellandiana, com sobrescrito = ao Censor: e tudo quanto for digno da lição publica, se publicará sua intrega, ou por extractos como melhor convier.

O a collimento; ou o repudio que observarmos na publicação de nossos pensamentos, porque alem da nossa insuficiencia, saõ tantos os genios quantas as opiniões, e interesses, naõ levando nós outro em vista que o bem geral da Sociedade, nos servirá de governo, ou para proseguirmos, ou para entregar-monos novamente ao silencio; se nos deixarem.

Censo

No principio do 4.º seculo de Roma sendo Consules Geganio e Capitolino, a exemplo talvez dos Lacedemonios se estabeleceu ali huma nova Magistratura, que parecendo em seu principio, de menor consequencia, tornou-se para odiante a mais consideravel, de summa ponderação, o utilissima aos interesses, e civilização do Povo Romano: Papirio, e Sempronio foraõ os primeiros nomeados para exercer este novo Cargo, que consistindo no seu começo empresidir ao Censo, ou Recenseamento do povo, bem depressa se estenderaõ suas funções a outros negocios mais esplendidos, e os mais importantes do Estado. Veio aserlhes confiada a mianutenção dos costumes, e disciplina, e em consequencia o direito de julgar e punir os proprios Senadores, os Cavaleiros, e os Cidadãos do Povo;

Continuar-se-ha 12

824 / 26.11.27 OBSERVAÇÕES.

Prospecto do *Amigo do Homem*, publicado com data de 17 de Setembro de 1824. Pelo conhecimento que temos á bastantes annos de seu illustre A. cuja conversação sempre nos foi aprazível pela sua vasta erudição, não temos duvida a esperar, que, a exemplo do Marquez de Mirabeau que tratou do mesmo assumpto, desempenhe o magestoso titulo que adoptou a seu Periodico = o *Amigo do Homem*, illustrando o publico com todas as materias que promete no mesmo Periodico expender: e sem que nos abalancemos a notar defeitos em seu escrito a que não chega a nossa esfera; tão somente fazemos algum reparo sobre hum periodo que ficou em colisão com a *Opinião Publica*; reinando em nós o espirito de conciliála, e já mais o de controversia. Aonde diz pagina 6: que os Redactores do *Conciliador* não desempenharão o titulo de seu Periodico, que se tornou incendiario; levados seus Redactores de nimia condescendencia ou antes hum espirito de servilismo para as primeiras Auctoridades de então e seus satélites. Deu isto muito que entender ao Publico; não em defeza dos mesmos Redactores de quem antes havia Reprovado sua marcha, contradição com o titulo que adoptarão: mais sim no que avança o *Amigo do Homem* quando diz: nem esperamos ser a isso violentados pelo muito que a experiencia nos induz a confiar na liberalidade das Auctoridades existentes. As Auctoridades existentés em Setembro passado podem-se considerar, pelo despotismo que então reinava, enserradas nhum só homem e seus satélites; e comparada sua estravagante conducta com a dos Governos do tempo do *Conciliador* não se pode comprehender como algueum podesse nem por hum momento, confiar em sua liberalidade, a não serem os seus Condescendentes ou Servis; e he isto o que a *Opinião Publica* tem notado

P. com alguma acrimonia. Nós não somos árbitros da Opinião Publica; somos o seu manifestador; e muito dezejavamos agora contar huma novena de annos de Coimbra, ou possuir os talentos, e as bellas letras de alguns Jovens esclarecidos que conhecemos, para derigila e não incendiala: com tudo expendemos o nosso juizo a esse respeito

Se a quellas offeciosas expreções ao Governo Brucino senão podem attribuir a hum lapso de pena do Amigo do Homem, antes, segundo pensamos, augmentaõ o credito de seus conhecimentos politicos: na quelles tempos tenebrozõs de que setrata era difficil empreza o Systema de viver entre tantos algozes sedentos de sangue humano; e quem dependia do exercicio de industria ou de algum emprego para lucrãr a subsistencia, via-se obrigado alliciar a estupenda fereza dos monstros com mil sacrificios do genio, ou procurar e vadir-se do Continente: o Amigo do Homem achouse talvez nessa colizaõ, e lançou mão daquella medida combinando logo com perspicacia hum pretexto plauzivel de já mais a pôr em execuçaõ: illudius subtilmente o monstroozo Governo com lizongeirãs esperanças de ser seu panigerista, prometendo publicar seu Periodico dalli a tres mezes e meio calculando, que nesse espaço, segundo a de prava-da e louca marcha, o enorme colosso deveria precipitar-se: e nos conprova este juizo a rapida presteza com q o Amigo do Homem, sem mais os motivos que pretextára, principiou e nergicamente a exercer suas funções logo á queda do Monstro: isto he o q nos parece ser o seu designo segundo a nossa hermeneutica.

Proclamação do Exmº Senhor Presidente interino, inserta em o N.º 2 do Amigo do Homem no fim da qual se acha a seguinte observação feita pelo illustre Redactor = Este judicioso, e bem lançado escrito deve a nimar a todos os Cidadãos honrados, e benemeritos, e mostrar-lhes quanto podem esperar da administração de seu Illustre Author: Muito digno a chamamos ao Exmº

nosso Presidente interino, dê todo o elogio pelas esperanças que nos persuadem encontrar-mos em seu Governo amplo remédio a nossos males: porem, sem fallarmos ao respeito que lhe he devido, nem a os deveres da nossa submissão, e obediencia segundo a lei, devemos manifestar, que, a *Opinião Publica* oscillou *O.P.* ao ver naquelle literario documento quatro vezes exarados os termos = *Patricios e Amigos*; sem huma só vez os do Artigo 6.º da Constituição = *Cidadãos Brasileiros*. Nós bem sabemos, q nas puras intenções do mesmo Exm.º senhor Presidente a quelles termos levão o mesmo genuino sentido que os outros, e até he nome suave e doce; mas como o Exm.º Presidente vive á pouco tempo entre nós, e a discordia he mui subtil, talvez que não estivesse bem ao facto da verdadeira origem das tormentozas, borrascas que tem sempre perturbado os nossos horizontes.

Sua origem consistiu sempre na indiscreta rivalidade entre brasileiros, e europeos, e ultimamente este devorante incendio ateou-se ao cume daposibilidade, e os nomes de = *puças, e patricios*, eraõ as revoltantes *senhas*, com que se designavaõ os dois partidos.

Emquanto pois estes synonymos, de, *patricios, e amigos*, e *Cidadãos Brasileiros* se não identificarem praticamente, não veremos nada feito: e quem pormover o contrario, promove a desuniao, e adesuniao hade ser sempre fatal a huns e outros em quanto se não conformarem com estas verdades: e emquanto, pormeio de huma conciliaçõ fraternal e sincera se não curar semelhante molestia rebelde, o Brasil não poderá prosperar. Todo o Cidadão honrado deve expôr seus sentimentos sem subterfugio, em beneficio da sociedade: e o Exm.º Presidente, hade estimar essa franqueza que a elle, e a nós será sempre proveitoza.

Portanto quem governa deve ser explicitamente informado da verdade, que he este o melhor odorifero incenso, para que possa com todo o acerto dar regulado movimento á maquina politica.

O ARGOS DA LEI

Argos da Lei
sahio em 70

4' He hum periodico de huma folha que sahiu á luz com-
 1.25 data de 7 de Janeiro corrente; e já antes, o Publico es-
 -perava ancioso por este mônumento de instrucção publica
 que se havia annuciado; por que pela fama que corria
 dos progressos espantózos que seu illustre Author havia
 feito em Coimbra, suspirava o mesmo Publico por
 gozar a leitura, e ver os fructos desta boa folha. Em-
 seu N.º 1.º na pagina 3.ª acha-se exarado o seguinte
 Escrito. =

Ao Desmbargador ~~Manoel da Costa~~ ~~Barradas~~

Sua Ex., o Sr. Marquez ~~General das~~ ~~armas~~ desta
 provincia, me incumbe de lhe fazer saber a admiração
 que lhe ha causado a informação que tem das pessoas,
 que compõem a ~~guarda~~ ~~cívica~~, mandada crear pelo mes-
 mo Excellentissimo Sr., com o fim de restabelecer a tran-
 quillidade e socêgo publico. Sua Ex. está bem persuadido
 de que não terá o gosto de conseguir o que tanto deze-
 ja, porque devendo ser esta ronda feita pelos Brasileiros
 natos e os naturalisados de toda a confiança, estes, que-
 rendo eximir-se de co-operar pessoalmente para restabe-
 lecerem a ordem que dezejaõ fruir, mandão os tabernei-
 ros seus famulos, e a outros ~~garôtos~~ ~~de Portugal~~; mer-
 cenarios; que, bem longe de se prestarem para conse-
 guir-os fins que se esperaõ, tractaõ de desenvolver o
 espirito de rivalidade, insultando com dieterios a cana-
 lha do Brazil, sendo taõ desmoralisados como ella. Sua
 Ex.ª manda muito positivamente que V. S.ª ordene aos
 Juizes dos ~~bairos~~ ~~que~~, tendo de chamar a alguns Bra-
 zileiros naturalisados para estas rondas, somente o deve-
 raõ fazer a quelles que se intressarem pelo bem deste
 Paiz; os quaes se conhecem pelas suas familias, propri-
 edades, e reconhecida probidade.

Tambem ordena Sua Ex. que, por motivos politicos que ainda existem entre Portugal e este Imperio, não convem que seja Juiz do 4.º bairro o cidadão naturalisado Joaõ Ferreira Jacob: apesar da sua probidade, este lugar deve ser occupado por um Brasileiro nato que reunisse maior numero de votos na eleição.

E' o que tenho a levar ao conhecimento de V. S.ª para lhe dar o seu devido cumprimento.

Deos guarde a V. S.ª Quartel general do Maranhão, 4 de janio de 1825, 4.º da Independencia e do Imperio.

Illustrissimo Sñr. Doutor ~~N~~anoe~~t~~ da ~~S~~osta ~~B~~arradas, Dezembargador Ouvidor geral do crime e Intendente da policia.

Clementino Jozé Lisboa, Capitaõ Ajudante de ordens de semana,

- Qual o reflexo lume do polido,
Espelho de aço, ou de crystal formozo,
Que do raio Solar sendo ferido
Vai ferir n'outra parte luminozo;
E sendo da ocioza mão movido,
Pela caza, do moço curiozo,
Anda pelas paredes, e telhado,
Tremulo aqui, e alli desasoçado:

Camocs.

Tal se tem visto andar a Opinião Publica vagando fluctuante tremula a qui, e alli desasoçada quando vê, quando lê, e quando admira a quelle estupendo Officio assignado pelo illustrissimo Clementino Jozé Lisboa: ella anda pelos intremedios da Cidade, e pelos ambitos impaciente e perplexa, e quer falar as vezes, e não pode: tem tido grandes de bates em segredo com a Razão; esta lhe diz: pois que! estás afflicta? não te consumas; a quelle o officio não he obra do Marquez: estás louca? dis-lhe a Opinião Publica, pois po-

deria alguém ter o atrevimento e a temeridade de dar
 huma ordem apocrypha em Nome do Exm.^o Marquez?
 não; diz a Razaõ, eu te explico: tu tens muita força,
 e obras as vezes prodigios, mas he necessario instruir-
 te, e ouvires os hommes literatos e prudentes para não
 praticares desacertos: para se conhecer, que a quelle
 Officio não he Obra do Marquez não he peccado muito
 cançar o topete: tu não observas a bem regulada, e pru-
 dentissima marcha que o sabio Marquez tem seguido,
 desde que chegou entre nós? elle não sopitou a anar-
 chia sem dar hum só tiro e sem derramar sangue? não
 tirou as armas das maos dos assassinos, e dos ladroens
 sem fazer estrondo nem violencia? não o vimos com-
 tanta serenidade sacar d'entre nós o cruento monstro
 que nos devorava? não nos dá elle ideia bem clara de-
 possuir huma politica luminosa remetendo prezos para
 a Corte tantos agresores dignos de serem postos no
 mesmo lugar a onde cometerão horrores crimes? isto he
 incomprehensivel ao nosso conhecimento; mas não
 deixa de ser obra da Arte politica.

Não vez tu, que todos os Officios, Proclamações, e Or-
 dens pelo Exm.^o Marquez assignadas, são tudo monumentos
 de prudência, de civilidade e de politica; todas as suas ex-
 pressões polidas, decentes, e cheias da maior moderação
 mesmo quando o furor do Monstro o provocava? encon-
 tras por ventura em seus escritos algum termo indecoro-
 zo e rasteiro? ves lá falar em garotos, enxuradas
do rocio, nem outras porcarias? semelhantes, ter-
 mos, que só proferem bregeiros estouvados quando querem
 vilipendiar os pacificos europeos ves por ventura tratar
 de taberneiros aos famulos que são os Caixeiros
 e Arruma livros dos Negociantes? isto hade ser bem tar-
 de que tu tal vejas nos Escritos do Marquez.

Logo, diz a Opinião publica, não podes negarme
 que o Ajudante de Ordens cometeu hum attentado. Não:
 eu te satisfaço; diz a Razaõ, esse Ajudante de Ordens
 he hum Moço bem disposto; e teve boa educação; e
até parece que não foi mau estudante; e não julgo que
 propria para aquella SUJEITA, * que muitos figuro-
 ens tem no sintido; não pareces destes que nutrem o es-

* — Republica. —

pirito da rivalidade pueril entre brasileiros e europeos em
 ves de dissipalo se tivessem tino; elle he cortez, e ci-
 vilizado; e dizem que tem intelligencia militar: e por tu-
 do isto não podia conceber o sacrilego pensamento se quer,
 de adulterar as sagradas Ordens do Exm.^o Marquez. Eu
 te explico: existe entre nós huma Deusa sagaz intitulada =
Discórdia, que dizem os Poetas fôra expulsada do Ceo
 por fazer alli mil dezordens; e pintaõ-na, sustendo nas
 mãos venenozas cobras e punhaes: ella he tão subtil, e
 em estratagemas tão engenhosa, que foi ella sem duvi-
 da, e foi ella, que apanhando lá na Salla, aquelle Moço
 descuidado, trocou-lhe a pena em *aspide* de cuja lingua
 o magico bico escreveu com letal veneno aquelle Officio:
 tens percebido? Agora estou Satisfeita, diz a *Opinião*
Publica; e vou cuidar em que, das minhas vozes o eco
 retumbe, para que o Magnanimo Marquez tenha cuida-
 do, cuidado, em quem o cêrque, para que essa turbu-
 lenta, feróz, e invejoza *Deusa* não se jacte, que venceu
 em terra o Heroe dos Mares.

Tinhamos cotejado o dito Officio, cujo trabalho Suppri-
 mimos agora, para não cançar o Publico visto que apa-
 rece a sua analyse pelo erudito *Amigo do Homem* em
 seu N.^o 5 em que desenvolve Verdades puras; e com
 tanta moderação que não diz tudo; mas percaõ antes
 por carta de menos aquelles que pelos bens que adequi-
 rirão com suas fadigas e suorsão o objecto da persiguição;
 eda raiva.

No mesmo importante N.^o 1.^o e na mesma pagina 3.^a, acha-se,
 logo depois do Officio assignado pelo Senhor Clementino
Joze Lisboa, o seguinte *Corollario* =

*Este officio do Exm.^o Marquez vai sanar as feridas
 que se abrirão nos corações Brasileiros com o intempesti-
 vo chamamento de certos Europeis para as guardas civi-
 cas; se tinhamos arrancado as armas á canalha Brasilei-
 ra, por q as haviamos depositar em maos da garotada Por-
 tuguesa, que tem como ponto de honra odiar o governo*

do Brazil? Homens tirados das enchurradas do Rocio não são aquelles que devem figurar em similhante scena. Deenganemo-nos, a cor não he que torna os homenes bons ou maus: pela sua pessima educacão, muitos brancos da Europa são tão vis etão baixos, como esses malaios que andarão a espancar, a roubar, e a matar, pelas ruas da Cidade.

Chamamos-lhe Corollario, por que sendo affimeira producaõ scintifica em letra rodonda com que o illustre Redactor do *Xygas* nos mimozéou nesta Cidade, e pela materia que contem, devemos considerala como consequente deducção detodas as premissas de setis altos talentos, e profundos estudos de nove annos de Coimbra, ou couza que o valha: e se nenhuma couza, mais que a literatura merece Obliscos, ou Monumentos; este engenhoso *Escrito* do Redactor, por ser o primeiro seu entre nós impresso, levará o seu nome e a sua memoria alem dos *Ævos* ainda que a pena lhe caia da mão, e a liberdade da imprensa se anniquile. Este *Escrito* he o dedo do gigante; he huma hyperbole do subtilissimo Tymantes: este insigne Pintor, como nos diz Plinio no livro 35 de historia, quiz comprehender em breve, e curioza taboa a enorme estatura do grande Polifemo, e o pintou jazendo adormecido, e hums Satyros junto a elle, medindo-lhe com o tyrso o dedo pollex. *Cyclops dormiens in parvula tabula, cupis et sic magnitudinem exprimere cupiens pinxit juxta Satyros thyrsos pollicem ejus metientes*. Duas especies de hyperbole, comprehendeu nesta pintura o engenho de Tymantes: por que com o mesmo debuxo, e com as mesma linhas, não só diminuiu na copia o grande do exemplar, reduzindo a brevidade de Pygmeo, a baixa estatura de hum Gigante; mas tambem demostrou pela curta medida de hum só dedo, a extraordinaria grandeza do Cyclope. *mutata nomine de te narratur fabula*.

Este officio do Exm.^o Marquez vai sanar as feridas que se abrirão nos coraçoes Brásileiros, com o intempetivo chamamento de certos Europeos para as guardas civicas. Chamar Europeos para as guardas civicas; ficavaõ acabados por certo os arrombamentos, os roubos, e as

mortes; e isto profundava sem duvida as feridas de alguns Brasileiros e era intempestivo ao espirito da perversidade; ergo: rozas. *Se tínhamos arancado as armas a canalha Brasileira, porque as haviamos depositar em maos da garotada Portuguesa, que tem como ponto de honra odiar o governo do Brazil?* Concedo supositum: pois a inda que não achamos no "dicionario" de Fonceca, de que nos servimos, a palavra = garotada, ou garoto, achamos somente garrote, que nos parece o meio termo daquellas duas, porque huma tem oito letras, outra seis, e esta sete, e garrote, diz lá o dicionario, que he a acção de dar garrote, e dar garrote pertence ao officio de Algoz, e nada disto vem o cazo; só se nós estamos illudidos!

Mas do que nos lembramos he, que em Lisboa chamaõ garotada áquelles rapazes vagantes que andão, já no Terreiro do Paço, já no caes da estiva com hum prego na mão rapinando asucar das caixas, escapando ás xibatadas dos guardas; e sendo estes os de q se trata pois não vemos outros, como podem elles lá lembrar-se de odiar o governo do Brazil, ou isso que mal nos pode fazer? ergo: rozas.

Homens tirados das enchurradas do Rocio não são aquelles que devem figurar em similhante scena. Dexem-gançmonos, a cõr não he que torna os homens bons ou maus.

Esta logica não entendemos nos: nunca ouvimos, que das enchurradas do Rocio se tirassem homens: o que nellas apparece ameudadamente são caens, e gatos mortos, e as vezes algum cavallo sem camiza, vindo lá de Arroyos, por que alguns pretos que do Brazil, ou de Africa vão tem cuidado de esfolalo para aproveitar-lhe a pele, o que poderiam também fazer alguns brancos, por que, devemos desenganar, que isto lá da cõr não he que torna os homens bons ou maus. Ora se daquelles corpos putridos, e fetibundos, não admitirmos a transsubstanciação de Scoto, para que he dispergir a qui tanta fedentina, e tanta peste corroborada por jinações fogozas? ergo: rozas.

Pela sua péssima educação, muitos brancos da Europa são tão vis, etão baixos, como esses mulatos que an-

dáráo a espancar, a roubar, e a matar, pelas ruas da Cidade. Talves em toda a Europa não haja hum só homem que deva comparar-se com os mencionados cabras: e, muito perdêrao estes não lhe chegar mais cedo o seu Campeão!! ergo: rozas.

Como falado havemos do primeiro parto mental que hum engenho defogo déra á luz depois que se viu á cára Patria restituído, como penhor primordio este recem nascido literario á benigna Patria dedicado em testemunho de gratidão pelos dispendios que prodigalizara para exercitar o Templo de Minerva o ditozo Pai detao engraçada creança ou pedaço de eloquencia Tuliana, que deverá servir de farol a os literatos Brasilicos; vamos agora a ver se encontremos mais alguma couza que possa competir á nossa *Censura*. Sim, lá está mais adiante: *attendaõ e tomem ao pe da letra*, sem interpretações forçadas, estas *palavras do Exm.º Marquez*: “Tendo de chamar a alguns Brasileiros naturalizados &c. “O nosso *Argos* não parece que tem cem olhos nem ao menos hum, na frente; pois, logo que principou a guardar o seu rebanho, *grex legibus*, descuidouse, e talves sem cajoado nem rafeiro, não fes cazo de deixar os lobos devoralo: o Exm.º Marquez não merece imputações, e deve ser tratado com mais respeito e dignidade; e neste cazo, se o Senhor *Argos* estivesse com os pertensos cem olhos no seu rebanho, o Senhor Clementino talves não escapasse do seu cajoado.

Quem poderá acreditar, que o Exm.º Marquez fallasse por ora em Brazileiros naturalizados, se ainda os não ha; nem que elle chamasse cidadão naturalizado a João Jacó? João Jacó he cidadão Brasileiro legitimo, ainda mesmo que não fosse, *Patricio e Amigo*: João Jacó está identificado nos direitos do Artigo 6.º paragrafo 4.º da Constituição; e portanto he Cidadão Brasileiro legitimo, não naturalizado. Os naturalizados são aquelles de que trata o mesmo Artigo no paragrafo 4.º, e haõde obter essa Graça por Carta do Poder Executivo na conformidade do Artigo 102. paragrafo 10 do Capitulo 2.º da mesma Constituição: mas estes Artigos da Constituição,

são ovelhas perdidas, sem duvida, do rebanho por falta de vigilancia do Pastor: e o Mestre dos Pastores nos ensina, pela meliflua bocca de St. Lucas, que o bom Pastor deve carregar nos hombros a ovelha desguerrada: *Con- gratulamini mihi quia inveni ovem meam que perierat*: e n'outra parte diz com voz divina: *Ego Sum Pastor Bonus*. Logo, nengum se encartegue daquillo de que não pode dar conta; ou de couzas onerosas: *erge rozas, origanos*. Da boca do Exm. Marquez de do seu coração, não podem sair palavrs nem obras dezorganizadoras: elle bem nos tem mostrado por obras o complemento desta verdade: e se ainda não conseguiu de todo levar-nos á ventura, quem poderá negar haver-nos arrancado da desgraça? e isto mais pelos dictames da Politca, que pelos meios violentos da Guerra.

Os Nobres Inglezes que se dedicão á vida militar não aprendem somente a andar á esquerda e á direita, nem somente a manobrar os terriveis canhoens: elles estudão huma Arte sublime, aqui talvez desconhecida, e por bem poucos culta, á qual se intitula = Arte de Medicina Política, e o exercicio desta he que o Marquez egrégio tem muito bem entre nós praticado,

E para que o nosso Argos na brilhante carreira que empreheando, possa caminhar com mais coherencia, nós lhe daremos aqui dos tratados dessa delicada Sciencia, hum curiozo Indice, que he talvez o que possuimos só de dessa materia importante; pois outros tem sido os nossos cuidados.

Para que o nosso Joven se possa formar hum Politico consummado, deve começar os seus estudos nesta materia pelos tratados elementares ou preliminares: que se intitulão = Pathologia mental; Dinamica espiritual, e Historia universal filozofia, e politica: (nesta parte o supomos nós muito instruido) depois, segue-se a Anatomia politica que enisna a mnsculogia da organizaçã civil; a Phiziologia, e outro tratto de Pathologia politica; a Semi-optica, pormeio da qual pelos signaes diagnosticos, anamnesticos, e prognosticos se conhece a fébre da enfermidade politica, que segundo o seu estado se lhe applica; então os remedios proprios conformes a os aforismos da Hy-

giene politica, e da Therapeutica politica que são as ultimas Sciencias eas mais importantes que se estudão neste curso literario Medico-Politico.

Continuar-se-ha.

VARIATIO

Aquelles, que por mares nunca d'antes navegados, de fêro e nunca já vencido peito; a quem Netuno e Marte obedecerão; que fizeram na India espantozos progressos, e acções esclarecidas; que pãssaraõ alem da Taprobana, sahidos lá da Praia Luzitana: que a hum delles, naõ obstante ser bastardo, dizem que filho do Conde da ~~Feira~~; o seguinte Soneto Camoões fizera =

*Vós Ninfas da Gangetica espessura
Cantai suavemente, em voz sonora,
Hum grande Capitaõ que a roura Aurora
Dos filhos defendeo da noite escura.*

*Ajuntou-se a caterva negra, e dura,
Que na Aurea Chersoneso offoita mora,
Para lançar do cáro ninho fora
Aquelles que mais podem que a ventura.*

*Mas hum forte Leão, com pouca gente,
A multidão tão fêra como nêcia,
Destruindo castiga, e torna fraca.*

*O' Ninfas, cantai pois, q' claramente
Mais do que Leonidas fez em Grecia.
O nobre Leonis fez em Malaca.*

Por fátal desgraça esta Gente fêra, que magoa!
Perdendo o esforço veio e bellica arte;
Pobre está já da antiga potestade!
Tanto Deus se contenta da humildade!

Pois tem chegado no Brazil ataõ misero estado por influxo mesquinho de maligna estrella, que a pezar de serem das preclaras Familias povoantes, os progenitores, vão ser á ínfima classe reduzidas, se a fatalissima *Opi-* Dniaõ se não despreza de hum agoureiro ~~X~~ Argonauta, sim, diz elle, q' a Nobre Gente deve ser pasiva por, força e q' só, por graça se deve vigiar para que não haja quem a mate, quem a roube e quem a insulte, pois que simi-

Ihante gente se não deve relevar que entre nos empregos civis, porque ninguem de bom grado a pode ver... basta; deixemos isto para outra occasião; porque o assumpto he tristissimo!! *in maximo dolore nulla est observatio artis.*

Quanto exista em nosso escrito de fastidioso, insulso, e sem methodo, irregular em logica, gramatica, pontos, e virgulas de certo achará huma indulgencia benigna em dodos os leitores, que se não acharem em opposição occulta com o Santo Systema que defendemos, vendo, que para taõ ditozo fim a nossa mente forceja mesmo sem animo sem forças, a inda mais que no-languido estado que descreve Camoens ==

*Vão os annos descendo e já do Estio
Ha pouco que passar a té o outono:
Afortuna me fas o engenho frio,
Do qual já me não jacto, nem me abono:
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno sono.*

*Sed enim gelidus, tardante senecta,
Sanguis hebet, frigent que effecte in corpore vires.*
Virgil,

AVIZO

Em o N.º Seguinte, que se annunciará, trataremos a respeito de *Vara e Covado*; Profissão honroza, que os Monarchas, eos homens de juizo, e deprobidade sabem muito apreciar; e sem ella não se formão Imperiós potentes, nem *Republicas poderozas*. ergo: rozas.

MARANHAO'
NA TYPOGRAFIA MELANDIANA DE D. G. DE MELLO
ANNO DE 1825

CENSOR

N.º 2

A Rome les desordres domestiques ou publics étoient reformes par les Censeurs.

Rollin.

24-1-

SABADO 5 DE FEVEREIRO DE 1825

Pelo sinal da Santa Cruz, livrenos Deos nosso Senhor de nossos inimigos, em Nome do Padre do Filho, e do Espirito Santo amem Jezus. A inda que esta santa Oraçãõ dèvia ser feita no principio da nossa obra para que se afugentassem de nós os espiritos malignos e protervos; com tudo, por que foi esquecimento, vale mais tarde do que nunca.

Tornamos a rectificar nossos votos expendidos no prospecto, declarando que já mais nos afastaremos hum só ponto do caminho que principiamos a trilhar a bem da nossa Independencia e do Imperio, promovendo a união e a concordia por ser este o primeiro bem da Sociedade Civil: e as pessoas que não forem possoidas de sinistras ideas ou que não estiverem escadas do magico veneno, facilmente conhecerão que, quando usarmos de algumas expressoens mais vehementes, não he por que

C

rezida em nós o espirito de controvérsia, nem por querer-mos manter odiosas personalidades, que sempre abominamos; mas he por q̃ não podemos de sangue frio ficar passivos, indifferentes, nem insensíveis á eloquencia dos Demostenes da desunião, e da rivalidade, que vai gerar a anarchia, de cujos tristes efeitos a inda temos de fresco o coração macerado.

~~~~~ \* \* \* ~~~~~  
*Continuação do discurso do nosso Numero antecedente da pagina 3.<sup>a</sup>*

Eraõ aquelles Magistrados incumbidos tambem da conservação e a formozamento dos edificios publicos, tanto sagrados como profanos, dos caminhos, dos aqueductos, e de outras couzas semelhantes: tinhaõ intendencia sobre a administração das rendas publicas, e julgavaõ todas as contestações que socediaõ a esse respeito.

Elles tinhaõ tambem authoridade, e huma attenção particular sobre os cazamentos; condenavaõ em huma multa consideravel a todos os que se demoravaõ no estado de celibato até a velhice ( quem os apanhara no Maranhão! ) sendo taõ exactos em tudo que até chegaraõ a excluir do Senado a hum Senador por haver repudiado sua mulher sem haver primeiro consultado seus amigos.

Censores foraõ chamados estes novos Magistrados, titulo oriundo de seu primeiro exercicio de prezedir ao Censo: elles podiaõ elevar hum plebeo ao ministerio de Senador tendo elle virtudes, e bens que o fizessem digno dessa preeminencia segundo-a lei.

Elles não perdoavaõ a nada que podesse contingir a maquina social: os Censores Nasica, e Popilio, fazendo huma revista aos cavaleiros, observaraõ hum cavalo bastante magro e estenuado, cujo dono estava muito nédio e bem disposto: dõnde vêm tanta differença, perguntaraõ elles, entre vós e vosso cavalo? por que amim sou eu que



me trato respondeo o cavaleiro, e ao cavallo he o meu creado. sua falta de respeito e sua negligencia foi punida pelos *Censores* com a degradação e perdimento de todos os direitos de cidadão, excepto o de pagar os tributos.

Catao excluiu do senado a Quincio Flaminio por que sendo anteriormente consul fizera executar no meio de hum festim a hum criminozo para satisfazer ao prazer deshumano de huma Dama que dezejou ver morrer hum homem.

Estes venerandos Magistrados eraõ em principio, escolhidos da ordem dos Patricios, e de entre estes os mais illustres; e nunca subiaõ á dignidade de *Censores* sem que primeiro tivessem exercido o Consulado. Para o diante foraõ tambem tirados da classe dos plebeos, poi a sim o exigiu o bem commun, sem que por isso aggravassem os Patricios: mas em Roma os Patricios naõ eraõ furiozos nem freneticos: e naõ se entendia serem somente Patricios, os Patricios natos do paiz; eraõ aquelles que abrangendo o circulo da comunidade, observadores indissimulados da Lei, fosse a onde fosse o lugar do nassimento, compunhaõ huma ordem nobre que descendia dos antigos cavaleiros, e dos Senadores ou *Patres conscripti*, como diz a historia: e elles naõ prezavaõ menos o nome de Cidadão, honrozo titulo com que o grande Romulo soube conquistar os corações dos homens, e revocalos das nações estranhas; ou conquistadas para que por meio da uniaõ social formasse a força da potente massa que ao dipois veio a progennerar os conquistadores do Mundo.

Podendo concluir-se deste periodo, que o nome de Cidadão abrange a todos os individuo-os da Sociedade, e o de *Patricio*, a certa classe; o que muitos aqui, talvez por inimizade aos libros, naõ sabem desifrar, julgando ser tudo a mesma couza, pois a inda que respondeão com a Rudimenta, nós tem os intendemos! e o titulo de *Amigo* he taõ sagrado que naõ pode porisso ser extensivo a todos, pois como diz Cicero no Capitulo 5.º em Lelio — *Sed hoc principis est nisi bonis amicitiam esse non posse*; e nós dizemos: *Studete fili mihi*.

Continuando-se a

Depois de estar no prelo esta folha, veio aos ouvidos do redactor que os garotos chamaõ a este periodico, em vez de Argos da Lei, o Algoz da Lei: e isto quando a inda não sabião o que nelle se encerrava. Ora, senhores politicos de vara e covado, vendaõ fitas e sejaõ mais circumspectos: não tenham pelas chagas de Christo, ódio ao pobre redactor, só por que, sendo do Maranhão, se atreve a escrever- Argos quer dizer aqui guardador: se não sabem ler, recorraõ aos mestres de primeiras letras desta Cidade. Depois que virem no dictionario o que significa— ora—sus—, expressaõ que á pouco lhes deu muito que entender, vão ao da fabula, leiaõ a palavra Argos, e não se metaõ a letrados. Mestre Joze vá fazer cabelleiras, dizia hum grande homem a hum tolo que ostentava de critico.

Quanto não seria para dezejar-se que o Illustré Author do Argos principiase a sua Obra pelo Artigo do meio que fes o objecto do nosso encanto e admiracão! Que mil parabens não mereceria a Patria, sendo assim, por ver restituído asi tão proveitozo e cáro filho! Aquelle Artigo sendo de sua obra o começo, prometia couzas grandes pois era conforme ao sabio concelho que nos dá o grande Vénuzino na Arte poetica=*dic mihi Musa quem virum captæ post tempora Troie*, ou couza que o valha. Mas que fatalidade! quiz a desgraça que fosse principiada pelo diabo do COROLARIO, seguindo a opiniaõ que o mesmo Horacio reprova, suposto seja em verso=*Fortunam Priami cantabo et nobile Bellum*. E agora que devemos nós esperar segundo nos diz o mesmo Poeta? *quid dignum tanto feret hic promissor hiatus? parturiunt montes nascetur ridiculus mus*. Assustanos ás vezes huma Montanha dando urros inculcandonos querer parir, e depois apresentanos hum ridiculo ratinho; e ás vezes hum ratinho tão atrividinho, que até fas mofa dos gatos de bigodes sanhudos.

Muito grande foi por certo o divino Author da Epistula aos Pisoens, e muito vergonhozo lie para aquelles que se delectaõ com os critores, não observarem res-trictamente seus preceitos: elle diz, versos 38=



*Sumite materiam vestris, qui scribitis aequam  
Viribus: et versate diu, quid ferre recusent  
Quid valeant humeri—*

Em outra parte diz =

*Scribendi recte sapere est principium et fons?*

Tão saudáveis são estes Conselhos ao publico escritor, na referida Epistola; que Schaligero censurou a seu Author por lhe ter dado o terceiro lugar nos documentos subministrados aos Escretores, quando lhe pertencia o primeiro.

Todos os Escretores por tanto que não observão estes preceitos com vigilancia, condemnão-se por si mesmos ao tormento de Sisyphe, como diz Lucrecio =

*Sisyphos in-vita quoque nobis oculus est.*

Eis a razão por que o Author do Argos hade soffrer o rigoroso pezo da Censura a inda que escrapetee, tenha paciencia: nós não lhe dezejamos o perpetuo tormento de sisyphe; mas attendendo aos seus poucos annos, devemos abri-lhe os olhos para que elle fazendo uzo da docilidade que mostra no Artigo médio, dê outra direcção a seus talentos para que sejam uteis a Patria e não perniciosos, e para que algum dia venha a ser nosso Amigo, e não somente patricio.

Observe-se com a ttenção este ultimo pedaço de litteratura do Argos que transcrevemos; ajuntese ao COROLARIO do principio da obra o qual he da mesma massa e natureza, e veja alguém se pode fazer alguma combinação com o Artigo médio, que já louvamos, que não pareça o monstro que nos pinta Horacio, no qual.

*nec pes, nec caput unum.*

*Redatur forme . . . . .*

Não gastariamos por certo a nossa censura sobre a formalidade do Escrito, se o seu desarranjo não tivesse connexão com as ideas que gerão a pernicioza doutrina que nelle se expende, cujo effeito, se se deixar progredir, deve ser infalivelmente fatalissimo e tenebrozo ao progresso da sagrada Cauza que defendemos do grande Imperio Brazilico, e dará com seu Author a Ilha das Cobras.

Em todo o Artigo médio não se encontram se não bons sentimentos e expressões discretas como se

guintes = Demovido e abalado com a desgraça da sua patria busca quanto cabe em suas posses; conciliar os diversos partidos que a dilacerao = ora quem diria que em menos talvez de 5 minutos depois de escrever tao bellas e suaves experssoens, correndo inda a penna sobre o mesmo papel escreveria o seguinte desaguizado no ultimo Artigo = veio a os ouvidos do redactor que os garotos chamao a este periodico, em vez de Argos da Lei, o Algoz da Lei . . Ora Senhores politicos de vara e covado, vendão fitas, e sejaõ mais circumspectos & &

Primeiramente não julgamos proprio de hum estudante matraqueado que sahe de Coimbra com bastantes annos de estada alli, ainda que se não formasse, dar o cavaco; isso he mais proprio de quando para alli se entra, e que o metem muito á bulha em quanto não paga boa patente, e principia a frequentar o botequim da Calçada. Para que he dar satisfações ao publico em semelhantes materias? com essa fraqueza ganhase hum apellido assim brincando, que se não perde mais.

Mas agora he que nós descobrimos o inigma; e por não ter posto alli os olhos he que andamos quebrando a cabeça com os dictionarios. . agora vemos nós que os garotos saõ os politicos de vara e covado. Grande pena temos, que tao bella doutrina do mencionado Artigo médio tao depressa fosse manchada com tao indesculpavel azedume que so he proprio de gentes de mais baixa esfera que se occupaõ com ridicularias e frioleiras, que saõ. =

Unico emprego de cabeças óccas . .

O eximio Joven Redactor do Argos, a pezar da electricidade que o fes principiar o seu Periodico pello nh. decantado COROLARIO, o que atribuimos a excesso do genio pela foça do violento fogo sem que podesse susten-ter-lhe as redias, bein como diz a Eneieda

Stat soripes, ac frena ferox

Spumantia, mandit.

E Camoões, na sua imitação diz. =

Mastigaõ os Cavallos, escumando

Os aureos freios com feroz smblante.

Deixou, não obstante, entrar novamente a razaõ



em seus limites quando principiou a escrever o mencionado Artigo médio, que tornamos a dizer, que he hum exemplo de erudição e de probidade: mas hum transporte tão improvizo, que parece hum dos accessos do heróe da Mancha, não pode deixar de ser, desgraçado effeito de hum de duas conzas algo difirentes; ou foi o espirito dessa infesta Deusa cujo *cetrifeire* já dissemos que são venenozas cobras e punhaes; ou foi o assombramento de algum Monte de estupidez que nesse tempo se aproximou do Argos que o degenerou, embacando-lhe as ideas com seu crasso, e immenso pezo: e se foi este e não a quelle o motivo do Senhor Argos mudar de rumo, nós lhe a aconselhamos por piedade; a inda he tempo; não perca hum feliz carreira: retirese desses exemplos de materialismo, que não obstante a sua incapacidade mental, podem vir-lhe a ser funestos, por que não há tolo que não seja máo.

*Amole Estupidez a ceza em ira,  
Tanto já mais se veio!*

Aparte-se delles Senhor Argos, apartese, e se a sim he, mandeos com os diabos lá para os *intermundios*, a onde =

*O grao pais se estende das Chimeras:*

E se elles o não deixarem, e com rizo emôfa lhe disserem, que essa gente de vara e covado he hum gente indigna; o nobre ~~Redactor~~ do Argos, como ~~Corrector~~ dos Poetas, e como ~~Traductor~~ dos Publicistas, e versado com especialidade na economia politica de Symonde; deve logo dizerlhe com voz severa e arripiante: alto lá! não sejam ignorantoens; essa Gente, diz a historia, que he em toda a parte hum das mais respeitaveis classes dos Estados: e se eu á dias os tratei com menosprezo pelo influxo que voces me inspiravaõ, agora me arrependo, pois já o demo do Sençor prometeu vir-me ó pelo, e esta me dando já o suor pelo popete o responder-lhe ao mais que elle já disse; pois não tenho alli em que lhe pegue se não em alguns lapsos de pena ou alguns descuidos de gramatica em que eu estu mais fresco e previsto: mas elle he tão sagonho que já lá na pagina ultima ou 16 do 1.º N.º a resposta preveniu, dizendo, que

D

se alguém fizer alguma nota a esse respeito dará a entender que he inimigo oculto do santo Systema do Império: e anim não me fas, por ora conta declarar-me em quanto cá estiver o Lord; mas em fim verei a inda o que devo fazer, não me esquecendo de tergiversar-lhe o sentido de algumas expressoens para incendiar dos meus clientes alguns mais brancos que do meu artificio se persuadaõ para lhe hirem o pelo ou raparemlhe a cabeça na primeira o caziaõ favoravel, que talves não tarde: mas vamos o cazo.

Tornolhes a dizer Senhores ~~mandriões~~, que duas são as bases essenciaes em todos os Estados, da sua elevação; a agricultura, e o Commercio: a agricultura seria sangue coalhado no corpo do estado se o Comercio lhe não desse movimento: he o Commercio o Officio de huma classe nobre, e noblissima: são os que a compoem Negociantes, ou Mercadores, e ordinariamente principiaõ esta proficção pelo exercicio de caixeiros, e vendese por medidas de vara e covado jardas & se he fazenda seca: e não existe Negociante algum que queira para seu caixeiro, garotos das enchuradas nem couza semelhante: ergo; a minha lembrança no ultimo Artigo do 1.º N.º a respeito de caixeiros ou patroens parece com efeito queixotada: mas eu hei de chamar-lhe antes que mo chamem: mas voces he que forão a cauza da minha indiscrição e patetisse ergo: *fugite partes adverse lá para os intermunicipios.*

Constame que há por ahi caixeiros que tem bastante instrução, e que até alguns sabem sofrivelmente o francez, e algum bocado de historia e geografia mesmo sem hirem a Coimbra; e que raro he o que não escreve bem; e que também não tem nada de tolos, e q não daõ o CAVACO; e se voces me não viessem aqui meter mil petas, o meu primeiro N.º do Argos não seria concebido da quella sorte; por tanto: *fugite.*

Não me tornem a dizer bem, nem desculpem mais diante de mim esses ~~oubadores~~ e lustrantes por officio; não mais os defensores para q me não chamem outra vez, e se ~~impõem~~ mais altos destinos me esperaõ. Não me tornem a falar com desprezo em vara e covado: agora



me lembro que botando hontem a mão acazo ao dicionario dos homens illustres, vi, que hum Conde na França tendo sido rejeitado pela Nobreza para deputado dos Estados geraes, valeuse da vara e covado para ser eleito: pôz, huma Loge de fazendas, e sobre a porta este letreiro = Mirabeau marchand de draps; e elle não se desprezou de pegar na vara e covado, ainda que ao de pois os orgulhozos de vento lhe chamassem = Conde pellico.

Eu tenho observado com mais circumspecção, que esses de vara e covado que voces me fizeram escandalizalos, são os q̃ tem dado hum tom brilhante a esta Cidade q̃ noutro tempo parecia huma aldeia de Kamecrans: eu fiquei pasmado quando aqui cheguei á poucos mezes vindo de Coimbra a onde estive alguns ~~no~~ annos bebendo da Minerva tritonia o attico licor: fiquei pasmado vendo tantos edificios bellos, e muitos que se vão fazendo, que tornarão esta Cidade tão formosa.

Logo que cheguei, como curiozo politico, dei alguns passeios, e fui ver algumas procissoes: e para dar exercicio á minha curiozidade fui proguntando: de quem he aquella caza no largo do Carmo, tão bonita que parece hum palacete em cujo lugar, quando da qui me auzentei estava huma caza velha de palha com huma tasca do Freye moscas? aquella caza e outra que está pegada com ella tambem de Sobrado, nova, me responderão, he de Francisco Coelho Rezende: e só pelo chão, que pertencia aos herdeiros de hum dos Brasileiros mais illustres, honrados, e de muita probidade, e virtude; que tu havias de conhecer antes de partires para Coimbra, Pedro Miguel Lamagner; deu o dito Coelho dés mil cruzados, para levantar essa linda propriedade que tu admiras: e elle he puca e he de vara e covado: estou a dimirado lhe disse eu: esse homem he util ao Estado.

Continuarão a dizer-me: em anoite de 14 de Julho passado; foi coiza escandalosa! fazendo hum luar muito claro, como o dito Coelho tivesse a loje da caza grande recheada de boa fazenda, huma multidão de selerados que essa noite inundou a Cidade, arrombarão-lhe as por-

tas a machado, e comtanta insulencia, que de quando em quando diziaõ = viva o Imperador! entraraõ dentro e carregaraõ-lhe toda a fazenda repatindo-a ós braços: tendo já nesse tempo outros malvados ou talvez os mesmos arrombado com machados, e alavancas mais duas lojas grandes de Antonio da Cunha Gonçalves huma, e outra do Sampaio nas cazas do Consul dos Estados Unidos; das quaes lojas tambem mediraõ as fazendas ós braços deixando as perteleiras limpas.

Pois mediraõ a fazenda ós braços! disse eu cheio de admiração: esse genero de medida não está inda aprovado pelas Cortes, pois he só a quem compete, como diz a Constituição no Artigo 15. parrafo 17, determinar o pezo, valor, inscripção, typo, e denominação das moedas, assim como o padraõ dos pezos e medidas: e pelo que vejo não há inda nesta Provincia quem saiba observar e guardar a lei. Eis aqui acho eu hum largo campo, e abundante pasto a meus dezejões de ser utilissimo á minha cara Patria.

Para taõ rico objecto, de pois que parti da infima Lisboa, vinha eu arfando nesses mares, mais anhelante que os ousados Argonautas comandados por Jason com o cheiro no adorado Velucino de Colchos: e por tanto vou em tenra idade ser util á Patria na couza de que ella mais necessita: vou arvorar-me em = Argos da lei qual outro filho de Arysteo em cuja execucao e desempenho heide vigiar com cem olhos como lince, fazendo-me impenetravel a Mercurio: pois somente com a restricta observancia della se poderá conseguir conciliar os diversos partidos que dilaceraõ a nossa Patria.

Mais hia por diante discorrendo, quando sem me sentir, observei que já entrava no largo de Palacio; e vendo quaze defronte do ádro da Sé estar-se alli edificando huma bella propriedade com duas frentes que divergem de hum vértice ou angulo obtuzo em razão da capacidade do terreno, perguntei: quem he este, que não obstsnte achar-se ainda em convulsão a maquina politica assim mesmo está levantando taõ bonito edeficio? elle deve ser animozo. O dono desta obra, me responde-  
raõ he hum simipuça esperto como o diabo; tem



outras moradas boas nesta Cidade; he labrador bem estabelecido em Guimaranês; e tambem he de vara e covado.

E que óptima caza he aquella do outro lado, hum galeria taõ elegante de 9 janelas de sacada na frente com hum mirante taõ magnifico, e que parece ainda estar-se acabando? ainda melembro noutro tempo haverem alli humas cazas velhas. A quella galeria me responderaõ: he de Manoel Domingues Dias, que comprou as ditas cazas que alli estavaõ velhas para aproveitar-lhe o chaõ: nim-guem pensava que elle fosse de taõ bom gosto: nada tem poupado para fazelas lindas e com segurança: elle he puça; e tambem he de vara e covado: he cazado com hum Patricia nossa; pois nãõ he daquelles celibentarios immoraes que merecem mui bem ser escovados.

Depois de examinar outros edificios novos bem formados, tambem de puças, que aquella praça goarne-cem; voltei pela praia grande, e quazé ó fundo da calçada devizei noutra rua sobre o lado esquerdo hum famoza caza de cantaria fin com hum larga baranda na frente em mea lua ao gosto da Corte, que me disseraõ ser de Faustino Antônio da Rocha, e que havia ganha-do ó jogo aquelle chaõ a hum herdeiro lá das Perguiças, o que eu nãõ pude crer: e que a inda conservava hum bilhar e hum botequim de que elle se nãõ desprezava, por nãõ ser toló, e que tambem era puça, e que nãõ uzava de vara e covado por pertencer á classe dos liqui-dos; admirei o seu gosto delicado na rica propriedade, e fui andando.

Mais abaixo hum sófrivel propriedade de sobre lojes e sobrado de sacadas junto a outra que se estava edificando que me disseraõ serem ambas de Caetano Jo-ze da Cunha tambem puça, e devara e covado, e tudo o mais que lhe parece.

Logo do outro lado vi outra excelente caza de dois sobrados e mirante, a inda muito nova, e como visse hum goarita junto á porta, e hum sintinela; per-guntei: quem mora alli, e de quem he aquella elegante caza? responderaõ-me: aquella caza he do Comendador Meirelles; e verás que tem hum máquina de outros

prédios magníficos em toda esta Cidade, e outros mais que vai fazendo, todos de bom gosto e construídos com muita segurança; não falando na grande e mui bella propriedade que edificou com esmero para sua residência, aonde tem hum Salla ricamente goarnecida, que dizem os Estrangeiros não ser inferior a qualquer das dos novos Duques da França. Elle foi nesta mesma Cidade caixeiro, e por consequencia de vara e covado, he pua; e viu-se obrigado auzentar-se para o Rio de Janeiro para escapar a persiguição dos perversos; e hum Socio a quem deixou a sua caza entregue tem soffrido mil injurias sendo insultado mesmo de dia em sua caza com o maior descaramento e ousadia. Estou admirado, disse eu; de tudo quanto tenho ouvido.

Fui andando, e vi em toda a Cidade outros infinitos prédios novos, que me disserão serem dos puaes de vara e covado: e seria percizo muitos dias para de todos redigir com individuação hum Memoria politica, o que ficou a meu cuidado. He certo que entre todos esses edificios que tenho mencionado pertencentes a os de vara e covado, observei infinitas propriedades tambem magnificas de muitos Patricios nossos: porem aquelles atrahira-me mais attenção por que reflexão serem productos do exercicio de hums homens laboriozos, que tendo nesta terra, a maior parte delles principiando a sua vida, devemos sem o menor orgulho, e com docilidade, não só louvalos, como não nos dedignarmos de imitalos na industria: e visto que tambem muitos delles estão unidos em laços conjugaes com nossas familias devemos todos formar a massa do grande Povo para com tamanha força, que então será impenetravel e invencivel e edificarmos o brilhante remate da nossa independencia; e do grande Imperio; sem fazermos outra destinação ou devizaõ no corpo da comunidade mais, que do vicio, e da virtude: e aqui asenta bem o que disse o luzo Albano =

Saiba quem de seus titulos; ifano

Toma por qualidade os accidentes,

Que duas gerações ha só diferentes,

Virtude e vicio, tudo o mais he engano.

Por tanto, como vocês, O' estupidos! me vieraõ meter



nos cãscos, que esta gente de vara e covado eraõ garotos tirados lá das enxuradas? dessës também por ahí haverá bastantes vindo corridos lá de Portugal por que em toda aparte há bom e mau: porem agora conheço eu que os dessa qualidade não são admitidos á proficção de vara e covado por que os Negociantes não são tollos: também me dizem que muitos de vara e covado possuem grandes fazendas de lavouras; e quem possui taes estabelecimentos, não he possível ser inimigo da Independencia nem do Imperio; nem podem ser suspeitos; pois com sua união he que elles hão de defender, e augmentar as suas propriedades e os seus interesses; e he isto mesmo o que eu continuamente leio nos meus Publicistas: e por tudo isto; protesto, a firmo, e juro que não tomarei mais semelhantes concelhos: vou mudar de rumo; e se percizo fôr pedirei perdaõ; pois ainda me lembro de humas palavras da *Escriptura*, em Sulpicio Severo = *non licet negari veniam petentibus*; ou couza semelhante. ergo fugite! e disse.

Esqueceu-nos dizer no principio do *Episodio*, que esta conversa foi fornecida á nossa imaginativa faculdade em sonho, tendo reclinado a cabeça sobre hum libro das fabulas de Phedro que acazo estava sobre a banca, quando em lucta com nossa tarefa fomos surpreendidos pelo branbo Morfeo.

Não se julgue porem que aspiramos constituir-nos em diatribe por menoscabo do Nome e glória do Escriitor: entre essa vaidade e o nosso genio existe hum immenso espasso: nem pertendemos divirgir já mais dos principios expendidos no prospecto: a alta importancia, e o grande valor da Cauza nos dá vigor e acende; ella não vale menos que hum grande Imperio; e todas as expressões que levamos expendidas neste letigio, ficam muito mais abaixo, e mais moderadas do que o cazo e a rezaõ pedia.

Tanto prezamos os bons talentos, e as bellas letras; em cuja carreira por acazos da fortuna fomos perturbados, por que como diz Camoens lembrando-se das suas rapaziadas. =

Erros meus, má fortuna, amor ardente,  
Em minha perdição se conjuraraõ:

Que por certo se a cauza que defendemos fosse pequena; O' com quanta satisfação, e doce prazer nós diriamos do Joven Redactor do Argos, o mesmo que Antonio em Roma disse de Sulpicio! = " *J' entendis Sulpicius plaider encore tout jeune, une petit cause. Il me charme. Seulement son élocution se sentoit un peu de larivacité de l'âge : elle étoit hardie & trop abondante. Je n' en fus pas choqué: car je veux voir & J'aime dans un jeune homme cette fécondité de pensées & d' expressions, quoi qu' elle passe les bornes, & s' écarte jusqu' à un certain point de la justesse. "*

Sim, nós diriamos que essas expressões, eraõ o licor de hum genio vivo espargido pela força do immenso fogo que por breve espaço lhe eclipsava a mente; mas no momento do perigo imminente não deve haver contemplações, não deve haver cerimonia.

Nem tambem julguem, ou digaõ alguns estupidos, ou envenenados, que nós, falando da exótica carreira que principiou o Argos pertendemos deslustrar o mérito da Mocidade Maranhense. Nós conhecemos hum infinito numero de Brasileiros filhos do Paiz Moços illustres e de muito merecimento, e até alguns de muita instrução e moral e de que nos somos muito e muito Amigos, de bastantes annos; e muitos delles tem feito caza. Innumeras Familias conhecemos que saõ o exemplo da boa educação a seus filhos, sobre cujo assumpto algum dia falaremos: nas divesas partes em que temos estado, do Mundo, ainda não encontrámos hospitalidade mais generosa, nem mais encantador agrado; e isto entaõ he geral em todas as Familias; e não he lizonja nossa; isto he verdade. Mas he necessario sermos todos imparciaes: he preciso respeitar as classes, e dividir da virtude, o vicio, e combatelo; o contrario he fazer huma miscellanea, e hum confuzo c'riões no corpo social = *sicut erat Natura ante mare et terras et quod tegit omnia Celum*, he finalmente falta de probidade, he loucura, he malda-de refinada.



Nós observamos mil aplausos ao deizignio que concebemos de refutar a pernicioza doutrina do Argos; e não são só os europeus, são infinitos Brasileiros honrados, e de probidade, á exceção de algum mais bronco, por que em toda a parte os há; ou alguns que estejam tocados do magico veneno. São as belissimas e heroicas Senhoras todas ou quaze todas desta Cidade, que são dignas por certo da primazia de todos os elogios do Mundo: nós vemos a todos e a todas, attonitos e attonitas, indignados, e indignadas, não tanto contra o Redactor do Argos por ser humã creança como contra quem lhe mete tantos delirios na cabeça. he por tanto unicamente contra sua doutrina ocllocratica o nosso combate, e não contra sua pessoa.

*Seguimento da lição da pagina 15 do N.º antecedente.*

Quando o nosso Candidato tiver frequentado com applicação o curso de todas essas materias, e passado por hum rigorozo exame: e fazendo depois disto algumas viagens aos Reinos estrangeiros, e pelo menos duas na sua Provincia natalicia que lhe são muito indispensaveis, humã Politica, outra Filozofica: na viagem Politica por que he hum ponto muito interessante ao Estado visto que o nosso Filozoso se propoem a ser util á Patria por essa eminente Repartição, deverá propor-se a esse tabalho com bastante exactidão e afincio averiguando tudo que possa constituir humã perfeita historia do estado politico da Provincia: observando a sua situação, formozura, e qualidades: se he abundante de viveres; o numero das gentes, as principaes Cazas em nobreza, e riqueza, o seu luxo e ritos particulares, se são supersticiozos, e preocupados, se crém encantos, e magics; se os habitantes são bem morigerados, se são ocupados, ou ociozos e vadios: deverá examinar o estado da Agricultura; a condição e genio dos lavradores, a sua sciencia na lavoura; se trabalham por humã simples róta, ou pela propria experiencia: se são honrados, e que vantagens tirão do seu trabalho: sobre a qualidade das terras, se são marmorozas, argilózas, calcareas, arenaceas & quaes são os

principaes fructos pñe produzem, qual he o tempo proprio para as sementeiras, e em que tempo fazem as colleitas.

Deverá observar se ha plantas uteis para as Artes, e Tintas, e para a Medecina e quaes são: se ha Commercio interno na Provincia, e se os Negociantes que a elle concorrem são Nacionaes ou Estrangeiros e quaes as providencias, dispoziçoens, e politica a esse respeito: se se exercita a industria no paiz, ou se reina o ócio: se ha facilidade nos transportes, por meio de caminhos, pontes, rios, canaes, & não se esquecendo da forma, e dispozição dos caminhos, se cortão direitos, se dão voltas, se tem descidas, e subidas, qual he asua largura e proporção segundo as circumstancias locaes; pois quem se propoem a dar ao Governo, e ao Estado a sua opiniaõ para a paz e para a guerra he necessario saber calcular as marchas dos exércitos invazores e evazores por que ha muitos cazos em que este conhecimento he muito necessario a quem está encarregado da Adiministração de huma Provincia, e não menos a quem se offrece dar-lhe a sua opiniaõ sobre o estado politico della. Não deverá deixar de observar tambem se há Obras pi-as, Estabelecimentos de instrucção publica, Collegios, Seminarios, Recolhimentos para educaçãõ de Mininas; e se o Estado despende alguma soma com estes Estabelecimentos, ou se tudo anda á Divina Providencia. Observará tambem se há homens de conhecimentos, de probidade, e de literatura ainda que delles se não fassa cazoz.

Se a Mocidade he applicada; se segue o exemplo de seus Pais na virtude; ou se vive somente laxa ao vicio, por que então he perniciozissima ao estado da sociedade; e he quando os outros Moços que dezejarem ser Gente, devem fugir á sua communicaçãõ por que he molestia muito pegadiça, e quaze sempre degenera em dilirios; e he preciso então metellos nas palhas para não perturbarem a ordem Social.

Sendo todas estas meudas observaçoens mui uteis, e porveitozas para esclarecer os talentos, eo juizo de quem se propoem voluntariamente a dár a sua opiniaõ ao Go-



verno sobre o estado politico do seu Paiz.

Continuar-se-ha.

Mil, e mil agradecimentos inuíamos ao benéfico Publico pelo bom acolhimento com que recebeu nosso primeiro N.º; extrahindose em menos de duas horas todos os exemplares que se publicaraõ: temos sido muito instados para a sua reimpressãõ, o que não temos por ora feito por embaragos da Typografia com outras obras, o que também tem servido de motivo á demora deste. Taõ extraordinario successo não proveio do merecimento do Author, que não possui outros ricos cabedaes que as suas boas intenções pela prosperidade deste Imperio, e pelo bem geral da Sociedade: isto não foi mais que hum efeito necessario da Opinião Publica que se vê altamente oprimida pelos vorazes influxos de hum espirito maligno e seu esquadrão, que entre nós impunemente forceja a promover a anarchia, qual na França o aventureiro Cloot, Hebert, Marat, ou Chau-met, para vigorem seus occultos planos, que nós bem entendemos.

Noticia dos Despachos feitos por sua Magestade Imperial, que se acha nò Diario Fluminense N.º 136, de quinta feira 9 de Dezembro de 1824: na forma seguinte==

No dia primeiro do corrente Sua Magestade o Imperador, Hove por bem fazer nòvas Nomeações para os Cargos de Presidentes de algumas Provincias deste Imperio. As Pessoas escolhidas para este fim são as seguintes==

Joze Felis de Azevedo e Sá, para succeder a Pedro Joze da Costa Barros, na Presidencia da Provincia do Ceará.

Pedro Joze da Costa Barros para succeder a Miguel Ignacio dos Santos Freire e Bruce na Presidencia da Provincia do Maranhão.

Manoel do Nascimento Castro e Silva, para succeder a Thomas de Araujo Pereira na Presidencia do Rio-grande do Norte.

Manoel de Souza Martins, para succeder a Simpilicio Dias da Silva na presidencia da Provincia do Piauihy.

Manoel Clemente Cavalcante Albuquerque, para succeder a Manoel Fernandes da Silveira na Presidencia da Provincia de Sergipe.

Igualmente hoje por bem nomear a Joaquim Ferreira França, para o lugar de Secretario do Governo da Provincia do Maranhão ficando demittido Manoel Teles da Silva Lobo. — Assim se acha tal e qual no dito Diario Fluminense.

Constanos que se faz toda a deligencia por se descobrir o nosso nome; e até já o Impressor tem sido insultado: a maldade quer samente a dẽzordem: em quanto respirarmos havemos prẽgar a concordia, oppondo antidotos eficazes ao cheiro pestifero do mágico veneno.

## ERRATA

Pagina 20 linha 29 aonde diz imparcialidade, deve ler-se parcialidade.

Nome de Pedro Joze da Costa Barros para succeder a Miguel Ignacio dos Santos Freire e Bruce na Presidencia do Maranhão.

Manoel do Nascimento Castro e Silva, para succeder a Thomas de Araujo Pereira na Presidencia do Rio-grande do Norte.

Manoel de Souza Martins, para succeder a Simpilicio Dias da Silva na presidencia da Provincia do Piauihy.

Manoel Clemente Cavalcante Albuquerque, para succeder a Manoel Fernandes da Silveira na Presidencia da Provincia de Sergipe.

Typografia Mellandiana de D. G. de Mello Anno de 1825.



# CENSOR

N.º 3

*A Rome les desordres domestiques ou publics étoient reformés par les Censeurs.*

*Rollin.*

24.1

5.2

Terça Feira 8 DE FEVEREIRO DE 1825

*A Deusa Gigantéa, temeraria,  
Jactante, mentiroza, e verdadeira,  
Que com cem olhos vê, e por donde voa,  
O que vê, com mil bocas apregoa.*

*Camoens*

Essa estrondóza Fama mentiroza que mil petas nos impingiu andáz sobre os talentos, literatura, condicão, e moral politica de hum decantado ~~Joven~~, e sobre outros estupendos génios que bem depressa a conhecer se de-  
raõ: essa mesma Deusa verdadeira juntamente, cá nos trouce muito avante o repercutido e canoro écco das lucidas virtudes e merecimento raro do Amavel, grandiozo e prudente ~~Barros~~; virtudes superviventes que haõdeser; da natureza do Vulcano escudo; bem como diz Eu-

F

ripedes= *Virtus etiam morte peremptis lucet.*

Vio-se a penas o afflicto Maranhão milagrozamente restaurado da morte á vida: arrancado ás maos das Furias pelo immortal ~~Cochrane~~: mas hum novo vulcão se preparava para novamente devoralo, qual ás medonhas fauces de hum lobo varáz contra inocente e manço cordeiro, esperando somente, mas que loucura! que o vigilante ~~Marquez~~ se fizesse á vela. Ninguém por certo esperava tal abandono, das virtudes do egrégio ~~Dord~~: mas quem nos diz que elle não fosse chamado pelo Augusto Imperante? e como não ficariamos em semelhante cazo outra ves vacilantes! Mas eis que derepente nos foge o susto: a Providencia mais benigna ja, não encolhe o braço que huma ves lançára a socorrer-nos.

*Do mal ficão as magoas na lembrança,  
E se converte o choro em doce canto.*

*Camocns*

Cahiú por terra o império dos monstros: o Imperador já conheceu o enorme engano dos votos comprados á vil canalha: confundao-se e despeção-se da mama os creaturas, sectarios dos ~~Carvalhos~~, dos ~~Nelgueiras~~, dos ~~Fris-toens~~, e ~~Bruces~~: a Ilha das cóbras lá os espera: o ~~Demostenes~~ da Pernaliba para lá caminha a marrado já: o Barata por elle suspira, e pelos outros atrevidinhos Baratinhas, que tambem por elle suspirão: hade chegar-lhes tambem a sua ves; hade fazer-lhe Companhia.

O Augusto, e subtilissimo Imperador tem olfato fino: elle conhece os ~~Barros~~, e ~~Azevedos~~, os ~~Martins~~, ~~Rócos~~, e ~~Burgos~~, e muitos outros Brasileiros benemeritos, de cuja lista o nome he digno do honrado, e fiel Germano: o Imperador em fim já sabe a quem deve confiar as Provincias do Norte: para seguralas não he preciso exercitos grandes: a gente he boa, e só he ruim quando a fazem: tiremse de entre as ovelhas os tigres, e lobos medonhos, e devoradores; e entregue-se o rebanho a Sabios e prudentes Pastores, que tudo hirá bem.

Mas eis que derepente nos foge o susto; tornamos a dizer com jubilo immenso: eis que no dia 5 do corrente Fevereiro, junto ao meio dia desembarcou na Rampa o Exm.<sup>o</sup> Presidente o Señr ~~Pedro Joze da Costa~~



Barros com sua Illustrissima e Exm.<sup>a</sup> Senhora: e houve curiosos que observãrão, que elle saltára com o pé direito a diante; presagio plauzível que tambem corrobora as pompózas esperanças. Eis o lucido Remate que o Exm.<sup>o</sup> Marquêz de Maranhão esperava para coroar a importantissima Obra que com tanta Sabedoria havia edificado.

He pois ao Exm.<sup>o</sup> Presidente, que o *Censor* como orgão da *Opinião Publica* derige votos puros de congratulação pela feliz chegada do egrégio Chefe da Administração desta Provincia em momento tão importante.

Nós o consideramos impávido Guerreiro; mas os inimigos que elle tem a combater não são da natureza commum: he hum Monstro mais feróz que o Animal Nemêo; he preeizo para o debellar ser maior do que Hercules: he essa impia Densa Discórdia intitulada contra quem os Anjos e os Deuses se conjuraraõ todos para expulsala lá do Céo, como dizem os Poetas.

O Intrépido *Lorde Cochrane* embotoulhe os golpes mortaes, e foi-lhe o pêlo; mas elle não lhe extinguiu de todo o tartareo folgo: esse resto he huma tarefa prolixa para coroar a gloria, e immortalizar o Nome do Exm.<sup>o</sup> Barros.

O *Censor*, pedindo vénia, huma couza somente lembra= circunspeção, e huma escolha escrupuloza nas pessoas para seu lado, e para Comandantes parciaes.

Acabesse a Obra; agora sim: o Imperador não he mais illudido na escolha dos homens. O bom Povo Maranhense está preparado para decantar a gloria dos Heroes immortaes que lhe troucéraõ a paz: ja hoje mais livremente respira: unamo-nos todos com puros corações ao Exm.<sup>o</sup> Prezidente: suavizemos suas fadigas na longa tarefa. Imploremos mil bençoes ao Céo sobre o nosso Anjo Libertador o Heróe *Cochrane*; Louvemos tambem o Inviecto *Juvvet* que tão digno se tem feito da nossa estima, e gratidaõ: seus Illustrres Nomes seraõ sempre para nós de feliz memoria no futuro, e sempre repetidos por nós com admiração, e saudade.

*continuação do discurso do nosso Numero antecedente  
da pagina 128*

Tão proveitoza foi a instituição saudavel da Censura, aos interesses sociaes, e aumento do Estado no decurso dos seculos, etão pernicioza a sua falta, que, no fim de 300 e tantos annos depois da sua creação, quando Cicero acuzava Verres, sendo nesse tempo os Juizes geralmente corrompidos pela venalidade, e avareza, que o Povo Romano dezejou ardentemente, que o tribunal da Censura, interrompido por algum tempo, fosse novamente restaurado; olhando-o como unico remédio das prevaricações da Judicatura: e elle foi com effeito restabelecido pelos Consules Pompeo, e Crásso.

Recordavão-se os Romanos, que a prescripta obrigação imposta geralmente a todos os Cidadãos de comparecer em certos tempos no Tribunal dos Censores para nelle renderem conta de sua conducta, e não podendo disso eximilos, nem o nascimento, nem os serviços feitos ao Estado, nem os Cargos os mais importantes como o Consulado e a Dictadura exercidos precedentemente; era isso hum seguro freio pôsto á corrupção e á desordem: e este temor salutar infundido geralmente nos membros que compunhão a Sociedade, era o sustentaculo da Lei, o laço da concordia, e como huma salva guarda da modestia, e da justiça, e em geral da civilização, e da integridade dos costumes, que por meio de tão severo Tribunal haviaão na quelles tempos em Roma chegado á ultima perfeição.

Como o andar dos tempos revoltaraõ-se os Estados, e revoltou-se a politica: levantou-se o Despotismo contra a liberdade dos povos de quem Bruto, e Cássio forão os ultimos defensores, languindo com suas mortes, a virtude e os bons costumes, e a glorifica grandeza do Nome Romano; e logo a Tyrania emprehendeu assumir universal imperio.

Então o sublime estabelecimento da Censura que dantes tinha hum poder coactivo ilimitado perdêu essa força fisica de obrar, e desapareceu sobre a terra o seu



Templo magestoso. Mas se elle perdeu a forma, e a faculdade, ou acção vizivel de obrar com precisão, não deixou com tudo até hoje de erigir-se em novo tribunal occulto mais pródigo, e mais potente: consiste elle nos juizos dos homens, em seus pensamentos, e vontades, que se calaõ á injustiça, e violencia quando nestas existe a força fizica, mas em quanto com o silencio a quellas se subtrahem a os seus influxos vai crescendo em seus peitos a força moral, e esta se multiplica em prodigio até que chega a fazerse immensa, e he quando consegue o seu triumpho: a isto he que se chama: *Opinião publica*: o he este o tribunal occulto que dito fica: o seu poder he tão grande, e sua força tão formidavel, que elle tem sido sempre o inimigo mais assustador, e irreconcilivel de todo o Governo injusto.

Correraõ tempos lamentozos, e correraõ tempos de escuridade, e a força da *Opinião publica* pervaleceu sempre em vigor contra os malignos impostores, de quem mais cedo ou mais tarde descobria, e castigava suas maximas subtilezas e seus enganoses.

Os fins do Seculo 18, e decurso do 19 nos offerêcem quadros q̃ comprovaõ esta verdade: na França foi a *Opinião publica* quem assassinou o incendiario Marate por instrumento de huma mulher, e foi quem estrangulou o pérfido Danton, o sanguinario Robespierre, e outros Tiranos horribes por instrumento do povo. foi a *Opinião publica* quem na espanha, e em Portugal prodigiosamente levantou a Constituição; e foi ella quem descobriu e castigou os erros e prejuizos de seus propagadores: foi a *Opinião publica* quem no Brazil celebrou a Independencia, e a Ereccão do Imperio; e he a mesma *Opinião publica* quem hade punir e a brazar os apostatas do systema, eos democratas encoberthos que ella irá Designando... dixemos já de philosophias que pouco intendemos: e vamos a observar a *Opinião publica* do nosso Paiz.

A *Opinião publica*, como já disse he huma lei poderosa, e he necessario que os homens de bem com suas luzes e proceder censurem os costumes com bons exemplos e avisos suaves, para que ella se não corrompa, e para que não siga da razão, da verdade, e da justiça o caminho incerto;

e por isso he precizô illustrala. Para tão proveitozô hem que he o bem de todos, devemos todos concorrer: desterre-se o egoismo; combinem-se os interesses particulares com o interesse geral da Nação; não se perca de todo as sementes da moralidade; promova-se a concordia, acábese por huma vez a noventa rivalidade; arranque-se e desterre-se dentre nos a infernal e subtil discordia; e lancemos mão destes meios em quanto temos junto a nós o excelso Marquez do Maranhão que nos salvou da anarchia, e nos protege.

*Seguimento da lição da pagina 35 do N.º antecedente.*

Na Viagem Filozofica que temos aconselhado ao nosso Observador, o seu objecto não he mais que averiguar a Natureza, e discorrer sobre os seus tres Reinos, Animal, Vegetal, e Mineral de que a Provincia he Mãe: descreverá a sua situação Geografica, os seus limites, Montes, Rios, Praias, Vales, Bosques, Alagóas; a natureza do clima, e se o ar atmosferico he inficionado de vapores e particulas damnozas, e qual a sua cauza: se costumão haver trovoadas, e redomoinhos, se cahem raios, se ha Cometas, Vezuvios, e outros phenomenos. Observará as praias, o fluxo, e refluxo das marés: e nesta Provincia temos hum extradinario phenomeno que preencherá toda a curiozidade ao bom observador; o qual he a Pararóca do Miarim, de accesso tão violento que até aqui muitas vezes nos asusta.

Milhons de variedades encantadoras em contrará no Reino Animal o nosso Filozoso; nas diferentes propriedades dos Mameas, das Aves, e dos Peixes. Damesma forma no vegetal, em suas raizes, troncos, folhas, fuleros, fructificação, calix, corolla, stamenes pistillos, pericarpio, sementes, côr, gosto, cheiro &c.

No Reino Mineral observará a natureza, e qualidade das terras, o uzo que dellas se fás: pedras, se se deseobre o Schisto, Gesso, Stirio, Spato, Taleo, Amianto, Mica; Pederneira, Saxo, &c na classe das Minas, se existem Saes, Diamantes, Topazios, Amethistas, Es-



meraldas, Sulfures, Metaes; Se encontra Fossis, ou Petrificados & & .

Está claro que o conhecimento profundo de todos estes importantes Assumptos, so o nosso Filozof o poderá obter por meio destas duas Viagens Politica, e Filozofica; podendo ao mesmo tempo nesta delicada investigação dar abundante pasto e ordem ao Entendimento e á curiosidade, e ser utilissimo a Patria que oviu nascer, formando de caminho as bazes de huma Carta Corografica obra tão necessaria e detanta monta: pois hum a que desta Provincia publicou o Engenheiro Nago, tendo nella utilizado as fadigas do Major Francisco de Paula Ribeiro, que foi ultimamente victima dos barbaros Assassinos, alem de ser levantada, amaior parte, por informações, nella temos visto muitos pontos incorrectos sobre diversos lugares que temos pizado, e visto.

Depois de bem formado, e previsto nestas materias, precedendo os estudos preliminares como já dissemos, e passando depois nove annos de meditação para moderar o fogo, poderá então o nosso Politico, sem que recee transtornar a maquina politica em cháos tenebrozo, como agora lhe vemos geito; poderá então meter-se a escrever em Politica dirigir a *Opinião Publica*, escrever *Certas*; e dar instruicções, e a sua opinião politica aos Chefes da Administração Publica, sobre, a quem se devem confiar as Armas, ou a quem não: a quem se devem dar os emprêgos Civis: classificar então os Cidadãos que devem ser passivos ou activos, masculinos, femininos, comum de dois, e neutros, e outras infinitas couzas ponderozas a que muitos Bachareis formados e de bastante merecimento desta Provincia chegados de Coimbra no penultimo turno a inda a tanto se não atreverão: e por que será? valliamos o *Amigo do Homem*: dicant *Paduani*. ideas piedozas! ergo: rozas.

O *Censor*, como orgão da *Opinião Publica*, manifesta este juizo, para que o *eximio Joven* não só se não abalance a querer, que o Governo adopte alguns *estravagantes*, e verdes delirios; como para que *alguem* lhe não aplique as penultimas palavras do seu pr. Numero: *Mestre Jozé vá fazer cabeleiras*.



Hum dos Documentos mais nobres que sem duvida nos  
 Seculos futuros haõde enfeitar os Anaes, da historia do  
 Imperio Brasilico, e que fará sempre digno a seu Au-  
 thor de apparecer seu nome gravado em laminas brillan-  
 tes; he sem contradicão a judicioza, a incomparavel Pro-  
 clamação com data de 29 de Janeiro de 1823. do insig-  
 ne, do Illustre, do benemerito Brasileiro natural do Pi-  
 auhy o Tenente Coronel Joaquim de Souza Martins,  
 Governador das Armas daquela Provincia. Aquelle es-  
 crito he hum monumento de moral, de virtude, e de po-  
 litica: he unicamente com aquella judicioza, cadente,  
 e concertada marcha que se pode consolidar a nossa  
 Independencia, desenvolvendo o germe da concordia e  
 da uniaõ, que he somente o unico meio com que se pó-  
 de identificar no Brasil o eminente Titulo do primeiro,  
 e do maior, e mais rico Imperio do Mundo.

Nós cometeriamos hum attentado em literatura; se per-  
 tendessemos analisar o contexto de hum escrito taõ lu-  
 minozo: elle somente por si se explica; e qual o Sol no  
 Zenith, a toda a parte lança os brilhantes raios de sua  
 luz: e somente o genio do mal, por que o imperio das  
 trevas he o seu domicilio aprazivel, e constante, não  
 pôde soportar o seu claraõ: cada huma expressaõ que  
 nelle se contem saõ tudo suaves exalações dos purissi-  
 mos e nobres sentimentos de seu benemerito Author.  
 Alli não há senaõ hum puro amor pela Patria, pelo  
 Imperador, e pelo bem geral: não há egoismo, não há  
 o vil interesse particular, não há o louco frenezim da  
 moda; não ha syntomas do mágico veneno triturado  
 pelos Sectariõs immortaes de Franklin, de cujos endémi-  
 cos vapores prescintimos infestados os nossos horizontes.

Este discreto, e profundo escrito appareceu ex-  
 arado em o N.º 7 do Amigo do Homem: e nós o lan-  
 çamos em nosso N.º tambem, não só por abrilhantar  
 a nossa obra como pela utilidade que deve rezultar ao  
 nosso Imperio, da extenção de sua publicidade. =

*Nº 7 do Amigo do Homem*



## Proclamação do Tenente Coronel e Governador das Armas desta Província do Piahy.

Soldados de todas as corporações! Paizanos de ambos os hemisferos! Amigos, e companheiros! Todos somos Portuguezes. Todos somos concidadãos. A Patria do homem de bem he todo o Mundo. Seria huma desmascarada imprudencia se nós incurtássemos os vínculos da amizade, limitando-a com a distincção das naturalidades. A elevação do Imperio Brazílico appareceria aos olhos de todo o mundo civilizado, com huma nódoa muito vergonhosa se sobre ella se vissem signaes de desconfiança da parte dos Brasileiros para com os portuguezes Europeos residentes, estabelecidos no nosso Imperio, que tem adoptado o Systema do Brazil, que o deffendem igualmente com nosco, e que o considerão como sua Patria, e interessão na sua prosperidade. O Europeo que vive com nosco, que se une á nossa cauza, que respeita o nosso Systema, e que estima a felicidade da Nação Brazílica, he nosso irmão, como tal o devemos receber. E será possível que na época gloriosa da nossa Independencia queiramos perder os timbres da fraternidade? Não. He preciso por tanto não nos esquecermos que devemos honrar nos bons Portuguezes Europeos a memoria daquelles a quem o Brazil se confessa eternamente obrigado, quaes são aquelles que assentárao os alicerces do Brazil, hoje o grande Imperio. Termine-se ó Brasileiros, o scisma vergonhoso. E vós Portuguezes que adoptaes a nossa cauza, nossos irmãos desterrai os vossos receios que ninguém vos offende, ninguém vos ultraja. Os Brasileiros vos chamão e vos abração; elles vos pedem que confieis da sua honra o vosso socoço, a vossa tranquillidade, e eu vo-lo asianço. Todo aquelle Brasileiro que pela sua má consideração ultrajar de palavra ou por acção qualquer destes honrados Europeos, será rigorosamente castigado: e assim será igualmente punido aquelle Europeo que perturbando a bella ordem dos nossos trabalhos se animar, a obrar, co-operar, ainda mesmo dizer qualquer palavra constando de certo contra a Cauza do Brazil: Tranquillidade, união, amizade entre nós e a nossa Patria; estreitem-se os laços

G

da nossa amizade; reine entre nós hum unico sentimento; o bem commum e a paz se firmará entre todos: repitamos com energia os seguintes vivas: viva a Religião Catholica Romana. viva o nosso Augusto Imperador. vivão os nossos irmãos Brasileiros e Portuguezes unidos a nós. viva a Independencia do Brazil, e seja a nossa diviza Independencia ou morte.

Quartel do Governo das Armas 29 de Janeiro de 1823.

( Assignado ~~Joaquim de Souza Martins~~, Governador das Armas.

*Qual Austro féro ou Bóreas na espessura,  
De silvestre arvoredó abastecida,  
Rompendo os ramos vaó da mata escura,  
Com impeto, e braveza desmedida:  
Brama toda a montanha o som murmura.  
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida;  
Camoens*

Tal ficaraõ os Tigres infernaes  
Ouvindo de Martins liçoẽs iguaes.

*Os Córnos ajuntou da eburnea lua,  
Com força o Moço indomito excessiva:  
Camoens*

Quer dar hum golpe mortal; põem o pé a tráz; e vai senaõ quando, diz o atrevidinho Rapaz lá no Argos 6.º: estáes comigo todos em batalha: e qual o Cavalheiro da Triste Figura quando avistou trinta ou quarenta moinhos de vento, e julgando tudo aquillo ser hum poderozo exército de gigantes com quem tanto dezejava ter o primeiro ensaio cavalheirêscó depois que fôra armado pelo Estalajadeiro que elle julgou ser o Governador de hum Castelo, e por mais que o Sancho Pança lhe dicesse: Senhor! que fazeis; aquillo saõ moinhos de vento, e não saõ gigantes. *Bien parece*, respondeu o Cavalheiro Quexada. *que nó estas cursado en ésto de las aventuras:* e dizendo isto, enristrou a lança, e pi-



cou o Rusinante, invocando primeiro o sacro nome da sua cara Dulcinea del Tubozo: mas quando julgava fazer em bôrra os cem braços do gigante Briareo que tanto lhe pareciaõ as espaldas do primeiro moinho, veio nessa ocazião hum tufão de vento, e a cruz do moinho arrebatou com violencia o cavallo e o cavaleiro quando hia a dar o primeiro golpe, e lá foi pelos ares e mais o Rusinante com os diabos, que tudo *fué rodando muy mal trécho por el campo.*

Tal o nosso Cavalheiro Manchêgo atrevidinho como hum demônio se propoem ao novo combate, accomteça o que acontecer.

Administraõ-lhe tinta as negras Furias,  
E Astaróte \* lhe dirige a pena.

E que poderia sahir do adjuncto dessas malditas, e envenenadas drogas? huma diabolica *Cravanada*. Depois de memorizar, o nosso Cavalheiro Andante, a sua folha do Argos N.º 6.º, tremendissima folha! com o horroroso Manifesto dos Officiaes inferiores e soldados da guarnição da Bahia; hum documento ocllocratico de hum facto criminozissimo, sem alguma reflexão ou nota, em que mostra bem o espirito dominante de sua doutrina perigozissima, e o quanto aspira por hir fazer, companhia ao Corifeu Barata, acompanhando o incandido João da Pernahiba na sua filozofica e curioza viagem que já lá vai fazendo a sim por modo de ósca quando menos o esperava: depois de tudo isto, dando para trás os pes juntos, saltame no Illustre e benemerito Martins, e poemno mais razo que a lama: ( pois olhe, podemos lhe assegurar, que os generozos Martins haõ-de trata-lo

\* Astaróte, Belphegor, e Leviathan saõ tres diabos da primeira ordem; saõ espiritos de Côte, elles entraõ nos conselhos dos Principes, animão os Ministros, formão as linhas, excitão os levantamentos e rebelioens, e accendem os fachos da guerra. Vida de D. Chéofas Leandro Perez Sambulo estudante, dizem, que de 9 annos na Universidade de Alcalá, o qual fes pacto para as suas cravanadas com outro diabo ainda mais feio chamado = Asmodeo.

Por M. le Sage"

muito bem na sua passagem, se for por terra para o Rio de Janeiro, por que elles não são vingativos: )

Memoravel N.º 6.º do Argos! Não ficando atraz todos os outros Numeros em que se achão bocadinhos de chupeta: que bello serviço ao Imperador! que bello empenho para conseguir hum despacho para a Ilha das Cobras!

Elle, com similhante attentado, eterniza, e faz a apotheuze dos ~~Denemeritos~~ que assassinarão o seu General na Bahia: e depois de embalsamar o periodico com tal funesto e execrando documento, diz.

Com impto e braveza desmedida:

Esse brasileiro Martins, não tem miolos; machina a ruina da sua Patria. Maranhenses, guerra e mais guerra a esses do reininho muito atrevidinho. As palavras do ignorante ou do pífido ~~sauza~~ Martins só se derigem a accender a desconfiança dos filhos deste imperio, infernaes tramas de indignos e falsos cidadãos & & &

Se houvessemos de ser chamados portuguezes por delles emparte descender-mos, deviamos confundir todos os povos, mas ninguém sonha com a republica universal. sim, teriamos que os Holandezes: ~~drao~~ Batas: os Hespanhoes: Cartaginezes: os Portuguezes Mouros: os Americanos do Norte Inglezes: E quando hia a dizer mais alguma couza pôs duas Cetras com tres pontos adiente em forma de triangulo rectranguo....

A quellas duas Cetras, ou & & significão muita couza que o Argos não quiz declarar, tratando das outras Cauzas, e deixando a sua a revelia.

Elle, depois que falou nos Americanos do Norte, queria dizer; mas não o ajudou o animo: Os Americanos do Equador ou do Sul devidemse em duas classes, ou Nomes Gentilicos como diz a rudimenta. Aquelles, é he o maior numero, que são honrados, que tem juizo, e probidade, que são illustres, e bem educados, prezaõ-se de descender dos Portuguezes; e quando detodo não adoptem o titulo de portuguezes brasileiros, com tudo não sera deshonrozo nunca derivar esse Nome de todos os que fielmente seguirem a nossa Cauza e Systema politico: e tanta



e tanta gloria teremos em proferir o Nome dos nossos Ascendentes como os Romanos tiverão em conservar nas suas Familias o illustre Nome dos Teucros como diz Virgilio no livro 5.º da Eneida: e para que todos entendaõ, em lugar dos seus versos latinos, copearei a traducção de João Franco Burreto. =

Gentilmente Mnesteo guia a ligeira  
Pistris, as ondas quaze adormecidas,  
Mnesteo Italo logo, de quem mana  
A prosapia dos Memmios Soberana.

Logo apar Gias a Chimera ingente  
( Obra de huma Cidade ) rege e manda;  
Vagaõ nella mancebos, Teucra gente,  
Com tres ordens de remos cada banda:  
Sergesto, cujo nome preminente  
Na Caza Sergia se conserva, e anda,  
Agram Centauro: Sylla tem Cloanto,  
De quem, Romano Cloêncio, te honras tanto.

A segunda classe são aquelles que lhe ferve no corpo o sangue, que tem fervezins, que lhes dá para perseguir, roubar e matar, ou mesmo para apoiar esses crimes e desvãos, para deslustrar com furiozo arojo os Martins, e outras illustres Familias de benemeritos brasileiros, e perturbar a Sociedade asim sem tom nem som; não tem lá que ver, a sua genealogia, ou vem da progenie dos que habitão o vasto continente que medea com pontas e abras de Trudante a Sanguebar, ou vem dos Cários, Tamóyos, Tupiniquins, Tabayares, Cahetes antropofagos, e outras Tribus filhas de Tupan, ou Provaõ assustador com quem eu desconfio ter alguma afenidade ou linha por alguma das vias segundo os rasgos espantozos a que propende a minha intrepida e rispida pena.

Não se pode conseguir ler-se hum N.º, huma pagina, huma linha do Argos que se não encontrem vivas scintellas de fogo devorador que levaõ á maior perturbação os animos sosegados, e he quanto nos fas perder o sério, e desviar hum tanto da necessaria modestia que

exige todo o escrito publico ; mas apelamos para o mesmo publico cordato que relevará o nosso fogaço entuziasmo nesta parte pela importancia da cauza que defendemos.

Aquelle periodico he hum escrito similhante sem tirar nem por, aomenos pelo seu fim, ao *Pere Duchesne* de *Hebert* na revolução da França.

Seu Author he hum novo Apostolo do alcorão do aládo ~~Barata~~, que vem substituir o Demostenes da Per-nahiba cujas doutrinas, no tempo do governo ~~Brucino~~, acharão sempre benigno acolhimento no Directorio da Typografia Nacional desta Cidade por cujo indulto erão gratuitamente propagadas da mesma maneira que até agora temos visto as do novo Argos.

Estes Pregadores e companhia tem uzado todos da mesma epigraphie, todos seguem a mesma róta: *álerta alerta! guerra e mais guerra! patricios e amigos! haja bordia; cántemos, dancemos, e bebamos, e mandemos as tristezas á tabua; alerta alerta!* em dizendo isto, e algumas traduções de M. do ~~Prat~~, e ontras domesmo cheiro, não tem lá que ver: Republica no cazo, he a *Sugeita*: e para isso, he precizo, nem por pensamentos armar os europeos; e omelhor he pôlos daqui para fora, e cá selhetomará conta das fazendas; por que os *Sugeitos* bem sabem, que no momento em que elles declarassem similhante deliro, ( que aqui para nos, tem estado por instantes ) os europeos nesse cazo, mesmo sem armas, e so com unhas e dentes, e com as varas e covados, quartilhos, canadas, cantaros, almudes, pezos, e balanças, junto com amaior parte dos Brasileiros benemeritos, e he o maior numero, que não querem saber da tal *Sugeita*; haviaõ todos dar em pantana com a Republica, e mais com os Republicanos; que o exprimentem everaõ o bonito.

Nito somente he que os europeos devem ser suspeitos: dèssa rezerva he que unicamente se poderá delles desconfiar. Se elles foraõ acérimos defensores da Constituição de Portugal, e de El Rei D. João 6.º, cumpriraõ com seu juramento, e com os deveres que lhe permite o seu intégerimo e distinctivo caracter: o mesmo haõde fazer agora com o sagrado juramento que



prestárao de adhesão e de fidelidade ao Augusto Imperador, depois que se firmou a Independencia glorioza: haõde respeitar sempre as Authoridades constituídas; e obedecer sinseramente ao Chefe da Administração da Provincia, e amalo, e defendelo como seus subditos e Amigos fieis.

Infausto planeta na verdade presidiu ao concebimento, ou parto do novo ~~Argos~~ Maranhense! infausta folha! ella nos prometeu conciliar os diversos partidos que dilaceravaõ a patria, e vemos os seus espaços cheios de doutrinas inteiramente oppostas ao mesmo proveito: e interessante fim: miseravel folha! ella se constituiu hum furibundo atheneo carregado somente de exóticas cartas, e escritos perságos semelhantes á quellas áves nocturnas e agoureiras = *coruja, môcho, noitibó, murucutú, e bacuráu*, quezilentas e aterradoras gárrulas dos coraçoes humanos no silencio da noite. Similhantes cartas, naõ sendo de alguma instrução ao publico, antes desorganizadoras, parece, que o Redactor as incire somente para nutrir o seu genio, e mostra-nos a facécia das respostas que lhes dá.

Porem o que sobre tudo vemos mais recommendavel, e nos perturba amente, he a celeberrima carta ( he filha primogenita das *Medidas geraes* ) do proprio Redactor em seu N.º 3.º, dirigida ao Exm.º ~~Presidente~~ interino, em que como Cidadão livre, e ingenno dá a sua opiniaõ á cerca do estado politico: e fes bem em nos dizer a qualidade de Cidadão em que se destingue; por pue tres qualidades de homens livres ou libertos se designavaõ em Roma no tempo da ~~Valerio~~ ~~Pubicula~~; bem como muito depois disse ~~Cícero~~ = *si neque censu, neque vindicta, neque testamento liber.* §. ~~Phedro~~ = *multo majoris alape mecum veneunt.* naõ deixando de se designar tambem outra classe de Cidaaos livres por que nasciaõ livres, os quaes se chamavaõ *ingenuos* sem com tudo pertencerem á ordem dos Cavaleiros, Patricios. e Senadores, e neste sentido he que supomos que o ~~Argos~~ falou: por que arrespeito de ingenuidade do coração, sinceridade, ou proibidade parecenos andar dahi muito longe: mas em fim seja lá como for, o que podemos di-

zer he, que a quella carta he hum documento de ignorancia crassa em politica, e de condição depravada em moral: he retrato desabrido de hum génio inhospito e aváro, que dezeja propagar os serpentinos fructos da barbará sementeira de Cadmo. Nós entregamos o seu combate e o seu desengano á critica judicioza dos homens de recta razão e de probidade, se não dever ser lantes ao tempo, e ao desprezo.

Restanos expressar, que quando ouvimos a cada passo o Argos dizer = *alerta! a lerta! guerra e mais guerra!* ficamos logo a tremer figurandosenos, que ouvimos desta forma = *a lerta! camaradinhas a lerta! vigiem quando o Lord. se fás a vela; preparem machados; não lhes hade fazer falta o doutor muleque, nem o capitão dos lustros, nem o cabeça de porco; guerra e mais guerra ás leis dos puças; são hunis bazoffios, pois não tem tanta fazenda como nós dezejamos; que se vão embora para o reininho abrevilinho: alerta! alerta! he preciso não lhes deixar levantar a grimpá! &. &.*

Não se julgue que nos cauzaesse algum azedume a longa rapozodia do N.º 7 do Argos = resposta ao Cencor: isso não he mais que o testemunho de huma mente esteril desterrada da qualidade creadora, que nem para o mal tem artificio: essa vsta cataplasma he semelhante a huma árida campina que não produz senão arbustos infrutiferos e abrolhos; pois fugindo de responder dialeticamente a os nossos argumentos, não só se cansou com puerilidades, sobre que poderíamos mostrar-lhe que mais merece a palmatoria que nos inculca, como também sinistramente estabeleceu principios peculiares para espassar sua refinada maldade insitando contra nós as suas guardas pretorianas ou canalha, falando em forças e garrote, *tergiversando*; e para indispor também contra nós alguns brasileiros benignos que menos instruidos não conhecessem que os outros barretes só servem na cabeça desorientada de quem com tanta indiscrição fala a respeito de côr em hum paiz que deve scintilar quotidianamente sobre os horrores do Hayti. Finalmente este Moço. he hum cavalheiro Andante literario, que estava reservado pelos fados para ser o tormento do socego geral em nossos dias.



Custa-nos a crêr que hum escrito tão incendiário qual o Argos, que vezivelmente se encaminha a levantar de novo aguerra Civil, e a transtornar a ordem da Sociedade prégando a desunião, e a intolerancia, tenha achado propicia a protecção desmedida do Governo como se diz. Nós esperamos que seu Author zóflucando por hum breve espasso as chamas da juvenil idade dê assécco a dois momentos de reflexão séria desprezando a errónea marcha principiada, e seguindo o caminho do acêrto em que póde ainda trilhar huma carreira brilhante, e ser utilissimo á Patria: e nós então em falta de talentos e facundia seremos o seu apologista com fogo de zelo pelo bem geral.

*N B* Tinhamos Supprimido este N.º em consequencia da improvisa convulção, e espanto em que ficáraõ todos os bons Cidadãos, e de cuja moção participamos em alto grau, com a prorogação da posse do Exm.º Presidente o Snr ~~Pedro Joze da Costa Barros~~, que se havia manifestado ser no dia 16. Estamos porem agora mais sosegados; por que córre noticia que com effeito a dita posse se deve verificar em breves dias: e não podemos conceber, que o Exm.º Marquez de Maranhão deferisse aquella investidura para outra ocazião, sem hum motivo ponderoso, conveniente ao bem do Imperio, cujos mysterios costumaõ ser impenetraveis ao publico.

Proceguimos por tanto a nossa devoção inflamados no santo zelo do bem do Imperio, contra as depravadas intenções dos esperitos rebeldes.

## NOTICIA

Vai reimprimir-se o Primeiro N.º do Censor, visto o empenho com que se continua aprocuralo, e encomendas que tem chegado de fora a pedilo. O segundo N.º áchase á venda na loja de Señr. Maia na praia grande, e na botica do canto grande do largo do Carmo a 160 reis não obstante ser de duas Folhas meã: nós, o ganho que dezejamos, he o bem do Imperio, e a tranquillidade geral.

Typografia Mellandiana de D. G. de Mello Anno de 1825





# CENSOR

N.º 4

*A Rome les desordres domestiques ou publics étoient reformés par les Censeurs.*

*Rollin.*

SABADO 26 DE FEVEREIRO DE 1825

*Amo de Honem*

*Jornal Amigo do*  
*26 de fevereiro*

*Amo de Honem*  
*Amigo do Honem*  
Em o N.º 12 do Amigo do Honem apparece trans-cripta huma Carta com data de 24 de Janeiro de 1825. assignada por hum = *Anti Brucista, Brasileiro nato.* He o contexto da mesma Carta hum monumento erudito de instrução publica; he hum documento destinctivo de moral; he huma copia expressiva dos conhecimentos politicos de quem a escreveu, ou ao inenos o testemunho inequivoco de que possue huma razão muito clara, boas intençoens, decedido patriotismo, e hum entendimento asás concertado; aquelle escrito hade fazer sempre muita honra a seu Author pela judicioza e utilissima doutrina que contem; e o Publico resentirá naõ ver junto á obra o proprio Nome de quem o escreveu, para render cultos e sincéros votos a sua pessoa como a hum Cidadão benemerito, que desvelando-se pelo bem da Patria, promovendo a uniaõ e a concordia se fás digno da geral

*Amigo do Honem*

gratidão e aura popular: e por mais que a espumante raiva morda e remorda a insensa e hórrida Cauda, a profunda e salutífera doutrina da mencionada Carta será, no Conceito dos bem intencionados, e dos que não estiverem tocados do magico Veneno =

*Indeleavel padraõ em toda a idade,  
Que vencerá do Tempo a impiedade.*

Mil louvores sejam dados ao *Amigo do Homem* pela boa escolha que sabe fazer dos escritos que insire em seu Periodico para instruir o Publico simultaneamente com seus discursos literarios em que he fecundo, ainda que alguma ves o fassa esquivando a pele, por que o tempo assim o permite; e nem todos nasceraõ para amar, e nem todos para a guerra. Viva Deus! prosiga, prosiga; e muito embora reverberem no Argos aéreas queixas de alguns politicos noviços impertinentissimos que dzejaõ entupir os bellos espaços do eximio Periodico com correspondencias inutilissimas ao bem geral e á concordia: huma couza he saber jogar o bóston, e outra couza he saber falar e escrever em Politica; de huma couza a outra he taõ distante quanto vai de Bóston aos mares do Cabo de Chatham da nova Holanda oriental.

A doutrina da referida Carta de que tratamos he muito semelhante ao conteudo da Proclamação de 29 de Janeiro de 1823, do honrado brasileiro do Piahy o Illm.<sup>o</sup> Souza Martins de quem indignamente nos constituimos apologistas em nosso N.<sup>o</sup> antecedente por vermos o silencio do *Amigo do Homem* á quelle respeito. O fructo desta luminosa Proclamação está bem manifesto e visto em todo o tempo subsequente á sua publicação; que foi de extraordinario valor o interesse ao bem do Imperio. A Provincia do Piahy, com as sábias liçoens, e brioza conducta dos Illustres Martins tem permanecido incólome ao furibundo e endémico contacto da lastimoza enfermidade das Provincias limitrofes effervescentes de continuo no meio das lavas que nellas levantára a tygrina voracidade dos Tristoens ou Araripes, dos Felguei-

*Tristoens Araripes Felguei-*



ras, e torpissimos Brucos. e seus esquadrons edeondos: ella tem conservado sempre dentro em seus limites o sossego, e ordem geral da sociedade, e a segurança publica; e porque? porque alli não houve votos comprados á vil canalha: foraõ eleitos livremente para o Governo os Distinctos Martins, cujo modo de pensar, cujos nobres sentimentos, cuja honra, cujo interesse, cujo amor e fidelidade ao Imperador, e á Nação, e cuja Conducta, de tudo se vê o fiel e limpido retrato nos termos da quella Proclamação inapreciavel.

E tal julgamos nós venha a ser na conjunção dos presentes tempos, o identico e feito da doutrina expendida na discreta Carta do Anti-brucista brasileiro nato, de que temos tratado, insérta no referido N.º 12 do *Amigo do Homem* .... Mas ah! Agora observamos humma differença, que de improviso nos veio ferir a mente: a doutrina da Proclamação de que tratamos he explanada e offerecida á observação dos Cidadaos do Piahy pelo Governador das Armas irmaõ do Presidente da quella Provincia, <sup>mas</sup> ambos da illustre Familia dos Souza Martins, e ambos benemeritos, que só dezejaõ o bem do Povo, e que por isso tanto tem merecido, e estão gozando o Amor do mesmo Povo; pelo que lhes tem já resultado serem distinctos e honrados Cidadaos na contemplação Augusta do Excelso Imperador. A doutrina porem da Carta que celebramos, ao menos a sua maior substancia, sendo homogenea com os principios da luminóza Proclamação, para que produzise nesta nóssa malfadada e desditoza Provincia os mesmos interessantissimos e proveitozos fructos que felismente tem gozado os afortunados habitantes do Piahy; seria preciso dizemos, que a mesma benéfica e saudavel doutrina, ou outra similhante, fosse adoptada, seguida, e promulgada, não pelo Cidadao antibrucista, nem por outros muitos de iguaes dezejos, e a certado proceder, que he botar em vaõ os bófes pela boca fora, mas sim pelo Governo que nos tem cabido em sorte se elle solicitar ou promover quizesse o nosso bem, o nosso sossego, a paz, e a tranquillidade geral, a exemplo da venturoza Provincia, e do esclarecido, sabio, e desvelado Governo do Piahy:

..... Não deixe em fim de ter disposto  
 Ninguém a grandes obras sempre o pcito;  
 Que por esta ou por outra qualpuer via  
 Não perderá seu preço, e sua valia.

Camoens.

Nós não queremos dizer, nem disso estamos persuadidos que o Exm.<sup>o</sup> Presidente actual interino, não esteja animado de patrióticos e desvelados sentimentos pelo bem da Patria, o tempo o mostrará; basta elle ser escolhido, e conservado *extra tempora*, no Governo pelo Exm.<sup>o</sup> Marquez de Maranhão, o Pacificador das Provincias do Norte, e o nosso adorado Anjo Libertador: e antes temos a louvar e a bem dizer ao mesmo Exm.<sup>o</sup> Presidente interino, por que somos imparciaes, todos aquelles actos de sua Administração que merecem o aplauso e o reconhecimento do Publico, entre os quaes vemos hum monumento de summa utilidade aos habitantes desta Cidade, que conservará a seu respeitado Nome eterna memoria, qual seja a utilissima *illuminação nocturna* desta Cidade, fornecida com diversos lampioens que se estão collocando nas diferentes praças, e ruas; obra tão judiciosamente promovida por S. Ex.<sup>a</sup> a pesar da opposição q.<sup>a</sup> encontrára em alguns Membros da Junta da Fazenda Nacional e Imperial.

Quando dizemos, que seriamos Felizes se o Governo que nos coube em sorte tivesse adoptado e seguido a doutrina e a marcha dos Illustres Piahyenses, todos devem entender, que renovamos a infanda dor, e a triste memoria do Governo Brucino, esse nefando e abominavel atodos os séculos Triunvirato aernal, Author das celeberrimas *Medidas geraes*, e da reversão e estrago total desta Provincia.

Do Governo actual, sendo justo e bem intencionado como devemos crer, temos a esperar, que claramente dissipe de evidente prova como aluz dodia, os vacilantes receos que hoje formão a especiação do Publico, de que o Exm.<sup>o</sup> Presidente interino dê o minimo accessão á pernicioza doutrina do Argos, nem aos influxos desses outros Anjos luciferinos que a nida entre nós



ficárao da protérva comitiva do Deus da perversidade ofuribundo Bruce, que desta Provincia foi arrancado por milagre do impávido Almirante o Exm.<sup>o</sup> Marqez de Maranhão cujo Nome somente he para nós impenetravel escudo: esses espiritos malignos que mencionamos não poupaõ infinitos meios, e astucias, ou solertes enganos de tentarem a constancia dos homens que suplantar de-zejaõ: elles são filhos legitimos da Discordia, e antipodas da paz: elles movem a intriga com subtileza, elles prégaõ as suspeitas, formaõ reaes, e existentes os entes de razaõ, combatem os peitos duros com setas diamantinas, e humedecem os corações de bronze com a chuva de Jupiter sobre a Néta de Abante.

Dizemos com todos os sentimentos que nos permite a nossa moral, a nossa razaõ, e com a franqueza a que nos arroja o nosso patriotismo pelo bem do Imperio, que não merece accésso nem acolhimento pelas Authoridades constituídas a doutrina de hum ~~escritor~~ ~~que~~ indiscreta, e atrevidamente com improprios inauditos e indecentes ataca os claros Feitos e a conducta civil dos Cidadãos benemeritos cujas acções, e cujos serviços feitos á Patria já não existem no estado de hypothési, mas sim na evidencia de theses provadas pela pratica fisica dos efeitos permanentes, qual seja o fructo da Proclamação e da marcha politica do Ilustre Martins, saboreado por espaço quaze de dois annos, pelos felizes habitantes do Pearyhy: e he a brioza conducta, acertada politica, e prudente, e sabio procedimento deste preclaro Brasileiro que vemos insultado ( sei he que se deve fazer caso de hum energumeno ) com o mais esfervecente desatino, e loucura pelo Redactor do Argos, no seu N.<sup>o</sup> 6.<sup>o</sup>; ~~des- carregando — depois a mesma destemperada baterra em~~ ~~seu N.<sup>o</sup> 12 contra a medicinal e instructiva lição e seu au-~~ ~~thor, o Anti-brucista, brasileiro nato e natural~~ O

Hum ~~escritor~~ ~~que~~ ~~na~~ ~~sim~~ ~~barr~~ ~~notina~~ ~~te~~ ~~p~~ ~~é~~ ~~p~~ ~~é~~ ~~r~~ ~~t~~ ~~u~~ ~~r~~ ~~b~~ ~~a~~ ~~a~~ ~~o~~ ~~r~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~m~~ ~~regular~~ ~~o~~ ~~das~~ ~~cousas~~ ~~drum~~ ~~anas~~ ~~naõ~~ ~~pode~~ ~~i~~ ~~suscitar~~ ~~dúvida~~ ~~entre~~ ~~os~~ ~~mortaes~~ ~~sobre~~ ~~o~~ ~~estado~~ ~~de~~ ~~des~~ ~~con~~ ~~certo~~ ~~da~~ ~~ballofa~~ ~~materia~~ ~~que~~ ~~o~~ ~~ho~~ ~~so~~ ~~cas~~ ~~co~~ ~~s~~ ~~unic~~ ~~erra~~ ~~naõ~~ ~~pode~~ ~~deixar~~ ~~de~~ ~~ar~~ ~~er~~ ~~sen~~ ~~que~~ ~~ac~~ ~~tu~~ ~~ao~~ ~~me~~ ~~nte~~ ~~hi~~ ~~um~~ ~~au~~ ~~t~~ ~~o~~ ~~r~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~i~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~alem~~ ~~dos~~ ~~limites~~ ~~de~~ ~~finidos~~ ~~da~~ ~~profunda~~ ~~meta~~ ~~ph~~ ~~sica~~ ~~; e~~ ~~que~~ ~~nesse~~

estado possua huma illimitda liberdade de Razaõ, e esta he a devisa carecteristica que unicamente convem a os Cavalheiros Andantes.

A liberdade de Razaõ de que estes Cavalheiros se apoderaõ mina os alicerces de toda a moral natural, e destroe as principios do justo, e do injusto gravados no espirito do homem pelo Omnipotente Author da Natureza. A Ethica, e o direito natural essas importantissimas sciencias destinadas a dirigir as nossas açcoẽs, e a fazer-nos virtuoços, e a evitar que sejamos perversos, desaparecem de improvizo no coraçao destes Cavalheiros Andantes. E que desastroz as consequencias naõ traz consigo a doutrina de quem possui liberdade de Razaõ! o orgaõ que publica as leis naturaes será arbitrario, e mostrará a cada hum como regras de direito e de torto zquillo que mais lhe pedir a sua vontade; e será entaõ verdadeiro o principio de Democrito, e de Epicuro, como diz Horacio na Satira 3<sup>a</sup>==

*Nec natura potest justo secernere iniquum.*

Tambem há cavalheiros Andantes literarios; e nós estamos com hum de volta como já em outro N.<sup>o</sup> dissemos; e nos parece que elle tem naõ pequena comitiva que estaõ arreventado por entrarem tambem nas cravadas: á proporçao que elles se forem declarando, como para esta especie de espiritos malignos naõ valem exorcismos ecclesiasticos, nem caldeiradas de agoa benta, nós lhe applicaremos os remedios do Cura, e do Barbeiro.

=====\*\*==

O fferecemos a nossos leitores a seguinte Resposta a hum dos discursos do Demostenes da Pernahiba, de que se inundava a gazeta no tempo do Governo Brucino: os dezejões dos bons Cidadãos contra tães doutrinas de-zorganizadoras. jaziaõ suffocados pelo terror dos bárbaros. Aquele Prégador, que outros com menos talentos,



imitaç, fêz grandes serviços: mas:

*Pagou-lhe o Ceo taõ santo beneficio,  
Jaz na Enxovia, e tem perdido o Officio,  
Talent.*

Na gazeta extraordinaria do Governo desta Provincia N.º 28, achase transcripto hum Artigo que contem hum Discurso do Meritissimo Juiz de Fora da Pernahiba, João Candido de Deos e Silva, com data de 25 de Setembro deste anno de 1823; e principia pela seguinte epygraphie dos versos de Horacio da Ode 37 do livro 1.º =

Nunc est bibendum: nunc pede libero  
Pulsanda tellus: nunc saliaribus  
Ornare pulvinar Deorum  
Tempus erat dapibus, Sodales.

Traze Rapas, decrépita hotelha,  
Que sobe o Consul Manlio foi lacrada  
Para festivos brodios.  
*Pilinto Elysio.*

” He tempo agora de beber, cantar e dançar á larga,  
” por que temos os pes livres dos pezados férros que  
” por tres Seculos arrastamos, Haja bródio, haja co-  
” mezana. Com quanta melhor razão o podemos hóje  
” dizer do q̃ Horacio pela victoria naval alcançada por Au-  
” gusto sobre Marco Antonio? Sim Brasileiros, Patricios, e  
” Amigos, haja bródio; hajaõ festas, muzicas, e come-  
” zanas: dancemos, cantemos, e bebamos, porque so-  
” mos livres, somos Nação Independente; somos Brazi-  
” leiros. Mandamos as tristezas atabua. §. §.  
Muito respeito eu ó Illnstre Authtor do Artigo, e mui-  
ta predilecção tenho pelos seus grandes talentos, e co-  
checimentos literarios, e confesso que me inunda sem-  
pre huma efuzão de prazer quando leio os seus escritos  
pela sua vasta erudição, mas como tenho noticia que  
elle he ainda muito moço, e eu tenha ja os meus cinco-

enta. hade premetirme que eu uze do privilegio da ida-  
de para fazer algumas reflexoens tão somente sôbre al-  
guns de seus pensamentos que julgô filhos de seu fogo-  
zo engenho: sujeitando porem as minhas ideas ao recto  
tribunal da publica opiniaõ; pois eu não tenho filaucia;  
e antes aborreço os que possuem essa delirante mania:  
e são tantos!!

Se o mesmo Discurso scientifico do Illustre Aut-  
thor chegasse somente ás mãos de pessoas cordatas, e de  
probidade, todas estas beberiaõ o heroico entusiasmo bem  
entendido e o grande patriotismo que respiraõ as suas fra-  
zes energicas em toda a sua extençãõ; mas a ignorancia  
e a estupidez que he vasta, atrevida, e cega costuma  
sempre lançar veneno nas açoens mais innocentes, e sem-  
pre marcha por caminhos tortuosos para sinistros fins,  
porque segundo a expressãõ de hum Sabio dos nossos  
tempos = ~~Velozo de Oliveira~~ = não há tolo que não  
seja máo.

Que felizes nós seriamos se quando acabou de de-  
clarar-se a Independencia em todo o Brazil pela adhesãõ  
das ultimas Provincias do Maranhão e Pará podessemos  
comparar o nosso terreno e a nossa situaçãõ com o es-  
tado politico dos Romanos e do seu Continente quando  
~~Horacio disse = Nunc est bibendum: nunc, pede libero~~  
~~pulsanda tellus!~~ O Illustre A. do Artigo diz que com  
muita razãõ podemos hoje dizer o que Horacio disse; e  
~~q' dancemos, cantemos e q' hajaõ comexanas;~~ e a mim me pare-  
ce que se Horacio hoje vivera, e viesse á nossa Pro-  
vincia e lhe fosse possível conservar o juizo perfeito á  
vista de tantos desatinos, não compararia certamente a  
nossa situaçãõ com a situaçãõ de Roma, quando o Capitolio  
livre já das ameaças dos seus dois Rivaes poderozos, o descen-  
dente de Hercules, e a Rainha impudica Venus do Egipto,  
que ambos, depois de perdida a batalha naval, tinhaõ  
embebido a morte, elle com agudo punhal, ella com  
átro letal de venenozas áspides: podendo entãõ pizarse  
o solo Romano ~~pede libero~~, e daremse ~~ensanchas ao ba-~~  
~~go,~~ e inundarse o peito, antes oppresso com profuzaõ  
do balcamico. Cécubo tirado de avilas adegas: o Poeta  
Romano sim, se hoje visse o indiscreto e sanguinario



Systema de perseguição que nesta Provincia se tem praticado depois da glorioza Independencia, certamente compararia antes o nosso mesquinho estado a o estado de outra lamentavel epocha da mesma Roma em que fervia a guerra civil entre Bruto e Cassio, e o Triunvirato de Octaviano, Antonio, e Lepido quando o mesmo Poeta escreveu a seguinte Ode, 7.<sup>a</sup> do livro 4.<sup>o</sup> que mais propria me parece de applicarse ás nossas circumstancias actuaes.

Quo, quo Scelesti ruitis? et cur dextris  
Aptantur enses conditi?

.....  
Neque hic lupis mos, nec fuit leonibus,  
Numquam; nisi in dispar, feris.  
Furor ne cæcus, an rapit vis acrior,  
An culpa? responsum date.  
Tacent: et albus ora pallor inficit;  
Mentes que perculse stupent:  
Sic est: acerba fata Romanos agunt,  
Scelus que fraterne necis;  
Ut immerentis fluxit in terram Remi  
Sacer nepotibus cruor.

(a) Onde vos despenhaes, perversos onde?  
Por qu' em punhaes espadas?

.....  
Nem lobos, nem leões já mais se virão  
Feros á sua casta.

Arrastavos furor cego, ou mor forçar  
Ou culpa? Respondeime.

Emudecem; enfião; e os remorsos  
As almas intorpecem.

Bem vejo. Fratricidio, e crueis fados  
Agitaõ os Romanos;

Des que se derramou, fatal aos netos,  
D'inoxio Remo o Sangue.

(a) Esta traducção he feita por hum grande

K

O Romano Lirico elegantemente attribuia a origem da intestina e fratricida guerra ao crime enorme do atroz fratricidio feito ao inocente Remo: mas des-que se fes o descobrimento do Brasil, que facto acérbo vimos que manchase o solo, e que influencia faça na cruenta e sanguinaria guerra que respira a barbara gente a não girar-lhe nas veias anthropofago sangue?

O melhor fructo da Sabedoria não consiste em louvar os homens pelo que elles tem feito, consiste em saber dirigilos para o que elles devem fazer. Quando o judicioz Author escreven aquelle Artigo he bem notorio que toda esta Provincia, não obstante acharse declarada a feliz Independencia, ardia toda em cruento fogo da mais barbara perseguição contra todos os europeos, estes eraõ por toda a parte insultados, roubados, e mortos sem se fazer celeccão se eraõ ou não affectos ao Santo Systema; eraõ europeos, eraõ portuguezes, saõ Pugas; diziaõ; eis a infernal senha com que se derigia a vingança, o assassinio, o roubo: estas ideas ainda hoje dominaõ o coração e a mente de muitos perversos, inventando fantasmas para apoio do crime: e nenhum eu-

---

Sabio do nosso tempo, e talvez hum dos maiores juris consultaos da Europa, natural da Bahia, e rezidente desde a idade de sete annos em Portugal, e prezentemente na Ilha de S. Miguel, o Dotor Vicente Joze Ferreira Cardozo da Costa, o qual tem trabalhado incançavelmente por meio de snas scientificas Memorias politicas em promover a felicidade dos Portuguezes de ambos os Mundos: elle tem sidõ sempre coherente com averdade em todos os tempos, dezempenhando magestozamente a divisa que adoptou a seu Nome=*Omnibus temporibus idem*= Onosso Grande Imperador q dá todas as mostras de ser novo Augusto ou Trajano em saber prezár os homens de mereci mento, teve a lembrança de mandar convidalo para o seu serviço, ao que elle não pôde anuir, porem de lá mesmo não deixa elle de empregar assiduamente os seus talentos para a felicidade do Brasil sua Patria.



ropeo, a não ser exemplo de maldade, nem, *cum pede libero*, nem *cum corpore vivo*, já existiria saõ e salvo nesta Cidade e Provincia se o *nosso actual General Rodrigo Luis Salgado*, seja lá pelo que for, não entezase o freio ao Monstro nefando.

Com muito boa razão nos deveríamos alegrar todos, e embriagarnos em festins e bródios, se no momento em que se concluiu a glorioza Independencia podessemos julgar consumada solidamente a Estabelidade do grande Imperio Brasilico; mas tendose conseguido felicemente a primeira parte, era necessario que os applausos della não perturbassem o progresso da segunda que he a mais importante. A grandeza e a gloria deste Imperio não hade consistir nunca na vasta extensão do seu terreno; he necessario que elle se povôe e se cultive; e esta obra da maior transcendencia não pode consnguirse em tempo breve por meio da exótica singularidade q. aqui se dezeja de ser habitado somente pelos naturaes do Paiz: he preciso abraçar e favorecer a emigração, he preciso chamar os colonos e não espantalos, e promover a concordia e uniaõ entre todos para que o Imperio se faça respeitavel aos inimigos externos pela sua força, riqueza, e brilhantismo: isto mesmo he o que o *nosso Augusto Imperador* tem proclamado, e a razão proclama; mas he necessario ter-mos juizo.

Bem vejo que estas ideas se podem deduzir do conteudo do Artigo inserido na mencionada gazeta, e que o espirito do *juiciozo Author*, livre das sacrilegas ideas do democratismo (to que Diós quiera) pela incompatibilidade de todas as circunstancias, dezeja encaminhar os genios ao bem geral e á gloria do Imperio applaudindo o seu triunfo; mas a ignorancia e a maldade não se derige pela voz da razão e da verdade, e vendo os improperios com que o Author justamente trata aquelles celebérrimos demagogos Mouriscos, inocentes das Cortes de Lisboa e mais Agentes do Despotismo que *pertendiaõ Reclonizar e escravizar o Brasil mandando para cá algozes dominadores*; e que mereciaõ ser socados em almofariz de bronze, e quando diz por diversas vezes de Portugal nada, nada; não queremos nada & elles os impios, por ignorancia ou

maldade, applicaç, como temos visto, todas aquellas frases a todos os europeos que encontrã, ate os mais pacificos, cevando avingança, e perpetrando as mais cruentas maldades sem moderação e sem limite.

E alem disto quando os mesmos malevolos virem tambem nõ mesmo scientifico Discurso as expressões pompozos e despertadoras á lerta, *Brasileiros! não largueis as armas hum só momento para debelar o monstro do despotismo, venha elle donde vier, ou seja de Portugal, ou ainda do Brasil. Não mais ferros, nem Tyranos. Póvos, abri os olhos & elles poderaõ talves equivocar por ignorancia ou malicia, as intenções do Author com a sublimidade e energia das palavras, e quando vier da Corte algum Decreto que lhes não agarde. diraõ: isto he despotismo; isto são ferros; temos tyrano; ás armas! e eis adesordem; eis a desgraça; eis..... o Háyti...* He necessario saber com quem se fala, e a quem se prega: S. Paulo quando prégava a os Corinthios uzava com os Perfeitos de expressões de sabedoria; e com os plebões praticava demostrações de espirito, e de virtude. Assim deve obrar quem dezeja sinseramente derigir o povo pelo caminho da razaõ, da verdade, e da justiça.

O gloriozo triunfo da Independencia embriagou os animos nomeio do gozo que anhelavaõ, suffocou o espirito da tolerancia taõ necessaria em semelhantes cryzes; e offuscou-se a razaõ e a prudencia no mumento mais preciozo em que se devia promover a uniaõ dos habitantes unico estímulo do aumento da população, da agricultura, e do Commercio que são as mais seguras bazes da elevaçã do Imperio: o seguimento desta ordem faria a obra mais brilhante; mas por fatalidade, deu-se hum tombo a esta glorioza marcha principiada, que agora he preciso muito tempo e muito geito para tornar a regulala. Quando o Brasil devia mandar estrondóza noticia, e amplamente offerecer os seus vastos sertoes inhabitados a os Artifices e Agricultores da Europa, que lá não cabem, para virem cultivar o seu fertil terreno; e servir de azilo á liberdade opprimida, he quando alli chegaõ os navios, O' desgraça! carregados de gente perseguida, annunciando: que o Brasil, quer ser só Campo inculto povoado de feras.



Se o fim da Sociedade politica, como diz Rosseau, he a conservação e prosperidade de seus Membros; que conceito se deve fazer quando hum Paiz se despovoa apesar dasua amenidade jucunda? hum acontecimento semelhante prova, que tudo alli não vai bem; e que o corpo politico do Estado padece grande accêssão de enfermidade violenta: qual será pois a medecina propria para curar taõ grande molestia? o seu evidente Remedio consiste somente na circunspecção e sabedoria do Governo. &

Maranhão Nobembro 25 de 1823

O Amigo da Concordia.

## NOTICIA

*A.* Depois de estar na Typografia este N.º, a onde sempre há demora de huns poucos de dias por inconvenientes que o Impressor ainda não acabou de superar; veio-nos ámea o N.º 15 do Argos que quaze todo se ocupa a nosso respeito. Do Argos nenhuma impressão nos faz o seu continuado frenezim e loucura ou maldade, para deixarmos de seguir a marcha que principiamos abem do Imperio, e da concordia dos Cidadãos, a pesar das ameaças dos perversos: não nos aterramos; e se for preciso perderemos a vida pela Patria, como Décio.

Vemos porem no mesmo N.º hum interrogatório, com hum Epygrafe do Exm.º Marquez de Maranhão, que muito respeitamos: e seu Author, que primeiro se intitula = Amigo da ordem; findou as suas reflexões com hum exotismo = Alisma Plantago.

Como rejamos em Lineo que isto seja o Nome de hum Erva de diversas especies, aquatica, e montanhéz, de natureza fresca, della mesmo extrahiremos hum cozimento, ou o suco para applicarmos á molestia do nosso Interrogante, não saltando aos deveres da Civilidade; nem o havemos de chamar = vil: isto será satisfeito em nosso N.º seguinte.

Typografia Mellandiana de D. G. de Melto Anno de 1825

L

# CENSOR

N.º 5

*A Rome les desordres domestiques ou publics étoient reformés par les Censeurs.*

*Rollin.*

24-0

5-  
26/2

SEGUNDA FEIRA 7 DE MARÇO DE 1825

**H**e notavel que o numero de sete designa cousas ponderozas entre os humanos: sete são as Maravilhas do Mundo: são sete os Pecados mortaes, e sete as virtudes que a Igreja nos ensina para combatelbs: sete annos a Labaõ Jacó serviu por conseguir Rachel Pastora bella, e outros sete serviu por que em lugar daquella lhe deraõ Lia: sobre sete Montes está asentada afamoza Cidade de Roma: vemos no Ceo huma Constellação, a Canicula, de perniciozo agouro chamada, o sete Estrello: foraõ sete os grandes Sabios da Grecia: sete Alfaiates se ajustaraõ para matarem a huma aranha: e sete Doutores de letras gordas, destes a q ro-  
eu a porca os livros, nos consta fizeraõ consilio gloriozo a on-  
de questionaraõ, e requestionaraõ para responder ao 3.º N.º  
do Censor em desagravamento do Argos, e do Alcoraõ: e dizem que depois da disputa a Mai de hum mais carinhoza

M



que a de Alembert, também influira na redacção do resultado. Dizem que a cada hum dos ditos confrades na discussão lhe derao suor pelo topete; e que cada hum também fornecêra elementos a seu discurso bebendo ingredientes da seguinte quadra =

*O Quimico infernal drogas malditas  
Prêsto juntou em menos de huma hora,  
Azougue, enxofre, vibora traidora,  
Cartas da mão do Machavel escritas.*

Ninguém poderá deixar de se condoer vendo o desforme e monstroozo parto que sahio da combinação genital de tão egrégios progenitores. Que bem empregado dinheiro gastaraõ com huns, seus Pais em Coimbra, e com outros a Camara! que bélla cousa! lamber boas figelinhas de manjar branco em Cellas, bellos passeios, oiteiros, sucias, e nos entrevalos xalaça das Tricanas, e de pois, a pesar de lá esquecerem as cartas de formatura, vir na Patria ser Políticos e altos planetas, e reger o Destino do Povo! *age pûe rompe móres!* vamos adiante; metamoslhe mil petas; que isto por aqui são huns pesuedos são huns patetas: assim nos querem embalar. Mas:

*Convocados da parte de Tonante  
Pelo neto gentil do velho Atlante:*

Principiaõ os altos Corifêos o assombrozo, Literatissimo, e arrogante Sinedrio:

*Quando todos por ordem respondendo,  
Na sentença hum do outro differia,  
Razoes diversas dando, e recebendo.*

*Camões*

Eis que, termina o debate, convulsaraõ, e geração os Montes; tudo ficou espavorido: rompemse as elásticas membranas; e cáhe nos braços da Comadre o alambazado Monstro anfíbio-jumental da humanidade: e vem batizado ja do bojó; pois traz o Nome consigo = *Breve Resposta ás longas paginas do Censor.* Tem este recém nascido monstro literario Breve, 175 linhas; na segunda diz = *tolices;*

e acaba em = pateta.

O Redactor, porque conserva muito no miolo aquella ultima palavra, fies huma de suas frequentes indiscrições; pôs logo adiante de pateta = Illustrissimo e Excellentissimo Señr.

Bem podéraõ aquelles desditados progenitores se tivessem algum tino na Cabeça poupar-se á vergonha de reconhecer-lhe o Mundo hum filho tão monstroozo e tão hedeondo, pois pela sua desformidade nunca vista podiaõ engeita-lo; e até sem o exame a que antigas leis sugeitaão os partos monstroozos que aos Pais era permitido expô-los; sôbre que; alem de muitos exemplos de outros poyos, citaremos hum dos Romanos, por Diõisio de Halicarnaso = *Nam non vetuit istiusmodi monstrozos partus a parentibus exponi: dum modo eos prius ostenderent quinque vicinis proximis, si et ipsi id comprobarent. In eos vero qui contra leges istas fecissent, multas statuit.* traduçãõ: *Na verdade não se prohibia deste modo os partos monstroozos de serem expostos pelos Pais: com tanto que os mostrassem primeiramente a sinco vizinhos muito chegados para ver se elles approvaão isto mesmo. Porem, estabelecia-se multas sôbre aquelles que o fizessem contra estas leis. &.*

Observaõ-se em todo o vulto do hedeondo Rapação stúpido-literario, nomes indecentes, immundos, e bregeiraes contra o combatido Censor: e observandose tambem nesta Cidade diversos corpos de milicias e baterias postadas dirigindo insultos, e ameaças até contra o honrado Impressor da Mellandiana por que o Censor alli se imprime; la parece serem isto effeitos provenientes de algum plano de mais alta tatica. Pois, o Censor confia tanto no exito feliz da Santa Cauza que defende pelo quanto ella he nobre e justa, que elle protesta novamente não desviar-se hum so passo da nobre estrada que principiou a seguir; e tudo isto promete desempenhar com todas as forças que possui sem o menor vestigio de timidez; e sempre superior aos terrores quer das ameaças que ferquentemente se lhe inviaõ, quer dos planos depravados que se forjaõ nos furibundos Clubes nocturnos ahi para o bairro de Santo Antonio: e em



outras partes assolapadas que não dizemos: o Censor não tem medo do papaõ: e muito mais por que elle bem conhece todos os figuroens, e figurinos q̃ representaõ na farça: coitados; elles são filhos ténos e sectarios acérrimos do Triunvirato avernal: elles diziaõ com enphase: a cauza do Bruce, he a mais sagrada e justa sobre a terra; não deve dimitir huma só virgula desua autoridade ainda que a Cidade e a Provincia nade em sangue; as Familias dos facciosos que abalaraõ para o Itapucuru devem ser postadas no alto da Carneira para soffrerem as balas do ataque contra a Cidade; no ultimo extremo, deve-se ármarmos e dar-se a . . . . mas que horror! não se deve proferir tão execrando conselho. Eis aqui a qualidade de gente que ainda existe entre nos, e ficarão gozando do indulto de Amnestia do Exm.<sup>o</sup> Marquez: são estes, e os que dezejaõ roubar e matar, os que dizem que o Censor he hum escrito incendiario; são estes os que dezejaõ, e maquinaõ nova revolta: e o Censor toma aliberdade de advertir ao Exm.<sup>o</sup> Presidente interino; que elles querem sim a revolta, mas elles não querem depois o Exm.<sup>o</sup> Lobo; elle seria a primeira victima: elles querem hum Exm.<sup>o</sup> Bruce, e elles tem muitos, por que a raça he grande. Elles tomaraõ hum novo alento, porque o Sol hum pouco se eclipsou e desviára de sua órbita: mas o luminoso Astro hade em breve esparzir os brilhantes Raios, e a Caterva se dissipará como o espesso fumo nas azas do vento. Mas vamos o fio. Grandes e tremendissimas verdades por certo deve ter dito o Censor para ser o objecto de tanta raiva, e de tanta inquietação!

Pois ainda elle não disse nada: tem apenas lançado ao ar alguns barretes, e estês, também talhados, e com tão bom calculo arremeçados, que ainda nenhum delles cahiu no chaõ; e nenhum delles tem deixado de achar duzias de cabeças.

Amargozamente se queixa o Argos, que o Censor he não responde a seus engenhozos argumentos: o Censor não responde; e dandose já por vencido, não deixa com tudo de julgar-se vencedor na opiniaõ do Mundo; pois consistindo os pompozos argumentos do Argos na forma-

tura de hum catalogo de todos os termos bregeiraes da escola regateiral, marujal, e enxada garotal, infima ralé & de cujo trato logo em seu 1.º N.º nos deu prova bastante de ter grande conhecimento, familiaridade, e instrucção, remetemo-lo nessa parte para os Alumnos ou Alumnas daquela mesma sua escola, que o saitsfasso; que em Lisboa he na Cotovia e Madragoa, em Coimbra nas Amêas, em Maranhão no Tanguitá & &.

Porem como nem todos á primeira vista poderaõ perceber os industrioços Sofismos de hum impostor, poderemos em demõstração huma de suas conclusões viciozas, e depravadas sobre falços principios: e isto somente por esta ves, visto que já em nosso 1.º N.º julgaramos ficar dispensados deste trabalho quando, naõ obstante sermos pigmeu, conseguimos pintar o dedo deste Golias..

Vamos a ver o que elle, como orgão da Commis-são Septo- doctoribus, diz no fetibundo Pêto de que tratamos no seu N.º 15 na ultima pagina linha 21 = e a pexar de passar por inimigo dos Portuguezes ( Jezus que inimigalhaõ dos Portuguezes ) só pelo peccado original nunca heide cair na fraqueza de proferir" como o Censor" que a Opinião publica foi quem deu com a Constituição Portugueza em terra: e mais, toda a gente boa em Portugal ama a Constituição: ergo: o Censor tem hum enchaço nas Costas: ou he corcumba.

Veja-se agora se nós fomos incoherentes na tiradella do Corolario que descobrimos em seu 1.º N.º sôbre seus altos talentos e profundos estudos de nove annos de Universidade: veja-se o que diz o Censor no seu 3.º N.º pagina 41 linha 26. =

Foi a Opinião publica quem na Espanha e em Portugal prodigiozamente levantou a Constituição; e foi ella quem descobrio e castigou os erros e prejuizos de seus propagadores: foi a Opinião publica quem no Brasil celebrou a Independencia, e a Ereccão do Imperio; e he a mesma Opinião publica quem hade punir e abraçar os Apostatas do Systema e os Democratas encobertas, que ella hirá designando.

Ora aonde está aqui a Constituição Portugueza dada em terra pela Opinião publica como nos quer m-



putar o reverente Argos, por que não acha outra ponta por onde lhe pegue, e tirar a conclusã asen geito: *ergo-Corcunda?*

Grande dialectico! como a ~~C~~ámara lhe não toma conta do dinheiro que com elle gastou em Coimbra? e será isto capás para ser Deputado, ou para se lhe dar huma Cadeira de Retorica, ou de Logica sem entrar em concurso como manda a Lei?

Nada se poupa de metralha na horrifica bateria contra o denodado Censor; parece a guerra do alto da Carneira: alem de muitos nomes de immundicia, *desavergonhamento de Caô, pelado, da rale' &. &. vem tambem pigmeu, e psendo-literato* e este impulso, alem de ser ociozo parece hum influxo revêsgo, e encarocólado da negrejante inveja, pois logo em seu 1.<sup>o</sup> N.<sup>o</sup> francamente confessou o Censor asua insufficiencia em conhecimentos, e ideas; e antes considera ao esclarecidosissimementissimo Argos tão consumado universalmente em sabedoria como ao Gramatico, e Muzico de Agathopo na feira de Samos, os quaes dizendo que sabião tudo nada deixaraõ para o seu parceiro o destorme e pobre Frigio. Nós não somos tão aváros nesta parte; pois nos teriamos pela pessoa mais ditoza do Mundo, se nos fosse dado saber tudo quanto o Argos ignora.

Arespeito da viagem que benignamente nos a conselha ao reino da Lua, mostrando-se rebelde á filozofica, e politica que lhe insinuamos fizesse ca na Terra para instruir-se, á muito que nós tão alto dezejariamos sobir somente para de lá decima desabotoando os calções ( com devido respeito ) melhor respondermos por effeitos ao sapientissimo Argos, e a todos os Cava-leiros Andantes literarios que tem liberdade de Razaõ.

Bem sintimos ter cançado tanto o respeitavel Publico com huma controvèrcia tão fastidiosa, de que nenhum proveito rezulta ao bem geral; e visto que aquelle enèrgumeno se mostra cada vez mais rebelde em não querer mudar de opiniaõ para que tanto o temos aconselhado; elle o sentirá: e no em tanto para nosso sosiego, não lhe sintimos outro remedio, que entregalo ao despreso, e botalo á margem: que vá pregar aos hereges:

deixemolo no seu circulo hedeondo: fassamos de conta  
que ouvimos nos Arrabaldes de Lisboa de huma nóra  
o som rugidôr: vamos passando; e deixemolo cumprir  
o seu fado ==

Qual esfêra do rioste  
Onde gira o alcatruz,  
Viverá eternamente  
Jezuz, Nome de Jezuz.



## ALISMA PLANTAGO

He a diviza que se ve no fim de hum Interrogatorio es-  
tupendo ao Censor, em o N.º 15 do Argos, remetido á  
quelle Redactor por meio de huma laconica carta asig-  
nada por hum ( como diz ) Amigo da Ordem; santissi-  
ma couza por que nós anciozamente suspiramos.

Ainda que nós muito respeitamos e veneramos aos  
nossos cáros Concidadaõs, não deixamos com tudo de no-  
tar em huma grande parte delles alguma falta de crité-  
rio: ( não dizemos todos ) não sabemos se por influxo  
talves de algum maligno astro que tomára á sua conta o  
desditado Maranhão, muitos delles sendo aliás atiladissi-  
mos se deixaõ ásvezes engolir grossas petas: por exemplo,  
hum Comendador que a annos appareceu nesta Cidade fin-  
gindo ser occulto Vigia de ElRei, e outras famozas im-  
posturas que alguns lhe acreditaraõ como papalvos: con-  
seguindo depois o mesmo impostor hir incumbido de  
importantes dependencias prometendo obeter na Corte mi-  
lagrosos despachos; levando para esse fim boa porção de pes-  
sas de 6400, e letras, e de pois fes aviagem que leva o fumo:  
pôs-se ofresco até hoje, e ainda hoje lhe chamaõ aqui  
o homem das botas.

He preciso estar previsto na historia dos impos-  
tores para saber desmascaralos asim de não virem com  
frequencia, e com espertezas, embotirnos simples Alis-



ma em lugar de vulneraria, e fortificante Balsamina, ou de preciosa casca peruviana. Toda a importancia de suas delicadas astucias, ou profissao consiste nos seus pompozos annuncios. v. e gr. =

*Chegou Monsieur de tal,  
Quinico em Pariz formado;  
Traz segredo especial.  
Hum Elixir aprovado,  
Hum remedio universal:*

*Naõ pertende ajuntar fundo  
Co's grandes segredos seus;  
E cheio de dó profundo,  
Tira pelo amor de Deos  
Os dentes a todo o Mundo:*

*Em quarto grande, e estampado  
Sahio novamente a luz  
Carlos Magno commentado:*

*As Obras de Caldeiraõ,  
Que em bom preço se haõ de dar;  
E o Cavalheiro Christaõ,  
E as Regras de Partejar.*

*Tolent.*

*Ensinar Optimas Danças  
Propoem-se Rozina Fago,  
Foi Mestra dos Reis de Napols,  
E do Duque de Santiago.*

No dia em que appareceu a veneravel figura do *Atisma Plantago*, que veio á luz do Mundo conjunctamente com o monstro amphibio-jumental, que já descrevemos, pois observaõ-se pegados na mesma folha do Argos, e parecem gêmeos; ficarão por ahi os nossos Concidadãos hum tanto estupefactos, naõ tanto pela irrisoria, e escangalhada logica com que o nosso Interrogante forma os seus argumentos, e tira as suas conclusões ( quem sabe se elle pertence ao numero dos Sete! ) como por que se havia, nas vesperas espalhado huma

noticia, e com bastante empenho, de que, aquelle escripto era obra do Excellentissimo Marquez: e muitas pessoas de bem desta Cidade, e mesmo algumas Senhoras que suspeitam sermos nós o author do Censor, nos mandarão pedir, nessa epothese, que houvessemos de remetter-nos ao silencio ao menos em quanto aqui se demorasse o Excellentissimo Marquez. Isto não he mais que hum a prova ampla e distincta do quanto a nossa doutrina, e a marcha que seguimos agrada, e se conforma com o sentimento das pessoas de bem, e bem intencionadas.

Nós agradecemos por nossa gratidão natural o bom conceito em que se nos tem; mas devemos manifestar, que antes a presença do Excellentissimo Lord he quem nos anima e enche de ousadia, e vigor para com liberdade defendermos a santa Causa da Patria contra os nefandos promotores da desunião e da discordia, que estão visivelmente empenhados em nova revolta para executarem seus occultos, e talvez delicadissimos planos, envolvendo a Província, ainda fumegando, em novos abysmos, e novas desgraças.

Nem os fantasmas da noite causão mais panico terror; eis a razão porque temos avançado a dizer, que muitos de nossos Concidadãos são hum tanto faltos de criterio, não conhecendo os estratagemas com que se pretende aterrar o Censor: o Censor torna a dizer que não tem medo do papão.

Pois o Excellentissimo Marquez, o Pacificador das Provincias do Norte, que tem para esse fim hum poder sem limite outorgado pelo Augusto Imperador, não tinha agora mais que fazer do que intreter-se, directa ou indirectamente, em correspondencia com o Censor? para isto accreditar era preciso accreditar tambem no homem das botas. Elles tudo he quererem metter o Excellentissimo Marquez, e o Excellentissimo Presidente interino na bulha, como o caso do corcunda e os Fidalhos, que com muita graça nos contou o Redactor do Argos. Nós nunca fomos a lourinhã: procurem outro officio, camaradas.

Nós temos algum conhecimento das leis e usos da



Nacotta, ao menos daquelles porque se dirige a policia. O Excellentissimo Lord nascido e creado em hum Paiz livre aonde ha liberdade de imprensa, não podia usar de subterfugio algum nem de meios indirectos para obstar a marcha do Censor; quando esta em alguma cousa fosse em opposição com algum ponto do plano de Pacificação, elle então com sua benignidade costumada insinuaria ao Censor a sua vontade, ou lhe imporia silencio; e fora deste caso faria somente pôr a lei em exercicio. Mas vamos o caso.

Os dois gêmeos recém-nascidos hão-de ser affamados no Mundo; elles trazem divisas semelhantes, ambos tem celebreiras, e não desmentem a raça de seus ~~Antes~~ progenitores: hum tem no embigo—talisman; outro—Alisma Plantago nos pés: talisman he huma pallavra Persiana que significa huma chapa ou medalha com aspectos de planetas gravados, a que attribuem maravilhosas virtudes. Alisma Plantago he termo de botanica que significa tanchagem, propria para hemorragias, e mordeduras de insectos, e tambem se receita para os pulmoniacos; e como não sabemos o mysterio que nisto encerra o nosso Interrogante herbanario, hiremos satisfazer a sua curiosidade.

Bastante probidade, madureza, e conselho inculca o nosso Interrogador no primeiro artigo de suas reflexões ou perguntas, discorrendo judiciosamente, e aconselhando sobre a decente marcha, e honestidade que se deve seguir respeito á liberdade da imprensa: opinião que muito nos agrada, e muito nos propomos desempenhar.

Elle diz depois: O Redactor do Censor N.º 3 professando unanimidade, e o professa o Censor de todo o seu coração. Seguiu hum rumo calculado a produzir somente desunião, e desgosto. Estamos persuadidos, que a nossa doutrina, no conceito das pessoas de honra, e bem intencionadas, só produzirá a desunião entre a virtude, e o vicio; e desgosto, somente aos máos.

Ja com demasiada frequencia, durante a luta na America do Sul, tem-se visto intentar o sustentar e criar partidos, por calumniar os outros, resultando d'ahi, ou mais cedo ou mais tarde, a destruição do partido que se procurava apoiar.

Verificando-se entre nós esta comparação, e sendo  
 • Censor manifestamente calunhado pelos anarchistas,  
 de incendiario, nesse caso devemos esperar o triunfo.

*Nunca se recorre a meios deshonestos, em quanto a  
 causa he capaz de defeza honesta. Não ha cousa mais  
 conformance ao nosso genio, e queira Deos que ao nosso  
 Interrogante brevemente lhe não escorregue o pé.*

*Por meio de algumas perguntas talvez possad-se tirar  
 conclusões mais satisfatorias, relativamente ás asserções  
 e insinuações do Redactor do Censor. Por tanto usare-  
 mos da liberdade de propor as seguintes: Suposto pas-  
 samos tambem alguns dias em Coimbra, e provamos  
 hum pouco do athico licor, não deixamos com tudo de  
 ficar hum tanto assombrados quando se apresenta a  
 interrogar-nos hū ~~Botanico-doutor~~ emtom ~~Academico-Ma-~~  
 gistral:*

## INTERROGATORIO.

*Não se achava a provincia do Maranhão em estado  
 de anarquia e guerra civil, quando aqui chegou a força  
 Naval? Concedido. Não se achavaõ em risco as vidas  
 e as propriedades? Concedido. Paradozo commercio e a  
 agricultura? Concedido. Seccas as fontes do rendimento  
 publico, e esgotada a Thesouraria, e os fundos dos par-  
 ticulares? Concedido. Não se via estender-se por toda a  
 parte a pobreza e miseria? Concedido. Não tinham fugi-  
 do os principaes habitantes Brasileiros para os mattos?  
 Concedido. E não andaraõ escondidos os Portuguezes  
 assustados das severidades com que os ameaçavaõ?  
 Não os ameaçavaõ somente, roubavaõ e matavaõ quan-  
 to podiaõ nelles, os selerados.*

*Não cessaraõ estes males com as medidas adoptadas?  
 Em grande parte.*

*Castigou-se algum pelos seus actos e opiniões politi-  
 cas, por maneira qualquer, desde a suspensão do Bruce,  
 mais que removelo, afim de S. M. I. lhe dar outro destino?*

*Não se castigou ninguem pelas opiniões poli-  
 ticas; nem pelos actos enormes de horrores crimes.*



São muito delicados e de immenso proveito á monarchia os decretos de amnistias que no rigor da palavra, a sua significação, he hum esquecimento ou perdão geral, sobre opiniões politicas; e este systema tem sido constantemente praticado pelas Nações civilisadas desde o tempo de Trasibulo Atheniense que foi o seu primeiro Author: mas não temos visto na historia das mesmas Nações, que o exercicio do Magestático direito se estendesse nunca a promulgar estas graças sem restrictas excepções da quelles crimes, que pela sua gravidade fazem inexoravel a Justiça. Em toda a qualidade de indultos, até sem excepção talvez da Turquia, em semelhantes casos, nunca deixão de ser exceptuados aquelles delictos cuja impunidade seria contra o serviço de Deos e contra o bem do Estado.

Em nosso 1.º N.º pag. 9 tínhamos nós já muito bem prevenido a resposta a esta pergunta do nosso Interrogante herbanario, ou botanico: nós dissemos—*Não nos dá elle (o Excellentiſſimo Marquez) idéa bem clara de possuir huma politica luminosa remettendo presos para a Côte tantos aggressores dignos de serem punidos no mesmo lugar aonde comettêraõ horroſos crimes? isto he incomprehensivel ao nosso conhecimento; mas não deixa de ser obra da Arte politica. Quando dissemos—isto he incomprehensivel ao nosso conhecimento: foi por vermos remetterem-se para a Corte, réos de tão horroſos crimes publicos comettidos com o maior escandalo, ficando a Fôrça á discripção das troíras, e os Illustrisſimos Desembargadores esgravatando os dentes; e as partes offendidas privadas de requererem a vingança da Justiça contra os horrificos e barbaros aggressores.*

Mas persuadidos então como agora estamos de que o Excellentiſſimo Marquez não podia errar naquella medida que elle adoptou, porque assim o entendeu segundo as circumſtancias talvez estreitas em que se achava a maquina politica do Imperio cujo movimento superior ao delicado maquinismo de hum relojo, e estranho ao nosso conhecimento, só compete ás pessoas que para essa importante tarefa são escolhidas pelo Augusto Imperante; eis porque então dissemos, e di-

mos hoje: isto he incomprehensivel ao nosso conhecimento; mas não deixa de ser obra da Arte politica. *Praticou o Excellentissimo Sr. Manoel Telles da Silva Lobo, ou qualquer das authoridades existentes, violencia ou injustiça contra a pessoa ou propriedade de qualquer Cidadão?* Não temos noticia disso, nem nos compete fiscalisal-o.

*Pode haver conducta mais vil do que a do Redactor do Censor em fazer zombaria do nome de Lobo, querendo insinuar que o Presidente interino se guida por hum espirito de rapina e ferocidade?*

Esta conclusão tão bem tirada dos principios que o nosso Interrogante estabeleceu, e que nós lhe concedemos, he humna divisa perfeita que nos dá evidentemente a conhecer que o nosso Interrogante he professo tambem no instituto dos Cavalheiros andantes litterarios, e dos que tem liberdade de rasão, como já dissemos em nosso n.<sup>o</sup> antecedente: e este então ainda de mais a mais he tambem feiiceiro, pois honrou-nos com nos fazer as perguntas, e sem esperar nossa resposta, porque advinhou que lhas haviamos de conceder tirou logo a conclusão servindo-se de humna apostrophe: pode haver conducta mais vil que a do Redactor do Censor! &c.

E não he isto possuir liberdade de rasão, o nosso Cavalheiro litterario andante? não ha cousa mais penosa entre os humanos do que viver no meio destes Cavalheiros: deve-se fugir delles como quem foge de hum toiro: he quando desejamos subir á Lua, como nos aconselha o nosso Amigo Argos, para nos livrarmos destes, e para ver se ha tem habitantes de outro genero.

Se o commun dos homens, só porque tem a vontade livre ainda não tendo liberdade de rasão, frequentemente são arrastados por suas paixões a desviar-se das regras do justo, e do injusto, a commetterem todos os crimes; se esta he a commun origem de todos os males moraes, que atormentaõ a especie humana, a que ponto crescerão elles se gozando a rasão tambem de liberdade os homens chegarem a não ter essa prisão de ver, e approvar o melhor, para os desviar de seus desordenados appetites!



Os remorsos vingadores das immoralidades não se-  
 ão jámais proveitosos para desviar a transgressão das  
 Leys da Natureza: a liberdade da rasão fazendo trans-  
 formar os crimes em virtudes tranquilisará os dias dos  
 mais detestaveis criminosos: ella fará com que seja fal-  
 sa a sentença de ~~Cícero~~, no Cap. 2.º in ~~Pison~~. *Sue*  
*quoque fraus, suum facinus, suum scelus, sua audacia da*  
*sanitate deturbat. Hæ sunt impiorum furia, hæ flamæ,*  
*hæ faces.* Orestes deixará de ser triste como ~~Horacio~~  
 o manda pintar na Art. Poet. = *Sic Medea ferox.....*  
*tristis Orestes.....* Myrra não apparecerá lacrimosa co-  
 mo a retracta Ovidio, mesmo depois de soccorrida pelos  
 Deuses com a sua metamorphose,

*Quæ quam quum amisit veteres cum corpore sensus*  
*Flet tamem: et tepido manant ex arbore guttæ*

Estes suaves insensos do arrependimento tributados  
 á virtude deixarão de existir; a liberdade da rasão lhe  
 subministrará a tranquillidade que disfrutão os innocen-  
 tes; e os crimes, colocados no throno das virtudes, go-  
 zaraão das honras que lhe são devidas. Que perversos  
 resultados os da liberdade da rasão!

Quando os nossos olhos cahem sobre huma arvo-  
 re, a nossa rasão não tem a liberdade para ver alli hum  
 homem em lugar della: quando os nossos olhos no-la  
 representaão como muito alta e vestida de muitas folhas,  
 a nossa rasão não tem a liberdade de no-la fazer perce-  
 ber como pequena, ou como hum thrõnco sêcco, e des-  
 pido: quando nós reflectindo sobre que pensamos de-  
 duzimos d'ahi o juizo da nossa existencia, a nossa ra-  
 são não tem a liberdade de nos fazer julgar que nós  
 não existimos.

Mas quando ha liberdade de rasão, estes objectos  
 produzem hum effeito inteiramente contrario: e assim  
 acontece aos professos no instituto da Cavallaria andan-  
 te; estes Cavalheiros, bem como o da Mancha, veem moi-  
 mos de vento, e a sua rasão, porque tem liberdade,

faz-lhe crer, que são gigantes incantados: veem duas nuvens de poeira de dois rebanhos de carneiros que caminhavão n'hum estrada, e elles accreditão que são dois grandes exercitos, hum do imperador ~~Anfanfaron~~ da Taprobana, e outro do rei dos ~~Garamantes~~; elles veem os Europeos nesta Cidade pacificos, e tão pacificos, e soffredores que nem se animarão a fazer alguma Representação ao Excellentissimo ~~Marquez~~ sobre os insultos, mortes, e roubos, que tem soffrido; e elles não cessão de os perseguir, e desaccreditar, e fazel-os suspeitos para com o Excellentissimo ~~Marquez~~, instando malevolamente a fazer-lhe crêr que os Europeos são inimigos do Imperador, e da Independencia: elles veem que os Europeos não desejão ser armados, nem pertendem empregos, e que aspirão somente pela tranquillidade geral para cuidarem livremente no exercicio de seus laboriosos negocios, e industria; e elles gritão=naõ se deve relevar que esta gente occupe os empregos civis, porque ninguem de bom grado a pôde ver, naõ se lhe deve deixar alevantar a grimpã, devemos aterral-os, que vaõ lá para o reininho atrevidinho, &c. &c==

Elles, porque hum cavallo, vindo lá do campo enramado, e, como dizem, que hum Europeo tivera a indiscripção ou desaforo de chamar-lhe=*independente*=, porque naõ ha outros factos dos Europeos contra a Independencia depois que ella de todo se acclamara (e como naõ estariaõ assoalhados se os houvesse!) elles, os Cavalleiros lançaõ logo mão desta frioleira, e generalisarão sobre os Europeos este horroroso attentado contra a Independencia. Grandes Cavalleiros andantes!

Da mesma forma o nosso ~~Interrogante~~, professo sem duvida no mesmo instituto; (e quem sabe se elle deu algum passeio no Jardim de ~~Epicuro~~) vendo que o Censor em seu N.º 3. fizera huma ligeira pintura do melindroso estado em que se acha a Provincia caminhando a passos largos para novo precipicio, e novo horror; e nesta dolorosa lembrança comparando a ferocidade e os horrores, da anarchia em que os perversos costumão arremegar as medonhas fauces, como ha pouco vimos, contra os enermes e pacificos Cidadãos; comparando p...



dolorozô estado com o Apôlogo de ~~Lobo~~, do ~~Lobo~~ e do ~~Cordeiro~~, que he o maior exemplo da ferocidade e da injustiça, e quando nós como quem estava na borda do précipicio (supondo a retirada do Excéllentissimo Marquez) levantamos a voz, como dando graças á Providencia pela suspiradissima chegada do nosso Presidente o Excellentissimo Barros, e dissemos em nosso N.º

3. como ainda hoje dizemos—*Eis o lucido remate que o Excellentissimo Marquez de Maranhão esperava para co-roar a importantissima obra que com tanta sabedoria havia edificado.* Quando nós isto acabamos de permunciar com aquella vehemencia que resulta do nosso zelo pelo bem da Patria, e da força da opiniaõ publica de todos os bens intencionados que são muitos e muitos que se identificaõ com os mesmos dezejões que manifestamos; eis que apparece o nosso Interrogante, tirando conclusões á moda do Argos, e diz por hum a postrophe: *Pote haver conducta mais vil do que a do Redactor do Censor em fazer zombaria do nome de Lobo, querendo insinuar que o Presidente interino se guia por um espirito de rapina e ferocidade!* Entaõ não he Cavalheiro andante litterario com liberdade de ração, o nosso Interrogador? e não mostra ser da mesma escola dos colaboradores das doutrinas do Argos? Quem nos dera na verdade sobir á Lua p'ra descangarinos um pouco, em quanto o Excellentissimo Barros não toma posse da Presidencia, ou em quanto o nosso Augusto Imperador não manda por ali o remedio tão preciso para curar as molestias dos nossos Cavalheiros, e de sua comitiva.

A accusação de ser republicano; allegada contra o Presidente interino, he a mesma que com tanta vileza fez o Sr. Miguel Ignacio dos Santos Breje e Bruce; (e continua todo o Artigo a respeito do Bruce) A isto, como, em quanto a nós, he invenção de sua cabeça, o Bruce que lhe responda.

A ponte o Redactor do Censor especificadamente mal algm existente, antes de exigir a prematura mudança daquelle Governo, que tantos males terminou, e do qual nada se emanado que não seja de proveito á provincia, e ao imperio em geral?

A terminação dos males desta Provincia não se deve roubar á gloria do Excellentissimo Marquez: e de nossas respostas antecedentes, se pode bem deduzir a resposta ao mais deste artigo; podendo asseverar-se, que he mal existente, pela funesta consequencia que se deve infalivelmente seguir, toda a marcha conformada com as doutrinas do Demostenes da Parnahiba, e do Algos, que vai seguindo a mesma rota; e o seu fructo, segundo as noticias que correm, já em diversas partes da Provincia se manifesta, pelo que praticaõ diversos emissarios de suissas rapadas.

E quanto á prematura mudança do Governo, só o julgamos assim debaixo da epothese, de que assim convenha ao bem do Imperio por systema muito delicado e politico do Excellentissimo Marquez, o que he estranho ao nosso conhecimento; porque de outra forma a prorogação da posse do Excellentissimo Barros seria hum ataque ás ordens do Imperador, ás leis existentes sobre esses assumptos, á Opinião publica (dos bons) que a dezeja impacientemente, e de mais, ao progresso do socego geral; pois este accontecimento inesperado, tem cauçado hum scisma na Provincia.

*Para continuar os nossos interrogatorios, perguntamos, se não costumavão antigamente os novos Capitães Generaes passar algum tempo com as authoridades precedentes, antes de entrarem no exercicio das suas funcções publicas, afim de adquirirem conhecimento competente do estado dos negocios?*

Esta pergunta he tão simples e fria como he o Planto aquatico. A posse ordinaria dos Capitães Generaes, não sendo posse de Governo de successão porque essa deve ser em continente como manda o Alvará de 12 de Dezembro de 1770, sempre se costumou executar no fim de tres dias, por lei; e ainda mesmo quando acontecia o successor ter maior porção de conhecimentos politicos ou militares que o succedido, nunca deixava aquelle de ter a politica de convidar a este; e este a bondade de assistir ao despacho alguns dias depois: e não podemos crer que o Excellentissimo Lobo deixasse de prestar com polidéz e generozidade os mesmos officios ao Excellentissimo Barros.



*Perguntamos se entre a tarde do Sabbado o dia 5, e a manhã da Segunda feira o dia 7 (supposto Domingo ser dia santo) he possivel que individuo algum se informasse tão inteiramente de negocios publicos, e especialmente do character e intenções de partidos lutadores, para qualificar-se a entrar de huma vez no desempenho do cargo de Presidente desta Provincia?*

Esta, ainda he mais simplória que a outra pergunta; e reportando-nos ás respostas antecedentes, temos a louvar-lhe somente, a original de nos explicar: o domingo ser dia santo: mas isto, se não he lapso de penna, he efeito do Alisma.

*Perguntamos se a Provincia tiraria beneficio algum das medidas que até o presente podia ter adoptado, ou de quaesquer ordens que podia ter expedido, hum Presidente empossando-se debaixo de taes circunstancias?*

Pelo quanto o Excellentissimo Barros he accreditado na Opinião publica (dos bem intencionados) pela ampla notoriedade de seus conhecimentos, prudencia, e virtudes, e desinteressado amor pela Patria e pelo Imperador; o resultado de suas medidas devia ser de grande beneficio, demorando-se o Excellentissimo Marquez em quanto não chegassem Tropas do Rio, que he o unico remedio que julgamos proprio para acabar de curar a endemica molestia que propaga na Provincia.

*Perguntamos se, suspenso o Bruce, e supposto que tal suspensão foi necessaria, a nomeação de Presidente interino, como lugar tenente, não devia continuar até á decisão de S. M. I.?*

O Excellentissimo Sr. Marquez do Maranhão como se vê em seu Officio de 25 de Dezembro de 1824 nomeou ao Excellentissimo Sr. Manoel Felles da Silva Lobo para vice-Presidente ou Presidente interino, e suspendeu da Presidencia ao Excellentissimo Bruce até á decisão Imperial, e S. M. I. tendo noticia das virtudes do Bruce antecipou-se a suspendel-o; despachan lo logo para Presidente desta Provincia ao Excellentissimo Pedro José da Costa Barros por Despacho de 1 de Dezembro de 1824, e dmittindo no mesmo dia das funções de Secretario ao Excellentissimo Sr. Lobo; eis-aqui

bem manifesta a decisaõ de S. M. I. que o nosso Interrogante interrogantemente nos interroga. *Do contrario não se julgaria o Presidente interino como subgeito ao poder pacificador, e não teria o povo justa rasão de se queixar da falta daquella auctoridade desembaraçada no Presidente, a qual he tão essencial ao devido exercicio das penções do seu cargo?*

Este artigo he verdadeiramente *alisma plantago*, mas está tão sêcco que não podemos conhecer se he aquatico, se he campõnez, se he amphibio: o que podemos afirmar he, que o povo não se queixa nunca dos meios, nem das formalidades quando consegue desfructar a ventura.

*Perguntamos se S. M. I. já expressou sua vontade sobre a nomeação do Presidente interino?* Ainda que os bons habitantes de Maranhão pareçam insensíveis á impostura, conservando em silencio suas observações, não comem tanto miolo de enxergão como lhe querem dar; por tanto, camarada, mande vir outras bulas.

*Perguntamos se já viu o Censor, ou outra, alguma pessoa nesta Provincia do Maranhão hum patente assignada por S. M. I. nomeando hum Presidentd a esta Provincia?* E ta pergunta pelo quanto tem de engenhosa parece feita por hum mentecapto do Seculo passado, muito conhecido em Lisboa, chamado *Manoel Coko*; pois sendo feita por sugeito que não goze o indulto da Ord. do L. 4 Tit. 104 deverá, sem remissaõ, ser processado por crime de blasfemo por querer insinuar que o Excellentissimo *Barros* he hum impostor.

*Perguntamos se, o Sr. Pedro José da Costa Barros, tem auctoridade alguma mais do que hum Carta especificadamente dirigida a Miguel Ignacio dos Santos Freire e Bruce; o qual se acha ausente, e ao qual por consequente a tal Carta não foi entregue?*

A Carta Imperial de que trata o nosso Interrogante, jamais podia ser escripta a Miguel Ignacio dos Santos Freire e Bruce se não em qualidade de Presidente, e Presidente ficou sendo no mesmo momento em que aquelle fora deposto, o Excellentissimo Sr. Manoel Telles da Silva Lobo; e por tanto, dois accessos de lou-



cura commetteu nesta pergunta o nosso Interrogante: fazendo nulla a auctoridade do Excellentissimo Lobo; e fazendo o Augusto Imperante (attribuindo-lhe huma correspondencia particular) muito amigo e camarada daquelle que merece o odiouniversal das gentes; e a quem hum Vate encoberto descobriu de seu nome o seguinte anagrama.==

*Literas quinas habet Nomen excerabile Bruce;  
Quibus si addas unam, inferus Ceribus crit.*

Perguntamos se o Sr. Manoel Telles da Silva Lobo Presidente interino, recebeu ordem ou auctoridade alguma de S. M. I. para entregar as redeas do Governo nas mãos do Sr. Pedro José da Costa Barros?

Esta pergunta he da mesma natureza da antecedente: o nosso Interrogante merece que se lhe faça por piedade hum exame de Medicos para ver se tem o juizo perfeito; se o tem, deve ser punido como perturbador, se o não tem, deve ser metido nas palhas.

Perguntamos se á vista destas circunstancias, não he melhor conselho e mais conveniente que fique o Presidente interino exercendo as funcções do Governo, até que S. M. I., inteirado de todos os eventos, e do presente estado de cousas nesta Provincia, se sirva nomear hum Presidente da maneira regular, e com as formalidades legais do costume.?

Bem sabemos que chapéo quer: que maneira mais regular, e que formalidades mais legais do que as que se observão no nomeação do Excellentissimo Sr. Barros para Presidente desta Provincia? Como se não indaga quem seja a pessoa do nosso Interrogador, para se requerer ao Excellentissimo Marquez que tire de entre nós este anarchista ou Brucista, ou Argos por elle, visto que insire em seu Periodico doutrinas subversivas semelhantes ás suas?

O ultimo Artigo das perguntas do nosso Alisma Plantago, por bastantê extenço, não merece lugar: ao mesmo tempo que elle he como hum resumo demonstrativo das frias incoherencias, e sinistras intenções que se

observaõ em todas as perguntas: delle mesmo se deduz hum elogio àquelle a quem o nosso interrogador se esforço banir-lhe a authoridade: pois dizendo, que nunca até o dia 5 de Fevereiro (que foi o dia da feliz chegada do Excellentissimo Barros) se tinhaõ visto em uso no Maranhão, tantos chapéus armados, calcões, meias de seda, fivelas de ouro, effloretes como nos 18 dias seguintes ao dito dia 5, e sendo isto alusivo às pessoas que vizitaraõ ao Excellentissimo Barros, não he mais que huma prova evidente do contentamento que os bons Cidadãos tiveraõ com aditoza chegada do Excellentissimo Sur. Barros, tendo ate ali os mesmos Cidadãos suffocado seu disgosto. E na verdade o Excellentissimo Sr. Barros geralmente tem a Opinião publica a seu favor, excepto do exercito Brucista que já hoje não vale nada; A deos Sñã. *Alisma Plantago!*

---

### ANUNCIO.



Quando já este N.º estava no prelo, recebemos huma correspondencia de pessoa que se assigna=Amigo da verdade=que se encaminha por via de nosso Jornal a rebater as calumnias arguidas pelo Epaminondas Americano (que parece o antipoda do Epaminondas Germano) contra o Illustrissimo Joze Felix Pereira de Burgos: nós havemos examinar esse documento; aseverando já que nenhuma couza nos poderá servir de tanto aprêgo como honrar nosso escrito publico com a Apologia de hum Brasileiro que conhecemos desde sua tenra idade, ser o exemplo da boa educação, da boa moral, e possuindo todas as virtudes que já mais o poderão riscar da lista dos benemeritos da Patria, por cujas qualidades resplandcentes tem sido victima do furor dos monstros do negro esquadrão Brucino. (X)



Foi reimpresso o N.º 1.º do Censor; e ácha-se á venda com todos os outros N.ºs, na botica do Padre Tezinho no Largo do Carmo.

---

A primeira folha deste N.º, não foi impressa nesta Typographia.

---

Maranhão na Typographia Nacional. Anno de 1825.

# CENSOR

N.º 6

*João Chatta*  
A Rome les desordres domestiques ou publics étoient reformés par les Censeurs.

Rollin.

QUINTA FEIRA 17 DE MARÇO DE 1825

## EDITAL

*Marquez do Maranhão, 1.º Almirante do Brazil, Grao Cruz da Ordem do Crozeiro, encarregado por Sua Magestade Imperial da pacificação das Provincias do Norte &c. &c. &c.*

*Lei da quinquena*  
COnstando que pessoas mal intencionadas tem proeu-  
rado semear a discórdia e descontentamento, por varios  
pretextos, a fim de promover os seus proprios interesses,  
ou os da particular facção a que pertencem; e constan-  
do que hum espirito inquieto de ~~in~~triga, ou desejo de  
governar induziraõ diversas pessoas a conspirar a fim de  
effectuar a prizaõ do Excellentissimo Sñr. ~~P~~residente in-  
terino, e derribar o Governo estabelecido; e cons-

*Sobre Lido*



tando igualmente que a referida ultrage e insulto a S. M. I. ( cuja decisão a respeito da nomeação do dito Presidente interino ainda não veio ) foram atalhadas pela chegada de huma força, hontem á noite, de bordo da Náo Pedro 1.<sup>o</sup>; e sendo necessario empregar as mais efficazes medidas, a fim de evitar a recorrencia desses males que tanto flagellaraõ esta Provincia. Em virtude do poder e auctoridade a mim concedidos para a restauração e manutenção de tranquillidade e boa ordem, cujos poderes taõ vantajosamente tem sido exercitados até agora, declaro estabelecida a Lei Militar dentro do perturbado Destricto da Ilha do Maranhão, até a chegada de Instruções de S. M. I.; ou até que o cego espirito de facção, não tendo em vista objecto algum racional que se possa alcançar, fique socegado. Maranhão em 10 de Março de 1825.==

*Cochrane e Maranhão.*

GUARDA EMBRA 17 DE MARÇO DE 1825

Confessamos, que a pezar da robusta coragem e vigor moral em que nos constitue a importancia da esplendida Causa que deffendemos, ficámos aterrados e cheios do maior espanto e admiração ao ver no dia 10 do corrente mes publicar-se ao som de caixas pelas ruas desta Cidade o assombrozo Edital do Exm.<sup>o</sup> Marquez do Maranhão, que asima transcripto fica:

Para hum accontecimento improvizo desta natureza não estavámos nós prevenidos: pois bem longe de chegarnos sequer ao pensamento a mais leve idea de que podesse alguém animar-se a perturbar a ordem publica taõ vantajosamente restabelecida pelas sabias medidas do Exm.<sup>o</sup> Marquez, o qual taõ delicadamente soube atalhar sem estrondo nem violencia os horrores da anarchia, e o tenebrozo progresso dos males que nos devoravaõ; pelo que com a mais ampla satisfação o temos por diversas vezes intitulado com admiração: o nosso Pacificador, o nosso adorado Anjo Libertador &c. &c. quando bem longe estavámos de cogitar em novos sobressaltos; quando por assim dizer dormiamos a sono solto, não jul-

gando já mais, que o genio do mal se atrevesse a levantar a negra mão para exercer as sacrilegas funções de seu avernal imperio em quanto pelo menos residisse entre nós o Exm.<sup>o</sup> Marquez cujo Nome somente, e cujo respeito estavamos persuadidos que era o antemural da nossa segurança e do nosso sosiego em quanto não chegassem as tropas suficientes que fizessem a garantia da segurança publica, e das Authoridades constituídas, para que depois o mesmo Exm.<sup>o</sup> Marquez se podesse então retirar com a Esquadra; quando nós, tornamos a dizer, nos julgavamos inteiramente izentos de novos sustos, e de nova perturbação, he quando de improvizo nos apparece o espantozo successo da publicação do Edital que a cabamos de mencionar e descrever.

Este repentino acto de profundo dissabor e amargura fas crescer a magua no coração dos desditados Cidadãos tanto mais por que, hum Edicto publico expressado amplamente pelo Exm.<sup>o</sup> Marquez o Pacificador das Provincias do Norte, vai manifestar ao Mundo inteiro que o nome dos habitantes do Destricto da Ilha de Maranhão he coberto da fea e horrenda nodoa ou infamia de tentarem huma conspiração, como diz o mesmo Edital, afim de prenderem o Exm.<sup>o</sup> Presidente interino, e derribar o Governo estabelecido; fazendo esta ultrage, e insulto a S. M. I. mesmo á face do Exm.<sup>o</sup> Marquez residindo ainda com a Esquadra junto a nós: quem poderá deixar em todo o Mundo de acreditar tão estranho envento publicado pelo Exm.<sup>o</sup> Marqenz com tanta decisão e aparato!

Nós somos ameaçados a toda ahora desde que principiamos a propagar nossa doutrina como de haver cometido algum crime pela liberdade e franqueza com que falamos; mas ainda mesmo que não confiasemos agora como seguramente confiamos na integridade e na justiça do sabio Marquez sobre o ser-nos licito como escriptor publico, ainda que o mais insufficiente, expender a nossa opiniaõ em favor do Povo a que pertencemos, sujeitando-nos á lei por qualquer abuzo que podessemos cometer, seria este o momento mais preciozo de fazermos o maior sacrificio de nossa pessoa não só pelo bem da Patria co-



ma por manifestar ao Mundo a injustiça atroz e repugnante, segundo o nosso pençar, da vil infamia com que desabridamente são manchados os Cidadaos do Maranhão desditoso e infeliz, infeliz e desditoso por implacavel lei do Fado!

Nós não faltaremos por qualquer forma ao respeito, nem intentamos combater a sabedoria dos procedimentos do Exm<sup>o</sup>. Marquez, nem a nossa ouzadia a tanto se poderia atrever: e sugueitamos á correccão qualquer desvio a que o nosso entusiasmo nos possa conduzir; mas fazendo as nossas observações segundo o juizo da opinião publica, e da razão e consciencia que nos guia, de tudo se poderá deduzir neste imprevisito acontecimento, a evidencia da innocencia, ou do crime, ou da impostura.

Depois da venturoza chegada a esta Provincia, do Exm<sup>o</sup>. Marquez que foi no memoravel dia 9 de Novembro do anno passado, suposto em nosso conceito o Nome somente do afamado Cochrane, quer repetido nos contornos da Provincia, quer estampado em qualquer proclamação ou escrito seria só isso bastante para terminar o combate dos partidos luctadores, para enfrear o crime conter a dezordem, e restaurar a tranquillidade, eo sossego aos perturbados habitantes, não deixou com tudo o sabio e vigilantissimo Marquez de meter em obra não menos os dictames da politica, que o delicado systema da tatica militar.

Desde suas primeiras proclamações annunciava elle, que estavaõ a chegar tropas de Pernambuco; e como esta noticia fosse bastante amargoza aos malvados perturbadores ou anarchistas, foise-lhes em porporção debilitando a força moral ou avernal; e recolhendo aomesmo tempo pretextozamente o sabio Marquez as armas e as munições; e apprehendendo casualmente aborde da Esquadra a divi-  
 zão do general Benedicto e outros beligerantes salteadores do exercito Brucino que se retiravaõ da façanha campanha com os despojos dos campos vacuns, e das victimas, alli depozeraõ tudo e as armas; e desta forma o astuto Marquez foi assim deslocando e abatendo os braços e as forças do monstro voraz até que deu com avil cater-  
 va em pantana sem pão nem pedra, nem o exercicio dos

terriveis canhoes, e fuzis.

Congratularao-se os habitantes, ao verem milagrosamente, ou como por encanto dissipado o cruel monstro da anarchia pelas sabias medidas do egrégio Marquez; mas como para dissipar tambem os receos de novos sustos e novas desgraças era preciso extirpar os seus promotores, o Exm<sup>o</sup>. Marquez sabiamente nomeou hum Conselho de investigação para dizignalos: em consequencia muitos foram presos e remetidos para a Corte; mas não sabemos porque fatalidade outros muitos que a opiniaõ publica designa mais criminozos escaparaõ da mesma deportaçã se ella para aquelles era coherente. Altos juizos de Deos!

O furibundo Bruce como cabeça originaria de todos os males, de todas as desgraças, de todos os actos sanguinarios, e como chefe implacavel do tenebrozo, e execrando Triunvirato extincto acompanhou para a Corte a bela cometiva de seus façanhozos creaturas e amigos, levando saudades dos que deixara, e bem arrependido de não praticar todas as maldades mais que pudéra: e de sua correspondencia com o Exm<sup>o</sup>. Marquez se observa, que elle podia poupar-se á incomoda viagem: e até haver obtido o agrado e agenerosa indulgencia do Governo, se elle como outros discipolos seus que sem duvida o excederaõ em politica, tivesse seguido como elles huma marcha mais delicada e polida: e por isso está visto que alem de ser mão aquelle *Kabulla* foi tambem hum pedaço d'asno não obstante ter a cabeça branca. Elle quiz conservar sem duvida até o extremo a firmeza de seu character sanguinario e cruel invejando talvez a gloria do seu modelo Danton quando respondeu no Tribunal revolucionario que elle mesmo criara = *Je Suis Danton, assez connu dans la revolution; ma demure sera bientot le néant, mais mon nom vivra dans le pantheon de l'histoire.*

Eu sou o furibundo Bruce, barbaro legislador e author das medidas Geraes, dos lustros, dos roubos, e das mortes, coalluvado da vil caterva que me adora: ainda que eu suba ao patibulo, o meu nome sendo tão conhecido na revolução do Maranhão viverá no pantheon da historia, e servirá de gloria eterna aos meus vindouros, e á



*Patria.*

Em todo o decurso destes acontecimentos, de que apenas damos hum piquena idea, mas que pelo seu espantoso estrondo em toda a parte se acredita que existiraõ nesta desgraçada Provincia factos horrorozos assim da marcha ordinaria das couzas humanas, he extraordinario, que a prudencia e sabedoria do Exm.<sup>o</sup> Marquez como habil Medico politico, curasse tantos males, e restabelecesse a ordem geral, e a tranquillidade sem que em toda a serie dos eventos uzasse de medidas fora do comum, nem suspendesse a marcha ordinaria da lei; fazendo-se por isso mais digno de que os habitantes do Maranhão, sabendo apreciar sua gloria, lhe erigissem estatuas, e immortalizassem o seu Nome combrilhantes insignias de pompozo triumpho.

He á vista destas considerações, que o memorando Edital do nosso assumpto fas hoje o pondorozo e justo motivo do nosso espanto e admiracão: pois vendo no mesino dizer-se: *estabelecida a Lei Militar dentro do perturbado Districto da Ilha de Maranhão*; não podemos conceber como exista neste continente hum cazo superior a os estupendos successos passados tão horriavel e perigozo que obrigasse o sabio Marquez a suspender as regras ordinarias dos Artigos da Constituiçãõ, como intendemos, para estabelecer a perigozissima e assustadora Authoridade de Lei Militar.

Estavamos persuadidos que este arbitro só competia ao Legislador; pois a Constituiçãõ no Artigo 179 parrafo 35. só permite exceções no Cazo de rebeliaõ, ou invazaõ de inimigos; e que o Governo so poderá exercer essa medida temporaria achando-se a Patria em perigo imminente.

Esta urgente medida infunde o maior terror se he que a devemos comparar com a Dictadura do tempo dos Romanos: supunhasse ella tão odioza pelo quanto he perigozissima, que nas ocaziões estreitas da salvacão da Patria—em que se nomeava hum Dictador: sendo Partio o primeiro nomeado, elle foi investido do poder do Dictatorio por entre o silencio e as sombras da noite: e continuou sempre o mesmo costume, segundo nos ensi-

na ~~Tito Livio~~. livro 8. Capt. 23. = *nam neque facile fuisse id vitium nosci, quum consul oriens nocte silentio diceret dictatorem*. E no livro 9 Capt. 38. = *nocte deinde silentio ( ut mos est ) L. Papirium dictatorem dixit*. alem de outros muitos exemplos mais: isto, para se inculcar, que só ás escondidas, he que se pode expôr huma Nação aos perigos de similhante Magistratura.

Em nossos dias nos ~~insina~~ tambem o genio profundo do Sabio Inglez ~~Jeremias Bentham~~, que só nos cazos da Salvação da Patria he que se podem exceder as regras ordinarias da Lei = *Salus populi suprema lex esto*. mas que isto mesmó deve ser exercitado de baixo das regras restrictas; que elle mesmo nos ensina. E para que os nossos leitores não julguem que de todo andamos de cór, ou que somos unicamente rabiscadores de papel como o elogio que nos fas o sapientissimozissimo Argos, e porque nos tenhaõ visto dedicados a outros cuidados desconheçaõ nossos, ainda que tenues, principios literarios, nós tresladaremos as palavras do mesmo grande Jurisconsulto Inglez ~~Bentham~~, do tomo 2.º das suas obras paginas 286. da edição de Pariz de 1802.

Trata no lugar citado o sublime e Illustre Inglez ~~Bentham~~ dos meios que ha para justificar na Sociedade Civil, os males ou incomodos cauzados a alguns Cida-  
daos pela suspenção das regras ordinarias da Lei: diz pois que o segundo destes meios he = *a repulsa de hum mal maior*: e a este respeito acrescenta = *He este o cazo em que se fas hum mal para previnir outro maior*: he a este meio de justificação, a que se attribuem os ultimos recursos, de que se pode lançar mão nas molestias contagiozas, nos assedios, nas fomes, nas tempestades, naufragios. *salus populi suprema lex est*. Porem tanto mais grave he hum remedio desta natureza, quanto mais he preciso, que seja evidente a necessidade do seu uzo. Amaxima da saude publica tem servido de pretexto a todos os crimes. Para que este meio de justificação seja a dimissivel; he neccessario provar tres pontos essenciaes. 1.º *Acer- teza do mal, que se quer desviar*. 2.º *A falta absoluta de outro algum meio*. 3.º *A eficacia infalivel daquelle, que se emprega*. Nesta maxima he a onde se poderia hir buscar



a justificação para matar os tiranos, se o tiranicidio podesse justificar-se em cazo algum, mas isto não he possível. A Grecia gabou os seus ~~Timolioens~~, mas pode ver-se nas Convulções perpetuas, q̃a agitação, como a doutrina do ~~Ti-~~ranicidio prehenche mal o seu fim. Ella serve somente para irritar hum tirano suspeito, e para o fazer tanto mais feroz, quanto elle he mais cobarde. Succede acaso errar o golpe? As ~~vinganças~~ são horriveis. A certou-se elle? Em hum Estado popular as facções neste momento reassumem toda a sua violencia, o partido vencedor fas todo o mal, que elle podia temer.....

A penetração de ~~Sylla~~ descobre, segundo se diz, mais do que hum ~~Cesar~~ em hum mancebo voluptuoso, celebre somente pelos seus deboches. Elle vê esconder ofogo da mais ardente ambição com a moleza dos costumes mais effeminados, e não encontra nestes prazeres dissolutos senão hum véo, para esconder o projecto de cativar a sua Patria. Accazo ~~Sylla~~ em virtude desta suspeita seria auctorizado para fazer matar a Cesar? Pois a hum assassino para se justificar seria bastante declarar-se elle profeta! Um impostor, em nome do Ceo, pertendendo ler nos corações, poderia sacrificar todos os seus inimigos por crimes futuros! Com pretexto de evitar hum mal se faria o maior de todos elles, aniquilarse-hia a segurança geral.

Obsevamos que a materia do respeitado Edital do Exm.<sup>o</sup> ~~Marquez~~ em que asenta o urgente motivo de estabelecer-se a Lei Militar; he a Suspeita de que existe huma conspiração, que pertendia prender o Exm.<sup>o</sup> Presidente interino, e derribar o Governo estabelecido: supondo a existencia de tão horroroso projecto, he isso hum attentado innaudito, ultrage, e insulto feito a S. M. I.; e he ataque directo ao respeito, e á Pessoa do Exm.<sup>o</sup> ~~Marquez~~, e á Esquadra; e he hum crime digno de castigo exemplar: porem expenderemos a esse respeito a nossa opiniaõ, sem que ella prejudique a marcha dos negocios politicos, nem o Systema do Governo, como o plano de Pacificação, em que não he licito nem dado involver-nos, nem he esse o nosso genio, e conducta.

O nosso limitado juizo, e curtas ideas nos sugerem, que huma conspiração no estado actual para prender o Exm.<sup>o</sup> Presidente interino, e derribar o Governo, não podia existir senão no entendimento de quem estivesse inteiramente louco, ou do contrario ser isso arteficio da maldade e calumnia de quem pertendesse sacrificar victimas innocentes ao sórdido interesse de seus fins depravados.

Atacar, e prender o Exm.<sup>o</sup> Presidente interino, e derribar o Governo estabelecido, era atacar, ultrajar, e escarnecer ao Exm.<sup>o</sup> Lord primeiro Almirante do Imperio, e fazer zombaria da Esquadra; e estas ideas e procedimentos são inteiramente incompatíveis com o genio, probidade, e conducta dos bons e honrados habitantes desta Cidade e Provincia, aquelles principalmente que ha demaziado empenho desacreditar no conceito do Exm.<sup>o</sup> Marquez.

Taes ideas, delirios, e insolências contra o Exm.<sup>o</sup> Marquez, antes, e de pois de sua chegada bem claro se manifestavaõ somente nos democratas suspeitos, e nos demagogos e sectarios do partido Brucino, e são estes unicamente os que podem conseber e fulminar projectos infernaes: e quantos destes escaparaõ da deportação, a quem a opiniaõ publica, e talves a justiça designa criminozos achao-se hoje em tranquillo sosego gozando indultos, e alta protecção de fresca sombra: elles tomaraõ novo alento, e se encherão de insolente ouzadia desde a hora em que o Exm.<sup>o</sup> Marquez publicou o Bando de Amnistia de 5 de Frv<sup>o</sup>; e he notavel, que fosse publicado, no momento em que dava fundo neste Porto a Charrua em que vinha o Exm.<sup>o</sup> Sñr. Pedro Joze da Costa Barros, o que o Publico não tomou logo em bom agouro.

Dizemos, que prender o Exm.<sup>o</sup> Presidente interino, e derribar o Governo estabelecido era o mesmo que atacar e ultrajar o Exm.<sup>o</sup> Lord, porque, alem de todos conhecerem o demaziado conceito em que o Exm.<sup>o</sup> Marquez tem ao Exm.<sup>o</sup> Lobo, ninguem ignora, que, em quanto não chegarem tropas que fação a garantia do Governo, o Exm.<sup>o</sup> Marquez e mesmo somente o seu Nome he o escudo e a segurança deste, e de outro qualquer que fos-

R



se a Pessoa investida no Governo: e até mesmo o antecessor do rei que as ranspediraõ a Jupiter, colocado naquelle lugar, faria sem duvida o mesmo efeito; suposta a prezença eo Nome do Exm<sup>o</sup>. Marquez: e senão vejasse: existia huma feia conspiraçãõ; chegou o Exm<sup>o</sup>. Marquez de noite de bordo da Esquadra com a força armada; tudo estava a dormir; conseguiu-se a victoria; e ainda não sabemos aonde foi o lugar do combate: e se o Exm<sup>o</sup>. Marquez desembarcasse só, mesmo sem vir acompanhado da força armada, podemos aseverar, que accontecia tudo da mesma maneira.

Dizemos por tanto, que huma tal conspiraçãõ não podia no estado actual ser consebida ou projectada por quem tivesse juizo commum, e que só poderia ser obra da vil calumnia, ou infernal Discordia deusa imperante neste desgraçado continente; e tanto conhecemos a immensa força de seu implacavel imperio, que foi com esses receos que em nosso N<sup>o</sup>. 1<sup>o</sup>. pagina 10 introduzimos a *Opinião publica* como interluctora no dialogo, falando desta maneira = *Agora estou satisfeita; e vou cuidar em que, das minhas vozes o ecco retumbe, para que o magnanimo Marquez tenha cuidado, cuidado em quem o cerque, para que essa turbulenta, feroz, e invejosa Deusa não se jacte, que venceu em terra o Heroe dos Mares.*

Nem de outra forma já mais se poderia efectuar tão arrojada e sacrilega manobra sem a cooperaçãõ da tropa; e consistindo esta presentemente no corpo de Policia, e no Batalhaõ de caçadores de linha, he tal a confiança que merecem dos bons Cidadãos os dois illustres Officiaes que comandaõ os ditos Corpos, que não se pode crêr que elles já mais se afastassem do cumprimento das restrictas Ordens do seu General: alem deque, estes mesmos dois Comandantes tem pôsto na melhor subordinação que lhes tem sido possivel os soldados dos seus comandos fazendo escõlha dos bons, e inviando os máos para a Esquadra por a probaçãõ do Exm<sup>o</sup>. Marquez.

Na opiniãõ publica fazem-se geralmente dignos de ocupar a lista dos benemeritos da Patria os nomes destes dois illustres Brasileiros natos O Illm<sup>o</sup>. Joze Beneditrio de Abreu Tenente Coronel Comandante do Corpo

de Policia, e o Illm.<sup>o</sup> ~~João Raimundo Carneiro Junqueira~~ Manjor Comandante do Batalhão de Caçadores de linha.

Estes dois Officiaes, não sem receo de offender a sua modestia, não podemos deixar de entoar o seu merecimento, mas não somos nós que lhe fazemos o elogio, he a expressão geral dos bons Cidadãos que os contemplam como dois militares exemplos da honra pela brioza conducta e firme caracter em sua Carreira militar, e pelo denodo com que se comportarão, principalmente o illustre ~~Junqueira~~, no meio das desordens passadas na defeza dos direitos do Imperador e do Imperio, por cujo motivo forão victimas da perseguição, e das mais atrozes injurias contra elles arremecadas pelo barbaro impulso dos desatinados perversos. Em seu zelo e fedelidade pela segurança publica afoitamente confia o bom povo do Maranhão, e he do amor do mesmo povo que elles se fazem dignos credores.

Incapazes como elles são, pela sua honra e patriotismo, de convirem, nem por pensamentos, para hum accaõ criminoza, e sacrilega qual fôsse hum conSPIRAÇÃO contra o Governo estabelecido; como poderia alguem, sem tropa, sem armas, sem muniçoens, sem algum apoio, e com o Exm.<sup>o</sup> ~~Lord~~ á vista com a força da Esquadra, e os destemidos Marinheiros, arojar-se a cometer hum dilicto tão execrando como seja hum ConSPIRAÇÃO para prender e derribar o Governo? e ser isto o motivo de o Exm.<sup>o</sup> ~~Marquez~~ estabelecer sobre a Destricto da Ilha do Maranhão a Lei Militar! Desditozo Maranhão!

Quando loucos emprehendessem similhante delirio, o seu frenetico arrojo se precipitaria antes do primeiro passo: e nesse caso bastariaõ somente as regras ordinarias da Lei para castigar sua estravagante e louca temeridade.

A' vista pois das razões ponderadas, ainda que tãscamente expendidas sem os preceitos da arte, e por falta de luzes do nosso engenho, dezejariamos ser convencidos da firme persuassão em que estamos de que o movimento dos presentes accontecimentos he fundado unicamente na existencia de hum ~~suspeita~~ de conSPIRAÇÃO



contra o Governo ( não avançamos se bem ou mal fundada ) e debaixo da hypothese deste principio. expendemos, como por ideas geraes, as nossas reflexões.

He dolorozo trazermos á memoria o tristissimo assumpto que em todos os Governos revolucionarios ou despoticos he o instrumento ordinario da perseguição, do roubo, da vingança, da ambição, em fim da tyrania: e como estas maldades sejam praticadas ordinariamente contra a innocencia, heprecizo inventar pretextos especiozos, e estes não podem ser outros que as suspeitas daquelles crimes que se querem imputar ás pessoas que lhes couvem.

Montesquieu falando de Tiberio diz no Cap. 14. *Decadenc. des Romains.* = *que havendo huma lei de Magestde que castigava os que cometiaõ algum attentado contra o Povo Romano, aquelle Imperador se aproveitara della, applicando-a não aos cazos para que fôra feita, mas a tudo, o que pedia a sua vingança, e as suas desconfianças ou suspeitas. Não era só as acçoens, que se vindicavaõ á sombra desta lei, mas as palavras, os gestos, e os pensamentos, porque estas aberturas do coração produzidas pela comverssa entre dois amigos não podem ser consideradas senão como pensamentos. Desapareceu desde logo a liberdade nas festas, a confiança nos parentes, a fidelidade nos escravos. A amizade foi olhada como hum precipicio, a ingenuidade como huma imprudencia, e a virtude como huma affectação. Não ha maior tyrania do que aquella que se exercicta á sombra das leis. Como não houve ja mais hum tirano a que faltassem os instrumentos da sua tyrania, Tiberio encontrou juizes promptos para condenar todos aquelles dequem elle suspeitava.*

São estas as expressoens do Author do Espirito das leis falando de Tiberio: e em Suetonio, e Tacito vemos a sua historia cheia de provas em abono deste quadro.

Appareciaõ nos Juizos criminaes accuzações totalmente novas e desconhecidas. Cremucio foi condemnado á morte por fazer huns annaes em que louvava a M. Bruto, e chamava a Cassio o ultimo dos Romanos: e Tacito diz a esse respeito no livro 4. Cap. 34. = *no-vo ei tunc primo auditò crimine.*

A historia da Revolução Franceza no tempo em

que dominavaõ os Jacobinos está cheia de scenas de horror, de sangue, e de injustiça, e todas ellas sustentadas na jurisprudencia contra ~~suspeitos~~: asim mesmo elles quizerão dar hum rosto plauzivel á barbaridade: nos mesmos tempos revolucionarios em que a proveitavaõ todos os meios de perder os seus rivaes, lembraraõ-se de fazer hum Codigo que definisse o que eraõ ~~suspeitos~~: M. ~~Martin~~ de ~~Bouay~~ foi o seu Redactor, elle o apresentou a Convenção no dia 17 de Setembro de 1793. que o aprovou sem opposição alguma.

20 Os ~~curiozõs~~, não sendo daquelles, que inviaõ ao Redactor do Argos exoticas cartas cheias de gafeira, e outras que se dirigem a insultos pessoas, bem como huma inserida em seu N.º 20, e assignada por = Hum seu Patricio: que principia = Como pode interessar ao Publico a pintura do caracter de certo ~~Empregado publico~~; &c. &c. Ora como poderá interessar ao publico huma carta que se encaminha a ultrajar hum ~~Magistrado~~ integerrimo e respeitavel por sua proba conducta e virtudes bem conhecidas do mesmo publico, e que merece ou possui tanto a aura popolar, que até acaba de ser feito ~~Eleitor~~ com geral aplauso de todas as pessoas de bem; e que a mais subirá o seu contentamento se o virem eleito ~~Deputado~~, o que nada será incompativel com seu distincto merecimento? Como o dito ~~Ministro~~ he ~~Ouvidor Geral~~ do ~~prime~~, e he muito honrado e direito na justiça, isso fas a rripiar o cabelo a quem tem mazelas profundas. A referida carta pela ferrenha acrimonia parece hum Récipe de algum ~~Doutor~~ destes que debaixo de rizonho semblante encobrem hum curaçãõ tão ferino que dezejaõ de sangue frio inviar a tumba pelo menos sete oitavos do genero humano transatelan-tico; e corresponde a dita carta a sete duzias de coices com ferraduras de rompaõ administrados sobre o peito debilitado de algum incauto passageiro por algum quadrupe de indomito e arisco.

Os ~~curiozõs~~ pois que não forem invenenados ~~per-turbadores~~ e ~~anarchistas~~ desta natureza que saõ todos aquelles que chamaraõ ao ~~Censor~~ escrito incendiario, poderãõ ver estas memorias concernentes a ~~suspeitos~~,



a a suspeitas sobre que falamos, nos = *Essais Historiques de la Revolution de France*, por Beaulieu tomo 5. aonde se acha tambem hum suplemento ao mesmo Código por Chaumette Procurador dos Comuns de Pariz.

Nestes documentos se acha hum modelo de perseguições, de crueldades, e de injustiças: nelles se ve que ninguem pode estar livre de ser sacrificado por quem se acha com o poder na mão, adoptada semelhante jurisprudencia contra suspeitos, na qual huns são suspeitos porque falaõ, e outros porque se calaõ.

Milhares de exemplos de horriveis scenas a cada passo nos mostra a historia, quer antiga quer moderna, de inumeras victimas sacrificadas ao furor dos genios barbaros, que tendo Mando sobre os outros homens fundão os seus actos arbitrarios, injustos, e violentos sobre suspeitas a fim de melhor encobrirem o arteficio de suas ferocidades e injusticias; contando tambem com a ignorancia do povo aquem nem sempre a luz da razão descobre as couzas como ellas são na realidade; e principalmente quando intibiado com demonstraçoens estrondozas de terror =

*Tantum terroribus adidit*

*Quos timeant non nosse Deos.*

*Diz lucano: libro 3.*

Perderiamos o juizo se nós engolfassemos sem bus-sula no vasto mar das suspeitas, sendo até huma materia que entre os ~~escritores~~ publicos passa ja em proverbio. Pode ver-se a este respeito a opiniaõ dos ~~Redactores~~ do Investigador Portuquez em Londres, tocante aos procedimentos politicos contra suspeitos, ou a titulo de suspeitas. Escrevem elles em seu N.º 17 pagina 162. o seguinte =  
*Receberão-se noticias de Buenos Ayres, até 20 de Agosto: sabe-se que debaixo de pretexto de conspiraçoes (a que os abominaveis Governos revolucionarios recorrem quando precizaõ de dinheiro, ou se querem desfazer de pessoas, que pela sua conducta, e virtudes são huma reprehensao constante, e viva daquelles mesmos Governos) forão alli mandados arcabuzear muitos Hespanhoes Europeos. Este parentesis dos referidos Jornalistas, em que elles generali-*

sando as suas ideas expõem os seus sentimentos relativamente aos procedimentos politicos contra suspeitos, e por cauza de suspeitas, cobertos com o pretexto de conspiraçoes, he conforme á nossa opiniaõ sobre o assumpto que nos temos proposto elucidar; e debaxo da mesma hypothese.

Mas não permitindo o nosso genio sermos exaltados, de qualquer maneira, em nossas opinioens, e não sendo por isso tão rigorozos para com os Governos como os referidos Jornalistas do *Investigador*, a inda não attribuindo nós semelhantes procedimentos por *suspeitas, e contra suspeitos com o pretexto de conspiraçoes*, ás causas de perversidade a que elles as attribuem respeito ao Governo de Buenos Ayres, ainda assim mesmo reputamos inhabitavel e inhospito qualquer paiz, em que se seguir semelhante politica: porque em quanto aos Cidadãos, os seus incomodos, perigos, e sustos não tem nada com os motivos por que obraõ os Governos.

Ou o Governo obre de boa fé, ou de má fé, ou seja pelos motivos que alegaõ os *Investigadores*, ou seja simplesmente por méro efeito de suspeitas, ou sonhos, por dar accesso puerilmente á intriga de alguns malevolos impostores, ou por motivos quaesquer particulares de maior delicadeza, nada disso tem relação alguma com os governados: dahi o q se segue he, que se o Governo obra pelos motivos que referem os ditos *Investigadores*, o seu procedimento será muito mais reprehensivel e perverso, do que obrando simplesmente, e de boa fé por motivos de zelo fundado em meras suspeitas, mas isso he indifferente para a desgraça dos povos.

A maior ventura que o povo na ordem da Sociedade pode possuir he julgar-se seguro e tranquilo á sombra da lei do Estado sem que tema outra couza alguma; mas quando essa mesma lei está sujeita a ser suspendido o seu sagrado efeito por arbitrio de quem governa, seja qual for o motivo dos que a sima alegado temos, he a mesma e igualmente terrivel a sorte dos povos governados.

E he á vista destas cosideraçoes que se poderá ajuizar qual seja o pézo, o xexame, o susto, que os habitantes do Destricto da Ilha do Maranhão estaõ hoje



mudamente soffrendo com o estabelecimento da lei Militar que o Exm<sup>o</sup> Marquez de Maranhão Lord Cochranne foi servido lançar-lhe sôbre o cachaço no fatal dia 10 do corrente mes de Março de 1825.

Com mais razão deveremos referir outros exemplos da mesma natureza que nos tócaõ de mais perto: a Celebre setembrizada do Governo de Lisboa em 1810, em que foraõ deportados para as Ilhas quarenta e tantas pessoas respeitaveis tudo por meras suspeitas: e a inda até hoje os promotores de taõ injusto despotismo não poderaõ justificar-se da vil acção de seu barbaro procidimento.

Naõ fique sem o reproche que lhe compete a jusa-na arbitrariedade e descoco inaudito da Junta do Governo desta Cidade notempo da Constituição de Portugal na desacizada resulução que tomou em deportar 300 ou 400 <sup>300/4</sup> pessoas para aquelle Reino por suspeitas de que eraõ independentes, ou que pertendiaõ unir-se a elles, isto sem mais do que o Governo assim o suspeitar: até certo ponto deveria o Governo conservar asua dignidade na lucta; mas quando se viu a opiniaõ publica manifestar-se na maxima parte dos habitantes a favor da Independencia, devia tambem o Governo ceder com dignidade, terse-hião evitado grandes males: mas nunca por suspeitas praticar actos arbitrarios, salvo nos tres pontos, e nas circumstancias e pela forma que descreve Jeremy Bentham.

No Triunvirato Maranhense da lamentoza época do alcoraõ Brucino descobrimos nós delicados Mestres ou inventores de suspeitas, da primeira ordem: e tanto mais se nos fãas dolorosa esta memoria quando nos lembramos que fomos espectadores e victimas da barbaridade desses menstros que possuindo as qualidades mais indignas assumiraõ o Governo por meio de hum resultado de maquinações e sobornos por elles mesmos fabricadas.

*Em outro N.º continuaremos a mesma materia.*

MARANHÃO

Typografia Melladiana de D. G. de Mello Anno de 1825.

107/123

O

# CENSOR

N.º 7

*A Rome les desordres domestiques ou publics étoient reformes par les Censeurs.*  
Rollin.

QUINTA FEIRA 24 DE MARÇO DE 1825

*Por cruél antipathia,  
Suór nos deu no topete  
Quando escrever quizemos  
O nosso Numero Sete.*

Bem receavamos chegar a este Numero temendo encontrar algum embaraço pela objecção presága que nos fas o numero de Sete segundo a materia que haviamos tratado no principio de nosso N.º 5.º debaixo deste titulo; não sabendo qual das sete cousas pasmosas, alli nomeadas, encontrariamos pela prôa; porem nos lembrou rebater o primeiro susto invocando os sete dons do Espirito Santo; *initium sapientie est timor Domini*; e presto conseguimos vencer este barranco medonho; ultrapassamos com efeito os nóvos Pyrinêos; fazendo mais que Xerxes no passo de Thermopylas defendido por Leonidas Rei da Macedonia.

S



*Continuação da materia de nosso N.º antecedente pagina  
105 sobre suspeitos, ou suspeitas, suspeitados, ou  
suspeitozos =*

O orgulho, o interesse, a ambição, a raiva he quem os derigia; e para dar exercicio a estes lethâes elementos do seu genio, e remunerar á vil caterva aquem devião os cãrgos em resultado das subornadas eleições, era preciso consintir-lhe e até promover o roubo e apersêguição contra os pacientes europeos que são sempre os q pagão as favas: para tão vil projecto, com apparencias de justiça, e mostrar hum pretextto plauzivel, meteraõ em obra a jurisprudencia de Banton sobre vizitas domiciliares, não perdendo de vista a original e optima favorita ou exótica invenção das **MEDIDAS GERAES**; e para tão negro fim lançaraõ mão do abundante e pródigo meio das suspeitas.

Elles suspeitavaõ conspiraçoes contra o Governo, suspeitavaõ depozitos de 40 contos na mão do Coelho a favor dos facciosos, suspeitavaõ Esquadras vindas de Portugal, armas escondidas &c. ea este respeito he curioza a tremendissima portaria de 13 de Janeiro de 1824. em que mandaraõ dar busca de armas e muniçoens nas cazas dos europeos, diziaõ = *que a opiniaõ publica declara mais suspeitos de quererem matar todos os Brasileiros sem escapar hum só vivo.* E feita a busca com toda a individuação acháraõ unicamente vento, por que vento era o que elles tinhaõ na cabeça, e maldade refinada no coração: e assim accothesse atodos os que fundao os seus procedimentos politicos ou criminaes unicamente em meras suspeitas.

Esta execranda operação que foi calculada para se executar de noite assim de melhor dar ázos ao roubo, não consintiu nisso o Governador das Armas Rodrigo Luiz Salgado, por que com effeito não os acompanhou nessa qualidade, nem em outras patifarias igoaes; sendo por isso que mereceu a indignação de seus colegas no Triunvi-

rato furioso; elle mandou dar a busca de dia, e foi indistinctamente nas cazas de brasileiros e europeos, e nada appareceu do que se procurava.

Este passo, suposto inutilizado, foi o preludio de outros actos barbaros e nunca vistos com que estes tyrannos derao ao Mundo hum exemplo novo de ferocidade: forao os dois tremendissimos Editaes de 1. e 2. de Abril de 1824, em que, fundados em suspeitas, mandaraõ preferivelmente sahir da Provincia a todos os Europeos solteiros: isto poder-se-ha crer! abaixo transcrevemos, para perpetua memoria, estes dois monstroozos documentos da inhospita conducta e genio sedento dos mais deslucados e barbaros monstros da humanidade,

### PRIMEIRO EDITAL

*A Junta Provisoria e Administrativa do Governo desta Provincia fas saber: que tendo-se deliberado no Conselho Militar que se fes perante adita Junta no dia 29 do passado, que sejaõ dispersos pelos diferentes Districtos desta mesma Provincia, quando antes o naõ possa ser detoda ella os Europeos principalmente os solteiros que naõ tem estabelecimento algum; e querendo a mesma Junta pôr em sosego os animos dos habitantes desta Cidade sobresaltados com a noticia espalhada pelos ditos europeos, esperançados em que esta Provincia seja subjugada ao Governo Portuguez acha esta Junta que he do seu dever fazer quanto antes executar adita deliberação: E por isso determina, que os Europeos solteiros que naõ forem proprietarios de bens de raiz, saiaõ irremissivelmente desta Provincia no prazo de 8 dias contados da data desta requerendo seos passaportes que se lhe daraõ gratuitamente, pena deque asim o naõ cumprindo seraõ prezos e expulsados da Provincia. E para que chegue ao conhecimento detodos se mandou publicar o prezente a toque de caixas pelas ruas publicas desta Cidade, afixados nos lugares do costume, o qual vai assignado pelos Membros desta Junta, e selado com o selo das Armas Nacionais e Imperiaes. Maranhão Palacio do Governo. 1.º de Abril de 1824. 3.º da Independencia e do Imperio.*

*Miguel Ignacio Santos Freire e Bruce, Presidente.*



*Luiz Maria da Luz e Sá.**Joze Lopes de Lemos, Secretario.***SEGUNDO EDITAL**

*A Junta Provizoria e Administrativa do Governo desta Provincia, tendo mandado pelo Edital publicado no dia de hontem, que para sossego desta Provincia he conveniente que della sahiao todos os Europeos solteiros, que não fossem proprietarios, vesse nas circumstancias de declarar, a instancias do mesmo Povo, que esta medida comprehende indistinctamente a todo o europeu solteiro, seja ou não proprietario, que deve sahir desta Cidade impreterivelmente no prazo de 15 dias, e os que vivem fora della no prazo de hum mes contado da data deste, pena de serem prezos e remetidos para fora da Provincia. E para que chegue a noticia de todos será este publicado ao som de caixas, e delle se remeterão copias aos Comandantes dos Districtos. Maranhão Palacio do Governo 2 de Abril de 1824 3.º da Independencia edo Imperio.*

*Miguel Ignacio dos Santos Freire Bruce. Prizidente.**Luiz Maria da Luz e Sá.**Joze Lopes de Lemos, Secretario.*

Estes dois espantozos documentos inimitaveis mostram que seus façanhoszinhos authores excedem na maldade a tudo quanto se pode chamar destruidor e perseguidor da humanidade. Os tyranos de Roma destruião e perseguiaão mas procuravaão disfarçar a sua tyrania á sombra das leis dando-lhe o sintido que lhe convinha, e procedendo somente contra aquellas pessoas de quem suspeitavaão, como diz Montesquieu, que seus procedimentos ou conducta podesse excitar nos Povos a lembrança dos tempos felizes porque tinhaão passado.

Na Revolução da França os tyranos perseguiaão e destruião, mas não sem a cerimonia do Codigo de Mortim de Duvay, e Chaumette que definia os suspeitos, e classificava as suspeitas, e era isto no meio do choque

das facçoens mais violentas que entaõ dominavaõ em Pa-  
riz, e quando dois partidos formidaveis pertendiaõ des-  
truir hum a o outro: cometiao-se violencias e crueldades,  
mas era isso feito debaixo de formalidade que ao menos  
inculcava apparencia da observancia das leis. O Conselho  
dos Quinhentos nomeou huma commissaõ para consultar  
as medidas que exigiaõ as circumstancias: e M. de Boulaes  
hum dos commissionados, sendo quem fes o relatorio ao  
Conselho, depois de lhe dizer = *que as circumstancias e-  
raõ extraordinarias, e que compria nellas obrar prompta e  
vigorosamente, a crescenta: que se deveria proclamar pri-  
meiramente a grande verdade, capaz de tranquilizar todos  
os espiritos, a saber, que o triunfo dos Republicanos naõ  
seria manchado de sangue; que as porpriedades e as pessoas  
tudo seria respeitado, que naõ se trataria de castigos, mas  
sim da saude publica, que os agentes da conspiraçãõ esta-  
vaõ prezos ( supunhase huma conspiraçãõ Real ) que era  
precizo tiralos do corpo legislativo, e do exercicio das auc-  
toridades constituídas, e que era precizo deportar os que pa-  
reciaõ mais perigozos; que a deportaçãõ deveria ser dalli  
em diante o grande meio da salvaçãõ para a cauza publica,  
e que convinha impor aquella pena atodos os inimigos irre-  
conciliaveis da Republica: que esta medida era decretada  
pela politica, auctorizada pela justiça, e aprovada pela hu-  
manidade; que era necessario tomar este partido, ou alias  
rezolver-se a viver sempre em guerra, e a devoraremse huns  
aos outros, e que as formas lentas, e puramente judiciarias  
naõ poderiaõ ter lugar contra conspiradores reconhecidos.*

O resultado desta informaçãõ foi decretar-se a de-  
portaçãõ de sessenta e tantas pessoas, que sahiraõ das  
prizoens do Templo em huns carros de quatro rodas com  
varoens de ferro a maneira de gaiolas, que foraõ condu-  
zidas a Rocheforte, e dalli embarcados para Guyana.

Asim obravaõ os tyranos da Franca no tempo da  
Revolucaõ: elles eraõ injustos, mas asim mesmo procu-  
ravaõ cobrir as suas injustiças com as formulas para mos-  
trarem que naõ tinhaõ a sua vontade por unica lei: e de-  
mais, estes actos eraõ decretados porquem exercia os di-  
reitos soberanos, e que podia revogar as leis; e naõ por  
hum Governo subalterno como o nosso Triunvirato exe-



erando, que por isso dizemos, que estes tyranos derao ao Mundo hum exemplo novo de ferocidade e avidéz, que excede a tudo quanto se pode chamar destruidor e perseguidor da humanidade

Elles, postos no seu Trono, e lembrados dos principios da escória, davao exercicio ao gume de sua arbitrariedade, e do seu genio destruidor e groceiro, até sobre os corpos inanimados: distantes da probidade e da arte da politica, e trato civil em espaço infinito, o odio e asede da vingança erao a sua guia, e caracteristica: elles mandárao cortar e estrangular as arvores e flores do bello Passeio do Largo de Palacio, hum arvoredo frondoso, etaõ util em huma praça de hum paiz ardente, tudo para saciar a raiva e odio que nutriaõ contra o General Silveira, que com tanto esmêro havia mandado fazer aquella plantaçaõ utillissima; e só lhes faltou mandar revolver e destruir as calcadas e os assentos publicos que o mesmo General mandara construir, fazendo esta Cidade tranzitavel e linda.

Os tyranos da França revestidos do poder soberano, para deportarem secenta e tantas pessoas fizeraõ esse acto de baixo das apparencias da justiça, e contra aquelles que já estavaõ prezos como reconhecidos conspiradores; porêm o nosso Triunvirato não sendo Soberano mas com sacrilega audacia uzurpando esse poder, não quiz lá saber dessas formalidades: *quero, e mando*: bastava apparecer, por exemplo huma Carta apócrifia, ou verdadeira de algum rebotado portuguez tido na opiniaõ publica pelo exemplo do desprezo e da vileza, tanto na alma como na figura, isso bastava; saõ certas as nossas suspeitas, diziaõ: não se deportem somente secenta, nem se clasifique quem saõ os conspiradores, se os há: sejaõ deportados no prazo de quinze dias todos os europeos solteiros sejaõ ou não proprietarios. Cá se lhetomará conta dos bens, podem hir descançados; não importa sermos hum governo subalterno; não importa lá os decretos do Imperador que recomendaõ e ordenaõ a igualdade dos direitos dos Cidadaos, a uniaõ, a tolerancia, a concordia, a hospitalidade; o Imperador está longe, e nós aqui somos legisladores, podemos mandar sahir os

Cidadãos sem processo para fora da Provincia ou do Imperio, e tudo o mais que nos parecer; demos-lhe com as *imperiozas circumstancias*, e *medidas geraes*; e se ellas gorarem, dar-lhe-hemos com a *Sugeita*; e assim encheremos nossas medidas, em quanto não chegar o chicóte que nós merecemos para nós tirar as cocegas doombo.

Asim se comportarão aquelles que donada sobiraõ a excelentissimos governadores desta Provincia desgraçada, *sic voluere Diu!* asim oquiz o Fado! e foi isto, sem duvida o efeito do defeito das eleicoens, cujo methodo deu ocaziaõ aos maquinadores distribuirem maços e maços de listas de chapa, que asim se devem considerar milhares e milhares dellas feitas porhum só punho; recahindo por esta forma as eleicoens sobre pessoas desterradas de probidade, talentos, e virtudes, qualidades essenciaes para quem deve ser colocado no ministerio do Governo: e supoto nessa ocaziaõ, bem por acazo foraõ eleitos alguns Membros de merecimento, pois infinitos Braileiros tem muito dignos de taes empregos, estes, por serem menor numero no Governo não poderaõ, a pesar de seu grande esforço, suplantar e conter a furia de seus indignos colegas; e viraõ-se obrigados a largar o campo ao imperio da maldade sem que podessem remediar a desgraça em que viaõ a Provincia hia subverter-se.

Se nos tornar-mos a lembrar da maleza dos monstros do *Triunvirato*, não parecerá paradoxo quando dizemos, que elles, na redacção dos dois arripiantes Editaes excedem na maldade a tudo quanto he destruidor e preseguidor da humanidade, se tambem tornarmos a comparar a triste consequencia dos mesmos Editaes com os males cauzados pelos actos dos Tyranos de Roma, e da França; estes disignavaõ e classificavaõ os suspeitos conspiradores, e proclamavaõ, que o seu triunfo não seria manchado de sangue, e que as propriedades e as pessoas tudo seria respeitado, isto alim de tranquilizar os espiritos: porem cá os nossos monstros são de diversa ordem e qualidade; a natureza não poderá produzir outros phenomenos iguaes: elles despencaõ codigos, despencaõ for-



malidades, elles vencem o *imposivel metaphisico* dos filozofos, ordenão que os europeos possam votar e não ser votados, que he o mesmo que o *= simulesse et non esse*: atropelaõ os Decretos do Imperador; elles nem affectaõ aomepos tranquilizar; elles, cheios de humor sanguinario só se recreaõ em atemorizar e sobresaltar os espiritos, e as familias inteiras: elles consentem os tumultos sediciozos, os lustros roubos, e as mortes, pois não se viu nunca hum só acto do Triunvirato que desaprobasse semelhantes procedimentos, antes eraõ premeados os seus directores: elles classificaõ de suspeitos a todos os Europeos solteiros, os quaes se podem calcular em muitos mil, contendo nesta classe os maiores Negociantes, Proprietarios, e capitalistas, enlaçadas as cazas de muitos nos contratos da Fazenda Nacional, bens de Orfãos, Ausentes &c. e não he provavel nem concebivel que no infinito numero de taes Cidadãos todos fossem suspeitos de conspiração ainda que o sonhado projecto existisse; e não entrasse nelle algum Europeo por ser cazado.

Elles não ignoravaõ porem o que faziaõ: duas couzas ponderozas levavaõ em vista estes furibundos semideuses da vil caterva; huma dellas era por fora os ditos europeus de chõfre para que não podessem liquidar nem levar seus bens, que sobre os quaes cá lhe cahiria a furioza turba como lobos a cordeiros: a segunda, era esse o melhor modo de extinguir para o futuro a semente refinada e propagadora dos indignos pussas abjecta progenie, para que as Patricias perdessem por huma ves a louca mania de os admitir mais em casamento. Na *Bá-hia*, já as *Sénhóras* não querem mais *Cázár* cos *erópéos*.

Para melhor elucidar a profunda materia do nosso assumpto sobre suspeitas ou suspeitos, achamos conveniente copear hum periodo a semelhante respeito eruditissimamente tratado pelo insigne, e sempre respeitado, e grande jurisconsulto do nosso Seculo, o Doutor Vicente ~~Jozé~~ ~~Verreira~~ ~~Cardozo~~ da ~~Gosta~~, natural da Bahia e residente na Ilha de S. Miguel. Depois de muitos e delicadissimos rasgos desua inimitavel pena sobre esta materia, em huma de suas obras immortaes diz elle =

Se quizermos considerar filosoficamente, o que são suspeitas, e consequentemente o que são suspeitos, havemos de concluir, que nem aquellas, nem estes passam da classe dos sonhos, os quaes estão unicamente na fantezia de quem sonha. E depois de nos convencermos disto, será facil de intender a razão, porque os procedimentos contra suspeitos só entrão na jurisprudencia, e na politica dos-cavalheiros errantes, ou dos malvados.

Quid est autem suspicio, escreve Arnobio, lib. 2 Advers. genti. pag. 78. nisi opinatio rerum incerta, et in nil expositum jaculatio mentis illata. Ergo qui suspicatur, non tenet, nec in lumine positus cognitionis incedit. „ He hum raciocinio incerto, e huma operaçãõ do intendmento, que não recae sobre cousa alguma; e por tanto he huma cousa que não pode ser baze nem para procedimento criminaes, nem para procedimentos politicos, porque nem o criminalista nem o politico são condusidos no exercicio das suas profissões pela mão do nada; elles ambos caminhaõ sempre atras de cousas, que existem.

As suspeitas estão unicamente naquelles, que suspeitaõ. Tambem o ensina elegantemente Plauto. Trinum. Act.

1. Scena. 2. =

Suspicio est in pectore alieno sita.

Nam nunc ego si te surripuisse suspicer

Jovi coronam de capite, e capitolio,

Quod in culmine astat summo: si id non feceris,

At que id tamen mihi lubeat suspicariet,

Qui tu id prohibere me potes, ne suspicer?

E se as suspeitas existem naquelles, que suspeitaõ, como podem racionavelmente servir-lhe de motivo para elles obrarem relativamente aos outros, ou seja criminal, ou politicamente? Pois haverá algum Medico tão louco, que tendo elle huma dor de cabeça queira por isso hir dar remedios aos outros? As suspeitas do Medico politico existem nelle; porque elle he quem suspeita, e em ves de se curar asi, que he o doente, hade hir aplicar remedios aos outros nos quaes não está adoença! viu-se hum delirio Medico semelhante a este! Desgraçados homens, que estiverem debai-

T



ço do seu poder! Como o medico sendo o infermo, não trata do seu curativo, e em ves de cuidar nelle, porque está doente, quer receitar aos outros, elle continuará a estar sempre doente, e não cessará nunca de aplicar remedios, aos que estão em perfeita saude, e que não carecem delles! Elle suspeita, e errando na sua Clinica, cuida curar a enfermidade deportando os Antonios, ou Pedros; como a doença não estava nestes, mas no Medico, continua a aflegillo, e elle recorre a outra das mesmas receitas, deportando os Agostinhos; fica no mesmo estado infermo, em que se achava, porque tambem nestes não estava a molestia, e recorre a deportar os Dionisios, os Manoeis, enfim o genero humano; e o resultado será ficar o Medico desta escola sosinho no meio do universo, e ainda assim com a mesma sua doença, porque tratou sempre de curar os outros, sendo elle o infermo.....

Todo aquelle mal vem dos Medicos Politicos ignorarem ( ou fingirem ignorar ) a arte Medica, que os devia dirigir nas suas operaçoens: não estudaram a Pathologia mental, nem a Dinamica espirital, e por isso nem sabem, o que são suspeitas, nem os agentes, que há na natureza para as destruir; e não tendo aprendido os outros ramos da Medicina Politica, erram na capitulação da doença de maneira que applicão os remedios á parte sã do Corpo Politico, deixando sem cura aquella, que estava doente. &c.

Sem que faltemos por qualquer forma ao respeito devido ao Exm.º Lord Marquez de Maranhão, e em conformidade da franqueza, imparcialidade, e verdade que professámos desempenhar na róta que nos propozemos seguir abem da Sociedade civil e do Imperio, não podemos deixar de dizer, que huma scena semilhate ao quadro que acabamos de referir no periodo do artigo antecedente delineado pelo sapientissimo Doutor Vicente José Ferreira Casadozo da Costa, acaba de offerecer-se á nossa especção e do Mundo, na deportação assombroza feita pelo Exm.º Señor Marquez de Maranhão, ao Exm.º Señor Pedro José da Costa Barros, Presidente de direito desta Provincia, e precedida a dita deportação pela inesperada denegação da posse da Presidencia, com espanto dos cordatos, e dos bem intencionados.

Quando nos lembramos da hypothese do sonho em que consideramos a conspiração, deque se indica ser promovedor o Exm.º Señr. Pedro José da Costa Barros, e que motivou o estabelecimento da lei Militar sobre o Districto da Ilha de Maranhão, isto a par das virtudes, e relevantes qualidades que condecoraõ ao mesmo Exm.º Señr. Barros, devemos forçozamente crêr, que o Exm.º Lord, nesta medida extraordinaria, viu-se obrigado, sem duvida, a sacrificar huma victima, ou mais se preciso fôsse, em desempenho de algum dos mysterios do Gabinete, daquelles que compõem o jogo politico do Mynisterio, cujas maximas costumaõ ser impenetraveis ao conhecimento do Publico: pois de outra forma he inteiramente inconcebivel ao juizo humano, como deixa-se de se dar posse, como fosse deportado violentamente para fóra da Província, o Exm.º Barros, que merece a confiança e predilecção do Imperador, que merece a confiança, e o amor de todos os bons, e honrados habitantes do Brasil, e com especialidade dos desta Província, que nelle esperavaõ ( e esperaõ se o Diabo sahira de trás da porta, como se costuma dizer ) ver o remate da importante obra que o Exm.º Marquez com tanta sabedoria havia edificado, como já em nosso N. 3. paginas 39, haviamos publicado. E he manifestamente conhecido, que só a canalha, e todos os mal intencionados, e os Synedristas sabios Mestres dos occultos planos que todos sabem, são unicamente os que não dezejaõ ver impossado no Governo ao mesmo Exm.º Barros como o Augusto Imperador o havia decretado, e era sua especial e Imperial vontade: e são elles, e são elles, e ciudado nelles! os inimigos implacaveis dos Barros, dos Martins, dos Rosos, e dos Burgos; e até do virtuozo Bispo do Pará.

Não podemos crêr, tornamos a dizelo, que á vista das ponderadas circumstancias, o Exm.º Marquez deixasse de dar posse ao Exm.º Barros, e depois o deportasse da Província, não sendo de algum pezo, como intendemos, os motivos manifestados; sem hum outro motivo occulto, estranho ao nosso conhecimento, e convenientissimo á consolidação do Imperio, debaixo do sys-



tema delicado dos arcanos do Gabinete como asima temos dito; pois do contrario, o Exm.<sup>o</sup> Marquez, com este procedimento teria dado huma lição, e hum exemplo funesto aos perversos, e força ingente aos elementos da ~~ellocracia~~ no mesmo passo emque elle proclamará extirpar esta mesma péste destruidora da Sociedade Civil; porque, os ~~anarchistas~~ costumados a exercer os subversivos, impios, e rebelantes áctos de ultrajar, e calcar aos pes os Decretos do Imperante, insultar as Auctoridades constituidas, depôr os Governos feitos e mandados pelo Imperador, como fizeraõ ao Exm.<sup>o</sup> ~~Joze Felis Pereira de Burgos~~, e aclamar outros a seu arbitrio, estes o ellocrátas diriaõ agora = Temos feito muito bem; não queremos cá os Governadores ou Prsidentes, nem os mais Empregados, que o Imperador nos quizer mandar; queremos só os que forem do nosso agrado, e gosto: e isto mesmo he conforme ás nossas MEDIDAS GERAES. o Imperador está longe; o Lord fes o mesmo ao Barros, tratou-o de résto não obstante vir despachado, e mandado pelo Imperador; nós, devemos fazer o mesmo daqui em diante, devemos seguir o seu exemplo; em quanto o pão vai e vem folgaõ as costas; a politica do Bruce he óptima; ella vai laborando; devemos seguila, e o diabo leve paixoes! e se a Provincia se tornar a revolver, e que o Lord aqui volte com a Esquadra a socegar a desordem, o Erario e os Europeos o pagaraõ; e nós o mais que nos pode accontecer he hirmos fazer huma viagem ao Rio de Janeiro; e o Imperador logo nos tornará a mandar para nossas cazas, ásim como fes oa Conego do Pará: isto não tem duvida.

Se quizermos por outro lado encarar o memoravel procedimento da deportação do Exm.<sup>o</sup> Barros, a não ser pelo motivo que asima mencionamos, a nós desconhecido, filho do Gabinete; e seguindo o nosso juizo de baixo da mesma hypothese em que trazemos nosso discurso, não achamos, por mais que se volvaõ e revolveõ os elementos da logica, rasoens que nos induzaõ a crêr, nem ao menos suspeitar, que o Exm.<sup>o</sup> Barros se constituisse chefe de huma conspiração para derribar o Governo, a pezar do direito que lhe aestia de sua investidura na posse do mesmo Governo.

O Exm.<sup>o</sup> Señr. ~~Pedro~~ <sup>Pedro</sup> José da Costa Barros, entre Bar  
 as distinctas qualidades que na opinião publica das pes-  
 soas de bem de todo o Brasil, e do Augusto Imperador  
 o representaõ famigerado Varaõ, e benemerito da Pa-  
 tria; he huma das mais brilhantes, o ser elle despido dos  
voluveis attractivos da Ambicaõ avara, famélica, e sober-  
ba, qualidade dominante de muitos génios que hoje em  
dia manda a móda, que andem entupindo e inquietando  
o Mundo.

No Ceará, e em toda a parte que o mesmo Exm.<sup>o</sup> Ceará  
 Barros tem apparecido, tem elle dado provas não equi-  
 vocas do seu patriotismo, fidelidade, e desinteresse, e  
 do quanto se esmera em promover a paz e aconcordia,  
 e poupar o sangue dos Cidadãos, a troco dos seus maiores sa-  
 crafícios: observando-se em toda a marchá de sua hones-  
 ta e brioza conducta, e comuns sentimentos, como he  
 amplamente manifesto, que elle tem sempre menos as-  
 pirado ao poderio de governar, que ao dezejo deser bem  
 governado, fazendo-se por isso mesmo mais digno de al-  
 tos e eminentes Cargos, ainda que muito embora a nos-  
 sa turbulenta, feroz, e invejoza Deusa tutelar, com elle  
 se mostrasse taõ imbirrada e pertinaz, pois como diz  
 Camoens: —

*Melhor he merecel-los sem os ter,  
 Que possui-los sem as merecer.*

Olhando a sua conducta e sentimentos patrioticos,  
 e interesse pelo bem da Patria, e todas as mais insignes  
 qualidades que o condecóráõ; como temos dito; tanto  
 o não julgamos disposto a promover huma conspiraçã a  
 fim de assumir o governo, que antes o consideramos se-  
 milliante ao grande Pompeo quando, pertendendo as hou-  
 ras do primeiro Triunfo, e sendo-lhe contestado por al-  
 guns Cidadãos e Senadores Romanos por não ter sido Con-  
 sul nem Pretor como era costume, e levantando-se no seu  
 Exercito hum tumulto a seu favor para obrigarem Roma  
 a conceder-lhe aquella sua pertençaõ, elle se opôs, re-  
 primindo os seus soldados, e fazendo-os entrar na ordem  
 e em seus deveres, querendo antes perder a honra do



**Triunfo** que pertendia, do que adular, e consintir hum alborôto dos soldados contra quem em Roma exercia a Publica Auctoridade.

O Imperador Otho ainda fes mais, elle fes punir rigorosamente dois individuos, que forão julgados principaes motores de humã sedicão levantada no seu exercito, mesmo em seu serviço e a seu favor; e elle com dignidade reprehendeu os soldados severamente com as palavras que refere **Cornelio Tacito**. — *Vos quidem estis, pro me, sed in discursu, et tenebris et rerum omnium confusione patefieri occasio etiam adversus me potest.* lib. 1.<sup>o</sup> Cap. 84. Tradução: vosso zelo a meu favor, disse o Monarcha, he na verdade quem vos fes obrar, mas entre os alborôtos, as trevas, e a confuzaõ poderá tambem apparecer alguma occasiaõ que seja contra mim.

Taes eraõ os sentimentos, e o nobre humor destes grandes homens, renunciando todo o preço de gloria obtida por meios ilicitos; posto que hum se via á frente de seu exercito formidavel, e outro se considerava já sem esperanças de suplantar a seu rival **Vitêlio**: mas assim mesmo, e mesmo dando-se á morte em 37 annos de sua idade, conservou taõ alta generosidade, eos bellos sentimentos das nobres qualidades com que já antes, sendo Governador de Portugal, se fizera amar e estimar dos grandes e dos pequenos, que até nos ultimos momentos da vida conservou para com os outros taõ dócil flegma e taõ generozas attenções, que, **Grevier**, o compara com **Catão**.

As circumstancias podem mudar a fortuna dos homens, mas naõ os sentimentos, e as qualidades da alma quando elles saõ virtuosos, e benemeritos.

E tal he o amplo conceito que o Exm.<sup>o</sup> Sr. **Pedro Joze da Costa Barros** merece de todos os Cidadãos Brasileiros bem intencionados, aquelles que tem sincêra adhesaõ e amor ao Imperador, ao Imperio, á Independencia, á uniaõ, e concordia, á tranquillidade geral da sociedade; e inimizade, e aversaõ ao egoismo, e a impostura.

Mas do numero de quem possue, e dezeja professar aquellas mimózas qualidades vemos, que pertinaz, e apostolicamente por si mesmo se exceptua o impávido **Argos** e sua cometiva; pois figurando prégar a desuniaõ, e a incomunicaçaõ com Portugal, empenho em que nós

Otho e Vitellius não era contra a Independência  
 e Catão e Grevier não era contra a Independência

tambem de boamente o ajudariamos, e nos convem em quanto formalmente não reconhecerem a Independencia; elle, não procura outro assumpto, e está agarrado e asanhado como gato a bófes, e he a sua gana principal, pregar, não tanto contra os Portuguezes que lá estão em Portugal, ( parece que destes menos fructo espera colher ) ou contra os toleiroens que não se querem enganar, que o Brasil não poderá já mais deixar de ser independente, a Geografia e a Natureza o dizem, e a razaõ o pede; ~~mas~~ fervendo-lhe o azinabrado sangue nas veias não fas mais que fulminar a discordia, e pregar a intolerancia, e a desigualdade de direitos entre os Cidaaos que são as partes legitimas e componentes da maça e populaçaõ do Imperio.

Elle não préga tanto, tornamos a dizer, contra os Portuguezes transatelanticos, elle somente se mostra encanjinado ás descancras contra os Portuguezes, ou ex Portuguezes, Arabios, Japozezes, ou Persios ou como elle lhe queira chamar, são questuens de nome: ( não perece aquelle Moço que fazia sonetos cheios de moral, e de humanidade antes de hir para Cuimbra: pernicioza Coimbra! funesto Jardim de Epicuro! não te illudas ó Cáro Frederico Magno! ) elle somente préga sim, e desembasta com seu queijado, como Campino da Alhandra ou da Chamúsca, ás cegas contra aquelles europeos portuguezes que já são de direito e de facto Cidaaos Brasileiros, e que estão na posse, ou dezejaõ estar, de seus bens, e propriedades, e que tem de residencia no Paiz sinco, des, vinte, trinta, quarenta, sincoenta, e mais annos; porem o virulento Argos quer e manda, que estes Cidaaos sejam passivos, que só por seu obezequio, e graça gozem alguma protecçaõ, mas que não sejam a quinhoados na Constituiçaõ com igualdade de direitos: e grita, blasfõzna, racha, despedaça, e qual o sempre respeitado, e insigne Cavalheiro Herõ da Mancha enrista a infesta e sanguinõza lingua ou lança contra os distinctos Martins, preclaros Ante-brucistas, e mais Brasileiros benemeritos, prudentes, e judiciozõs que se propoem seguir a mesma discrecta e acertada marcha.



A onde está este Tribunal da liberdade da Imprensa? aonde as leis? aonde o Promotor do Juizo que não accuza já este energumeno perturbador da Sociedade Civil? Que fala em Soberania do Povo n'hum lugar aonde o Povo padece febre de ollocracia, e que semelhante aforismo ou desaforismo em ves de o curar lhe agrava a molestia? Este literato perturbador e ante-Social, que diz em seu N.º 17, que o Imperador só tem legitimidade de direito ao Imperio, não por ser filho do Senhor D. João 6.º, nem por ser do antigo Tronco da Casa de Bragança, mas sim porque elle Argos, e os seus Amigos lhe fizeraõ esse favor ( mas não os Brasileiros honrados, e de bem, que não dizem tal ) elle diz no mesmo N.º 17 = *O Imperador é hum soberano conforme á lei, por que os Brsileiros assim o queremos, e o devemos querer. &c.* Daqui se pode inferir, que o Argos e os seus Amigos, em vendo que o Imperador não anda a seu geito ( pois vemos que nenhuma cousa boa lhes agrada ) pode-lhes dar na cabeça, assim como fizeraõ esse obsequio ao Senhor Dom Pedro de Alcantara de lhe darem a Coroa, tirár-lha tambem quando lhe parecer, e darem-na a algum dos netinhos do Bruce, ou a quem mais lhes agradar. Pode haver hum arrojo e audacia semelhante!!

Sem questionar-mos sobre os principios filozoficos em que o Argos quer fundar as suas ideas, seguindo os seus Publicistas, que trataõ do direito de legitimidade, nem alegarmos muitos Autores de grande nota que combatem essas mesmas doutrinas perniciosissimas ao bem do Povo, satisfazemonos por agora em combater os arrojados rasgos de sua politica infantil falta de reflexaõ, madureza, e conselho: e porque nós esperavamos estas creanças, por isso lhe haviamos aconselhado as duas viagens filozofica e politica, e por indulgencia nove annos de meditaçaõ, quando de necessidade deveriaõ ser 25. Estas doutrinas são boas unicamente para o Argos, se sahir Deputado, as expender no sagrado Templo das Cortes, se as suas abobedas poderem sopórtar os seus alkalinos vapores; e não para pregalas desta sorte no meio de hum Povo que ainda labóra no exercicio assidu-o dos sumptoozsos cimentos da sua emancipaçaõ; hum Povo, que pro

Assim dizer, vivo ainda febreccitante e perplexo pelos baldos dos perturbadores, e pelo influxo pernicioso dos Demostenes politicos da moda *Sugeital*: hum Povo que só lhe conven ser creador, e não imitador, porque o seu edificio pôde ser superior a tudo quanto há na Terra: e por tanto deve applicarse-lhe o mantimento que possa degerir o estomago, e não concorer indiscretamente para indigestoens politicas. Rousseau, falando do Povo, diz no liv. 2.º Capit. 8 do Contrato social = Assim como o architecto, antes de erguer alterozo edificio, observa e sonda o *Qad*, e examina se pode sustentar o pezo; assim o sabio instituilor não principia a formar boas leis em si mesmas, senão depois de ter observado se o povo a quem elle as destina, he capaz de as soportar. Por esse motivo recuzou Platao dar leis aos Arcadios, e aos Cyrenios sabendo que esses dois povos erao ricos, e não podia soffrer a igualdade: por essa razão se virao em Creta boas leis, e máos homens, porque Minos disciplinou hum povo carregado de vicios.

Assim vemos o Argos; mas he ás avéças do sentido genuino das lições que lê nos seus Publicistas, e desterrado do methodo de as applicar como elles ensinão: elle em vez de instruir, dirigir, e animar o povo a seguir a brilhante carreira da união e concordia, que o deve fazer o primeiro Povo do Mundo em grandeza e esplendor debaixo dos auspicios e poder do Principe que a Providencia nos enviou como Senhor legitimo do Auri-fero Brasil; e até louvar o Perturbador da Europa que concorreu para a primeira Magestade que, atravessando o Atlantico, veio ao novo Mundo trazer-nos aventura; e admirar tão grande beneficio ao Brasil como dádiva do Ceo; elle faz somente por divergir as ideas do Povo, meio, funesto e adequado tão-somente a destruir e enervar o progresso do pompozo Monumento.

Que felizes não seriao as Provincias da America Hespanhola, que sangue, que horrozas desgraças não teriao pompado; se no principio de sua emancipação politica tivessem em sen seio hum Principe de sangue legitimo Erdeiro do Trono, assim como teve o Brasil? A sua desesperação e desgraça não as teria levado ao



excesso de aclamarem no México hum Imperador de entre os Cidadãos.

O Argos levanta louvores empháticos em seu N.º 23 ao protentozo exito da Independencia de Columbia, mas não declara se os seus louvores se dirigem unicamente á Independencia se ao Systema Democrático. Os preceitos da Pathologia, e Dinamica nos ensinão a fazer o competente juizo de sua marcha insidioza; mas como nós combatemos a jurisprudencia das susseitas, não queremos cahir no erro de suspeitozo, e nos satisfazemos, que o tempo mostrará o fructo das boas ou más intencões de cada hum. No em tanto a nossa voz he esta: o Brasil possui hum Imperador legitimo por todos os Titulos; á excção de hum pequeno numero de democrátas de espirito inquieto, eda vil caterva que aspira fazer fortuna lançando as unhas aos bens alheios, todos os mais Cidadãos Brasileiros natos, e inatos por tal o reconhecem, o adoraõ, e amão: e muito embora os Demostenes da módã se cancem com subtilezas, e botem os bófes pela boca fora: nós lhe respondemos com o Donato de Nicoláo Tolentino

*Thomas dos pos fez Missões;*

*Ajuntou gente infinita;*

*Mas ainda em negros vergões*

*Traz nos artelhos escrita*

*A paga dos seus Sermões.*

Restanos agora dizer, que quando tambem o Argos, no exercicio de suas cravanadas, em seus N.ºs comita impropérios, e desprepositos inauditos contra o Exm. Sr. Pedro Joze da Costa Barros, depois que o apanhou da qui para fora, parece nos, que o estamos vendo, revestido de seu genio cruento e feroz, no seu alto Tribunal despedaçar victimas, debaixo do Nome que elle se disputou em seu N.º primeiro.

Como este N.º eo antecedente, ficasse demorada a sua impressão por os inconvenientes da Typografia, nelles adicionámos algumas cousas subseqüentes.

Maranhão Typografia Melandiana de D. G. de Mello 1826

# CENSOR

MARANHENSE.

N.º 8

*A Rome les desordres domestiques ou publiques étoient reformés par les Censeurs.*

Rollin.

24. 3 -  
QUINTA FEIRA 29 DE DEZEMBRO DE 1825.

*Auri sacra fames, quid non mortalia pectora cogis!*

## MANIFESTO

Da mais barbara violencia, inaudito e atroz procedimento praticado pelo Presidente interino da Provincia do Maranhão Manoel Telles da Silva Lobo, á face e por consentimento e aprovação de Lord Cochrane Marquez do Maranhão, denominado Pacificador das Provincias do Norte do Brazil contra um Cidadão publico de regular e justificada conduta da mesma Provincia.

João Antonio Garcia d'Abranches natural de Portugal, e residente por espaço de 30 annos na Provincia



do Maranhão, aonde, além de proprietario, exerceo sempre a nobre e util proffissão do Comercio e Agricultura, foi a triste e innocente victima do furor de dois monstros com figura humana, complices ambos de horrozosos attentados, cujo exemplo, sendo raro até entre os mesmos barbaros, he um documento assaz ponderoso para serem considerados como Réos de Leza Humanidade, perturbadores da ordem e socego publico, e dignos seus nomes execrandos de serem riscados da lista de Cidadãos em Paizes livres e civilizados.

Lord Cochrane sedento e insaciavel ouro-xuga, e o voraz e esfaimado Lobo Presidente interino do Maranhão, são os monstros de quem falamos e vamos desmascarar á face do Mundo inteiro, tanto para vergonha da especie humana, como para que na prezente e futura idade se saiba que taes individuos apenas tem de homens o nome e a figura.

Lord Cochrane, este afamado Heroé dos Mares do Sul da America, teria sem duvida ennobrecido os Fastos da sua Historia, e grangeado um nome immortal em sua carreira militar e politica, se a sagrada fome do ouro, que o devora, o não precipitara do cume de gloria, a que seus illustres Feitos o tinham elevado, para o collocar no lugar que justamente lhe compete, de um simples e banido aventureiro, vendido ao capricho de sua cega e dominante paixão, e nada escrupuloso na escolha de meios, uma vez que consiga os fins que sua sordida e desmedida ambição lhe inspira.

Entretanto: rasão he que confessemos os serviços, que Lord Cochrane em qualidade de Pacificador prestou á boa Cauza do Brasil: ja cooperando para o triunfo da sua Independencia nas Provincias do Norte; ja dissipando sem effusão de sangue os horrores da anarchia em que ardia Pernambuco, Ceará, e Maranhão, e ja comovido do doloroso quadro das publicas desgraças que oprimião esta infeliz Provincia, heroicamente representado pelas afflitas e consternadas Senhoras daquella Cidade, como se vê em seu discurso, do-

umento numero primeiro; elle com inimitavel prudencia e valor, cortou pela raiz a perniciosa origem de tantos males, depondo e remettendo prezo (com outros da mesma especie) o malvado Bruce para o Rio de Janeiro; esse monstro de indomita fereza, em cujas sanguinarias mãos se achava depositado o importante cargo de Presidente da Provincia; e por cuja ordem e protecção impunemente se commettião os mais horrosos assassinios, violentos roubos, e attentados de toda a especie; pelo que até mereceo o Lord Pacificador ser divinizado com o titulo de ~~Anjo Libertador~~.

Teria pois, tornamos a repetir, conseguido o Lord Pacificador a sua apothese a par dos Heróes do Mundo, e feito esquecer a odiosa memoria de suas primeiras aventuras, se conservando o character de sua preeminente elevação, prosseguisse com denodada constancia e valor a importante tarefa de sua alta Commissão, e não trahisse com tanta vileza e descaramento a nobre Cauza em que estava empenhado pelo ouro, que mais ambiciona que a sua propria honra.

Era pois mister que á remoção do Presidente Bruce (esse barbaro e tyranno Nero da nossa Era) succedesse um outro que lhe fosse diametralmente opposito em conducta e sentimentos; que remediasse os males passados e prevenisse os futuros; e n'uma palavra que preenchesse as Pias e Paternaes Intenções do Augusto Imperador, e as esperanças dos infelizes e malfadados Maranhenses na triste e deploravel situação em que se achavão.

Sigamos agora nesta delicada crise a marcha e conducta politica do Lord Pacificador; e ver-se-ha que elle tomou uma vereda inteiramente opposta aos gloriosos fins que erão de esperar do alto Ministerio, de que fôra encarregado, e promettia o Nobre, Augusto, e Eminente Titulo de Pacificador de que só fôra decorado pela urgencia das circumstancias; e não podia por consequencia quadrar a hum tão astuto e despejado aventureiro; cuja alma ardendo em sede de ouro, tudo devia sacrificar a este Idolo, que unicamente



adorava, como a experiencia de sua passada conducta assás o tinha justificado.

Ver-se-ha pois que no momento em que o infeiz Maranhão começava a gozar as doçuras da paz e da boa ordem, que o mesmo Lord tinha promovido e plantado, concebeo elle o mais infame e temerario projecto, de extorquir á Fazenda publicá daquella Provincia, por meio da Força que tinha á sua disposiçaõ, a exorbitante somma constante da Cópia n.º 2.º (alem de outras immensas sacadas a diversos proprietarios) que elle mesmo arbitrariamente liquidou, e se fez credor a titulo de indemnizaçaõ de Prezas &c. Constantes da copia n.º 3.º; postergando todas as formulas judiciais, que as Leys em taes cazos determinaõ, e necessariamente devião preceder aquella violenta, temeraria, e injusta Requisiçaõ, da qual offerecemos a fiel copia n.º 4.º (1) em prova do mais descarado despotismo com que o avaro e inconsequente Pacificador em vez de dar exemplos de respeito e veneraçãõ ás Leis e Ordens do Imperador seu Augusto Amo, se arvorou em um despota taõ atrevido e insolente, apezar da legal e nervoza opposiçaõ que encontrou em o nunca assaz louvado Membro da Junta da Fazenda, o Dezembargador André Gonçalves de Souza, transcripta na Cópia n.º 5.º

Elle accumulando crimes sobre crimes, passa a publicar com inaudita estranheza a terrivel Ley Militar, transcripta na copia n.º 6.º, fundada em vans e quimericas suspeitas para conseguir por meio do terror, da força e do despotismo, a mais prompta e facil execuçaõ de seu ambiciozo plano, pois que de

---

(1) Os Documentos 2, 3, e 4, que se accusaõ consistem nos Officios da Correspondencia do Marquez de Maranhão com a Junta da Fazenda, e o Presidente Lobo, que se achãõ rezistados na mesma Junta, em que o mesmo Marquez sacrilegamente exige, a exorbitante somma sem documentos legaes.

tal medida não tinha feito uso, mesmo quando a Anarchia e a Rebelião laboravaõ no ultimo auge, e cego desatino. A maxima da saude publica tem servido de pretexto a todos os crimes: diz o Sabio Inglez Geremias Bentham, no tomo 2.º de suas obras, paginas 286, da Edição de Paris de 1802.

Elle por via do Presidente Lobo vil instrumento de suas maximas ardilozas, e que elle de molde interinamente nomeara para o Governo da Provincia, não obstante a sua manifesta indignidade, procura desembaraçar se do Desembargador André Gonçalves de Souza, que intrepido dera votto contrario á sua injusta Requizição, sendo immediatamente dimittido da Relação do Maranhãõ, sob-pretexto de estar despachado para a da Bahia, quando antes fôra mandado continuar o exercicio daquella por falta de Ministros. *André Gonçalves*

Elle rebelde ás ordens do seu Soberano conserva na mesma Presidencia interina da Provincia ao mesmissimo Manoel Telles da Silva Lobo, creatura sua, contra a expressa Ordem do Augusto Imperador, pela qual fôra nomeado para Presidente de propriedade daquella Provincia, o Excellentissimo Pedro Joze da Costa Barros, ao qual não dão posse do Cargo, de que Sua Magestade Imperial lhe tinha feito Mercê, e he deportado com sua familia para a Provincia do Pará. *475*  
Attentado enorme! pelo qual ambos os rebeldes Lobo e Lord se constituirão Reos de Leza Magestade 2.ª *P.V.C.*  
 Cabeça: Ord. Liv. 5. 11.º 6. *6*

Por esta occasião he o Exponente igualmente extermiado para fóra do Imperio: Documento N.º 7, porque nos numeros 5, 6, e 7 do Censor de que era Redactor, expendeo livremente em desagravo do Povo afflicto, a sua opinião sobre a irregular, despotica, e criminosa conducta do Lord Pacificador, e do intruzo Presidente o voraz Lobo, que a despeito do mais enorme attentado contra a Imperial Authoridade, temerariamente conservára neste emprego para o fazer obrar de uma maneira conveniente a seus perversos e ambiciosos fins.

Não pertendemos neste lugar commover os corações



Humanos com a triste pintura de nosso infortunio, o acto violento do monstro infame o Presidente Lobo em nossa prisão e deportação: arrancado e separado do centro de nossa caza e seio da familia; quebrados despoticamente os doces laços entre nossa adorada consorte e quatro innocentes filhinhos; sepultado em horrida prisão incommunicavel na Fortaleza, da Barra e no fim de tres dias posto a bordo de um Navio ja feito á vela pela Barra fóra, e para fóra do Imperio, sem commodo algum, e sem outra provizão mais que 60 rações de porão, que o nosso tyranno mandou entregar ao Capitão do Navio: e nós em lance tão cruel, internamente cheios de magoa, de afflicção, e de dor, bem como do Sulmonense Ovidio diz o grande Camões na Elegia 3.<sup>a</sup>—

*Sua cara Mulher desamparando,  
Seus doces filhos, seu contentamento,  
De sua Patria os olhos apartando.*

Eis a obra do impio monstro, que não repetimos tornamos a dizer, para magoar os corações humanos, ou incita-los contra nossos execrandos inimigos: de boa-mente fariamos tão duro sacrificio se delle resultasse algum interesse ou beneficio á Patria; mas para que o Mundo conheça a diversa natureza destes monstros rebeldes da Ley, no injusto, cruel, e atroz procedimento praticado contra nossa pessoa com tanta ferocidade e cegueira, sem algum processo ou formula, nem mesmo dessa arbitraria Ley Militar do sanhudo despota, naquelles dias promulgada: nem ao menos inventar, para fazer menos escandalosa a sua arbitrariedade, algum pretexto especioso para a nossa deportação: porem o motivo della sabem todos ser o denodo com que em nossos Numeros combatemos publicamente as suas opiniões, as suas rapinas, os seus excessos e despotismos; e o ver-nos em campo combatendo as doutrinas incendiarias do seu mercenario Redactor do Argos em que muito confiavão para a realização dos seus projectos &c. &c. &c.

Finalmente, tomadas as convenientes medidas, e removidos todos os obstáculos, que podião desconcertar a marcha do bem combinado plano, adoptado pelo Lord Pacificador para obter a enorme e arbitraria requisição, que projectou, he convocada a Junta da Fazenda por um Officio do mesmo Lord, dirigido ao seu Coadjutor Lobo, á qual foi elle mesmo assistir com parte do seu Estado maior, sendo presidida pelo mesmo Lobo seu principal Agente, e mais vil instrumento de sua sordida e inconsequente conducta; e he neste tumultuario ajuntamento que armado do poder e da força consegue o completo triunpho de seu descarado despotismo. Em seguida, forão os Cofres do Estado postos effectivamente á sua disposição, abertos e saqueados, que tanto vale o enorme e arbitrario procedimento do Heróe Pacificador: o producto deste horroroso peculato repartido por diversos Negociantes Inglezes, he logo empregado em algodões, e navegado para Inglaterra em vazos proprios desta Nação; e quando julga segura a preza, tendo-se com prevenção passado da Não Pedro 1.º para a Fragata Piranga, da qual despede a Marinhagem Portugueza para a guarnecer como guarnecco, de gente Ingleza mais propria para as suas manobras; faz-se a vela com destino para outros portos do Imperio; mas com os olhos fitos na preza, e atrahido ao Norte pelo aurifero iman, finje uma arribada e demanda os portos de Inglaterra para ahi se pôr a cuberto de seus horrorosos crimes e attentados, e melhor ajnstar suas contas com o Rio de Janeiro, e gozar o vergonhoso fructo de sua infame e despejada conducta. *Auri sacra fames, quid non mortalia pectora cogis!* Sagrada fome de ouro, a quantos crimes não obrigas os peitos dos mortaes!

Tal he pois a abreviada, mas sincera Historia da importante Commissão de Lord Cochrane, o Heróe Pacificador da Provincia do Maranhão, onde tendo entrado como um Leão, obrando acções de valor e de virtude, que podião immortalizar seu nome, sabio a final como um sendeiro, coberto de vergonha e de

*Fome de ouro! Fome!*



257  
oprobrio pela vileza com que rematou a nobre tarefa de que foi encarregado e tão indignamente desempenhou. Feito em Lisboa em Julho de 1825, donde aportamos em o Navio Aurora.

O Redactor do Censor (Maranhense).

Discurso das Senhoras.

SENHOR.

Não julgueis que havemos ultrapassado as leys da modestia, que convém ao nosso sexo, appresentando-nos neste estado a vossos pés, nem que seja de menos importancia o nosso empenho; quaes as Damas Romanas supplicando ao altivo Triumvirato a derogação do duro Decreto que as empobrecia para engrossarem seu thesouro aquelles tyrannos; ou qual Vetúria arrojando-se a suspender o golpe mortal sobre Roma do vingativo Coriolano seu filho, a quem a Patria havia sido ingrata: este negocio não he de menos preço Senhor, e a justiça da nossa causa, justificará o nosso procedimento, se á primeira vista vos parecer extraordinario vir-mos apresentar-vos directamente nossas queixas.

A cruenta perseguição contra nossos Pays, nossos Filhos, nossos Maridos e nossos Irmãos he quem hoje nos dá valor e anima a apparecer na vossa respeitavel presença, não como supplicantes a pedir graça, mas como partes offendidas e ultrajadas a requerer justiça, e se entre nós não existe uma eloquentissima Mortencia para dirigir nosso discurso, os nossos suspiros e a nossa fraqueza á vista dos patentes procedimen-

tos publicos, escandalosos, e crueis, que dão motivo ao nosso pranto, serão vivas expressões que movão o illustre peito do Varão insigne que o nosso ~~Xu-~~ ~~gusto~~ ~~Joven~~ Imperador, enviou a pacificar as Provincias do Norte, para dar prompto remedio a nossos males.

Como podereis vós Senhor, pacificar esta infeliz Provincia, e esta desgraçada Cidade, se a deixardes novamente entregue ao cruel monstro que a tem submergido e devorado? (Que conta dareis) perdoai Senhor o excesso da nossa dôr); que conta dareis da Sagrada Comissão de que vos incumbio o Augusto Soberano, e a onde está a brilhante reputação, os Feitos heroicos, a prespicacia militar de que sois dotado e enobrecido, cuja fama em todo o Mundo voa; se vos deixardes illudir das astutas maximas de um tirano que em menos de quatorze mezes que durou a vossa auzencia não fez mais que tyrannizar, assolar, e despoivar esta vasta Provincia, e esta bella Cidade, reduzindo-a a ermo e a covil de Salteadores? 14 m

✱ Desde o momento infausto da vossa partida, não tem havido um só dia, huma só noite, huma ora, e em que ninguém podesse respirar socego em seu domicilio sagrado: os Cidadãos espancados barbaramente pela ruas, as portas dos melhores edificios escavacadas a golpes de machado escandalosamente sem o menor rebuço, os ladroões carregando impunemente as fazendas aos braços das lojas e armazens, os assassinos no coração da Cidade tão encarniçados que enchão de cutiladas as innocentes victimas, depois de os haverem matado a tiros, mesmo no centro de suas cazas e em seus leitos: por outra parte grossos tumultos commandados por agentes assalariados perturbando o socego publico, levando consigo negros carregados de pedras com que os mesmos perfidos quebravão as vidraças das cazas dos Cidadãos mais illustres, insultando de palavras injuriozas suas affictas Mulheres, que davão dolorozos gritos para livrarem da morte seus maridos consternados, alguns dos quaes arrombando-lhe as portas forão macerados á vista de suas magoa-



das ~~mulheres~~, e de seus innocentes ~~filhinhos~~ com cargas de pão a que os ~~malvados~~ por facecia chamão= iustro=. Este horrores forão levados a toda a Província por ~~Comissarios~~ do ~~Governo~~: \*~~Oni~~ Senhor, os moradores de ~~Alcantara~~ e ~~Guimaraens~~, e outras Villas, se elles tiverem liberdade de fallar-vos com segurança que em tudo achareis huma longa tarefa de fazer justiça.

Tão inauditos attentados publicos não forão punidos nem ao menos desaprovados até hoje pelo Governo, e antes os criminosos ~~Cheffes~~ que os dirigiaõ tem sido premiados com Empregos e Patentes, e são elles, olhai Senhor, os que principiaõ a cercar-vos, e que pretendem illudir-vos disfarçados com o manto da Santa Cauza, e com o nome Augusto do Imperador, para na vossa auzencia continuarem seus estragos sobre a innocencia com maior furor.

Estes monstros são a cauza de todas as desgraças que sofremos: por seu maligno influxo tem sahido infinitos Navios para a ~~Europa~~ carregados de ~~habitantes~~ espatriados; e nossos Pais, ~~Maridos~~, ~~Irmãos~~, e ~~Filhos~~ para escapar á morte e aos seus ultrages, largarão a Cidade e as ternas familias a procurar asylo ou escondrigios até que chegasse o ~~Anjo Libertador~~, mas o ~~monstro sacrilego~~ teve o cuidado á vossa chegada de bloquear com ordens restrictas a vossa Náo, e aticar a guerra para que não tivessem accesso a vós os oprimidos innocentes que elle pretende denegrir com o titulo de ~~rebeldes~~—, tende cautela Senhor com a vil calumnia, prestai ouvidos á innocencia, e fazei justiça.

Não acabariamos nunca se pertendessemos narrar toda a serie dos acontecimentos que tem levado esta desgraçada Província ao seu maior abysmo: a nossa desgraça he tão patente, e a confiança em Vós he tão elevada, que para obter o remedio a nossos males, não he preciso illustrar a vossa sabedoria.

N.º 5.º

*Voto em Junta da Fazenda, do Desembargador  
Andre Gonçalves de Souza,*

O Excellentissimo Marquez desta Cidade do Maranhão Lord Cochrane e 1.º Almirante da Armada Nacional e Imperial exige no seu Officio de 20 de Janeiro proximo passado, e que faz o objecto da presente Sessão, que esta Junta da Fazenda lhe entregue em cinco pagamentos, no prazo de 30 dias a quantia de Rs. 105:000\$000, e a razão he por ter elle, na occazião em que fez proclamar nesta Cidade a Independencia, em virtude da disposição do Decreto de S. M. I. de 11 de Dezembro de 1822, pertendido apprehender os fundos existentes nos Cofres desta mesma Junta, e Alfandega, as dividas activas daquella, a Artilharia e petrechos de guerra, as munições sobrecelestes, Barca Canhoneira, Launchas, Escaleres, e materiaes existentes no Arsenal, de que tudo pedio Conta e Listas das Repartições competente; ter apprehendido varios titulos de dividas activas pertencentes a Sabelitos Portuguezes residentes no Reino de Portugal, tudo na importancia de Rs 424:196\$461 como se vé da Relação Junta do mesmo Officio; e ter S. M. I. em uma ordem de 12 de Fevereiro do anno proximo precedente, escripto por sua Imperial Mão, tambem junta por copia, concedido o valor das capturas feitas pela Esquadra, e confiscadas a Corda, aos Officiaes e Marinheiros da mesma, como recompensa dos seus Serviços; os quaes Officiaes e Marinhagem não duvidão entregar agora, como de facto entregão, os titulos das ditas dividas pertencentes a Portuguezes, e ceder de todas as mais pertenções pela dita quantia pedida de R. 105:000\$000

Encontro Officio de 31 do mesmo mez de Janeiro o Ex.º Marquez, exige desta Junta lhe pague a quantia de Rs. 62:500 e a importancia das dividas activas dos Cofres cobradas desde Julho de 1823, athé oje ma-



is a quinta parte do valor da artilheria e petrechos de guerra, e o valor das munições existentes no Arsenal, Barcas Canhoneiras, e Lanchas: o que tudo excede muito o pedido naquelle primeiro Officio.

Porem o meu parecer ácerca do prezente negocio, he que esta Junta não pode nem deve assentir a semelhante pedido, nem satisfazer a dita quantia, ou qualquer outra por semelhante titulo em quanto S. M. I. llo não ordenar expressamente. Entra esta Requizição no numero de despezas extraordinarias, que podem soffrer a demora de se dar primeiro parte ao mesmo Augusto Senhor, e esperar a Sua decizaõ, visto que esta Junta não tem faltado ao pagamento dos Soldos e despezas correntes e diarias da Esquadra.

Fundo-me para ser esta a minha opiniaõ na Ley da creação desta Junta, e mais Leis relativas, e que regulão o modo como se deve proceder no caso de se fazerem necessarias algumas despezas extraordinarias; o taõbem no mesmo Decreto de 11 de Dezembro de 1822; e dita Ordem Imperial de 12 de FEVEREIRO, do anno proximo passado, em que o mesmo 1.º Almirante se funda para tal Requizição.

Por que em o dito Decreto se mandou pôr em effectivo sequestro=1.º Todas as mercadorias existentes nas Alfandegas deste Imperio, e pertencentes a Subditos do Reino de Portugal: 2.º Todas as mercadorias, ou sua importancia que existirem em poder de Negociantes deste Imperio: 3.º Todos os Predios rusticos e urbanos, que estiverem nas mesmas circumstancias: 4.º Finalmente as Embarcações, ou parte dellas, que pertencem a Negociantes daquelle Reino. Ora o mesmo illustre Lord confessa no dito seu Officio (e nem o podia negar) ser esta a disposiçãõ do dito Decreto; mas por ventura dá elle authoridade ao 1.º Almirante para fazer taes Sequestros ou Confiscos? Ou mostrou elle alguma outra ordem Imperial que o authorizasse a isso? Antes não passou elle a confiscar as fazendas existentes na Alfandega e nos Navios ancorados neste Porto, e os ditos titulos de dividas, a levar estes comsigo, e a

fazer conduzir aquellas em varios Navios para a Corte do Rio de Janeiro por sua propria authoridade, com manifesto attentado contra as authoridades territoriaes, que eraõ as que deviaõ fazer taes sequestros, como depois tem feito, e em despeito das suas attribuições.

Além disto, estes sequestros ou confiscos são para o Estado, e estavam por ventura sujeitos a elles os dinheiros existentes nos Cofres desta Junta e na Alfandega, e as dividas activas dos mesmos Cofres? Antes não se passaráo aquelles e estas immediatamente pelo facto de adherencia desta Provincia á Independencia do Imperio, e união ás mais Provincias, a constituirem os fundos Nacionais e Imperiaes desta Provincia para satisfazer as despesas e necessidades della e do Estado?

Da parte do 1.º Almirante, nem houve conquista, e menos preza, como elle quer considerar na occasião (fim de Julho de 1823) em que empregou as forças Navaes, em que S. M. I. pôz á Sua disposição e cooperou com as forças de terra que cercavão esta Cidade para a obrigarem a adherir á Independencia ja proclamada no resto da Provincia, por constituirem esta e aquella humma parte integrante do Imperio, e de direito inalienavel.

Mas supõhamos por hum pouco que o 1.º Almirante teve a seu favor o titulo de conquista: pode por ventura elle a apropriar-se dos fundos, dos petrechos de guerra, das munições e materiaes existentes no Arsenal por semelhante titulo? Por ventura o General de terra ou de mar, quando conquista alguma Praça, Cidade, Provincia, ou mesmo o Reino inteiro, inimigo, conquista para si e forças por elle commandadas, ou para o Soberano, como Representante da Nação, em cujo Nome faz a guerra, que lhes paga e remunera seus serviços?

Supponhamos ainda, e por hum pouco que esta pertençaõ do Illustre Lord, he por titulo de preza; ja houve por ventura Sentença do Tribunal competente, que em ultima Instancia a julga-se boa? Pois somen-



te depois de a haver, he que elle poderia pertender a quinta parte do valor da Artilheria e petrechos de guerra, e dispor dos bens apprezados na conformidade do Regimento de 7 de Dezembro de 1796, e não praticar antes della o que fez, e acima fica dito, e só por este facto tinha perdido todo o direito, ainda no caso de o ter. Tambem a ordem que apresenta de S. M. I., de nada lhe pode valer para esta pertençaõ, antes lhe he contraria. Porque em primeiro lugar, ella se não acha referendada pelo Secretario d'Estado respectivo, sem o que não pode ter vigor na conformidade do Tit. 5.º Cap. 6.º; Art. 132 da Constituição do Imperio.

Em (2.º) lugar, ella não diz, como quer o Illustre Lord, que o Governo conceda á Esquadra o valor das Capturas feitas por ellas, e confiscadas á Corõa, antes õmente diz=que o Governo está pronto a pagar á Esquadra o valor das prezas capturadas até o dia 12 de Fevereiro, que forem, e que já tenham sido julgadas suas, estabelecido esse valor por arbitros de ambas as partes contratantes.=

E neste caso, porventura apresenta o 1.º Almirante papel authenticico donde conste ter-se feito o dito arbitramento? Devia o Illustre Lord com o Governo proceder ao dito arbitramento na Corte do Rio de Janeiro por arbitros nomeados por uma e outra parte; pois ahi he que se tem julgado em ultima Instancia as prezas, e trazer ordem de S. M. I. pela repartição competente para esta Junta da Fazenda, ou de outra Provincia, lhe pagar o preço ou valor do dito arbitramento, e então esta Junta devia religiosamente, como lhe cumpria, obedecer e executar a dita ordem, e pagar ao 1.º Almirante a somma arbitraria e ordenada.

Além disso o Excellentissimo Marquez já em Agosto do dito anno de 1823 pertendeu que a Junta da Fazenda lhe entregasse os referidos 62:000\$000 de rs. existentes nos seus cofres, e na Alfandega; mas os Membros, que então a compunhão, sendo eu um delles, como Procurador da Corõa e Fazenda, e servindo de

Presidente, se oppozerão e dirigirão uma representação á Junta Provisoria do Governo com datta de 28 do dito mez, mostrando o nenhum direito do 1.º Almirante á cerca de taes dinheiros, que lhe não devião ser entregues, irenos no cazo de apresentar ordem expressa de S. M. I. A dita Junta do Governo tambem me officiou sobre o mesmo, e o Excellentissimo Marquez cedeo de similhante pertençaõ. E como agora a renova, e exige taes dinheiros sem a dita ordem expressa de S. M. I? pois que a que apresenta por copia não lhe pode dar algum apoio para esta pertençaõ.

Concluo pois, que por estas razões que levo ditas, não posso ser de votto que se pague á Esquadra debaixo do Commando do 1.º Almirante, a somma que se pede, não obstante a offerta que faz, e que á primeira vista pode fascinar alguns olhos, mas que sendo examinada com madureza, se reduz a offerecer a Sessão ou troca de titulos, que não forão nem são seus, e sim do Estado, e de direitos imaginarios, e que não existem pela quantia certa e liquida de 106:000,000 de rs.

Reconheço os grandes Serviços do Excellentissimo Marquez, e da dita sua Esquadra feitos já em 1823, e agora ultimamente, e não posso deixar de o intitular o Anjo Tutelar desta infeliz Provincia na epoca em que agora ( Novembro do anno p. p. ) aportou a ella; mas a S. M. I. toca o remunera-los pela maneira que entender ser de justiça; e eu não posso deixar de cumprir as Leis, não assentindo á sua pertençaõ, e nem á do seu segundo Officio com data de 31 do mesmo mez de Janeiro p. p., que ainda he maior, talvez por serem curtas as minhas idéas, como elle diz neste 2.º Officio, e eu sou o primeiro em o reconhecer, mas nunca por falta de adherencia á nossa Cauza da Independencia, como tambem sou increpado; antes me persuado que por ser muito adherente a ella, e obedecer ás Leis do Soberano, que felismente nos Rege, he que devo vottar, não obsiante os ameaços, que apparecem no dito 2.º Officio, contra a dita



pertencção do 1.º Almirante em nome da Esquadra do seu Commando, pois que a cada um dos Membros desta Junta em particular, e a toda ella só compete executar a risca a Ley, que lhes prohibe a má administração e o dispendio dos fundos publicos, sem os quaes a Canza da Independência deste Imperio não pode progredir nem de huma vez segurar-se.

Maranhão, em Junta da Fazenda e Sessão do dia 3 de Fevereiro de 1825.

(Assignado) O Dezembargador Chanceller Interino.  
*André Gonçalves Souza.*

N.º 6.º

## EDITAL

*Marquez do Maranhão, 1.º Almirante do Brasil, Grao Cruz da Ordem do Cruzeiro, encarregado por S.*

*M. I. das Pacificações das Províncias do Norte &c. &c. &c.*

Constando que pessoas mal intencionadas tem procurado semear a discordia e descontentamento por varios pretextos, a fim de promover os seus proprios interesses, ou os da particular facção a que pertencem, e constando que hum espirito inquieto de intriga, ou de governar induzirão diversas pessoas a conspirar, a fim de effectuar a prizaõ do Excellentissimo Sr. Presidente interino, e derribar o Governo estabelecido; e constando igualmente que o referido ultrage e insulto a S. M. I. (cuja decizão a respeito da Nomeação do dito Presidente, ainda não veio), forão atalhados pela chegada d'huma força, hontem a noite de Bordo da Náo Pedro 1.º, sendo necessario empregar as mais efficazes medidas, a fim de evitar a recurrenceia desses malles que tanto flagellarão esta Provincia. Em virtu-

de do poder e authoridade a mim concedidos, para a restauração e manutenção de tranquillidade e boa ordem, cujos poderes tão vantajosamente tem sido exercitados até agora. declaro estabelecida a Lei Militar, dentro do perturbado districto da Ilha do Maranhão, até a chegada de Instrucções de S. M. I., ou até que o cego espirito de facção, não tendo em vista objecto algum racional, que se possa alcançar, fique socegado. Maranhão em 10 de Março de 1825.

*Cochrane e Maranhão.*

N.º 7.º

*Portaria do Presidente Lobo, dirigida pelo seu Ajudante de Ordens ao Commandante da Fortaleza da Barra para ser embarcado o Redactor do Censor, em o navio Aurora, que se fazia á vela para Gibraltar.*

Illustrissimo Sr.

Sua Excellencia, o Exellentissimo Sr. General interino das Armas, ordena que Vossa Senhoria entregue ao Sr. Ajudante encarregado do Registo, o prezo que se acha nessa Fortaleza João Antonio Garcia d'Albuquerque, para embarcar a bordo do Brigue Aurora, servindo-lhe esta de Passaporte para o Porto a que se destina o mesmo Brigue, o que assim lhe participo.

Deos Guarde a Vossa Senhoria. Quartel General do Maranhão, 3 de Mayo de 1825. 4.º da Independencia e do Imperio.

Illustrissimo Sr. Major Commandante da Fortaleza de Santo Antonio da Barra, — Pedro Francisco Martins Capitão Ajudante de Ordens de Semana.



*Lupis et agnis quanta sortito obtigit,  
Tecum mihi discordia est.  
Ibericis peruste funibus latus,  
Et crura dura compede.*

Horacio.

*Quanta discordia a Lobos e cordeiros  
Em sorte coube, tanta nos havemos,  
O' tu que as costas requicimadas trazes:  
Do Ibero azurrague, e do pezado  
Grilhão as pernas.*

Elpino D.

Assim dizia o Principe dos Poetas Liricos inflamado em colera como órgão da indignação do Povo, quando o torpissimo Mena Liberto de Pompeo, a quem a inconstante fortuna mudando a sorte, mas não a geração e os costumes, fez possuidor de mil geiras do Falerno; e tendo cortada a pele dos triunviraes açoutes, isso não obstante, e por effeito da protecção avara e cega, se assentou nos primeiros lugares, marchando depois contra os ladrões, sendo hum delles, em grossa armada, feito Tribuno de Soldados.

Pois se o insigne Lirico lamenta como calamidade publica o simples facto de ser nomeado Tribuno de Soldados o indigno Mena, e com amargos queixumes manifesta existir entre elles tanta discordia, quanta imaginar se pode entre Lobos e Cordeiros, sendo aquelle Mena sem duvida Lobo, e sem duvida bode tambem; com quanta maior razão que o mesmo Romano Lirico, não devemos nós hoje manifestar ao Mundo inteiro, a indigesta e repugnante discordia, e aversão total que o sentimento humano, a Razão, e a Justiça põem entre nós, e o mais furibundo, sanguinolento, faminto, e voraz Lobo produzido lá no reconcavo da Bahia, cujo phenomeno em voracidade e torpeza, faz assombro á natureza e ciu-me a quantas grutas medonhas das altas serras na Europa, Asia, e Africa, servem de pavoroso domicilio aos famintos Lobos, e embravecidas feras?

Este Lobo pestífero, hediondo, encaracolado e voraz por influxo do fatidico astro que desde certos tempos preside ao jugo politico do infeliz Maranhão, estava reservado pelos fados á maneira do soberbo Mena no poder Tribunico dos Romanos para collocar-se na Cadeira do Governo da mimosa Provincia do Maranhão, e leva-la segundo seus impios dezechos, e depravada conducta, ao cume da desgraça, terminando ao mesmo tempo talvez o numero dos Tyranos Triunviraes que no meio das recentes revoluções a tem dessolado e submergido.

Parecia incrível que depois d'hum Bruce avernal e seus furibundos colaboradores de horrorosa memoria, hum Synnando vaqueiro, hum estúpido e rumpante Errador, hum Conego mentecapto e caloteiro, todos de concerto nas celeberrimas medidas geraes, com o som furioso, frenetico, e atroador da Pereroca do Miaram, e seus Conselheiros sanguinarios, filhos de Perilo ou de Guilhotão, feudatarios fieis e acerrimos Procuradores da tetrica tumba, todo resultado fatal das negras alambicadellas das subornosas eleições; parecia incrível, tornamos á dizer, que depois desta vil caterva governante e dessoladora, apparecesse hum monstro nigromantico, cujo aspecto pavoroso ameaçasse o desditoso Maranhão, com o ultimo estrago, e desgraça, até alli não imaginados, estribando suas maximas infernaes, e julgando salvar-se no triste apoio da industriosa e criminozissima politica do Chefe dos piratas do Mundo.

Mas que conta dará este Lobo Presidente e arrepiante, ao Augusto Imperador da Administração da Provincia, deixando (e ajudando) roubar os cofres publicos, contra as Leis da creação da Junta da Fazenda, contra os Decretos e Ordens do Augusto Imperador; como se justificará das Commissões de seus Emissarios de Suissas Rapadas como as delle, distinctivo dos Republicanos, inimigos do Imperador e dos Europeos, a que briozamente se oppozerão em Cachias os benemeritos Cidadãos Brasileiros João Paulo Dias Carneiro, Antonio Francisco de S., natural de S.



Paulo, e ~~Francisco~~ ~~Henriques~~ ~~Wilkem~~, natural do Pará, dignos da contemplação do Imperador, pelo seu patriotismo e fidelidade, ainda que depois o mesmo astuto Lobo quizesse colorar suas manchas revésgas? Como se justificará das doutrinas incendiarias do Argos, sua privativa Gazeta do Governo, e poleiro infesto de todas as correspondências indigestas, estupidas, insultantes, democraticas, e azinabradas, aonde até não escaparão os virtuosos, e beneficentes Frades de Santo Antonio, porque são amigos da concordia geral, e do Imperador? Nos espaços da mesma Gazeta, tenebroza, brillão os discursos dos Baratistas e Panigiristas remordidos do Censor; e o que não terão elles espoldrinhado na sua auzençia! Coitado! Algum dias chegaremos. No entanto damos graças á Providencia pelos immensos soccorros voluntarios que temos encontrado em nosso de-seio; mil e mil agradecimentos enviamos aos nossos caros amigos bemfeitores que tão generosamente e á porfia tomarão a seu cuidado beneficente e generoso; a nossa adorada e saudosa familia: a nossa gratidão será eterna e publica, pois he huma qualidade em nós inacta.

Em o Num. ro seguinte faremos a apologia dos discretissimos e bem intencionadissimos Eleitores do façanhoso Deputado ~~Lobo~~, e do seu Algôz; e muito desejaremos que aquelle chegue ao Rio de Janeiro; mas tanto bem não he para dezejar-se.

*Maranhão, na Typographia Nacional, Anno 1825.*

145/462

# O CENSOR

MARANHENSE.

N.º 9

*A Rome les desordres domestiques ou publiques étoient re-formés par les Censeurs.*

Rollin.

QUINTA FEIRA 2 DE FEVEREIRO DE 1826.

*Deposado do Gov. ao*

RIO DE JANEIRO.

*cf. debranch*

ARTIGO D'OFFICIO.

**F**oi presente a Sua Magestade o Imperador o Officio do Presidente interino da Provincia do Maranhão, de 4 de Junho deste anno, em que refere o procedimento que tivera com João Antonio Garcia de Abbranches, Redactor do Periodico intitulado =O Censor= fazendo o por fim embarcar violentamente para Lisboa: E não podendo justificar-se tão incompetente e absoluta medida, pelo exposto no referido Officio sobre a natureza das doutrinas publicadas naquelle Periodico, bem que se indiquem tendentes a destruir a ordem estabelecida, e ainda menos



pelo extragente motivo allegado de ter o dito Redactor atacado a conducta do Marquez do Maranhão, como se fosse defeso por ley o censuralo: Houve por bem o Mesmo Augusto Senhor Desaprovar tão injusto arbitrio, que descobre, em quem o pratica, ou perfeita ignorancia dos meos leyaes applicaveis em tues cazos, ou determinação criminoza de atropellar direitos garantidos pela Constituição. E Manda pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio participa lo ao dito Presidente interino. Estranhando-lhe mui severamente o haver-se neste negocio por hum modo que só poderia ser approvado em governo onde regesse a vontade, e não a ley.

Palacio do Rio de Janeiro em 3 de Setembro de 1825 Estevão Ribeiro de Rezende.

Cumpra-se, e registre-se. Maranhão, Palacio do Governo 2 de Janeiro de 1826, Barros, Presidente.

Eis hum Documento magestoso da innocencia, perseguida, e da Rectidão e Justiça do Soberanno. O Augusto Imperador reprehende o nosso verdugo mesmo a vista do Officio que devia ser composto a seu geito, e mesmo sem que tivessem chegado aos Pés do Throno nossas pungentes queixas contra nosso barbaro persiguidor. Pois—

....Não deixe em fim de ter disposto  
Ninguém a grandes obras sempre o peito;  
Que por esta ou por outra qualquer via  
Não perderá seu preço e sua valia.  
Camões.

Sem talentos, sem luzes, sem ricas ideias que authorizassem nossos tenues principios classico-litterarios para assumirmos o nome de Escriptor publico, no andamento da lamentozza Revolução que trouxerão os acontecimentos politicos nesta desventurada Provincia

do Maranhão; nossa residencia de 30 annos, e por conseguinte (a pezar dos espiritos endiabrados, e ferneticos) nossa Patria adoptiva, na época do maior accesso de des-ordens sentimos, não obstante, dentro em nosso peito um violento impulso, não sabemos se de inspiração ou patriotismo, que nos induzio a pegar na pena para dissiparmos as illuções e os erros do vulgo, e dirigillo quanto em nós coubesse, contra a torrente impetadora de incendiarios E-criptos, favorecidos pelo Governo de então, e combatermos os audaciosos e execrandos perpetradores de crimes publicos e attentados enormes de toda a especie, sacrilegamente cometidos por diversas autoridades constituídas, atropellando sem rebuço as Leys e os Decretos do Imperador, e perpetrando inauditas tyrannias e violencias em Sen Augusto e Sagrado Nome.

Nesta tão espinhoza tarefa para um pigmeo em Litteratura, sendo aliás o seu objecto de tanto pezo e utilidade para bem do Povo e do Estado só ambiçionavamos possuir as virtudes e talentos do grande Catão a quem se não podemos imitar, desempenhando dignamente o Sublime Titulo de Censor, que lhe usurpamos, ao menos como elle corajosamente nos arrojam a proferir verdades cruas e nugas, não por termos a honra de as dizer, como refere Helvetio, mas por nos persuadir-mos ser util ao povo a sua publicação, e isto no mais critico e ariscado momento em que a Patria. e o bem de nosos charos Concidadãos imperiozamente nos reclamavão este serviço, para que desmascarada a perfidia e a impostura, se prevenisse contra intrigas, seducções, zelos apparentes e especiozos pretextos com que os inimigos da ordem e do Estado cheios de corrupção, e descaradamente denigrando com vil infamia os bons habitantes, procuravão illudir as Sabias e Providentes Detreminações do Grande Imperador, e desta Arte, preenchendo seus ambiciosos e insaciaveis desejos, fazerem retrogradar a pompoza marcha do nascente Imperio.



Nesta situação e disignio empreendemos nesta Província a Redacção do nosso Jornal a que pozemos o título de Censor analogo somente a nossos puros e ardentes desejos; e debaixo destas vistas nada julgavamos atrevido, nada impraticavel, quanto podessemos conceber que fosse conducente a tão gloriosos fins, promovendo a união e concordia geral dos Cidadãos, louvando a Virtude, e combatendo o vicio, sem perdermos ao mesmo tempo de vista reprochar a criminosa indolencia com que alguns Monstros de avareza e de egoismo, attentos unica mente ao seu repouso e particular interesse, nenhum mostravaõ pela causa geral do Estado, e do glorioso Imperio, que muito importava promover.

Neste honroso caminho de gloria a que nos arrojamõs sem pavor, encontramos mil e colhos e inimigos ferozes da concordia, da honra, e da moral, que nos fizeram violenta guerra, resultado fatal das differentes paixões, e dos differentes interesses dos homens, e do cego capricho, e da propensão da Natureza humana; mas nada foi capaz de nos fazer retrogradar a nobre marcha principiada.

Nossos Numeros cuja doutrina despida de ornatos e das bellezas da arte, como nelle aridamente, e com singelheza combatessemos o predominante espirito anarchico dos virulentos Brucistas, e novos Argonautas (1), e os

(1) Aludimos ao Redactor do Argos e sua redacção comitiva, que em nosso N.º 5.º disignamos com o titulo de seis Douctores de Letras gordas, os que compunhão o Syndrio, presididos pelo hirco-Lobo para responderem ao Censor: devendo entender-se que nenhuma intenção concebiamos de fazer a mais leve offensa ao merecimento e boas qualidades de muitos Srs. Bachareis formados desta Cidade, que muito respeitamos e veneramos, e cujas conductas e comportamento (exceptuando algum de manifesto escandalo que a Opinião Publica nos exime de personalisar) no meio de todo o choque dos partidos da recente Revolução lhes grangeião o maior elogio, e se fazem por certo merecedores de que o Augusto Imperador os despache para ponderosas cargos: testificando esta nossa declaração com a mesma fessulva que já d'antes haviamos manifestado em abono dos mesmos Ilustres Bachareis em nosso N.º 3.º pag. 43.

vis procedimentos dos Despotas tyrannicos; nossos Números em tal conjunctura tiveram o exito feliz de uma extracção pasmoza (tal era o estado de oppressão em que jazião os bons habitantes desta desgraçada Provincia); mas como em nossa accelerada e constante marcha, embolassemos com denodo e firmeza os duros e multiplicados golpes que de toda a parte nos arremegavão os malvados Anarchistas, e estando estes (depois de um pequeno periodo de pacificação) novamente em uniforme contacto e harmonia com quem empunhava as re-deas do Governo, isto he: com o Presidente Lobo, e com o Pacificador Cochrane, milagre resultante do Bando de Amnistia de 5 de Fevereiro de 1825 do mesmo prodigioso e celeberrimo Pacificador, conspirarão todos com impeto e braveza desmedida contra nossa pessoa, não podendo suffocar nosso espirito e nossa voz.

E por ventura fomos nós chamados a Ley, arguidos e convencidos d'algun crime contra a Constituição, contra o Imperador, contra a Sociedade, ou fez-se algum processo ou acto Judicial, Civil, ou Militar, sobre nossa conducta, que nos designasse cúmplices de algum delicto, pelo qual soffressemos, como soffremos uma pena tão barbara e cruel como a de sermos violentamente presos, e deportados, como temos referido em nosso Manifesto do N.º antecedente? Não he essa a Jurisprudencia dos Tyrannos! ainda para crueldades não havia feito falta na Provincia o infame Bruce!

Tudo isto soffremos sem ser ouvidos, por barbara detreminação do Presidente Lobo, e esse horroroso Verres ou Plemitio de Locres dos nossos tempos, a quem o Setibundo Cochrane manhosamente conferio o Governo da Provincia, pelo achar digno sem duvida do nome de fiel executor de seus espantosos projectos; e em tal procedimento o execravel e devorante Lobo executou fielmente as ordens e os desejos de seu liberalissimo Patrono e Bemfeitor; e eis-aqui como um Pacificador de novo genero e um Heroe de tanto re-

*Jurisprudencia contra a Bruce*  
*Cochrane*



nome sabe tambem em pequena tijela tirar a sardinha com a mão do gato. Elle descendo da dignidade eminente de Pacificador, ao lugar sórdido e abjecto do mais vil plebeo da escoria, consentio e coadjuvou a barbara execução, e attentado enorme da mais violenta proscricção e desterro, ou morte politica de um Cidadão innocente sem algum processo ou formula, porque isso assim convinha ao seu politico estratagemas da delicada Pacificação dos Cofres da Fazenda Publica!

Fomos em fim por tão espantosa maneira, arrancados á Patria e á chara familia, e lançados pela Barra fóra, vendo ficar nossa amada Consorte, quando hiamos passando á véla, em frente da Fortaleza, no meio da Praia, levantando as mãos ao Céu, ao som do lacrimoso pranto, acompanhada porem na dolorosa retirada ao seu triste embarque do benigno e generoso ~~Commandante da Fortaleza~~, o Illustrissimo Major Leandro Xavier da Gama, que cheio dos mais nobres sentimentos de ternura e de bondade, confortou com expressões consoladoras na cruel despedida os animos consternados de dois Consortes extrenosos, a quem o mais cruento furor do monstro barbaro rompia os sagrados laços conjugaes.

Fomos em fim, tornamos a dizer, por tão espantosa maneira entregues á discripção do Atlantico, e do fatal Destino, tendo a ventura depois de cincoenta e tantos dias de viagem de chegar-mos á inclita Lisboa, aonde o Magnanimo e Humanissimo Senhor D. João 6.<sup>o</sup> condoido da barbara e injusta per-igição que nos fizeraõ nossos impios tyrannos, o Excelso e Piedoso Rey nos prestou o mais grande e o mais benigno e doce acolhimento que he proprio do Seu grande Coração, e generosamente nos mandou pagar a passagem pela Repartição da Administração do Correio Geral em o Navio Camões para o Rio de Janeiro, aonde anhelavamos chegar para junto ao Throno de S. M. A. requeremos a vingança da Justiça con-

tra nossos cruéis perseguidores, e sollicitar-mos a Imperial Attenção do Augusto Imperador em soccorro desta Provincia.

Acontecendo porem que a sahida do dito Navio se demorasse tempo extraordinario contra nossos desejos, e poucos dias antes de nossa destinada partida para o Rio, chegasse da mesma Corte uma Náo Inglesa, conduzindo o feliz e desejado Tratado de Amizade e Alliança entre o Brasil e Portugal, e se confirmasse o Reconhecimento da Independencia; e chegando ao mesmo tempo tambem a feliz noticia de ter cessado a furioza torrente dos males que devoravaõ e submergiaõ esta desgraçada Provincia desde o feliz momento em que o ~~carnivoro~~, ~~infesto~~, ~~hirsuto~~, e ~~ululante~~ Lobo, sahira pela Barra fora á vela nas pandas azas dos furiosos ventos, qual o feio diabo ~~Asnodêo~~ enlunquecido nos lascivos e victoriosos braços da sequioza, astuta, doloza, e soberba ~~Proserpina~~, ávida e caliginoza Deozza das negras sombras; ou para dizer de outra maneira, tendo chegado tambem a feliz noticia de estar restaurada a Ordem nesta Provincia desde o feliz momento, em que tomara posse das redeas do Governo o Exm.<sup>o</sup> Doutor ~~Patricio José d'Almeida~~ pelas acertadas e providentes medidas que tomara immediatamente para a boa Administração da Provincia por meio da cooperação e actividade insinuante do sabio, prudente, e discreto Conselho Presidial, e do Illm.<sup>o</sup> Secretario do Governo ~~Joaquim Ferreira França~~; (eis um proveitoso fructo da feliz eleição de seus Illustres Membros, como do mesmo Exm.<sup>o</sup> Vice Presidente!) P.S.A.

E chegando tambem naquelles mesmos dias a suspirada noticia de haver ultimamente tomado posse do Governo o Exm.<sup>o</sup> Sr. ~~Pedro José da Costa Barrôs~~, cujas distinctas qualidades e bom nome, são repetidos com admiração por todas as pessoas de respeito em toda a parte, e de haver promovido o progresso da boa ordem e socego da Provincia com aquella energia, inteiresa, e patriotismo que he proprio de seu invicto,



incansavel, denodado, e seguro genio e caracter; á vista de todas estas circumstancias, que tudo parece obra da Providencia decidida a nosso favor, e em consequencia não existirem nesta Provincia os tyrannos nossos declarados perseguidores, julgamos terem cessado os motivos que nos conduziao ao Rio de Janeiro, e resolvemos voltar á Patria, aonde ora nos vemos felizmente restituídos.

Não podemos deixar agora primeiro que tudo de manifestar o alto gráo de satisfação que nos enleva quando ponderamos o prodigiozo de envolvimento de munificencia com que nossos charos Concidadãos e Amigos (cujos nomes em outra occasião publicaremos como testemunho de nossa gratidão) tomando grande parte em nos-a perseguição, voluntariamente e á porfia tomarao a seu cargo a subsistencia e amparo de nossa terna familia, o maior cuidado que nos podia atormentar em nossa auzencia pela precipitação com que o devorador, nocturno, insidioso, e rábido Lobo nos fez embarcar sem que tivéssemos tempo de tomar medidas para a necessaria provi.ão, nem da nossa viagem, nem da consternada familia, de quem barbaramente o mesmo atroz, crep-o, e arrepiante Lobo, nosso horrendo e torpe verdugo nos obrigava a separar.

E foi neste urgente estado de circumstancias que a Providencia por meio da humanidade e patriotismo de nossos charos Concidadãos que tão generosamente des-envolverão em nosso soccorro, nos deo um admiravel testemunho da provida immensidade de seu poder, o que sem duvida consideramos como triumpho da innocencia perseguida: Sendo tão consummada e se operabundante a generosidade de nossos amigos e briozos Concidadãos, que não se limitou somente ao soccorro de nossa familia, mas achando abordo do Navio em que deste Porto embarcamos e em Lisboa Ordens amplas em que se punhao quantias pectuniarias á nossa disposição. Também reputamos como triumpho da innocencia

perseguida a natural bondade e generoso acolhiimento com que fomos recebidos immediatamente á nossa chegada a este Porto, pelo Exm.<sup>o</sup> Sr. Pedro Joze da Costa Barros, Presidente desta Provincia, como os innumerables cumprimentos que temos recebido de inensidade das pessoas mais distinctas desta Cidade, e de diversas classes, o que tudo prova e manifesta o mais autentico testemunho da nossa innocencia, nos enche do mais elevado regozijo, e nos faz saborear a gloria de havermos com denodo pugnado contra o vil partido dos malvados Anarchistas, e dos façanhozos Impostores.

Estamos finalmente restituídos á Patria, e se não devemos á mesquinha natureza possuir as bellas qualidades do immortal Camilo, o genio tutelar dos Romanos nas difficeis circumstancias, vindo lá do seu desterro ao meio de Roma, livrar a Patria das vis injurias e oppressão dos arrogantes e soberbos Gaulos, para fazermos ignaes serviços, ao menos em testemunho de reconhecimento e gratidão para com nossos charos Conciudadãos, protestamos empregar o debil folgo que nos resta com a mesma coragem e caracter que nos he inherente, á ben da união e concordia de nossos Conciudadãos, do nosso Augusto e Adorado Imperador, e do bem do Imperio, se as circumstancias o exigirem.

E nesse cazo convidamos desde já aos nossos amados Conciudadãos natos e innatos, naturalizados e naturais: sejamos todos irmãos, patricios, e amigos, não á moda do alado Parata nem do Demostenes da Parnahiba, nem do Argos filho das ervas, nem do Autor ou Autores da Proclamação do=Ora-su=a primeira com que se exportulou, e tal como os narizes de queir a fez, o intruzo Presidente o surculozo lubi bode buforme e salaz animal d'amphibia especie, esse novo Zoroastro maligno encantador ou encantado da vingativa Circe dos nossos tempos: esses afamados e torpissimos Apostolos da intolerancia, da discordia, da Democracia, e da rapina para quem, graças á Providencia! está chegando o tempo, se tiverem constancia e carater Paratista,



o Tristonista de receberem a palma do martirio, sazonado e bem merecido fruto da propagação de seus Santos Evangelhos: mas tornando ao fio, e aspirando anciozamente promover a Concordia e o bem de nos-sos claros Concidadãos, nós os convidamos, tornamos a dizer, para que d' ora em diante Brasileiros, e Europeos uma vez que sejão Cidadãos do Imperio, adoptemos todos uma só diviza=*Esquecimento do passado; Fraternidade prezente; Preseverança futura*=salvo o Imperio da Ley, ou prejuizo de terceiro.

Só por esta forma he que se poderá conseguir a conciliação dos animos, unico meio de promover o arreigamento do prezente Systema do Governo, devendo todos perssuadir-se e claramente de enganarem-se que sem o Imperador, não ha Salvação para o Brasil, digão o que disserem os Demostenes da Democracia, esses *moços Colimbricos* (não dizem todos) circumscriptos em vans Teorias (ainda que alguns que por ahi andão a pregar as tardes, já estão em idade de não serem basbaques, se o não fossem por natureza e ociosidade-) cujas cabeças sem experiencia, e sem reflexão, andão alheias e paraliticas sobre o menor conhecimento da pratica dos Systemas de Governo, segundo a natureza e variedade das circumstancias fisicas e moraes, filosoficas, e politicas dos differentes Paizes do Mando.

Huma Republica ou Republicas no Brasil!! hum Continente que não pode subsistir sem os braços da escravidão! Hum continente cujo calor do clima faz ferver as paixões, e convida os animos á ociosidade; e aonde he dominante o genio da aristocracia! Hum Continente cujo sêntro e superficie contem hum prodigio de riquezas e thezouros, fontes do luxo! &c... E quem extinguiu e aniquilou a soberba Republica Romana, senão o sumptuoso luxo proveniente das immensas riquezas trazidas da Azia por Scipião Aziatico, irmão do Africano?!

O' mentecaptos filhos da estupidez, se o não sois da depravação e da immoralidade! para que desori-

entaes com vossos delirios e pateticos as cabeças dos bons Cidadãos e pacificos Lavradores que vos considerão, e vos acreditão como seus profundos e sapientissimos Oraculos?! para que os quereis conduzir também ao abysmo de desgraça que vos espera se continuardes a erronia marcha de vossas indesculpaveis loucuras?

Honrados e fieis Cidadãos, não imiteis o pernicioso exemplo que vos tem dado esses protentos da maldade, da ociosidade e da ignorancia; fugi de suas falsas e subversivas doutrinas, pois se o não fizerdes, em breve vereis a espada da Justiça, castigando vossos erros, derramar sobre vossas innocentes familias a desgraça e a consternação. Assaz tem elles comprometido a honra a muitos de vos, fazendo-os render vergonhosos Cultos e baixezas a um aventureiro Lobo, e Leopardo, dois monstros de figura humana que só procuravão enriquecer-se enchendo-vos de opprobrios e de ignominia: fazendo até com que o dolozo e perverso Lobo fosse eleito Deputado, Representante da Provincia; enviando, com a triste e desgraçada nomeação de uma pessoa de tão manifesta indignidade, um veridico e vergonhoso documento ás Cortes da incapacidade ou má fé de quem o elegio, ou dando indiscretamente a entender de que nesta Provincia não existia pessoa mais digna para tão augusto Cargo do que um Lobo esfaimado de semilhante natureza, vindo lá do Reconcavo da Bahia; como um Argos cego pregador da discordia: e que vergonha não seria a dos bons Maranhenses e dos illustres Eleitores de boa fé, e que descredito pôr semelhantes eleições se não tivessem justo motivo de se avaliarem á execração do Povo, justificando seu irrefletido procelimento, sobre a triste conducta, irrisoria e de prezivel capacidade ou incapacidade dos estupidos ou depravados Franklistas da moda, quem quer que elles sejam, que os induzirão e aconselharão para semilhante parvoíce, ou pouca vergonha?!!



Mas em fim são agoas passadas; *tudo se esqueça, e viva-se contente*: vamos á concordia: chegou o tempo da restricta execução da Ley, o nosso Adorado Imperador o Immortal e Grande Pedro 1.º do Brasil, se até agora se via obrigado, como julgamos, a comprimir seu genio em complacencia com alguns Vassallos insinceros e malignos de sinistras intenções que elle muito bem conhecia, porque não tinha ainda solido apoio em sua nova e fluctuante Monarchia, o seu Throno graças á Providencia! está salvo da tempestade; acha-se agora firmado sobre as mais solidas bases que a politica humana podia excogitar.

*85* O grande Passo politico que o Memoravel Senhor D. João 6.º acaba de dar, reconhecendo a Independencia e Imperio do Brasil, e o Tratado de Amizade e Alliança entre as duas Potencias, garantido pelo Rey da Graã Bretanha como Medeador, o Dominador dos Mares,, o Vencedor de Napoleão, tudo com aplauzo das Potencias Europeas; isto he bagatela Srs. Bulivaristas e tudo quanto acaba em *istas*!! Junto tudo á fidelidade e união dos Corações de todos os Portuguezes, e Brasileiros que são fieis Cidaaos do Imperio, e amigos sinceros e leaes do Excelso Senhor D. Pedro Imperador do Brasil, he tudo um assombrozo e inexpugnavel Baloarte da Segurança, deffeza, e perpetuidade do seu brilhante, e magesto Throno &c: e isto he bagatela Srs. Pregadores, Devotos, e Confrades da vil Caterva?!!!

Com roubos, perseguições e mortes á moda dos Brucistas, e uma certa zanguinha no peito d' alguns que o não são, não he que se havia firmar a Independencia e consolidar a Monarchia Brasilica. Cahio por terra o imperio dos monstros, ja o dissemos em nosso N.º 3.º pag. 38. O Imperador já conhece mui bem a quem deve confiar as Provincias do Norte: eis no Maranhão, o Exm.º Barros; no Pará o Exm.º Burgos, e Deos o encaminhe que boas intenções tem elle; e no Ceará o Exm.º Salles, Brasileiros benemeritos, todas

perseguidos pela vil caterva, de cuja confraria os accerrimos devotos ainda esperão pelo triumpho dos seus semideoses!!!

Mas vamos á Concordia: esquecimento passado: faça-se algum Sacrificio; nós esqueceremos também os gratuitos Sarcasmos da subtil escola franceza: contra nós arreineçados, e contra a sopa e vaca á portugueza pelo espirito crú da feia ingratitude, para que tinhamos respostas redigidas que haviaõ dar gosto ao Publico, se o lugubre Lobo a contento da sua canalha não nos fizera marchar ao Reino da Lua, finalmente lembrança do seu Argos sem olhos: mas vamos á concordia: esquecimento passado; porem he necessario emenda: nós aconselhamos por piedade aos Genios turbulentos, e pouco assizados, e aos que ainda tem cócegas no lombo, que mudem de vida, e cuidem na vida.

O Imperador he Grande, mas elle he Justo, e Sero, unico Governo que convém depois de uma recente Revolução: elle sabe premiar a Virtude e punir o Crime; elle concede Mercês, confere Titulos, e mesmo ao longo faz Barões da Paruahiba, quando se persuade que elles o merecem; mas tremão tremão todos aquelles que encobrirem damuadas teuções dentro do peito: mudaráõ-se os tempos; o Imperador tem olphato fino, e de longe se percebe o pestilente cheiro: os monstros da rebeldia e da maldade, quacs os Carvalhos, Filgeiras, Tristões, e outros, nomes de perpetua execração e horror, e seus Sectarios cobertos e incobertos se não tomarem camiuhó, em breve serãõ mandados para as negras sombras.

Chegou o tempo suspirado da solida segurança do Imperador; elle tem valor intrépido e al instante invenciveis forças; o seu Throno está firmado sobre os Corações dos fieis Portuguezes, hoje Brasileiros, dignes descendentes daquelles que passaráõ além da Taprobana, que ora povoão o vasto Brasil, e dos Brasileiros honrados e benemeritos, todos Cidadãos do Imperio, todos irmãos e amigos.



*E julgareis qual he mais excelente.  
Se ser do Mando Rey, se de tal gente.*

*CAMÕES.*

Tremaõ os malvados; os Editaes de 1, e 2 de Abril forão obra d'imaginação infernal ou de loucos, antipodas da Ley. da Razaõ, e da Justiça e assombro e horror da Humanidade e da Natureza; a sua execução era um impossivel methaphisico: estamos, graças á Providencia! investidos no gozo do Imperio da Ley, a virtude será premiada e o crime será punido sem remissão, porque só desta forma poderá ter regulado movimento a maquina politica.

Nova vida: vamos á Concordia acabe se com todos os diabos a rivalidade, ou antipathia pueril, e indiscreta da naturalidade que tantas dezordens e desgraças tem causado, mas que por felicidade, e do contrario estaria tudo perdido, somente se encontra ou se percebe em pessoas de menos destinação, de menores luzes, de obscuro nascimento, e de escassa educação, e nos malvados: entre estes somente em quanto se não fizerem bons por meio da Arte delicada de governar, á maneira do Sabio e grandioso Trajano, e a classe dos Cidadãos honrados e benemeritos exista implacavel divisaõ; distinga-se a Virtude do Vicio, tudo o mais he erro, he maldade, he dezordem, he confuzaõ: preze-se o merito dos Cidadãos sem destinação do Nascimento, pratique se a igualdade dos direitos como manda a Constituição sem que se ultragem as suas paginas Sagradas, como nesta parte fez o cego Argos Maranhense, hoje Deputado ás Cortes por mercê dos votos comprados pelo seu façanhudo amigo Lobo

Nós votamos, que em circumstancias iguaes se prefira, para todo o Emprego, Officio, Posto militar ou civil, o Cidadão Brazil iro nato, em devida contemplação satisfatoria e politica do apreço pessoal que d'antes por culpa d'alguns Capitães Generaes, se houvesse talvez roubado aos oriundos do Paiz: mas nesse cazo

he necessario que este ou aquelle se faça digne por suas qualidades e comportamento do Emprego que exercite ou pertenda, para que quando aconteça ser d'elle despojado ou indifferido injustamente, possa queixar-se e levantar a voz; e nesse cazo, seja elle quem for, até o Censor o ajudara com sua costumada franqueza e valentia d'animo: e deste modo poderá então dizer = eu pertendo servir ou tenho servido este ou aquelle Emprego, Officio, ou Posto com honra, inteireza, actividade, e dezinteresse, e com todo o zelo e circumspeção, cumprindo exactamente as Ordens de meus Superiores, e satisfazendo a todos os deveres de meu cargo e obrigação; não desencaminhando nem deixando desencaminhar coisa alguma da Imperial Fazenda, disto ou d'aquillo que me fosse entregue; nem uzando dolo ou falsificação de qualquer natureza para illudir o Governo, ou quaesquer pessoas interessadas no bem publico.

Eu não sou d'aquelles que no tempo do Bruce fazia requerimentos desta natureza = Exm<sup>o</sup> Sr. ~~Paitinga~~: Cá o Meco F., independente dos pés athe a cabeça, sendo um dos melketreses mais accerrimos das rusgas nocturnas, tem feito tantas mortes livre de bazofia; um dos primeiros no arrombamento das portas ao som dos Canhoës, e vivas ao Imperador! segundo as ordens que havia; tendo ajudado com presteza a a limpar as loges de fazenda, ou a fazenda das loges; e muitas vezes com dez ou doze camaradinhas da sucia dando lustros nos puças quando os apanhavamos descuidados, segundo as recomendações vocaes de V. Ex.<sup>a</sup>; um dos que mais se distinguio ou commandou nos Saques de Alcautara, Cajapió, e Vianna que V. Ex.<sup>a</sup> mandou fazer a titulo de certas diligencias; que ajudou a quebrar as costelas do manço Braulle por não saber pintar estrellas, e as vidraças de tantas Casas das melhores desta Cidade, e a desconfôr e a insultar muitas familias distintas com palavras injuriosas, como de tudo fôrão testemunhas de vista o Sr. seu filho Doutor, nomeado Juiz de Fora de Cabo Frio, e seu Genro ~~Barradinhas~~, e o Irmão do



mesmo; e vulgo, o Capitão dos Lustros, e o Cabeça de Porco, e outros muitos hêm conhecidos; por tanto requeiro este ou aquelle Officio ou Emprego, esta ou aquella Patente, Subalterna ou Superior com Soldo por inteiro e gratificação = E. R. M.

### DESPACHO.

Em virtude das medidas geraes adoptadas por este Governo, e attendendo ao distincto merecimento e relevantes Serviços do Supplicante, em Nome do Imperador; como requer. &c. (Assignado) Bruce, P.

A vista das razões que tenho exposto, não merecendo nolla desfavoravel a minha conducta, ignoro qual seja o motivo porque se inlêserisse o meu requerimento em que pedia tal Officio ou Emprego, ou por que me despajassem daquelle que eu estava servindo, assim sem mais nem menos, e neste cazo também poderá dizer: ergo, rozas. &c.

Aquelle que estiver em circumstancias de fallar ou requerer desta maneira manifestando suas queixas sem impostura e sem hipocrisia justificando em publico sua conducta, e não pelos Cantos, pode fallar aftoito e levantar a voz sem menor receio de que não encontre justiça no Sabio e energico Governo do Ex.<sup>o</sup> Presidente Sr. Pedro José da Costa Barros, que hoje felizmente nos rege, de cujas puras intencões, imparcialidade, rectidão, e franqueza estamos tão seguros, que não duvidamos afirmar, que elle não terá duvida emendar a mão no moimento em que conheça que como homem, e não anjo, tenha cometido algum erro ou engano.

Mudarão se os tempos; expirou o imperio da Canalha; elles tomárão barrigada de Lobo, e muitos estourarão fartos de forçura; porem acabou se lhe a mama; agora voga a Ley, a razão, e a justiça. Já o Exm.<sup>o</sup> Barros dirige as redêas do Governo com destra mão; e tranquillo hirá calcando como Heróe Valente os sobrinhos, colos que ouzarem levantar-se: elle com sabias

*no videram - se os tempos*

Atidas e profundo zelo tem feito progressos sublimes na re-auração da publica tranquillidade, e na marcha dos negocios da Provincia; e se ainda se presente algum halito pestifero que recende das immundas Lappas, a onde se ajuntão alguns lobinhos discipulos dos deus infestos Piratas L. L. com os sebasticos Brucistas alumnos da mesma escola, não nos devem amedrontar seus raivozos huiuos, porque, alem de conhecermos sua miseranda lazeira, temos um bom Medico politico que nada escapará á sua vigilancia e cuidado; elle está á mira dos sintomas da epidemica molestia, que, segundo as Leis da Natureza, deve terminar em delirios, e antes talvez que estes se cheguem a declarar, elle lhe applicará vigorozos drásticos; e se for preciso usará tambem, com prudencia, rectidão, e firmeza, dos recursos da Therapeutica politica, que he remedio atenuante, milagroso, e decizivo.

E se a infernal Discordia co-irmaa da Santa Infriga, amputadas as caudas, ainda conserva entre nós sua cabeça letthal, inficionando os ares com seu halito mortifero; o Exm.<sup>o</sup> Barros he para quem estava reservada a gloria, como esperamos, adoptando com presteza os meios competentes, e legaes, de debellar e destruir esse monstro medonho; só o Exm.<sup>o</sup> Barros lhe extinguirá de todo o tartareo folgo, pois o supponmos mais forte que o invulneravel Achilles; por que estima mais do que o ouro, a honra, a virtude, e o ferro.

#### A V I S O.

João Antonio Garcia d'Abranchês, faz saber aos Habitantes desta Provincia, e ao Mundo inteiro, que havendo de commun accordo em sociedade com Joaquim José de Sequeira, feito um Projecto de Agricultura e Povoação, para os Rios Miarm e Grajahú, como o Impresso que já publicou; e que incumbindo-se o dito Sequeira de hir ao Rio de Janeiro solicitar do nosso Augusto Imperador a Sua approvação; accontecesse que o mesmo Sequeira alli inverterá o dito Proje-



cto, e o fizera apparecer na Augusta Presença de S. M. I. sómente em seu nome, e figurando-se unico emprehendedor: o motivo desta estranha conducta, o tempo o descobrirá: o que sómente o mesmo Abranches assevera he: que como Cidadão que deseja ser util á Patria e ao augmento do Imperio, fez um projecto de Agricultura e Povoação, como lhe permittirão suas fracas luzes, e não um Projecto d'especulação de Commercio, de baixo de pretexto do bem cômum:

Este Aviso acha se exarado em o N.º 21 do Amigo Homem na data do 10 de Setembro de 1825: em 2 de Maio do mesmo anno nós o tinhamos enviado, na occasião em que nos achavamos presos na Fortalera da Barra, ao Redactor do referido Periodico, pedindo lhe hum espaço para a sua publicação; porém só depois de 4 mezes he que teve lugar conceder-nos esse favor; motivada se o duvida tanta demora por inconvenientes de summo pezo que o rodão; pois que o Ilustre Redactor nos tem prodigalizado outros, e até manifestos beneficios á nossa familia em nossa ausencia, a que sempre seremos gratos.

Nesta manifestação em que nos empenhavamos por via daquelle eximio Periodico, levavamos em vista, não só desmascarar a extravagante e abominosa perfidia e conducta do referido ~~S.~~ queira com nosco praticada, como, porque tendo elle obtido do Augusto Imperador, uma provisão, para que o Presidente desta Provincia informasse sobre o novo plano adulterado, e devendo supor se ser a dita Provisão ob, e subrepticamente conseguida, pois que faz oppozição ao Artigo da Constituição do Imperio, nos pareceu ser utilisima sua publicidade para que melhor e mais breve chegassem ao Conhecimento do Soberano as boas ou más intenções dos seus Vassallos, e quem, e que taes elles sejaõ, e para que o Publico conheça tambem a delicadeza daquelles que são mestres disfarçados da subtil Arte de promover os particulares interesses com a mascara do Bem Geral.

Maranhão, na Typografia Nacional, Anno de 1826

163/178

por India e Minas em Lisboa em 21 de Outubro de 1825

# CENSOR

**MARANHENSE.**

N.º 10

*A Rome les desordres domestiques ou publiques étoient reformés par les Censeurs.*

**Rollin.**

**SABBADO 25 DE FEVEREIRO DE 1826.**

**L I S B O A.**

El-Rey nosso Senhor He Servido, que V. m. mande satisfazer pelo Cofre dessa Administração, a quantia de duzentos e sessenta mil reis, importancia da passagem de João Antonio Garcia d'Abranches para o Rio de Janeiro, na forma do Contracto incluzo. Deos Guarde a V. m. Palacio de Mafra em 13 de Outubro de 1825. Conde de Porto Santo. Sr Lourenço Antonio de Araujo.

O Sr. Director Geral do Correio, vendo o que se determina no Aviso acima copiado, lhe fará dar execução Correio Geral 13 de Outubro de 1825. Lourenço Antonio d'Araujo.

Este Documento existe em nosso poder passado



por India e Mina em Lisboa em 27 de Outubro de 1825.

# OS JORNAL

O DE

*Que no dia 2 de Fevereiro de 1826, em que se festejou nesta Cidade o Faustissimo Nascimento do Principe Imperial Augusto Filho do nosso Adorado Imperador o Sr. D. Pedro, foi recitada no Theatro—União—desta mesma Cidade; feita por hum dos Genios dos mais amantes do Brasil, a qual se acha exarada tambem no scientifico Periodico=O Amigo do Homem a pag. 81 do N.º 10 deste anno.*

Marcha a frente dos Seculos Caducos

O tempo inexoravel;

E ao sacudir do ferro sanguinoso,

Alagão-se os Imperios.

Eis a Patria de Anibal onda a penas

Da passada grandeza

Ermas ruinas só divizo Escravas

Das descoradas Luas:

O que he feito dos muros onde Sifas

Aonde Massinissa

Com denodado arrojo e pavorirão

As Aguias venturosas

Da Despota do Mundo alliva Roma?

Quem digitando pôde

Com vederdade dizer: alli foi Troya?

Succedem se os Imperios,

Como as folhas dos arvores annozas;

E do destino ao mando

Renova-se da terra a face inteira:

Os barbaros do Norte

Forão Leys promulgar no Capitolio

E a Patria dos Cezares tremendo.

O jugo supportava.

Tudo sujeito está do tempo ao ferro

As eternas mudanças

Do precursor da morte inevitável  
 Entrão no Lethes Regiões que outrora  
 O Mundo abrihantávão;  
 E rasgando-se o véo d'altos futuros  
 Em scena se apresentam  
 Poyos entre as Nações, jamais cuidados.  
 O' como paſſaria  
 Cabral hoje se visse as ermas Praiás  
 Domão, pensado o Mundo  
 Transformadas, bem Praças sumptuosas,  
 Tornando o Imperio Augusto  
 Da Brasilica gente, em outro tempo  
 Ao Jogo Luzitano  
 Condemnada a viver, qual hoje vive  
 O Imperio de Zenobia!!  
 Al Ti Pedro o Imortal, quei sobre as margens  
 Do Limpido Piranga  
 Emiqui Primeiro alçaste a vós da Liberdade,  
 A Ti, Senlir, se deve  
 O ver-se levantado, e postor a pum  
 O assonbroso Gigante,  
 Que ha de adunte dian como vós affoadora  
 Fazer obedecer-se  
 Dessas mesmas Nações que em seu delirio  
 Os pulsos lhe amarrarão  
 Abona esta verdade a Ley dos Estados  
 De Pedro e Carolina  
 Brotou Santo Penhor, que augura, antida, a  
 A duração eterna  
 Do Brasilico Imperio: Salve, Dia  
 O' Dia venturoso,  
 Que ogarante nós traze da ventura;  
 Que nos promette a sorte;  
 Nuncarás sombras da livida Anarchia  
 Os nossos horisontes  
 Não-de mais offuscar, Saturnea idade  
 Seguirá meizadão  
 Pedro, o Filho de Pedro Incomparavel  
 Contigo o Brasil póte, o



Desafrontado já de horriveis males;  
 Que o seio lhe oprimirão,  
 Exultar de prazer, e a longos sorvos  
 Nautica d'alma Dita  
 Beber felicidade que perenne  
 Tem de correr do Trono  
 Que has de hum dia occupar por gloria nossa.  
 Ouve Teu Pay, Teu Mestre,  
 E infarás esquecer que sobre o Mundo  
 Reinarão Antoninos;  
 Assim he de esperar da Prole Augusta  
 Do Throno Bragantino  
 Enlaçado c'os louros assombrosos  
 Das Immortaes Marias.  
 Tu, feliz Maranhão, brilhante estrella  
 Do luminoso circulo  
 Do Imperio Brasileiro, exulta, exulta;  
 Entrégate já Algria:  
 Que de hum Pedro segundo a idéa imprime:  
 Com elle hão de estender-se  
 Os dias venturosos que não cedem O  
 Do Tempo a força ciua.  
 A Ti Pedro Immortal, nós deveremos  
 O só que te assemelhe.

O Genio dos mais amantes do Brasil, de que bro-  
 tou esta brilhante producção, he tambem o Genio Tute-  
 lar desta Provincia, o Illustrissimo e Excellentissimo  
 Sr. Pedro Joze da Costa Barros.

Não he espirito de adulação, nem a vil lizonja  
 que nos induz a copiar e lançar em nosso Jornal os  
 mimosos versos do Excellentissimo Barros a tão alto e  
 nobilissimo assumpto; he sim o proveitoso prazer de  
 possuir-mos, depois de tantos males, hum Chefe que  
 sendo tão zeloso no Serviço do Imperador, incausavel  
 no progresso do bem da Provincia, e no socego e  
 concordia dos habitantes, possui em grande copia, não

só os talentos e conhecimentos militares, como em grão de perfeição o Thesouro precioso do Estro e bellas Letras, sendo impassivel por Natureza e Fado a todos os revêzes e fadigas do tempo estragador.

*Novos trabalhos vendo, e novos damnos;*

*Agora o Mar, agora experimentando*

*Os perigos Mavorcias inhumanos;;*

*Qual Canace, que á morte se condemna,*

*N' uma mão sempre a espada, e n'outra a penna.*

*Camoës.*

Tambem na pagina (76) do mesmo n.º do Amigo do Homem, se acha exarado uma Copia do Tratado de Comercio entre S. M. o Imperador do Brazil, e S. M. El Rey do Reino Unido da Graã Bretanha e Irlanda, com 31 artigos, feito no Rio de Janeiro aos 18 de Outubro de 1825.

No mesmo Periodico N.º (12) a paginas 96 se acha tambem a copia de outro Tratado entre as mesmas altas Potencias, sobre a abolição do Comercio da Escravatura, concluido na mesma Corte do Rio de Janeiro aos 18 do mesmo mez de Outubro de 1825. &c.

Que he isto! O Rey da Graã Bretanha, aquelle a quem o terrivel e indomito Napoleão abaixada a orgulhoza Cerviz pedio asylo, jazigo, tumulo, e tumba, fazer Tratados politicos com o Imperador do Brasil! O mesmo Rey do Norte ser Mediador no Tratado d' Amizade e Alliança entre Portugal e o Brazil! O mesmo Rey ter ha dous annos uma Esquadra de Respeito ancorada no Tejo á disposição do Augusto Pay do Imperador do Brasil! As Potencias Europeas apressarem-se todas a fazer Tratados de Amizade e Comercio com o Imperador do Brazil! O Imperador de Alemanha consintir á emigração, e embarque de tropas para o Brasil vasto Imperio de seu Augusto Genro e Senhor D. Pedro I.º do Brasil! Isto ser crível?! huma profusão de Negocios politicos das Potencias mais respeitaveis do Mundo com o Imperador do Brasil, sem attenção nem respeito aos Discipulos do Barata, aos

A. H.  
#12



Sectarios furibundos dos Carvalhos, dos Tristões, Vil-  
gueiras, e outros Corifêos alapardados de grande rabo a  
quem não tarla o seu S. Martinho!

Sem attenção nem respeito ás vozes fanhozas do  
ex Portuguez em Londres João Bernardo, ou Ber-  
nardo João de Nariz aquilino, Bernardão ou Bernar-  
dino Bacharel de Bernardices, quando prega em Lon-  
dres—Republica—Republica no Brasil! (Elle he res-  
ponsavel á humanidade por torrentes de Sangue )  
vil Mercenário vendido aos sclerados rebeldes, Mon-  
stros de Orgulho, de ambição e de avareza, dege-  
nerados Brasileiros refugiados em Londres depois do  
aborto das confederadas do Equador, esse Bernardo  
Leigo professor, estorrado Pregador de finestas Doutri-  
nãs, ignorante de conhecimento da propensão, genio,  
educação, costumes, e mais circumstancias ponderosas  
dos habitantes do Solo ao que n'as dirige, ou bar-  
baro, ciú, e nefando Antropofago, a quem não cessa  
a sede implacavel e ardente de sangue humano e de  
ouro!

As Potencias Estrangeiras, tornamos a dizer, farão  
Tratados com o Imperador do Brasil sem attenção  
nem respeito algum ás *meas armas* do Maranhão,  
nem aos Sebasticos Brucistas que estão com o olho á  
mira, esperando a todo o momento pelo seu Havaitée,  
Escandorhech, ou Pamerlan, de quem já se espalhão  
noticias mysteriosas e aterradoras só de espirito posi-  
lanimes—ahioyah—não tarda—douto ab minha palavra  
que breve me hei de vingar &c. &c. alimento da vil  
Caterva que ainda espera ansiosa pela beata Restaura-  
ção do Governo bestial da perseguição e do roubo;  
nutrindo agora as ardentes e únicas esperanças dos  
ultimos embargos nos pompozos successos dos Camara-  
dinhas do Sul! Age pue, rumpê moras! Animo! animo!  
o Paitinga Bruce tem patux de calibre, o chumbo  
não lhe entra! evocê, evocê!

## CONCORDIA

Tem-se observado recentemente nesta Cidade, um effervescente murmurio a respeito de uma correspondencia mantida entre a Illustrissima Camara e o Illustrissimo Commendador Lourenço de Castro Belfort, que fôra convidado para conduzir *de cavallo* o Pavilhão Imperial no Bando que a Illustrissima Camara pertendia fazer, como depois fez com Magnificencia, do Reconhecimento da Independencia e Império do Brasil pelo Senhor D. João 6.<sup>o</sup> e o Tratado d'Amizade e Alliança entre as duas Potencias; e que o mesmo Illustrissimo Commendador recusara acccitar o dito convite pelas razões que expendeu em suas cartas de resposta aos Officios da mesma Illustrissima Camara sobre semelhante negocio, de cujos documentos temos á vista uma fiel cópia, que havemos examinado com alguma circumspecção. Se nós de direito e de facto estivessemos revestidos da authoridade que exercião *in illo tempore* os Censores Romanos, cuja Magistratura fazia o mais bello Contraste com os costumes publicos, talvez esta Correspondencia ou o assumpto della, offerecesse um largo Campo ao exercicio da nossa censura em beneficio da boa ordem, e do progresso da civilisação em nosso Paiz; e entre muitos exemplos que nos offerece a Historia daquelle tempo, não deixaríamos de julgar a proposito fazer alguma combinação com um caso accoecido, e que já foi referido em nosso N.<sup>o</sup> 2.<sup>o</sup> pag. 18, entre os Censores Nasica e Popilio, e um Cavalleiro bem disposto, nédio, ou bastante gordo, e que talvez não pezassemos menos de oito ou nove arrobas, o qual appresentando na revista o seu Cavallo muito magro ou lazarento, e sendo-lhe perguntado pelos referidos Censores qual fosse a razão de tanta differença entre ambas as creaturas, isto he: entre o Cavallo e o Senhor, ao que elle dando uma resposta fassetica ou ridicula, incutendo pouco respeito a quem o interrogava, fôra por isso condemnado pelos ditos Censores ao perdimento de todos os direitos de Cidadão, excepto no de pagar os tributos.



Como porem a nossa censura seja destituida do direito de coacção, e se dedique mormente a promover a união e concordia dos Cidadãos; pois que he o primeiro bem da Sociedade Civil, e como para tão proveitoso fim não encontrássemos outro caminho mais proprio que o meio que adoptamos de exercitar huma prudente, imparcial, e modesta critica, sobre os costumes publicos sem tocar nas pessoas, menos que não sejam designadas pela força da opinião publica cúmplices de manifestos crimes e depravada conducta, ou pelo contrario dignas por suas virtudes, expendereámos ao mesmo respeito nossa opinião, que submetemos ao juizo dos homens probos e imparciaes.

O tempo em que acaba de publicar se uma noticia de tão fausto e geral interesse, como a do Reconhecimento da Independencia e Tratado de Amizade e Alliança entre o Brasil e Portugal, e que a Illustrissima Camara desempenhou no dia 22 de Janeiro deste anno com tanto esmero e brilhantismo, compõe uma época eminente da gloria desta Provincia e do Imperio; e não he justo que dias tão plausiveis, tão luminosos e brilhantes, sejam manchados com o bafo pestilente dessa mortifera Deoza Discordia intitulada, que tanto nos tem inquietado, e que entre nós tem sido sempre motora de tantas desordens, velhacarias, sustos, e desgraças.

Estamos na época gloriosa da consolidação do Imperio em que se estabeleceu a robusta segurança do Throno Imperial do Excelso Senhor D. Pedro I.<sup>o</sup> do Brasil; deve ser esta a feliz época tambem da conciliação fraterna dos Cidadãos utilissima ao bem geral da Sociedade e á prosperidade do mesmo Imperio, para que todos devemos sinuadamente concorrer: por tanto seja em tudo de feliz memoria esta época protentosa; haja concordia: não se firão sentelhas sobre a natureza combustivel quando devem apagar-se os mais leves indicios das dissensões domesticas: as offensas de mero melindre do genio, não existão vianganças sanguinosas, se não em animos faltos de liberalidade: ou estaremos no caso do—*Summum jus, summum injuria?*!

Certo primeiro quem tiver mais juízo, e quem for mais generoso: só assim he que se promove a concordia: a Illustrissima Camara portou-se com dignidade, sizudez, e descripção em convidar para conduzir o pavilhão Imperial a um Cidadão dos mais nobres e mais distinctos a exemplo das Cidades civilisadas e das mesmas Cortes em semelhantes cazos; e se o Illustrissimo Comendador Lourenço de Castro em sua resposta ao primeiro Officio da Camara por mera irreflexão talvez soltou algumas expressões em desfavor do decoro da mesma Illustrissima Camara, suppondo ser levandade, como diz, do Illustrissimo Escrivão a lembrança de o convidarem para um Ministerio tão honroso, assaz tem elle dado a maior satisfação contradizendo se em sua segunda carta de 16 de Janeiro, quando diz, quasi no fim da mesma—uma respeitavel Corporação (a Camara) composta toda de Membros mui sizudos e circunspectos como todos os reconhecem.

Por tanto: he nosso parecer e desejo que se entregue ao silencio e ao escuro essa fria correspondencia, de cuja publicação nenhum interesse poderá resultar ao bem geral do Povo; e só poderá entreter os espiritos inquietos devotos da santa intriga que dezeijão a novidade, e ver os Touros de Palanque; e os homens de bem devem deixar-se de dar gosto ao Povo por esta maneira; e nem o Povo se deve divertir em espectáculo se não com Peças Dramaticas de moral bem escolhidas, representadas no Theatro da—União—; cujo exito se deve promover com patriotismo para se corrigir e dirigir o espirito publico: e muito agrada rá tambem esta franca resolução, se se adoptar, ao Excellentissimo Sr. Pedro Joze da Costa Barros, nosso digno Presidente, que está empenhado em promover entre nós a conciliação e a paz, e dissipar e extinguir de todo o funesto espirito da vil intriga e discordia, como temos dito mais de uma vez: e para que esta narração não enfastie, apenas diremos mais: que tendo expendido nossa opinião segundo nosso genio e nossas boas intenções, só nos resta dizer, que se fossemos revestidos da Dignidade Episcopal fariamos uma cruz



côm dous dedos da mão direita, articulando estas vo-  
zes.—*Pas vobis.*—Eis a nossa censura.

Quando nós chegamos de nosso desterro ao seio da Pátria adoptiva, e da nossa familia houverão pessoas de muita probidade, circumspecção, e saber que nos aconselháráo, que deveríamos terminar a obra de nosso Jornal com o N.º 7, glorioso meio com que havíamos conseguido um triumpho immortal; nós tínhamos prevenido este cordato parecer, tendo regressado cheio de firme resolução de adoptar o mesmo projecto; porem como observassemos que o espirito da discordia ainda bafejasse entre nós, debaixo de subtylis e differentes formas, não podemos conter nosso zelo patriotico, e em vez de rigida censura, porque ja não lutavamos a nosso ver com sacrilegos Gigantes, e com Algozes terrificos seguimos o meio da direcção, aspirando chegar os espiritos desvairados, ao caminho da razão e da verdade, adoptando um estilo que abrangesse todos os conhecimentos e todas as classes. Sabemos com tudo que nosso N.º 9 não aggradou a muita gente boa, *boune trois fois*, e principalmente a alguns Paitingas e Adamastores, vindos de balravento por mercê da ventura e do fado, alguns com mais de 70 annos de exercicio libedinoso, e outros que devendo á Provincia felizes estabelecimentos, e de lauta subsistencia aspirão couzas mas finas... ralhão do Tratado de Amisade e Alliança com Portugal, e ralhão do N.º 9 do Censor.

O Censor pois prottesta, e não tem medo do papão; que será sempre constante na sua marcha. Intimamente convencido como ja tem dito, de que fóra do Imperador não há salvação para o Brasil—O Censor não deixará de desmascarar aquelles monstros de cem caras, e outras tantas unhas, que debaixo de hum affectada fidelidade a S. M. I. nutrem em seus corações preversos e refalsados, idéas de uma Democracia monstruosa, somente compativel com os seus

particulares interesses: elle perseguirá mesmo nas escu-  
ras cavernas em que são geradas, as pessimas Doutri-  
nas destes monstros da anarchia e vandalismo; e já-  
mais deixará circular impunes os escritos ou discursos  
incendiarios e capciosos dos Demostenes furiosos, Ma-  
ratistas, e Chaumetes endiabrados, e os Jornalistas as-  
saliariados que jactando-se de vigiar a Ley com os  
olhos de Argos, empregão artificioosamente as tres  
gargantas do Cerbero para indirectamente destrui-la:  
fazendo-se Panigiristas e Defensores daquelles que mais  
se tem esforçado para aniquila-la.

### P I A U H Y.

Em nosso N.º 3.º a pag. 45 transcrevemos a  
Proclamação de 29 de Janeiro de 1823 do Tenente Co-  
ronel Joaquim de Souza Martins Governador das Armas  
da Provincia do Piauhý, e nessa mesma occasião disse-  
mos nós que aquelle escrito fazendo digno a seu beneme-  
rito Autor de ser seu nome gravado em Laminas bri-  
lhantes, era um monumento de Moral, de Virtude, e de  
Politica. Devendo entender-se: de moral, porque se pro-  
punha a fazer terminar o Scisma dominante da louca,  
encarnizada, injusta, e atroz persiguição, escandalo da  
Humanidade, e da ordem Social, contra os Europeos  
Portuguezes, especialmente espalhados no Certão: de Vir-  
tude porque o Autor da mesma Proclamação, pregando  
com estilo nervoso aquella Doutrina suave e benéfica,  
cheia de Luz penetrante, no meio de hum Povo desmo-  
ralisado e cheio de prejuizos, á excepção das excepções,  
que a uns cortava os interesses pessoais, a outros planos  
occultos de crimes nefandos, se expunha a ser Martyr  
ou victima da raiva e do furor dos perversos: de politica,  
porque daquella forma, e não de outra he que se ha-  
via de consolidar a Independencia, e subir o Imperio á  
grandeza que lhe compete, promovendo a união e concor-  
dia dos habitantes Cidadãos Brasileiros sem distincção do  
nascimento; pois caminhando por aquella forma pela es-  
trada da honra, e preenchendo os deveres do Cidadão  
fiel, honrado, e benemerito, se ganha ao mesmo tempo



o alto premião que a Magnanimidade do Augusto Monarcha sabe expazir sobre o merecimento, estimulando os animos á virtude, como diz Cicero=Procinia stimulant ad virtutem: et honor alit artes, que o premio insita á virtude; e a honra sustenta as artes.

Quando nós assim fallavamos, e nos lembramos fazer a apologia do benemerito Autor daquella Proclamação luminosa, combatento o furor virulento do frenetico e depravado Redactor do Argos sem Ley, hoje Deputado lèpido das Cortes, por mercê do soborno, que ultrajava com sacrilega pena o meritó de tão distincto Varão, não duvidamos involver no mesmo elogio e conceito que faziamos, tambem merecido do Illustre Joaquim de Souza Martins, a seu Irmão Manoel de Souza Martins, Excellentissimo Presidente da mesma Provincia, e hoje Barão da Parnahiba, porque suponhamos: que ambos Irmãos, é ambos honrados, ambos caminharão pela mesma estrada de gloria e de honra no Serviço do Grande Imperador: hoje porem correm differenças noticias, e com tão solidó e carrancudo aspecto, que custa a duvidar da existencia do furifundo volcão: ellas nos custão a crer; pois sentio certas, na verdade nos enche de espanto e de compaixão a conducta politica e a sorte do Excellentissimo Barão.

Dizem que a Capital da Provincia do Piauhy está feita um foco pavoroso de formal rebelião, um covil de conjurados, uma assembléa de loucos, uma caverna medonha de lobos esfumiados afiando o dente, e ensaiando a garra para devorar forçuras; que ali e em seus recintos se vai ajuntado toda a mais bicharada, prestes ao generoso e repetido convite do Demostenes da Parnahiba, para adornar o leito dos Deoses do Equador, ornare pulvinar De-rum, com banquetes saliares, aonde com melhor razão, que depois da victoria naval de Augusto, alcançada sobre Marco Antonio, devem server á larga ao alegre som do bródio, as muzicas, danças, e comezanas, e mandarem-se á fava e á tabua as magoas e as crueis tristezas.

Toda esta noçiventa bicharada epigraphica dos dois Reinos Animal, e Vegetal=Pequizeiros, Alecrins, Jutays,

*Sibaias, Sucurujus, Cascaveis, Jararácas, Cunjussús, Gatos pretos, Sussuaranas, Tigres, Lobos, dizem, que está debaixo da alta protecção, concertando planos, e gozando o prazer do doce nectar do seu Jupiter, ou a fresca sombra do Excellentissimo Barão da Parnahiba mas será crível que o Excellentissimo Barão cahisse em semelhante delirio e fraqueza?! O Barão por grandeza do Augusto Imperador feito Barão, tirado do pó da terra, de donde sahem todos os homens grandes e pequenos, querer para lá voltar tão cedo, abandonando com tanta ingratidão, e tão depressa o Imperial Serviço de quem o fez Barão?! Isto custa a crer!! Só se elle cuida que Barão he o mesmo que ser Tubarão. Nós não o podemos acreditar, mas se assim he, bem pode o Barão preparar se para receber o premio que ao Valido de Aman deo ElRei Assuero, que sendo reverenciado de todos, veio por seus crimes a ser tratado vilmente, acabando n'uma forca=suspensus est itaque Aman in patibulo. E o mesmo Rei querendo honrar e enobrecer a Mardocheo, sendo servo, o elevou pelo seu merecimento a seu Privado e segunda Pessoa do seu Reino, fazendo Aman conduzir pelas redeas o Cavallo em que Mardocheo hia montado, e dizendo estas palavras—Hoc honore condignus est quemcumque rex voluerit honorare—He digno desta honra todo aquelle que for amigo fiel do seu Soberano.*

Nós singimo nos neste negocio aos limites unicamente da opinião publica, nem nos afustaremos da hypothese, debaixo de que seguimos nosso discurso: não he nossa mente, nem nosso estillo e conducta atacar, nem levemente offender o respeito devido ás Authoridades constituídas, e principalmente a sagrada Immunidade de um Presidente chefe d'humna Provincia do Imperio, que he lugar Tenente no Governo, e a Cópia do Augusto Imperador, e sugerimos á correção, e recta censura qualquer desvio ou lapso a que o nosso enthusiasmo nos possa conduzir; mas quando se trata do bem da Patria, quando esta existe em perigo de ser perturbado, seu placido socego, a ordem geral, e ultrajada a Magestade, e a Ley do Soberano por vis traidores, he obrigação e dever de todo o Cidadão honrado e fiel, não poupar esforços em tudo



quanto possa convir ao bem do Estado e da integridade dos Direitos, e Respeito do Sagrado Monarcha.

Eis a razão porque neste momento não podemos deixar de levantar a vós contra o publico e manifesto escandalo com que a Provincia do Piahy está sendo hoje amplo asylo e stabulo, não só de malevolos foragidos e Republicanos mais que suspeitos, como de rebeldes declarados e criminosos publicos; parece o refugio ou ponto de reunião na Toscana dos Conjurados de Cathelina; ali existe ha mais de um anno o Demostenes da Parahiba, Doutor João Candido de Deos e Silva, criminoso publico, declarado rebelde, que sendo Ministro, fez abjurar formalmente em Camara o Sagrado Projecto da Constituição do Imperio, e que officiou á Camara de Oeyras e a outras para se perpetrar ali o mesmo attentado sacrilego.

E se o Excellentissimo Barão não teve alguma ordem secreta do Ministerio que deva ser vedada ao conhecimento do Publico, para demorar tanto tempo junto a seus atrios venerandas, e debaixo de seu benefico presidio um criminoso de tal natureza sem que o remetesse prompto com seu Processo competente á Relação do Districto, ou para a Corte; que deverá pensar o Publico, senão, que o Excellentissimo Barão aspirando mais suprema e alta Dignidade e Gerarchia que o simplesTitulo de Barão, dezeja reservar ilezo e impune aquelle immortal Demostenes, para em occasião opportuna pôr em doce effeito os raros talentos e a eloquencia daquelle grande e incomparavel Theorista da Democracia?!!

Continuarse-ha

o ————— o

## V A R I E D A D E S.

Huma prova de que a Civilisação do nosso Paiz, com a nova ordem de Negócios vai tendo algum adiantamento, a par do entusiasmo patriotico tão util e vantajozo ao bem da Sociedade em geral, foi o aberto engano que hum sujeito de maduro conselho, e destes que pezaõ e observao o espirito publico e os genios dos homens com profundidade e bom olho dizer-nos

depois da nossa chegada, que não contássemos mais com a pasmoza sahida e extracção de nosso Jornal, pois que no Maranhão he terra que tudo falta e que tudo falta, e que como acabassé a nossa Contenda com o Argos a respeito de Vara e Covado que poucos agora comprariaõ o folheto do Censor, menos algum que prezasse as bellas Letras, e que cheio de patriotismo amasse a continuação da nossa Obra: e para demonstracão certa ou incerta da profecia deste magico Observador, diremos, que tendo n'outro tempo imprimido de 600, a 800 e sempre de 400 folhetos para cima, e havendo sempre prompta sahida, sendo até reimpresso o n.º 1º, ultimamente se imprimirão 500, do n.º 9; na Tipographia, e todos tiverão sahida, o que agradecemos a todos os amigos que tanto se esmeraraõ na Compra, no uzo, e na leitura de nosso humilde Jornal; ainda que o nosso principal interessé nesta Obra he o fructo da concordia, e do bem geral da Sociedade, e do Imperio.

Dezejando entreter por alguns momentos as Illustres e estimaveis Senhoras do Maranhão, mesmo por entre o fadigozo empenho da defeza da Sagrada Cauza da Patria, em que ellas taõ heroicamente se tem distinguido, daremos á luz em todos os numeros do Censor que se publicarem d'aqui em diante algumas charadas ou advinhações originaes ainda não vistas ate agora; e em cada um n.º seguinte se explicará seu Segredo, para quem antes não tiver dado nelle. E assim se hirá continuando o mesmo divertimento honesto: e tambem para dar que fazer ás Cabeças d'alguns Maranhos do Sexo masculino, que se presaõ de sabichoës; e principiaremos pela seguinte muito facil, e que será preciso estar cego para não peactrar o seu misterio. =

N.º 1.

Obra de alado incepto industriozo;—1.  
 Efeito de mortifero veneno;—3.  
 Verde esphera de polpa nacarada,  
 Que Pomona produz no Campo ameno.



## N.º 2.

Toma ametade de um Deos;—1.

Tira ao Boy o mais pezado;—2.

O nome acharás d'um Rio

Aqui muito frequentado.

## NOTÍCIAS.

Na Botica do Padre Tezinho achão-se á venda todos os Números do Censor, para quem quizer as Collecções inteiras; a 160 reis.

Na mesma Botica se acha á venda uma interessante Obra intitulada—Economia da vida humana—Obra Indiana traduzida do Inglez, e ultimamente do Francez, serve para instrucção da Mocidade; para dirigir as paixões; servindo ao mesmo tempo de Recreio ás pessoas de bom gosto; a 320, reis.

Quem quizer mandar vir de Portugal, toda e qualquer Receita de Remedios, Drogas, Tintas, ou Boticas inteiras, pode dirigir-se a João Antonio Garcia d'Abranches que está prompto a mandalas vir com a mais rapida brevidade entregando-as nesta Cidade a pagamentos de prazo de tempo que se convencionarem por preços regulares; e prompto a fazer todo o rebale quando haja alguma differença notavel em preço ou na qualidade das drogas; porque tem sociedade para este fim com Manoel de Sant'Anna da Cunha Castello Branco, hum dos maiores e melhores Droguistas de Portugal.

## ERRATAS DESTE NUMERO.

Na pag 170, lin. 11, aonde diz—dignas por suas virtudes, deve ler-se—dignas de serem decantadas por suas virtudes. Na mesma pag. lin. 35 e 36—natureza, deve ler-se—materia; na mesma pag. lin. 38—existão, deve ler-se—excitação.

Na pag. 169, linha 5.<sup>a</sup> apparece a palavra—de cavallo—em grifo, engano sem duvida na Typographia, pois que em nosso Manuscripto em que nunca levamos intenções sinistras se não acha ercripta daquella fórma.

Maranhão; na Typographia Nacional. Anno 1826.

179/186

O

# CENSOR

MARANHENSE.

N.º 11

*A Rome les desordres domestiques ou publiques étoient reformés par les Censeurs.*

Rollin.

TERÇA FEIRA 28 DE FEVEREIRO DE 1826.



PIAUHY.

*Artigo continuado da pagina 176 do N.º antecedente.*

He tambem publico e notorio que alli se conservão outros criminosos, e que em diversos pontos da Provincia existem scelerados propagadores de perniciosas doutrinas: sabe-se que o rendimento das finanças daquella Provincia monta a mais de cem contos de reis annuaes além do rendimento de trinta e tantas Fazendas de gado do Fisco, e não se sabe aonde existe este dinheiro, se he que o Excellentissimo Barão o não tem feito recolher ao Rio de Janeiro por vias ignotas; e quem sabe se he por aqui que vai o gato as filhoses? pois só o Cochrane ha-de ser amigo de dinheiro? *auri sacra fames, quid non mortalia pulcra cogis!* a fome de ouro conduz os homens a crimes de grande lote, podem o mesmo ouro converte os crimes em virtudes; e o espirito republicano he hoje no Piauhy (e não só

*X Fome de ouro! Fome,*



no Piahy) huma virtude, e esta virtude foi bem designada nestas Provincias pelo immortal Cochrane, deixando aqui muito bons devotos que estão chocando! que estão chocando! ovos gorados!...

Sabe se que o benemerito Joaquim de Souza Martins, cahio no patriotico desagrado, de seu Irmão Barão, sendo assás conhecida e manifesta a nobre conducta daquelle insigne Brasileiro, e que o seu verdadeiro crime consiste unicamente em ser fiel defensor de S. M. I., e amigo da Concordia e união dos Cidadãos Brasileiros, sem distincção do nascimento.

Sabe se que existe hoje no Piahy uma barbara perseguição contra todos os Cidadãos Brasileiros ou Europeos que seguem a mesma marcha e conducta politica do Illustre Joaquim de Souza Martins, Irmão do Excellentissimo Barão, cujos crimes he serem amigos do Imperador, e da Concordia: neste numero de victimas existe o benemerito e honrado Brasileiro Egidio da Costa Alvarenga, exemplo de heroismo na constancia com que tem soffrido os barbaros effeitos do mais cruel despotismo, e arbitrariedade, e na firmeza de caracter com que se tem distinguido na adhesão e fidelidade ao Imperador contra os tenebrosos impulsos dos demagogos, debaixo do maior risco da vida, impassivel aos raivosos impetos dos cruéis monstros que o perseguem, os quaes cuidando encobrir a refinada maldade que nos peitos encerrão, tem perseguido a muitos outros Cidadãos cheios de merecimento e de virtudes civicas, debaixo do frio pretexto de terem sido n'outro tempo amigos ou defensores da Constituição de Portugal, e do Senhor D. João Sexto; mas coitado! aonde hirão os monstros parar seguindo esta rota? nós bem o sabemos!

He publico e notorio; finalmente já ninguem duvida, que a Provincia do Piahy está feita huma Coutada, não de caça edulia (nem só o Author do *Parasitismo* destas palavrinhas), mas de feras bravas e agrestes, como temos dito, a quem o Excellenti-simo Barão, (*si vera est fama!*) vai prestando doce asilo para propagarem, como a sementeira de Cadino já descripta em

nosso N.º 3.º pag. 52. os nocivos elementos que destruo a humanidade, e que perturbem todo o systema regular de Governo que alli não convém para não rasgar as epidermes que por ora está cobrindo as mazelas assolapadas e profundas de que ao longe recende o infesto cheiro; e dizem que pôr aqui he que o gato vai aos filhotes tambem.

Entre as inumeras feras que alli se ajuntão, tambem existe hum Lobo exotico; hum lobo mestre, maior que hum burro. Animal raro no Brasil. e como he superior aos do Mundo velho no tamanho e garbo, gana, e fauces, todos os mais bichos o attendem, e estão em contingencias de o nomearem para seu Capitão, se elle não continuar a viagem do Rio, que tanto bem não he para de-ejar se, pois se elle lá chegar, gloria a Lá! Consta que o mesmo Lobo tem enfurecido a manada nas pompas esperanças, e dado salutiferos conselhos ao Excellentissimo Barão—*Faça Vosso Excellencia a estes pátifes o que eu fiz no Maranhão o Censó:—as Sênhoras do Maranhão são muito sóbebas fizeram me pôr fim muitas desfeitas, mas eu sempre achei humas que me qui, ainda que ella he báraba como hum dêmônio—*

Sabe-se que humas grande parte dos Cidadãos Brasil, iros daquelle Provincia, amantes do Imperador, e da boa ordem, vivem afflitos á vista de procelimentos tão escandalosos e tão manifestos, e que desejão vêr providencias sobre a cruel e escandalosa oppressão, e sustos em que vivem vendo a Provincia a passos largos caminhar novamente ao precipicio; e sabemos que entre nós existem devotos (e elles são bem conhecidos) que fazem piedosas preces nos furibundos clubs rogando aos seus Deoses, e levantando as palmas, como quem esmola pede pelas almas, para que aquella assombrosa massa se leve, e que vingue a substancial fornada; mas a estas almas pias logo lhe chegará o seu Samartinho; gloria a Lá!

Pois será possível que torne a vogar ou a ressurgir o imperio da Caterva? meus amigos acabou-se a mama! Se ha alguns Cidadãos Brasileiros indignos deste nome, que degenerados desejem se renove o vil

*X acabou-se a mama*



governo, execravel inventor das medidas geraes, e dos tremendos Editos de 1 e 2 de Abril de 1824, que he o mesmo que o Governo da perseguição e do roubo, para cuja restauração os espiritos damnados que nós conhecemos, fazem impacientes sessões nos furibundos clubs, tambem temos Brasileiros benemeritos amigos do Imperader, da Concordia, do bem geral, e da honra, para combaterem e destruir detodo e-ses monstros protervos da maldade, de quem breve veremos seus projectos infames dados em droga; e verificado nelles o vivo exemplo da execução da Lei.

Se tivemos Brucos infames, e outros espiritos malvados, freneticos, e estupidos da escoria elevados ao Governo por meio do vil soborno e votos comprados, Lobos vorazes, e Cochranes de-iminadores da discordia que pertendião reduzir a bella Provincia a hum chaos; eis terminarão as de-graças! Apparecerão Patricios Almeidas de boas intenções, e sabios e energicos Conselhos Presidiaes que dêrão o primeiro golpe mortal no monstro devolador das medidas geraes; temos o invicto e denodado Barros, a quem não assustão os raios vivos dos edepndos monstros alapardados, elle vigia sobre a segurança dos Cidadãos e do Estado, elle está á mira, elle bem os conhece, mas elle he acérrimo defensor e executor da Lei.

Agora voga o imperio da Lei, e he por isso que estamos seguros, e está o Imperador seguro: com roubos, perseguições, e mortes como temos dito mais de huma vez, não he que havia hir ávante o grande Imperio Brasilico: este he o momento de se distinguirem os homens, e de ganharem com sua fidelidade e esforço, altos Titulos e Mercês do Grande Imperador: para dirigir a marcha dos negocios publicos, e para defender a segurança geral não he preciso que venhão homens de fóra do Imperio, temos grande numero assás de Brasileiros honrados e de merecimento raro, escolhão-se estes e empreguem-se e classêfiquem-se os perversos e a canalha, e seja esta e os seus mentores perseguidos com guerra aberta, isto he, com a restricta execução da Lei, que tudo hirá bem.

Se a Província do Piahy está feita azilo ou refugio das malvadas feras, seu halito mortifero não contaminará por certo as Províncias limitrofes: existe no Maranhão o incançavel e invicto Barros, e no Ceará o honradissimo, vigilante, e prudente Salles, existem em todas as Províncias benemeritos e honrados Brasileiros em grande numero que estão plenamente convencidos que só com o Imperador, he que se pode caminhar á gloria, livrando a Patria desses malvados que falam em Republica sem saberein o que isso he, somente para roubar e matar como a desgraçada experiencia passada assaz o tem mostrado. Existe em Caxias o Illustre ~~João Paulo Dias Carneiro~~, Commandante Geral, que se por alguns momentos foi illudido pelo astuto ~~Bruce~~, não tardou a conhecer aquelle monstro abominavel, e sempre fiel ao Imperador, pode dizer-se que elle tem sido o sustentaculo da Província cumprindo não só exactamente as sabias ordens do Excellentissimo Presidente Pedro Joze da Costa Barros, porem prestando-se com vigilancia a tudo quanto pode convir para a ordem geral, e perseguindo os malvados, e tudo quanto lhe cheira al espirito republicano: e nós o exortamos a que siga sem exitação este humroso caminho de glori, na certeza de que o Imperador he Grande, he Generoso em extremo quando se lhe offerece occasião de premiar a virtude e o merecimento.

Existe em Pastos-Bons o benemerito e honradissimo Tenente Coronel ~~Francisco Germano~~, de cuja briosa conducta, fidelidade e serviços ao Imperador existem tantos documentos, e he tudo tão manifesto que não precisa de outro elogio. Em S. Bernardo o distincto e a toda a prova benemerito e firme o Tenente Coronel Severino Alves de Carvalho, Commandante do Districto, fiel ao Soberano, e prompto executor das ordens do Chefe da Província, e perseguidor declarado dos perfidos anarchistas e dos dadrões.

Na Parnahiba o Illustrissimo Coronel ~~Simplicio Dias da Silva~~, que supposto elle seja a causa indirecta dos males existentes no Piahy por não aceitar



présto a ~~Presidência~~ para que S. M. I. o tinha nomeado, pois que sendo hum Cidadão, como nós o conhecemos, instruído de bons conhecimentos e boa educação e civil, e muito poderoso possuindo hum cabedal immenso e numerosa escravatura, não se devendo suspectar que elle se inclinasse ao espirito republicano, teria feito hum bom governo na administração da Provincia, e nisto grande serviço ao Imperador, pois nas crizes violentas he que os Cidadãos honrados e benemeritos da Patria devem mostrar a sua fidelidade ao Soberano, o seu patriotismo, firmeza de caracter, e a sua coragem, e não jogarem, com pão de dois bicos, espreitando a face que tomão os partidos para depois com pés de lan pretendem figurar no partido triufante.

Desta mancha vergonhosa não he merecedor o Excellentissimo Barro, e nem o Excellentissimo Burgos, nem o Excellentissimo Salles, Lorrano Ceará, nem o Illustrissimo Joaquim de Souza Martins, nem o corajoso Alvarenga, nem outros muitos Cidadãos benemeritos que a fama hirá de ignando por suas acções esclarecidas.

Mas se o Illustrissimo Coronel Simplicio, por hum momento se desviiu da gloriosa marcha que apeteceem os Heroes immortaes ambiciosos da gloria, preferindo talvez o socego pessoal deleitoso ao risco da vida preciosa, porque os heroes nascem logo para ser heroes, não o julgamos com tudo criminoso na adheção ao Imperador, e na observancia da Lei como Cidadão, e não deixará nesta conjuctura de fazer ao Imperador serviços relevantes, vale mais tarde do que nunca. A Provincia do Piahy não se duvida que sendo no tempo do benemerito Governador das Armas Joaquim de Souza Martins o azilo dos perseguidos, he hoje o *refugium peccatorum* de toda a casta de seclerados do partido da desordem, permanecendo alli tambem los scetarios e parentes dos Tristoës, Filgueiras, e tudo quanto segue o republicano semezim, que são todos aquelles que pertendem fazer fortuna.

Os benemeritos das Provincias limitrofes, que estão bem persuadidos que a fidelidade e união ao Im-

perador he o verdadeiro caminho da felicidade e da gloria, estão todos em espectação, e á mira a ver o designio do ajuntamento infame: ao primeiro arranco que dêr a sedepoda manada, salta-lhe tudo em cima; e véreinos pela primeira vez no Brasil humma assombrosa Montaria de feras bravias de novo genero.

O Coronel Simplicio pela Parnahiba, e Philippe Joze das Neves pela Tutoia de cá para la cerca tem-mão, farão o cêrco da Barra e da Costa para suste-rem ou agarrarem os animaes amphibios que procura-rem o mar. Do Ceará o Excellentissimo Salles e os benemeritos Brasileiros daquella Província que tanto se tem de tinguido pela destruição dos rebeldes, não tem por lá que fazer os monstros daninhos, que cor-rerem espavoridos. Apertará a linha o honrado e vi-geroso Germano, Commandante de Pastos-Bons que os conhece mui bem pela pinta. Desta banda o intrépido e valente João Paulo Commandante de Caxias, unindo a linha ao valerozo e firme Severino, Com-mandante de S. Bernardo; e outros mais Cidadãos fieis e honrados que estão com o olho ó sinal para apparecerem no momento; pega d'aqui pega d'acólá, a caçada ha-de ser famosa: algumas feras tomaraõ o rumo do Sul suldo este como cheiro no Bolivar Re-generador do Theuistitaõ, esperança consolativa dos dese-perados Theoristas; mas por toda a parte haõ de retenir as apupadas.

O Excellentissimo Barros cá está dando sabias providencias a toda a Província, e não dorme com o olho no poleiro aonde se ajuntaõ, fazendo saudes, os ga-los, correspondentes, e emissarios disfarçados da lon-guinqua manada, e os oraculos da caterva que a todos elle bem conhece, mas que não perdendo instantes de vigiar sobre a segurança publica nada cobrará sem legal fundamento, porque he, e sabe ser fiel executo e defensor da Lei.

Os bichos, e os passaros que se apanharem na cu-riosa montaria compôrão hum maravilhoso producto para enriquecer o deposito da Historia Natural do Brasil, abudé ja estão gaiolas preparados para recebe-



los junto ao urci-Bruce: e he muito provavel que o Augusto Imperador tenha reservado o Titulo honorifico de Monteiro-Mor do Imperio para quem apresentar o Lobo mestre, ou a sua rara e extensa pelle.

---

N.º 1.

*Explicação das Charadas do N.º antecedente.*

N.º—1—Mel-ancia.

N.º—2—Ba-canga.

---

N.º 3.

Tenho lugar entre os vinhos;—2.

Meu gesto o gosto annuncia;—2.

Quando côr negra produz,

Causo ao homens alegria.

---

N.º 4.

Todos os Pais o possuem;—1.

Só os Sobrinhos a tem;—2.

Os que no matto a perseguem,

Na meza lhe querem bem.

---

N.º 5.

Sou do matto fruta agreste,———3.

De Marte, e Apollo instrumento;—2.

Brutos, peixes, aves, homens,

Em meu recinto sustento.

---

Maranhão, na Imprensa Nacional.

187/202

# O CENSOR

MARANHENSE.

N.º 12

*A Rome les desordres domestiques ou publiques étoient reformés par les Censeurs.*

Rollin.

TERÇA FEIRA 7 DE MARÇO DE 1826.

4

Não he para admirar que o nosso N.º 9, como nos consta, desagradasse aos espiritos inquietos e venenosos, a quem elle dizia por certo amargar, porque em vez de triaga lhe demos nectar, bebida impropria para os peitos impuros: nós estamos intimamente persuadidos que aquelle escripto não se afasta nem um atomo dos principios que professamos, nem da gloriosa marcha que temos seguido a bem da união e da concordia dos Cidadãos, e do bem do Imperio, se não talvez meramente no estylo menos alisouante, que fazendo menos estrondo, ao mesmo tempo abrangesse a todas as classes visto ja não estarmos peito a peito em batalha com os accérrimos gladiadores, a quem ja levou a bréca por bem do sucego publico, e mais do Erario.

Nós temos observado que muitos Cidadãos *utroque genus*, tem gostado da doutrina daquelle nosso N.º,



e nos tem dirigido amplos louvores; mas estes Cidadãos são os que tem boas intenções, e tem discernimento; que desejão a boa ordem, que não são cobardes, que não tem contemplações ao crime, nem se deixão illudir pela impustura e pela malicia.

Temos porem em ponto de não pequena admiração, a sinceridade ou simplicidade com que alguns sujeitos, mesmo daquelles que no publico merecem bom conceito, dizem, ou tem dito—O N.º 9, do Censor he verdade tudo quanto diz, mas está um tanto crêspo. Nós não sabemos a arte de escrever a verdade crúa e núa, sem que seja crêspa, e não procuramos lisongear o paladar daquelles a quem ella amarga: um Escriptor imparcial preenche uma tarefa mui penosa, principalmente em tempos revoltosos; elle ganha innumeros inimigos, mas depois da tormenta, communmente se lhe rende a justiça que lhe he devida, sobre tudo quando suas predicções são realizadas.

Nós seguiremos com a mesma coragem a gloriosa rota que principiamos: não cabe em nosso genio mudar ou contrafazer o character; e dezejariamos nesta conjuctura para fazer serviços a Patria, possuir, em lugar de agreste avena, como diz o grande Camões invocando as Tagides, o furioso som de Canora Tuba. =

*Que o peito accende, e a côr ao gesto muda*

A nossa voz será sempre a mesma, e no mesmo tom, em quanto a Patria o exigir, e a Lei, e o Chefe da Provincia o consintir. Nas crises violentas não ha nem deve haver meio termo; nós assim o entendemos: a doutrina de nosso N.º 9, como na pag. 158, encaminha-se especialmente a concordar os Cidadãos de todas as communhões sem distincção do nascimento, porque são diversos os sysmas, e estes bem loucos, a concordar, dizemos, todos os Cidadãos em uma só crença, em uma só forma de systema que nos possa para sempre destrrarr as desgraças: Imperador, e só o Imperador, e com elle união, fidelidade e observancia da Lei, este he o unico acto de fé politica que nos póde fazer flizes, e que devemos abraçar sem subterfugio, e sem jugar com pão de dois bicos, sem terror, sem medo,

e á cara descoberta combater os malvados que ousam perturbar-nos tão gloriosa e brilhante carreira.

Se em nosso mesmo n.º 9 temos convidado aos benemeritos e honrados Cidadãos para combater os arrojados impulsos dos malvados Anarchistas e Democratas, e que entre estas duas etorogeneas classes deve haver não só implacavel divizaõ, mas guerra viva; se isto não he coherente com nossos principios, e com a recta razãõ que nos guia, qual será o juizo humano que possa conceber: que para a boa ordem e progresso da Sociedade em geral, se possa caminhar em harmonia com a virtude a pár do vicio?

Esta he e será sempre a nossa base essencial em todos os nossos escriptos; separar a virtude do crime; louvar os Cidadãos benemeritos, e combater os malvados: esta linguagem não pode deixar de ser crêspa, porem não sabemos ontra. Se por insufficiencia de luzes do nosso curto engenho, se não entende bem a nossa singela doutrina; nós nos esforçaremos a espplícanos melhor, porem dizer-se que o N.º está crêspo porque offende o melindre dos perversos, pois só estes he que o podem achar amargo, isto he sinceridade ou simplicidade, ou he ser patureba, isto he não saber conhecer as manhas subtys com que elles, os Anarchistas, agora principiaõ a laborar, isto he querer capitular com elles, isto he debilidade mental, isto parece mágico encanto: a serpe perigoza existe muitas vezes entre as flores, e he preciso estar á lerta, e saber desviar-se de seu álito venenozo, de seu dente mortifero.

Quando nós em o mesmo N.º a pag. 159 metemos a ridiculo o e-pantozo modo com que se requeriaõ e obtinhaõ no tempo do Governo revolucionario, os ~~Empregos e Patentes~~, perverso e depravado systema da infernal invençaõ das MEDIDAS GERAES que reversaraõ a Provincia, em nada maculamos nem offendemos a dignidade e o decoro dos benemeritos Brasileiros; tanto pelo contrario nós somos cizos e deffensores do seu bom Nome e da sua honra, que nesse sentido he que nos abalançamos a escrever daquella maneira, para em certo modo corrigir os indignos; o que não per-



cizaria mais contento, se não houvesse ainda no Paiz tanto atrazamento de luzes.

Não se pode duvidar que nesta Provincia no meio da Revolução, houveraõ factos horrorozos, e attentados publicos de tal natureza, que custa a acreditar ao longo que a perversidade comettesse tão estrôndozos excéssos, e sendo, alem da cruel perseguição, perpetrados atrozes crimes de arrombamentos, mortes, e roubos de toda a casta, em que influirão pessoas de gravata lavada, recahiria uma ignominioza fama e Nome injuriozo sobre a maça geral dos Cidadãos Maranhenses se não se fizesse e publicasse a nomenclatura dos erros, dos excéssos e dos Crimes dos malvados agressores de tão enormes e abominaveis delictos.

Nós tivemos occasiaõ de observar, quando o Lord nomeou um Conselho de investigação para designar os perpetradores dos crimes publicos, um Militar Membro do referido Conselho, e Cidadão limpo, porem destes que nutrem dentro do peito em borbotoes a relinada zanguihua, de que existem magnos documentos; finalmente um pateta em conhecimentos politicos e civis; elle disse n'humas roda de gente masculina, e nós lho ouvimos dizer, ali no meio do Largo de Palacio—*que pelo seu voto não devião no Conselho apurar muito a investigação dos crimes, porque tendo havido arrombamentos, roubos, e mortes, e que sendo tão publico o assassinio de Estevão Gonçalves Braga, e do Tenente Coronel Calheiros em Alcantara, em que o Ajudante Lindoso estava manifestamente comprehendido, era muito provavel que sobre alguns recahisse a pena ultima, e que como erão Officiaes Brasileiros ficaria isso muito mal a todos elles.*

Ora eis aqui porque nós lhe chamamos pateta em conhecimentos politicos, se he que elle se não presentia tocado tambem do mágico veneno. Bem mal ficaria a todos, e na verdade bem enxovalhados, ficariaõ tantos Illustres e distinctos Officiaes se não se designassem e punissem todos aquelles que erão indignos de cingirem a banda, e vestir a farda, e que deviaõ ser bandidos das honras marciaes, e separados perpetuamente da

roda do Corpo Militar, a mais nobre classe do Estado, e que compõe a sua segurança, e a do Imperador, e a do Throno.

Porem aquelle a quem nós chamamos opeteta sem politica, ainda que elle seja um moço desempenado; diz—que como erão Officiaes Brasileiros, ficaria mal a todos elles, se algum fosse punido com pena ultima.

Vio-se maior miseria de intendimento!... Eis aqui o que parece bôrra de taberneiros e garotos, pois aqui uma molesta mental esasmotica, bem similhante a triste lembrança impolitica, sordida, e despresivel de quem aconselha, louva, ou determina que alguem não seja Juiz de um bairro, apesar da sua capacidade.

M. Prudhomme, imparcial e nobre Escriptor Jorna-  
lista da França no tempo da Revolução, querendo pu-  
blicar a sua Historia imparcial, que continha a nimen-  
clatura, das faltas, dos erros, e dos crimes dos Francezes  
durante a revolução, isto no tempo em que gover-  
va o tremendissimo Directorio, tres Membros daquelle  
mesmo cruento e sanguinario Governo lhe disserão—  
*nous saurons ben vous empêcher de publier un ouvrage*  
*contre nous*—Nós saberemos promptamente impe-  
dir-vos de publicar uma obra contra nós” e o sa-  
bio Prud-homme lhe respondeu—que antes o amor da  
Patria e dos seus Concidadãos o obrigava a lembrar  
essa conta a todos os Povos, para provar que os Fran-  
cezes não merecião o titulo de Antrophagos que se  
lhe tinha dado; que o sangue que tinha sido vertido,  
e os crimes horrosos que tinhaõ manchado o Solo da  
França era tudo obra de um pequeno numero de sce-  
lerados, e não da massa geral dos Cidadãos Francezes,  
e que era impossivel deixar aquella obra em silencio  
sem os deshonnar. Os Membros do Directorio esclare-  
cidos pelas sabias idéas daquelle virtuoso e denodado  
Escriptor lhe assegurarão depois a sua estima pela sua  
lealdade, e patriotismo. *Les Membres du Directoire*, diz  
elle, *nous surent grè de notre loyauté*.

São estes tambem, em falta de talentos, tão ricos,  
os nobres e puros sentimentos, que nos dirigem quan-  
do nos esforçamos em combater e classificar a caual, ha



e separa-la, e a seus nefandos Oraculos, dos homens de bem, dos Brasileiros honrados, aquelles que aspirão a gloria de ser uteis á Patria, e que prezaõ pelo seu merecimento, pela sua educaçã e pelas suas virtudes o Nome e a fama honroza de suas nobres familias, e a feliz memoria de seus Illustres Ascendentes ou Progenitores, e não ultrajala, com acções infames, fazendo-se bastardos, azedos, ingratos dos generozos Troncos que os produzirão ou crearão.

He portanto, a canalha e os inimigos da boa ordem, a quem pertinazmente combatemos: proseguiremos constantemente, com denodo e com o mesmo estylo crêspo, a mesma doutrina, e a mesma marcha gloriosa. Se não viramos rosto aos dois sacrilegos Gigantes Cochrane, e Lobo, e ao louco e enfurecido Argos, como agora havíamos mudar a linguagem e dulcificar nossos termos e nossas expressões para não molestar as intorpecidas orelhas dos reverentes Commissarios, e promotores da dissolante Anarchia, e da Sugeita.

*Outro CAVACO por ultima vez; pois como lá diz o adajio:  
palavras loucas, orelhas moucas.*

Veio ao nosso conhecimento, que algumas pessoas, mesmo de bons sentimentos, e justificada probidade, ficarão pasmadas, quando lerão ou ouvirão lêr (porque nem todos dão por bem empregados êses vintes) o Artigo—Piahy—na pag 173 do nosso N.º 10, continuado na pag 179 do N.º 11, e que repeletos de pánicos receios, e de honesta piedade, discorrem desta maneira—*Que não parece politico, que o Censor descortinasse, e pozesse tanto ás claras as tramoyas, ardis, traças, e trapaças daquella brava gentes, isto he, daquelles que compõem a pavorosa manada que hoje se embosca no Piahy; porque dizem elles; senão certo que aquelles matvados estejam fabricando infernaes planos; que o Censor descobrindo lhe a malthada, he o mesmo que chegar lhe a mecha acceza, e que porle mais depressa arrebentar a explozão, e fazerem alguma asneira que dê que fazer.*

Nós tornamos a dizer, que he penozissima tarefa a do Escriptor publico imparcial: as nossas luzes e conhecimentos litterarios são muito diminutos, temos dito mais de huma vez, e que outros tem sido os nossos cuidados. Nossos Mestres de Latinidade, e de Philosophia, confessavão que nós eramos hum discipulo, dos de melhor talento, porem a nossa madraçaria, e o fado, nos conduzirão a perder o distincto lugar na republica das Letras.

Mas não obstante a diminutiva espherasinha dessas mesmas luzes em que nos julgamos circumscripitos, não nos abalancamos com tudo a escrever tanto á tóa, sem primeiramente, como ensina Quintilianno, havermos ponderado, medido, e combinado nossos pensamentos e nossas idéas com os assumptos e materias que nos propomos desenvolvêr, e com a natureza das pessoas com quem fallamos; olhando attento, e respeitando assás o inelindroso movimento da maquina politica que regula e engrandece a ordem geral da Sociedade, e a causa em commum do Estado. Muitas vezes, porque não somos inclinados ao vultarete, revolvemos o Espirito da Historia, e a Theoria das Révoluçõs do mesmo celebre e profundo Auctor, do nosso tempo, e outros muitos nobres Escriptores: recordamo-nos de muitas lições e conferencias de alguns homens de profundo saber e experiencia, que tivemos felizes occasiões de comunicar, entrando neste numero o sabio e insigne Brasileiro D. V. J. F. C. da Costa, que muito nos honra com sua correspondencia e amizade generosa.

He por estes principios que, quando tomamos a resolução de arreneçar vozes missivas e estimulantes contra o feyo ajuntamento do Piahy, não foi sem premeditado fundamento em que julgássemos segurissima a victoria da nossa Campanha; nem estamos costumados a enganar-nos em nossos projectos politicos (com bem o digamos) veja-se o nosso triumpho, e accêrto na Campanha contra Lobos, e Lords; e nem pertencemos á ordem ou instituto das Cravanadas: de certos principios não se podem negar infalliveis consequencias.

Primeiramente para satisfação e socego dos pas-



mados ao vêr o nosso rompimento com os Emboscados do Piahy, advertimos que se veja o prospecto da nossa obra; enontrós artigos do N.º 1, para vêr se somos coerentes: alli dizemos na pag. 5.ª—Nós não somos árbitros da opinião publica; somos o seu manifestador.— Não se pode duvidar portanto que estamos no mesmo caso; nós publicamos o que já he publico; pois não ha cáõ nem gato que não falle... que falle não, porq̃ estes mião, e aquelles ladrão: mas não ha vivente racional que se não occupe hoje em palestra com o espantoso estado da Provincia do Piahy, dos procedimentos arbitrarios, e especiosa politica que alli se pratica; finalmente he esse o assombroso assumpto reproduzido da ordem do dia da opinião publica.

*Continuar-se ha.*

*Explicação das três Charadas do N.º antecedente.*

N.º—3—Loteiria

N.º—4—Curtia

N.º—5—Anaja tuba

N.º 16.

Dar-se á gente servil, indigna, e pobre,—1.

Somente se concede ao potentado;—2.

No mar sempre he funesto o seu encontro;

Em terra he dos rapazes insultado.

N.º 7.

Orno o tecto dos palheiros;—2.

Dos foguetes dou signal;—1.

Mostro virtudes e vícios,

Recreio o tiste mortal.

N.º 8.

Nas boticas so tenho serventia;—1.

Nas salas, e theatros me procura;—3.

E posto ser ao culto dirigida,

Sou cauza de infinita fratura.

Maranhão, na Imprensa Nacional. Anno de 1826.

# CENSOR

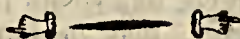
MARANHENSE.

N.º 13

*A Rome les desordres domestiques ou publiques étoient réformés par les Censeurs.*

Rollin.

TERÇA FEIRA 14 DE MARÇO DE 1826.



Continuação do CAVACO, interrompido na pagina 194 do N.º antecedente.

He mais que espantosa a frenetica perseguição que tem existido, e existe presentemente naquella Provincia: Piahy; prisões arbitrárias, interceptões de cartas, ameaças, e todos os actos de hum encanizada e sanguinaria Inquisição: e olhando a qualidade das pessoas perseguidas, e a qualidade das protegidas e favoritas, aquellas de probidade, e de virtudes, amigas da Concordia e do Imperador; e estas, a maior parte foragidos, suspeitos e mais que suspeitos de Democracia, abjuradores do Código Constitucional, defensores, amantes e devotos das *Confederadas do Equador*; e criminosos prezos, alli demorados ha mais de hum anno, em magnas conferencias, como temos dito; que outra cousa parece isto, que huma rebeldia pestifera, se o Excelentissimo Barão não tiver meios de justificar-se!! E sendo tudo tão publico e notorio, que se não falla n'outra cousa, como poderia ou devia o Censor deixar



tantos excessos e pouca vergonha em silencio no seu Jornal para não incendiar aquellas celebres e delirantes personagens? Grande compaixão!

De todo o contexto do nosso discurso sobre o Piahy, não se poderá deduzir que o nosso intento seja sublevar o Povo contra o Governo, nem que se aconselhe a perturbação da obediencia devida a este, seja qual for a sua conducta, em quanto o Imperador não der as providencias que julgar justas, aquem somente competem essas sagradas disposições; mas advertir os bons Cidadãos que estejam prevenidos contra quaesquer tentativas dos perversos, e estender por via de nosso Jornal, a publicidade dos factos e procedimentos escandalosos que andão no vaivem da opinião publica, para que mais depressa chegue a sua noticia ao conhecimento de S. M. I., a fim de que o mesmo Augusto Senhor dê as providencias e o remedio que julgar justo para semelhantes molestias, isso julgamos nós hum dever Sagrado, não só de todo o Escriptor publico de bom caracter, mas de todo o Cidadão fiel ao Principe, e amigo da Concordia geral, e da Patria.

Quanto á segunda parte: o dizer-se que o Censor não devia por ora tocar no infesto bando dos errantes PASSAROS do Piahy, de que se trata, porque podem levantar o xofre e antecipar o rompimento de qualquer plano que tenham na forja, e fazerem alguma asneira reputamos tal modo de pensar por hum juizo absurdo, em quem não esteja tocado da Magica, falto de todos os vislumbres de reflexão, de raciocinio, e de noticia, contra a opinião geral de todos os politicos, e filosofos, e contra a propria experiencia: isso he finalmente o mesmo que hum menino quando está ás escuras, e que tem medo do papão.

Se nos deve convencer a pratica, e os innumeros exemplos da nossa idade em que temos visto, que pela falta de hum pequeno remedio applicado em principio d'algumas molestias politicas, estas se alterão e engravescem a pontos de gerarem revoluções, subverterem e sublevarem Estados, Imperios, e Exercitos inteiros, e se remontando aos Seculos preteritos, vemos a historia cheia de taes acontecimentos, e de sentenças de gran-

des homens, que nos attestão o conhecimento das mesmas verdades, que conceito poderemos fazer de quem hoje nos dirigir o menor reproche a respeito da deliberação que tomamos inflamados em zelo pelo bem da Patria, de descortinarmos e pormos á luz do Sol a tremebunda emboscada do Piauhý, se não que esses pios devotos que nos lastimão, quem quer que elles sejam, estão tocados do mágico veneno, ou que vivem na mais completa, pacífica, e crassa ignorancia da pratica do Mundo, e da lição dos Livros?

*Ex parvis orta seditione, de rebus magnis deside-  
tur:* diz Aristoteles: cuja Sentença delicadamente tra-  
duz o profundo Saavedra, author da bella Obra, o—  
Principe politico—*Si se permiten los principios, no se pu-  
eden remediar los fines. Crecen los tumultos como los  
rios primero son pequeños manantiales, despues cauda-  
lozas corrientes. Por no mostrar flaqueza los suele de-  
jar correr la imprudencia, ya poco trecho no los puede  
resistir la fuerza. Al empezar ó cobran miedo ó atrevi-  
miento.* Sendo o mesmo que diz Tacito na seguinte  
Sentença—*Primis eventibus metum, ac fiduciam gignit.*  
Livro 12.

Não se devendo nunca desprezar nem perder tem-  
po em taes perturbações, de combater, acalmar, ou  
dividir, segundo as circumstancias o pedirem, os sedi-  
ciosos de qualquer natureza ou condição que sejam,  
para que não cresça a ouzadia nos individuos da es-  
cória; como tambem diz mais o mesmo Saavedra—*En  
semejantes perturbaciones, el mas infimo y el mas ruin  
suele ser el mas osado.* E Tacito no Livro 4.º diz o  
mesmo—*Quippe in turbas et discordias pessimo cuique  
plurima vis.* O immortal Ferrand celebre politico, do  
nosso tempo, nas suas obras ao mesmo respeito, diz—  
*Aun torrent plus rapide, il faut opposer une digue plus  
fort.* A huma torrente rapida, diz, he necessario op-  
por-lhe um dique mais forte.

Quanto mais: que nós julgamos que os Errantes,  
do Piauhý, segundo o estado actual das couzas, não se-  
jão outra couza mais que uma torrente de frenéticas  
loucuras, e delirios de cabeças desorientadas e despre-  
zíveis bem como hum enxame alborotado fora do cor-



fiço que não custa a fazê-lo retroceder, e a quietar-se; como diz o me-mo Saavedra—*los quales se deshozem y quietan arrojandolos polvos.* A' maneira do que diz Virgilio nas *Gérgicas*—

*Pulveris exigui jactu compressa quiescunt.*

Que quer dizer: que se lhe deve atirar por ora com poeira para espalhar o escuro e xame, e guardar o chumbo e a corda para ultimo remedio se não tomarem juizo: esperando que os espiritos desviados voltem ao caminho da razão e da verdade pois não he nosso intento nem opinião que em semelhantes commoções em que muitos errao por maós exemplos, se vá com tudo as do cabo, como querem alguns genios exaltados.

Os mais culpados, e em quem deve recahir a severidade da Ley, são aquelles que de endo dar exemplos de veneração e de respeito as Ordens e Decretos do Imperador, e guiar o Povo na pratica dos seus deveres unico meio de promover a prosperidade do Imperio e o bem da Sociedade, tem sido os primeiros em ultrajar os mesmos Decretos, e reversar a mesma Sociedade, encobrando suas maldades e manhas ardilozas com falsas apparencias de zelo no Serviço Imperial, para illudir o Soberano: e nenhum mais dannozo e abominavel em nossos tempos que o decantado Bruce, o qual, á maneira do Estelão ornado de um manto replande-cente, encobre o refalsado e venenozo peito, as garras tenazes, avaras, mortíferas, e a espinhoza cauda; assim aquelle monstro enorme creado na rebolice (\*) de-de a infancia, e sempre embrulhador e venal, segundo a fama publica, sendo o Author e o Mestre dos diabós que reversarão a Provincia: ou das **MEDIDAS GERAES**; (e que será capaz de reversar todo o Imperio se o deixarem) elle teve astucias e maximas delicadas de consintir e mandar fazer toda a casta de meficios, premiando os ladrões e assassinos com Empregos, Patente, e abraços; combinado com

---

\* He de notar se que na Revolução de França os genios mais estupendos em barbaridade, em dissimulação, em hypocrisia, sahirão da ordem da Rebolice.

os rebeldes de Pernambuco, Ceará, e Piahy: inserindo na Gazeta privativa do Governo doutrinas de Democraticas do Demostenes da Parahyba: não proclamando nunca um só acto de desapprovação dos crimes publicos: sem com tudo cahir em dar ordens por escrito, que podessem compromete-lo no caso de errar o golpe, o que fazia de viva voz, e por meios de emissarios, e pregadores do Povo e da Tropa, que os tinha de chupetas! que alguns ainda por ahi andão lembendo os beijos, e olhando de revez para o Censor, affectando sempre para a Corte ser boa folha, e expendendo expressões lizongueiras, mostrando zelo pelo Imperial Serviço para illudir o Imperador, a fim de segurar-se á primeira das dias, jogando com pão de dois bicos, em que he mestre e pel triqueiro consumado.

He notorio e voz publica, que na Corte aonde monopolizava protecção alta, para levar a sua ávante, tem posto em obra todos os elementos que bebera de sciencia da Magica Medea, a qual fizera em postas sen innocente ironia, e as espalhára para escapar á vigilancia e castigo de seu Pay Eta. Mas o Imperador do Brazil, que he mais perspicaz, mais vigilante, e mais poderoso que o Rey de Colchos pay de Medea, esbarron lhe as vazas, e desfez-lhe o jogo...

Porem o bruto ou Bruce manhoda, diz e agora, que recorrêra a outro fino estratagemas: que se lembôra novamente este monstro ardiloso de justificar-se com outro que menor em leiras, e talvez meio em tretas, si vera est fama, o Excellentissimo Barão da Parahyba, dizem, que se tem prestado em dar-lhe a mão em tão afflicto cazo, para ver se ambos mais facilmente conseguem levar ao cabo, e gozar o completo fruto da triumphal carrada.

Sobre o Excellentissimo Barão não nos afastaremos por ora da mesma hypothese em que trazemos nosso discursos, em quanto o Imperador, a Ley o não designar criminozo ou innocente. Porem quanto ao venerando Bruce confirmamos nossas ideas, e devemos esperar da sabedoria, vigilancia, actividade, e justiça do grande Imperador, que se não deixe illudir da engenhoza, fraudulenta, e refinada malicia dos homens, decretando o



triumpho, e deixando impune a um malvado de semilhante natureza (\*) o idolo da Caterva, e o Messias dezejado dos perversos e a narchistas, que por desgraça inda existem nesta Cidade fazendo ardentes preces pela restauração do seu avernal Profeta.

Nós não esperamos ver tanto, nem que o infeliz Maranhão veja segunda vez em seu seio o seu impio e cruel Verdugo; mas se tal acontecesse, diríamos então: que o Palácio do Rio de Janeiro estava cheio de Esteliões, cojas e paldas matizadas de rico ouro, e brilhantes estrellas, encobrem aos olhos Augustos do Imperador, e da Imperatriz, os seus mais timiveis inimigos, os monstros devoradores da purpura Imperial, e do Céetro.... Mas onde me elevas petulante Muza? onde fica o fio do CAVACO? aonde o cazo do Piahy? aonde os PASSAROS? eis-aqui porque alguns zoilos pedantes entre os quaes hum bem medroso, pois nem todos nascerão para a guerra, porem de grande aura popular que á maneira de Valerio Publicola conseguio metter a barba no Caliz por mercê da hypocrisia e do fado, a quem em tempo oportuno, sem detrioração de todo o seu merecimento, e mas indulgente, descreveremos a molestia indisculpavel, e dissimulada zangui-nha que tambem o atormenta; andão por ahi dizendo, com logica fina, que o Censor he este, he aquelle; que ja lhe falta um não sei que, &c, tudo por não dizerem: que já não gostão do Censor porque lhe amarga; ou que já se vão fazendo Brucistas. *Ditoza condigaõ, ditoza gentel!...* Mas vamos ao cazo. He o nosso assumpto a historia dos Suspeitos Rebeldes do Piahy: a digressão foi com o Bruce, que está no Rio de Janeiro; he a mesma matéria: tudo he filho das MEDIDAS GERAES; tudo he filho dos mesmos Authiores. Não se pode ainda dar fim ao CAVACO, e por isso.

*Continuar-se ha:*

(\*) *Adverte-se que não lhe dezejamos a morte, nem tormentos, mas soamente a privação de apparecer nesta Província, em que he pernicioza a sua presença.*

Correspondencia recebida logo depois da publicação de  
nosso N.º 9.

Sr. Redactor do Censor.

Parabens e mais parabens de ser restituído á sua Patria adoptativa, de que foi banido pela arbitrariedade mais escandalosa do mais inepto e escandaloso dos Presidentes! Ella pelo maior e melhor numero dos seus honrados habitantes, se congratula de o ver outra vez prompto, não somente a continuar a sua carreira interrompida, mas para deffende-la, a reincidir nos mesmos gloriosos crimes, que forão a cauza do seu desterro; se ainda o Ceo em algum accesso da sua Colera lhe tornar a pôr nesta malfadada Provincia Bruces e Lobos para a invadir, em vez de a governar, e Cochranes para expolia-la com o pretexto de proteger. Sim Sr. Censor; se estes monstros, ou outros que se lhe assemelhem, tornarem a manchar com os seus pés immundos o santuario, que ja se acha felizmente purificado das porfanações antigas, pela Prezença da Ley, da probidade, da intelligencia, e da justiça; estenda segunda vez sobre elles a vara da Censura para debelalos; ainda que segunda vez se exponha pela defeza da sua Patria á dos direitos do Grande Imperador, que a Governa, á barbara sentença do ostracismo, ou da Cicuta: este foi o caminho porque os Aristides e os Socrates adquirirão a immortalidade.

Eu sei que V. m. será sempre o que foi, tanto na sua conducta particular como Cidadão, como na sua vida publica como Escriptor; isto he, Vas-allo fiel de S. M. I., amigo da Concordia, da Paz, e da Justiça; amante dos benemeritos e honrados, sem distincão de côr, ou naturalidade; e jurado anthagonista dos revoltosos e anarchistas, seja qual for a sua representação, ou nascimento: esta he a proffissão de fé politica de todos os honrados Brasileiros: mas são acaso todos os Brasileiros honrados e orthodoxos? Por desgraça ainda ha nesta Provincia muita heresia: e he preciso que V. m. deponha por alguns instantes a vara da Censura, e tome o character de pregador para converte-los: esforce-se



para que os seus Leitores, de todas as communhões adoptem a mesma crença, preparando-se para ella com hum intiero esquecimento do passado; huma sincera fructividade no presente, e huma lisongeira esperanza para o futuro. Se V. m. conseguire estas disposições dos seus Ouvintes, eu lhe afianço huma completa extinção do scisma que os divide; e que o grande Imperio do Brasil ainda huma pintura de morte cõr na Carta Geographica do Novo Mundo, venha a ter com muita brevidade hum colorido tão brilhante, que o faça o primeiro quadro na Galeria do Universo &c. &c. &c.

Seu Constante Leitor, e da mesma crença—O Brasileiro Orthodoxo.

### *Explicação das Charadas do N.º antecedente.*

N.º = 6—Tu-barão.

N.º = 7—Thea-tro.

N.º = 8—Rom-aria.

### **N.º 9**

Metade livre são dez,—1.

Está o resto amarrado;—3

Mas juntas as partes ambas,

Fica o todo desligado

### **N.º 10**

Sou hum mal em todo o Mundo;—1.

Faz hum bem de mim a Arte;—1,

O poder tenho do Fado;—2.

Infeliz em toda a parte.

---

Maranhão, Imprensa Nacional. Anno de 1826.

facto 14 203/214 203/230  
28.3.26 012

# O CENSOR

MARANHENSE.

N.º 15

*A Rome les desordres domestiques ou publics étoient reformés par les Censeurs.*

Rollin.

TERÇA FEIRA 13 DE MAYO DE 1826.

7



Havendo nós. entrado na firme resolução depois que foi publicado o nosso N.º 14 de dar-mos por acabada nossa pezadissima tarefa, que sendo unicamente dirigida a promover a concordia entre os Cidadãos e estancar os males e desordens em que huma administração pérvida vandálica e sanguinaria tinha submergido esta Provincia; ficou sem objecto á vista da energica, sabia e benefica Presidencia do Excellentissimo Sr. Pedro Joze da Costa Barros, logo que revocou para ella a paz, o socego, e a justiça, que os seus execraveis antecessores tinham exterminado: mas vendo agora que apesar das suas incansaveis diligencias os inimigos de S. M. I., da Ordem, e do socego publico, fiados nos protectores das suas maldades continuão a urdir novas tramas a fim de chamar sobre os leaes e pacificos Brasileiros a horrorosa tempestade de huma nova anarchia para della colherem segunda vez os já



extinctos fructos da passada, de que apenas lhe resta lamber os beijos com saudade; nos vemos obrigados, não só para desempenho dos nossos deveres, mas para socego dos nossos caros Concidadãos assustados com os ameaços que os revoltosos com insana audacia principião a espalhar contra a sua segurança; a pegar ainda uma vez na penna para tranquillisa-los, e ajudarmos-lhe a espantar o medo, e o papão.

Não se pode duvidar que existe nesta Provincia, e muito principalmente nesta Cidade hum partido de homens de diversas classes, mas todos igualmente indignos e perversos, que tentão ao Governo Republicano; não porque elles queirão algum, mas por assentarem que neste por ser mais tumultuoso, á sua móda, poderá melhor exercer-se o seu genio de sangue e de rapina: elles tomárão novo alento e descarada ousadia, com a chegada de alguns Camaradas das suas façanhas que ha dias desembarcarão do Brigue Correio da Bahia vindo do Rio de Janeiro, para onde forão remettidos pelo afamado Cochrane com bem pouca justiça, equidade, e politica, pois havendo nesta Cida uma relação nella deverião ser julgados e punidos os seus delictos, para exemplo dos máos, e para satisfação da justiça e das partes offendidas; e talvez alguns fossem absolvidos, pois nem todos os que forão deportados serião merecedores de um tal exterminio e dureza, como nem todos os que ficarão, dignos de amplo perdão com abuso da Lei, como succedeo nos mais graúdos por indulgencia plenaria ou pecuniaria do Santarrão Cochrane e do beato Lobo, os maiores Simoniacos e aventos em nosso tempo da Religião Catholica e da Protestante.

Estes protervos Anarchistas q vimos mencionando, são os mesmos, ou o resultado do seu malevolo espirito raivoso, que em finis do mez passado pozerão uma Pasquinada em fórma de Soneto na porta da nossa residência, prometendo-nos um Lustro, e chamando-nos mão Reojoeiro, e mão Juvenal, e deixando nós para outro momento essa analyse, e a descripção e conducta dos nossos Poetas e Prosistas que não se atrevem a combater-nos á cara descuberta, iremos dizendo por ideas geraes,

sem que seja-mos particularmente delatores, porque não he esse o nosso character; que usando do nosso microscopio, no seu disco, conhece-se perfeitamente o lugar dos clubs em que estes noitibós fazem as suas Sessões nocturno-periodicas, e até se podem marcar ou apontar ao dedo e individualmente os membros de que são compostos: isto he uma verdade de toda a evidencia: mas tambem he fora de toda aduvida que este mesmo partido ainda que fosse multidobrado na sua extensão e qualidade jámais se atreveria a arvorar o Estandarte de revolta, não só porque não encontrará jámais, (isso acabou-se,) victimas inermes e de braços amarrados, como em quanto lhe não for dado o signal e o plano por um Presidente que adopte os mesmos sentimentos dos revoltosos.

A prova desta incontestavel verdade, temos nós na Presidencia do preverso ~~Bruce~~ de execravel recordação, e de seu digno Successor o esfaimado e voraz Lobo de pessima memoria: como estes monstros erão da mesma seita, ordenarão os roubos, a perseguição, e assassínios, e estas maldades barbaras em continente se perpetrarão: sentou-se na Cadeira Presidencial o Exm.<sup>o</sup> Patricio José d'Almeida, hoje muito digno Senador, e succedeo-lhe o Exm.<sup>o</sup> Pedro José da Costa Barros, e sem mais armas que a differença da sua conducta e opiniões, e com a mesma gente, ficou a Província em socego e segurança: a gente he boa, a tropa he fiel e obediente, e só he ruim quando a fazem: e muito convém que o Governo tome exactas e escrupulozas medidas sobre muitos pregadores bem conhecidos que a desencaminhão &c.

Estamos bem certos que nos não haõ-de negar estes principios; mas tambem conhecemos que nos faraõ o ponderoso Cargo de que com a ausencia do Exm.<sup>o</sup> Barros em que consiste toda a nossa segurança, ficamos expostos a correr o risco a novos males, se algum da seita lobina ou bruciana vier occupar a Cadeira do Governo; esta objecção he muito bem fundada, porem nós lhe respondemos em primeiro lugar, que S. M. I. conhece muito bem que o socego e segurança



desta Provincia de pende da presença do Exm.<sup>o</sup> Barros, ou de outro que tenha as suas qualidades e virtudes; e que, ou o não, mandará render (sem embargo da sua nomeação para Senador, como em semelhantes circumstancias fez com o Exm.<sup>o</sup> João Severiano Presidente da Bahia) ou o fará por outro de igual character e merecimento, que nos continue a paz e segurança: e se poder tanto a intriga dos traidores e perversos (de que infelizmente a Corte do Rio de Janeiro está contaminada) que illudão S. M. I. aponto de o chamar sem que mande ao mesmo tempo quem dignamente lhe succeda, ainda mesmo nesse caso nada temos a temer, pois os designados na Ley para succeder-lhe merecem tanto a confiança dos bons Cidadãos da Provincia, e estão tão longe das opiniões brucinas, e lobinas, que porão toda a sua gloria em se não assemelharem em cousa alguma á sua administração perversa.

Os Anarchistas conhecem tanto que o Exm.<sup>o</sup> Barros he huma barreira insurmontavel para a realisação dos seus projectos, que todas as suas baterias se dirigem a faze-lo Suspeito á S. M. I. para ver se por este modo se vêem livres deste embaraço fatal aos seus intentos: até se lembrarão agora para esse fim a lançar mão do Coadjuvamento de um Periodiqueiro errante filho do fatalismo apparecido no Rio de Janeiro intitulado Mr. de Chapuis, que á maneira dos Cavalleiros andantes que andavão pelo Mundo offerecendo as suas espadas para desaggravar as injurias alheias e proteger os injustamente opprimidos, levando as suas competentes divisas Cavalleirescas para se conhecer se erão Micocolambos, se Espartafilandos de Bocage, se os da Montanha, se os da Cruz, se os da Triste figura, &; este novo Cavalleiro errante, da mesma forma tambem apparece com as suas divisas e armaduras originaes, e exoticas, uma consiste na penna e tinta em lugar de escudo e lança para mostrar que he cavalleiro andante litterario, outra intitulando-se — Cidadão do Mundo — para mostrar que he professo no instituto das Cravanas, e que em toda a parte ha-de ser Cavalleiro brioso e denodado cheio de enthusiasmo quixotal, quer a

combater os Moinhos de vento em lugar de Gigantes, quer a combater os rebanhos de Carneiros em lugar do Exercito do Alifanfarrão da Taprobana, a favor do Rei dos Garamantes; e quer va pelos ares arrebatado pelo moinho, quer seja massado pelos pastores, tudo para elle he triumpho, agloria consiste somente em brigar; sempre ha-de ser Cavalleiro e mais Cavalleiro, sempre ha-de offerecer a gloria das suas Cravanadas, e a memoria das cicatrizes á sua formosa Dulcinea a mais bella Sugeita Democratina do Mundo, Idolo adorado das suas venerações e tributos, e da Caterva infame que o procura e segue, qual o Argos, qual o Lobo, e outros patifes &c. &c. &c.

Este novo Cavalleiro errante tendo percorrido como elle diz quasi todos os degrãos da longa e esca-  
 ça escada do Despotismo, não sabendo nós porque fatalidade elle tenha escapado da escada que por seus merecimentos mais propriamente lhe compettia subir com huma corda ao pescoço, tendo sido espancado em Madrid e Lisboa, e n'outras partes pelos seus libellos incendiarios, veio ver se achava no Rio de Janeiro melhor fortuna, sabendo que nelle ha mais materias inflamaveis. Principiou este novo Apostolo da Anarchia a sua missão por um Folheto incendiario cheio de sophismas, intitulado=Reflexões sobre a Carta de Ley de S. M. F.=procurando fomentar a discordia entre S. M. I. e seu Augusto Pay; o odio entre os Brasileiros natos e adoptivos; e a desconfiança entre os Subditos e o Monarca; cujos fins nada tem que adivinhar; mas acreditamos que não tendo aqui melhor exito que na Europa, irá brevemente levar os seus Serviços á terceira parte da Sua Patria.

Nós poderíamos dizer alguma couza, e alguma couza havíamos já principiado a escrever sobre o tal impresso, em beneficio da tranquillidade e prosperidade geral do Imperio, em honra da Dignidade e Sabedoria do Augusto Imperador; em desaggravo da boa intelligencia, alliança e harmonia entre o Brasil e Portugal; em testemunho de gratidão e reconhecimento pela Magnanimidade e altas virtudes do grande coração do Senhor D.



João Sexto, em justiça da boa fé, zelo, e transcen-  
dentes Virtudes dos Exm.<sup>os</sup> Ministros d'Estado Portu-  
guezes, o Exm.<sup>o</sup> Lacerda, e o Exm.<sup>o</sup> Conde de Porto-  
Santo, que referendarão a Carta Regia e o Tratado  
de Alliança e Amizade, e o Reconhecimento da Inde-  
pendencia, que tão injusta, sacrilega, e sophisticamente  
combate, o perverso Chapuis, Cidadão do Mundo, mas  
nos dispensamos desta fastidioza analyse; visto que já  
no Rio de Janeiro houve quem muito judiciozamente  
o fizesse no Folheto intitulado=*Reflexões contra as Re-  
flexões*=ditas do vagamundo Chapuis &c.=que julgamos  
ser obra do muito digno, sabio, e virtuozo Redactor do  
Diario Fluminense.

Logo que appareceo sobre a arêa incendiaria este  
novo Athleta folicolario se apressarão todos os Revolu-  
cionarios e Anarchistas a dar-lhe bravos, e os que  
desta Provincia se achão na Corte não deixarão logo  
de procurar o seu bem conhecido e suspirado prestimo  
para ajuda-los na Obra, de que ainda mesmo não de-  
sistem com a prespectiva do Cadafalso, de que, medean-  
te os fructos dos seus crimes, os tem desviado a po-  
ueroza mão do mais escandalozo patronato.

Saltou depois este raro Cidadão do Mundo Cavalleiro  
dos Cavalleiros, a redigir uma Folha em que se intitula=  
Overdadeiro Liberal=e o primeiro serviço q' este Periodi-  
queiro cosmopolita fez á Sucia politiqueira maranhense,  
representada sem duvida na pessoa do Algoz Odorico,  
*et tota caterva* em quanto não chega o Lobo Mestre,  
foi no seu Numero 5.<sup>o</sup> dizendo debaixo da palavra—  
consta-nos—que o Exm.<sup>o</sup> Presidente Barros escrevera  
aos Ex.<sup>mos</sup> Ministros d'Estado uma Carta de Felicita-  
ção pelos seus Despachos, fazendo nellà votos para que  
tivessem Successão as suas Cazas; e fôrma por isso  
uma achincalhão áquella Carta. Em primeiro lugar  
poderamos duvidar da existencia della e da probidade  
do Ministro que lha mostrara, se a achassemos dig-  
na de Censura, pois vem debaixo da fé de um fo-  
licolario, que tendo-a já perdido em outros Reinos, não  
devia tambem merece-la neste Imperio; porem como a não  
achamos naquelle cazo, perguntaremos ao folicolario o

que acha nella digno de Censura? O dezejo de que as pessoas tituladas por S. M. I. para ornamento da Corte e sustentaculo do Imperio se perpetuem na sua descendencia? Estes dezejos somente podem desagradar a quem aspira ver a mesma Corte e o Imperio incendiados e destruidos, e a quem aborrece a fonte de donde devem nascer os seus defensores: o Exm.<sup>o</sup> Barros certamente se não acha neste cazo; mas não podemos dizer outro tanto de quem lhe estranha aquelles sentimentos: ergo: o foliculario, he Cavalleiro an-dante litterario!!!

O Segundo serviço do mesmo Cavalleiro Cidadão do Mundo, feito á Sucia democratica maranhense que o venera e ama, vem no seu N.<sup>o</sup> 9 aonde diz, referindo-se á Cartas particulares, que valle o mesmo que um segundo—consta-nos—que o msmo Exm.<sup>o</sup> Presidente tinha uma Preziganga cheia de prezos d'Estado, carregados d'algemas e grilhões, entre os quaes se achão pessoas das primeiras familias da Provincia &c. Entré os prezos que o Exm.<sup>o</sup> Presidente remetteo para bordo dos Brigue Guarany, e Cacique, não salando em Pedro F. M. que foi mandado para bordo por uma medida de cautela que convinha ao bem do Estado, e que foi tratado como Official, sendo depois solto quando S. Ex.<sup>a</sup> o julgou conveniente, todos os mais que não passarão de meia duzia, forão prezos pela Policia, por ratoneiras e outras graças, e remettidos para bordo com ordem de fazerem ali o serviço; e o mais principal delles, e sem duvida daquelles que o foliculario chama, das primeiras familias, he hum bom sujeito dos professos na Ordem da Sucia; tendo sido tambor-mór em Caxias, havia sido remettido prezo pelo Com-mandante do Icatú por andar ali pregando—que o Rio de Janeiro e Bahia se tinhaõ conspirado contra S. M. o Imperador, e que o mesmo brevemente farião as mais Provincias.—He impossivel que o foliculario visse Cartas particulares desta Cidade, a não serem desta qualidade de gente, que contivessem uma tão descarada mentira; pois os malvados que estiverão em custodia no Cacique muito bem tratados e sem ferros de qua-



lidade alguma, merecião tanto a execração do publico pelas suas atrocidades que não he crível haver quem a seu favor fizesse aquella participaçã, ainda mesmo quando o facto fosse verdadeiro.

Confesse o folliculario que isso foi encomenda argonautica do azinabrado ~~Odorico e Companhia~~, ou noticia verbal que lhe derão os da mesma Sucia, que passarão por hum igual tratamento, e temem que ainda lhe seja repetido: não terião essa occasião se elles não fossem extravagantemente extorquidos ao fôro da Relação de ta Provincia, de cuja obrigação e competencia era a punição de seus enormes crimes; e não fossem enviados para a Corte de donde, a favor da alta chibana e patronato, vem regressando impuues, e encarregados pelos seus Camaradas para dispôr as baterias para nova revolta, a cuja obra vão dando já principio, manifestando ardentes dezejos, e impinando Saudes; fazendo-se-lhe a razão com algazarra nos furibundos clubes; mas de que somente hão de colher o fructo, se não tomarem juizo, de revendicarem o castigo, que já devião á muito ter experimentado.

A prova com que o folliculario andante se persuade ou finge persuadir daquella asserçaõ com que deplora os tormentos da imaginaria preziganga do Cacique he tirada de uma Portaria do Exm.<sup>o</sup> Barros em que ordena ao Intendente da Marinha que remeta ao Commandante ~~João Paulo Dias Carneiro~~ algemas, correntes, e colleiras de ferro; concluindo d'aqui com uma logica que nenhuma honra faz ao seu illuminado cosmopolismo, que da remessa d'aquelles ferros (sem se embarçar dos fuis para que forão pedidos e mandados) se segue que o Exm.<sup>o</sup> Presidente se serve tambem delles para atormentar os criminozos que se achão ja em Segurança.

Esta logica tenebroza he mesmo propria dos professos no instituto da Cavallaria andante; a liberdade da razão he hum dos maiores braços que estes Cavalheiros mais prezão para seguir o Caminho que os degrada da classe das intelligencias e dos raciocinios humanos, no qual só se podem consumir as emprezas

de extraordinaria grandeza, e renome: em havendo Dulcinêas aquem se dedique a gloria dos triunfos fexão-se os olhos a tudo, investe-se como um touro, e saia o que sair; quer fique o Côrpo massado, quer os queixos quebrados, tudo he gloria, tudo são serviços rendidos á mesma encantadora *Sugeita*.

Se o foliculario pertende tambem formar um Crime ao Exm.<sup>o</sup> Presidente por anuir á requisição daquelles ferros, podemos certificar-lhe, que na Secretaria do Governo, existem Officios de todos os Commandantes dos Districtos da Provincia fazendo requisições de ferros, sem o que se não responsabilisaõ pela segurança e remessa dos criminosos: e deve lembrar-se o Cavalleiro andante, visto que ainda não viajou o Continente do Brasil, nem sabe o seu estado de opiniões depois dos ultimos acontecimentos como mostra a sua ignorancia, de que nos Sertões he aonde aparecem presentemente os maiores scleratos, e barbaridades; e que os Commandantes para os remeterem á Capital com a segurança que lhes he recommendada, por lugares desertos, viagens dilatadas, sem Cadêas donde pernoitarem, sem tropas regulares que os acompanhem, é ás vezes em numero avultado; se veem na rigorosa collisaõ, ou de uzarem destes unicos meios de segurança, ou de consentirem em huma fuga certa dos criminosos, cuja infallivel consequencia he a repetição dos seus antigos delictos, principiada no assassinio dos seus Conductores, e depois continuada com a vingança sobre as Authoridades que os prenderaõ.

Se com effeito aquelles meios de segurança até á chegada dos criminozos á Capital, são offensivos da Constituição, pelo que pertence aos lugares em que fallamos, nesse cazo ella estaria em contradicção com sigo mesma, pois seria ordenar uma cousa, prohibindo o uzo dos unicos meios que ha para executa-la.

O terceiro serviço, que o foliculario errante faz aos seus dilectos protegidos, he no seu N.<sup>o</sup> 12 aonde transcreve quatro Portarias do Exm.<sup>o</sup> Presidente, as quaes todas são dirigidas a recomendar ás Authoridades Cívís o desempenho das suas obrigações, e estranhando-lhes a falta de cumprimento dellas; sem embargo disso, por



sêrem um pouco fortes, (o que só mostra o seu zelo pela Justiça) o folliculario Cavalleiro das Cravanadas firme nos principios do seu instituto, acha que são dignas de hum Ministro Othomano: como este Cavalleiro he tão inexoraxel para com o Exm.<sup>o</sup> Presidente Barros! a rasão he obvia: o Exm.<sup>o</sup> Barros he inimigo declarado da Sucia democrática que o insigne Barão Cidadão do Mundo protege com disfarçe; o Exm.<sup>o</sup> Barros he o Amigo mais fiel do Imperador entre as Authoridades constituídas do Imperio, sem que se prejudique o conceito de todos os mais que merecem o mesmo elogio; o Exm.<sup>o</sup> Barros he a maior Columna das Províncias do Norte do Brasil, inabalavel na firme resolução de defender o Imperador e o Throno contra todos os ataques e projectos que possão urdir e atirar os seus inimigos cobertos e incobertos; he o maior Campeão da Monarchia do Excelso Senhor D. Pedro Primeiro; he puro e verdadeiro Defenssor da Liberdade bem intendida contra os abysmos da licença; he finalmente o Scipião do Imperio na deffeza de S. M. I.; e hum barreira insurmontavel contra os raivozos Anarchistas devotos dos inimigos externos que pertendem sublevar as Províncias do Norte do Brasil, e que procurão para esse depravado fim a coadjuvação dos Cavalleiros literarios andantes que de longe vôão como Urubús quando persentem o cheiro da carniça.

O Exm.<sup>o</sup> Barros como já dissemos revocou de todo para esta Provincia, e consolidou o Socego, a paz, e a justiça felizmente principiadas a exrcer pelo sabio Governo Interino do Exm.<sup>o</sup> Patricio José d'Almeida. Já a prosperidade se vê florescer em progresso em todos os ramos da Administração do Exm.<sup>o</sup> Barros pelas suas sabias e providentes medidas em que he incansavel; floresce o Comercio e a Agricultura; já não ha roubos, mortes, nem a incanzinada perséguicao; executa-se a Ley, e os Cidadãos vivem sem sustos no meio de suas familias, o melhor bem da Suciedade civil, que se não disfructava nos nefandos Governos passados.

Enfim, o Exm.<sup>o</sup> Sr. Pedro José da Costa Barros, fielmente acompanhado no Expediente pelo Illm.<sup>o</sup>

Secretario o Coronel Joaquim Ferreira França, cuja conducta e fidelidade ao Imperador tem sido exemplar, e pelos seus muito dignos Ajudantes de Ordens os Illm.<sup>os</sup> Tenente Coronel Antonio Bernardo de Oliveira Pimentel, e o Capitão João Carlos Machado que constituem o seu Quartel General brilhante e respeitoso; he S. Ex.<sup>a</sup> o lucido Astro que do meio deste Alcaçar insuperavel da justiça e da virtude esparze para todos os pontos da Provincia os luminosos actos do seu benigno, justo, e energico Governo, não deixando de exercer, mesmo por entre os Officios da justiça, multiplicados rasgos de humanidade e de beneficencia, ingenuas qualidades de seu compassivo coração, para com os infelizes como he assaz notorio; e não respeitando dias, horas, nem minutos do seu socego e descanso, quando se trata de pôr em effeito todos os meios conducentes a desterrar os males, e a promover os bens dos fieis e honrados habitantes da Provincia, que todos elles, á excepção desse punhado desprezível de Argonautas e noitibós, correspondentes e amigalhoês do Cavalleiro Chapuis; não cessaõ de render cultos e préces á Providencia pela conservação do Exm.<sup>o</sup> Barros na Presidencia, por bem da Provincia, e mais do Imperio, e para confusão e desalento dos Cavalleiros andantes literarios, *et magna comitante caterva.*

E he por esta razão que os Apostolos da liberdade mundana que tanto pregoaõ Zelo e mais Zelo pela liberdade, ligitimidade, constitucionalidade, e republicidade &c. &c. &c., vendo furados seus delicados projectos, levantaõ como desesperados, raivozos latidos contra os benemeritos do Imperio, para ver se fazem oscilar o Augusto Imperador na confiança que tem depositado nas Authoridades que tem escolhido para dirigir a pompoza navegação do seu vasto e rico Imperio; como que S. M. I. não conhecesse o desprezo que merecem esses vilissimos ladradores, e repetis. &.

#### *Variedades.*

Como em todos os tempos e principalmente nos das Revoluções politicas apparecem genios raros, quer



em virtudes, quer em depravação, chegando a excessos sem limite a loucura do entendimento, e a propensão do coração humano quando desvairado pelo desenfreamento das paixões; e tenhamos visto sempre na Historia estes espiritos exaltados, capazes de percorrer toda a Terra, o Mar, e até o mesmo Inferno se lhes for possível, dezejosos ardentemente de encontrar alguma Revolução, ou materias combustiveis para accendê-la, a fim de saciarem sua ferocidade em torrentes de sangue humano, como seu elemento vital; e nos propozessemos, segundo se vê no prospecto de nossa Obra, a lançar mão de tudo, quanto fosse conveniente ao bem geral da Sociedade, julgamos a proposito, á vista da Vida historica e conducta politica do Cavalleiro Chappuis que appareceu no Rio de Janeiro, onde se intitulou =*Cidadão do Mundo*= e aonde prezenemente se arvorou em Redactor do =*Verdadeiro Liberal*= e dizem que muito amigalhão do Argos Odorico, por nossa desgraça Deputado ás Cortes, conjunctamente com o Lobo mestre, e outros, *ejusdem furfuris*; julgamos sim a proposito offerecer a nossos benevolos Leitores a seguinte Memoria biographica, para esclarecimento dos que não estiverem bem ao facto da historia dos impostores: que traduzimos ou bem ou mal do Dicionario historico de Chandon da 8.<sup>a</sup> Edição, de Lyon, a paginas 485.

#### *Memoria biographica.*

Cloutz (João Baptista) Barão Prussianno, nasceo em Cleves a 24 de Junho de 1755, Senhor de uma grande fortuna, elle a prodigalizou em viagens, projectos, e regалlos dispendiosos. Em Inglaterra elle se unio com Burke, hum dos Chefes do partido de opposição. Chamado á França pelos principios de huma revolução, que lizongeava sua imaginação ardente, e seu amor extremo pela liberdade, se fez o Apostolo mais extravagante della; desde logo mudou seu nome patronimico, para tomar o de um philosopho antigo, e se intitulou—Anacharsis. Elle mudou da mesma forma o titulo de Barão, para se qualificar de—*Orador do Genero humano*, e procurou justificar esta derradeira

denominação, aparecendo a 17 de Junho de 1790, diante da Assembléa Nacional, á frente de huma numeroza Deputação, desfarçada com diverssos trajas de diferentes Nações, mascarada, a que chamarão—*Assembléa do Genero humano*. *Cloutz* deo doze mil livras para fazer a guerra aos Reis; offerecendo formar uma legião Prussiana, debaixo do nome de—*Legião Vandala*—e requereo que se puzesse a preço a cabeça do Rei de Prussia, elogiando muito *Arkarstroon*, assassino do Rei de Suecia. " Meu coração he francez, gritava elle, e minha alma tem sempre sido *sans-culotte*. " Este louco, digno da Caza dos Orates, não deixou de ser Deputado á Convenção, aonde fez a guerra a *Jezus Christo*, declarando-se seu inimigo pessoal, e publicou uma brochura intitulada—*A Republica Universal*, util unicamente para quem quizer observar o quanto o espirito humano, com falssas ideas philosophicas tende a desencaminhar-se. Elle pertende sustentar naquelle escrito, que o povo he Soberano do Mundo, que elle he Deos, que o Universo não he mais que uma familia, que se reunirá aos Francezes que são o *Povo-Deos*. (muito se parecia este Orador do Genero humano com o nosso *Argos* hoje Deputado, e com o *Mr. Chapuis*, Cidadão do Mundo!) *Cloutz* cujas estravagancias enfiarão mesmo a *Robespierre*, foi prezo e condemnado á morte a 24 de Março de 1794. Elle a soffreo com firmeza, e sem desmentir suas ideas. Subindo ao Patibulo com *Hebert*, elle o exortou a desterrar todo o sentimento religioso em seus derradeiros momentos; e pedio para ser executado por derradeiro para se vencer, dizia elle, dos verdadeiros principios do materialismo, vendo cahir as cabeças de seus companheiros da morte. Elle era Sobrinho de *Corneille Pavv*, escritor erudito e distincto: Envejozo da gloria de seu Tio, elle quiz tambem escrever, e fazer ruido. O orgulho o conduzio bem depressa ao desvario, e este á morte. (\*)

(\*) Deos dá a mesma Sorte aos Cavalleiros andantes litterarios do nosso tempo, devotos da Sugeita: Amen.



## A lasquinha prometida.

Tem dado tanto que entender o Censor: grande he a variedade e a grandeza das Cabeças humanas! que muitos não podem acreditar que seja o verdadeiro Redactor dos primeiros Numeros do Censor, aquelle que o famoso Lobo mandara viajar ao Reino da Lua; e que não he crível que este homem estivesse no Maranhão tantos annos encoberto, (andando elles tanto ás claras!) e não podendo agora mastigar bem a doutrina dos ultimos Numeros, huns, dizem que estão crêspos, outros que estão diffuzos, outros que prega a concordia, e ao mesmo tempo a restricta execução da Ley, como que possa haver concordia sem execução da Ley; outros finalmente, que já não tem aquella energia e rethorica atirada ao Cochrane, ao Lobo, e ao Argos, &c. A' vista de tudo isto, e vendo a displicencia e frieza de alguns Leitores de cerimonia, da parte do arrôcho, e outros que em certas rodas o fingem ser, estrangeiros na Instituta, porem finos Analyticos e conhecedores de estilos e de Sanfonas, dos tempos, das circumstancias, dos assumptos, e das pessoas, que tudo corresponda dignamente á materia, como ensina a Epistola aos Pizoens, e o Mestre da Eloquencia a quem cortarão a lingua, que se deve uzar de expressões e pensamentos tudo grave, grandiozo, e sublime, como na Oração—*pro Milone*, e um estilo familiar, singelo, e despido de figuras pompozas, como na Oração sobre as *Provincias Consulares*, adquado tudo aos objectos; estes estudantarroens porem (grande couza he ter o nome de Doutor ainda que seja da mula ruça!) já não achão em nossó Jornal aquella gracinha ou Sal d'Andrez, (não nos dizendo com tudo se são os Camachos.) A' vista de tudo isto e o mais dos Autos, não sabemos ser Juiz com taes mordomos. Porem assim mesmo os Numeros do Censor vão tendo bastante Sahida não obstante não procurarmos Assignantes: e com isto acabasse o CAVACO. *Allatrat victorem invidia*: que quer dizer: que os cãens ládrão á lua quando não achão... *sahidas*.

Explicação das Charadas do N.º antecedente:

N.º 11—Borra-cha.

N.º 12—Papa-gaio.

N.º 13.

Presto descanso a todos os Viventes,—2

Mas também os persigo e os devoro,—2

Sou animal pacifico sem dentes,

Nas mattas do Brasil somente moro.

N.º 14.

Sou amiga da Limpeza,—1

E á podridão estou unida,—2

Sendo de muitos viventes,

Por gostosa apetecida.

N.º 15.

Sou na terça parte má,—1

E nas duas desprezado;—2

No Brasil aborrecido,

Em Portugal estimado.

N.º 16.

Dá-me a Musica a Segunda,—1

Dá-me a Ovelha a primeira;—1

O forte não me conhece,

De mim o fraco se esgueira.

## NOTICIA.

*Vamos mandar reimprimir o Folheto vindo do Rio de Janeiro, intitulado=Inviolabilidade da Independencia do Brasil, ou=Reflexões contra as Reflexões de Mr. de Chapuis, de que fallamos neste N.º: he interessantissima ao Pblico, por ser doutrina amplamente conformada com os sentimentos dos bons, a vulgarisação deste Opusculo, em que seu Author—hum. Brasileiro= combate*



energicamente as errônicas, machiavelicas, sophisticas, insensuarias, e depravadissimas doutrinas daquelle impostor sanguinario, que vem ao Brásil perturbar a paz e pregar a guerra, e que dezeja ver o Imperio alagado em sangue humano, unico elemento desse monstro, e de seus confrades, de que nesta Provincia apenas poderemos contar meia duzia delles; mas cujo fructo que elles vão colhendo, não he menos que a indignação geral de todos os Brasileiros amigos sinceros do Augusto Imperador, e da prosperidade do grande Imperio Brasilico, que dezejem ver reduzido a cinzas esse Apostolo nefando da iniquidade, e dar-lhe igual Sepultura que os Francezes derão ao péfido Marate nas Cloacas de Montmartre, e honralo com o mesmo epitafio que lhe he proprio=

Corpore cum fædo, species, fædior oris,  
Fædum pectus habet, fædins ingenium.

#### TRADUÇÃO.

O Corpo he feio, o rosto cauza horror;  
Sua alma he má, o ingenho inda pior.

#### Erratas do N.º antecedente

No frontespicio do N.º 14 observa-se a mesma datta do N.º 13, que ficou por engano no prélo; e por isso deve entender-se=28 de Março em lugar de —14.

No mesmo N.º a paginas 205, lin.—21—caliesul —deve ler-se—Caligula.

Maranhão, na Typographia Nacional. 1826.

# O CENSOR

**MARANHENSE.**

N.º 16.



*A Rome les desordres domes-  
tiques ou publiques étoient re-  
formés par les Censeurs.*

Rollin.

TERÇA FEIRA 4 DE JULHO DE 1826.

8



*Amo do Flor*

Em o n.º 49 do eximio Periodico= o Amigo do Ho-  
mem= de 21 de Junho p.º p.º a paginas 339 observa-se  
o artigo seguinte, concernente á Província do Pará.

*A. 114*

Na madrugada de 22 de Abril rebentou na Villa  
do Cametá hum volcão revolucionario de que as lavas  
cobrirão, e abafarão muitas victimas; he de crer, que  
alli não seja o sóco, mas foi a linha de menor resis-  
tencia, que as materias inflamadas encontrarão para faze-  
rem a explosão.

Naquelle hora pois em que a natureza humana  
descansa das fadigas do dia que ja fugio, e que hum  
profundo somno, qual doce balsamo, restabelece as for-  
ças, e prepara os viventes para os trabalhos do dia que  
segue, sôrão despertados os infelizes habitantes do Ca-  
metá no mais incomprehensivel sobresalto, ao éco horro-  
roso da mosquetaria, ao estrondo dos machados, que der-

*Amo do Flor*  
*Amo do Flor*  
*Amo do Flor*



rubavão as portas, dos gritos dos assaltantes, das exclamações, e gemidos das victimas.

O grito de guerra era o do costume; era aquelle mesmo, que com escândalo da natureza, e com injuria dos direitos mais sagrados, ja tantas vezes tem soado a nossos ouvidos—Isto he nosso; morrão os ladrões que nos vierão roubar o que era nosso; e Viva o Imperador. —Malvados sacrilegos, calai a boca nefanda, respeitai esse Nome Augusto, não confundaes o sagrado com o mais profano, o mais vil, o mais abjecto, o mais execrando, em fim com vosco, e vossos gritos! Accaso o Augusto Imperador do Brasil he Chefe de assassinos para sacrilegamente o invocardes, quando arrancaes a vida a seus Subditos, que são seus filhos, pois que Elle se mostra seu Pai pelos cuidados que lhes prodiga?

Quanto a imaginação pôde figurar de mais horrivel e de mais cruel fica muito á quem do que praticárao aquelles monstros nas victimas de sua cobarde ferocidade. Arrancadas do sagrado asilo de seus domicilios em sobressalto, sem armas e por isso sem meios alguns de defeza, huns erão arrojados em prizões, outros arrastados pelas ruas ás Praças publicas onde chegavaõ semi-vivos, e mutilados, e depois de darem o ultimo suspiro, ainda então lhe prodigavão estocadas, cortavão membros, disparavão tiros, talvez receosos de que algum milagre os animasse, e lhes metesse armas nas mãos, e então que seria dos cobardes assassinos!! Os que tinham sido arrojados ás prizões forão depois espedaçados da mesma sorte. Appena recusa-se á narração de tantas atrocidades; limitar-nos-hemos a dizer huma por todas. Dois escravos fieis, desprezando os terrores em todos derramados por tão horrorosos acontecimentos forão juntar os pedaços dispersos do cadaver de seu senhor para lhes dar sepultura: estes escravos fieis forão fuzilados pelos monstros, pelas furias daquella revolta.... Infelizes!!! Perdesteis a vida pela pratica de huma acção de piedade, e até generosa.... mais infelices ainda aquelles que pertendem degradar-vos ao ponto de em vós não suppor virtude. Infelicissimos pois aquelles, que desconhecendo a generosidade desta acção, vos não sacrificarem seus

devidos elogios, só em desabono de vossa classe obscura. Nós desde ja consagramos estas linhas á vossa memoria; ella será respeitada pelas almas sensiveis. Offerecemos á sensibilidade, e ás lagrimas de nos-  
 sos leitores a relação dos Brasileiros trans-athalânticos, que foraõ victimas daquella revolta; não se respeitou o estado, a industria, a representação, nem a idade; pois que a mesma decrepitude foi sacrificada ao espirito de rapina dos revoltados.

| Lista dos Brasileiros trans-athalânticos que erão esta-<br>belecidos, e residião dentro da Villa de Cametá. |        |                               |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------|-------------------------------|
| Nomes.                                                                                                      | Idade, | pouco mais ou menos. Estados. |
| Paulo Antonio da cunha.                                                                                     | 60     | Cazado.                       |
| Joze Francisco Cardozo.                                                                                     | 60     | Dito.                         |
| Luiz, o Criado do Bispo.                                                                                    | 30     | Solteiro.                     |
| Joze Custodio de Souza Amorim.                                                                              | 46     | Dito.                         |
| Manoel Joze ds Barros.                                                                                      | 45     | Cazado.                       |
| Francisco Custodio Corrêa.                                                                                  | 53     | Viuvo.                        |
| Antonio Joze de Andrade Azedo.                                                                              | 51     | Cazado.                       |
| Manoel Joze Nogueira.                                                                                       | 42     | Solteiro.                     |
| João Mendes Carneiro.                                                                                       | 54     | Cazado.                       |
| João Mendes da Silva } Irm.                                                                                 | 50     | Viuvo.                        |
| Antonio Mendes da Silva }                                                                                   | 38     | Cazado.                       |
| Francisco Gonçalves Martins.                                                                                | 32     | Dito.                         |
| Antonio, por appellido azeite doce.                                                                         | 34     | Solteiro.                     |
| O Cuixeiro do dilo, Luiz.                                                                                   | 60     | Dito.                         |
| Manoel da Costa.                                                                                            | 48     | Cazado.                       |
| José Antonio da Cruz.                                                                                       | 65     | Solteiro.                     |
| Antonio José, o Contra mestre.                                                                              | 30     | Cazado.                       |
| Luiz, Genro do Racheo.                                                                                      | 46     | Solteiro.                     |
| João Manoel da Varéa.                                                                                       | 65     | Viuvo.                        |
| José Camião de Mendonça.                                                                                    | 48     | Cazado.                       |
| Manoel Lopes Ouruá.                                                                                         | 60     | Dito.                         |
| Antonio José de Andrade.                                                                                    | 48     | Dito.                         |
| José Antonio Moreira.                                                                                       | 40     | Solteiro.                     |
| Francisco Carpinteiro.                                                                                      | 80     | Dito.                         |
| José Pires.                                                                                                 | 80     | Cazado.                       |
| Martinho Lopes.                                                                                             |        |                               |



|                                                                          |    |              |
|--------------------------------------------------------------------------|----|--------------|
| <i>José Antonio de Faria.</i>                                            | 55 | <i>Dito.</i> |
| <i>Manoel Pacheco.</i>                                                   | 35 | <i>Dito.</i> |
| <i>Fransisso, Caixeiro de José Accacio</i>                               |    | <i>Dito.</i> |
| <i>Hum velho qae existia no Sítio do falecido Francisco José Corrêu.</i> |    |              |

Tambem foraõ sacrificados alguns Brasileiros natos, sem outro motivo que serem homens de bem, Amigos da paz, e da ordem, e ter-lhes sido a fortuna favoravel.

Taes forão as desgraças da revolta do Cametá; sua narração poderá ainda regosijar algumas almas chegadas ao ultimo grão de depravação, mas ella introduzirá o punhal do mais pungente sentimento em milhares de outras que terão por medida para seu justo pranto a lugubre recordação desses dias de luto de Cametá.

---

Entre os innumerados exemplos de horror que nos offerece a Historia, nenhum mais magoante, mais atroz, mais barbaro, nem mais cruento que o espantoso quadro que deixamos transcripto, copeado da insigne folha do *Amigo do Homem*; nem as *Vesperas Sicilianas*, nem os crueis estragos de *Mazaniello* em *Napoles* se podem comparar com a ferocidade dos malvados que exercitaraõ esta cruenta carnicaria: naquellas duas horrificas Scenas jogavaõ n'huma os interesses de hum Soberano, na outra o desagravo da opressão do Povo contra a Nobreza e Governo Hespanhol: porem na Sanguinaria Scena do Cametá, e nas que se tem perpetrado e dezejaõ perpetrar entre nós jogaõ interesses de um novo e nunca visto genero; vê se regenerada a odiosa próle dos Cahins; e um turbilhão de genios estupendos profanando o Sagrado nome de Patria, de Bem geral, de Verdadeiros liberaes, de Veros Philantropos, & que mais propriamente se devém chamar philantropophagos, se tem levantado prestes a dessemear com vans subtilizas a enfurecida discordia dezejando beber a longos sorvos o innocente Sangue da humanidade, sem poupar o de seus proprios Irmaõs, e Progenitores..

Acontecimentos extraordinarios que observamos; genios ferozes revestidos de hypocrisia que vemos surgir de entre familias bem morigeradas, e distinctas, vendo ao mesmo tempo do mesmo Sangue outros merecedores de emminentes elogios; a violenta situaçaõ em que fluctamos, nos fazem conceber pensamentos philosophicos, e imagens varias que não sabemos sobre maneira combinar, sentindo oppressa a natureza. No descobrimento do Imperio do Perú achou Pizarro, se não fallarmos em seu percursor, templos magestozos aonde os Incas, as Virgens, e o Povo celebravaõ festas em honra do Sol; no descobrimento do Brasil nem Moral, nem Culto, nem costumes achou Cabral; e a antropophogagia era a festa commun de seus habitantes indigenas: assim o dizem Reinald, Marmontel, Beauchampé, e outros—*L'antropophagie regnoit parmi tous ces Sauvages, qui devoraient en ceremonie, avec une horrible joie, leurs prisonniers de guerre.* „ A antropophogagia reinava entre todos estes Selvagens, que devoravaõ em cerimonia, com horrivel alegria, seus prisioneiros de guerra,, Nestes termos, os propagadores da discordia, esses encanxinados canibaes voracissimos (que muitos vemos entre nós desfarçados que nos botaõ vistas de porco) e que não tem outro fim, nem maior prazer que a repetiçaõ de carnificas scenas, e a perseguiçaõ barbara esanguinaria da geraçaõ Luza, se quizermos investigar sua genealogia, que genero de conclusaõ acharemos?

Esse funesto e assombroso Artigo que deixamos copeado do 'Amigo do Homem,' a par das sabias reflexões de seu erudito e benemerito Author, em que se vê patheticamente delineado o doloroso e tristissimo painel da tragica Scena do Cametá, he para elles, os Oraculos da Caterva infesta, o mais jocundo e luto banquete, he o bródio suspirado pelos malvados antropophagos desde o principio da Independencia, he o *nunc pede libero pulsanda tellus*, he o *nunc est bibendum*, he o *signo te crismate salutis*, he o acto de fé, esperança, e caridade da sua Religião, he o lindo e candido resultado das doutrinas e bençaõs dos protervos De-



mostenes, e Apostolos da discórdia, e de seus impios Sectarios: he perciso para calcar o solo com pé livre, como elles querem, e dançar á larga, beber, beber, beber primeiramente a longos sorvos o innocente Sangue dos Cidadãos Brasileiros trans-atelanticos, até que fiquem as Contas justas, e tambem derramar o Sangue dos Brasileiros natos a quem não agradarem suas extravagantes e sacrilegas doutrinas.

São iguaes Scénas de horror semelhantes áquelle lamentavel e funesto espectáculo representado ao vivo na Villa do Cametá, o fim suspirado a que se dirigem as incendiarias doutrinas desses escriptos venenosos dos democratas authores machuchos tão gavados pelos seus apologistas execrandos Confrades e devotos da mesma Catera infernal: são os anciozos e ardentes desejos de ver repetida entre nós a mesma pavorosa e horrifica scena, e o furor desesperado de ver abortar seus infernaes projectos pela prespicacia e zelo profundo do nosso Exm.<sup>o</sup> Presidente Barros, que pela importancia da Obra acaba de Salvar a Patria qual Camillo a Roma; (são o hediondo adjunto dessas drogas malditas, que produzio o filtro, o germe, a essencia da raiva, a desesperação dos anarchistas, representado nesse nogibundo Feto ou fetido que acaba de aparecer nas ruas desta Cidade, antes anunciado, como prestigio de imminentes males, em figura de pestifero Cometa, ou aliás indigesta e simultanea exalação da ignorancia e maldade, intitulado—o Piparote ou pipote, ou o Censor censurado, pelo vero philantropo ou philantropophago, cuja exquisitissima e quizilenta pessoa, como vil instrumento ou palhaço dos Anarchistas, representante do Sinedrio, e desempenhando ao mesmo tempo com garbo e gallardia o papel de bobo e caturra popular he o Illm.<sup>o</sup> Sr. Cazuzza ou Zé Bernardo Burro Serra: e patenteamos afoitamente o seu nome porque elle he tão tolinho que queria e não queria ser anonymo, mas como queria ao mesmo tempo ser author, authoreco, ou fareco conhecido, ficou sendo o que sempre foi, e mais alguma coisa, não só tñlo e pedaço d'asno quadrado como todos os confreção, mas toleirão, basbaqué, mentecapto, e

asno rotundo e roliço, porque não tem ponta, nem abra, nem esquina por onde se lhe pegue.

Sabio finalmente á luz esse monstruozo parto; (parece o precursor do Ante-Christo;) tão desgraçado que até soffro o cruel abandono da parteira Barbara Sardinha, essa vetusta Hebe dos nossos tempos, como das Madames francezas que com inuito juizo o repudiarão para não contaminar-lhe a fazenda, e espantar-lhe os freguezes: e precedendo o exame, dizem, dos exemplos citados em nosso n.º (14) do Sophi, e dos Hebreus—*debueramus ruens natum exponere...* Parentum arbitrio tollunt &, foi a final exposto defronte das Davids em Caza de um compadecido, por onde ninguém pode passar agora porque tresanda como bufa de Maritacaca. Prometemos no aviso inserto em o n.º (47) do Amigo do Homem transcrever em nosso Jornal a integra da essencia ou expressão do annunciado Comêta, com a analyse ou resposta que merece aquelle espaventoso parto mental: tão solememente inculcado; e o pay desta literatôscia creatura admirou-se e pasmou-se logo de prometermos a sua analyse ou resposta antes de sabermos o seu contexto: este patureba coitadinho, espirro da natureza, não se pasmaria tanto se tivesse mais lição do mundo, e menos da Seita revolucionaria domestica, e da—zanguinha, zanguinha, zanguinha—e se lêsse os livros, e entendesse o que elles dizem: quando não tivessemos tanta pratica das gentes, e conhecimento da indole dos nossos poetas e prozistas, e do instituto da sua confraria, seria bastante lermos o Escudo, ou Jornal de instrucção politica do Padre Jozé Agostinho de Macedo, em que diz, fallando dos varios Opusculos—os seus titulos ridiculos são um indice da immoralidade, e uma prova das perversas intenções de seus authores: e tendo nós perfeita noticia dos ardís e malevolos intenções da Sucia em que o novo anthore co ou tareco anda metido, e de mais a mais vendo a exotica philosophia da sua cara e configuração, e julgando pelos effeitos ampla conexão do moral com o físico regulamos nosso calculo e conceito pela Sentença de Phedro—Quale... *Caput est, talis prestatur somor:*



"he tal o seu sabor qual he a Cara:" e por tanto estamos muito ao facto, e prevenidos contra todos os embustes, calculos, e formulas, com que se desenvolva o espirito da preversidade, quer da estupidez; e levando nós sempre em vista o bem da Patria, este cego interesse nos fará sempre resistir com denodo a todos os combates politicos e sofismas desta guerreira, e revolucionaria Canalha.

Quando nós urgidos pelo bem da patria, no meio de muitos monstros disfarçados que devizavamos, intentamos quanto em nós coubesse, mesmo á custa de todo o sacrificio de nossa pessoa, promover a concordia entre os Cidadãos, bem sabiamos o duro pezo que iammos suportar de nossa complicadissima tarefa, e os furiosos assaltos das bestas e feras que haviamos encontrar nos medonhos bosques, por entre os quaes devia, cortar nosso difficil, e pedregoso caminho: tanto confiavamos porem no feliz exito de nossas puras intenções, e na justa moral de nossas fieis idéas, e pensamentos na propagação da nossa doutrina, e no methodo de expola, fosse este qual fosse que apezar de termos estudado Grammatica Latina por Pereira, Vernei, Stopio, e Saanches; Logica por Euclides, Methastica e Ethica por João d'Adão; um bocado da instituta de Quintiliano, e Aristoteles; como tivessem passado longos annos depois que sahimos do Gemenazio, e nos tivessemos dedicado a outros cuidados, não pertendemos nem era essencialmente necessario para tão justo fim escrever uma Obra prima em Oratoria, porem somente dizer verdades cruas e nuas quando julgassemos que assim convinha ao bem da Patria, do Imperador, do Imperio, e da união e concordia dos Cidadãos, principaes objectos de nosso assumpto.

Nesta franca confissão que fizemos em o prospecto da nossa Obra, e que estamos persuadidos haver desempenhado da nossa parte, não julgamos encontrar antagonistas (e assim tem acontecido) senão unicamente todos aquelles que só desejassem perturbar a Sociedade para darem exercicio á perseguição, á vingança, ao roubo; e não supondo de outra forma achar male-

volos detractores, e criticos depravados e sinistros a nosso escripto pelo interessante fim a que se propunha, foi por essa razão que na pagina 16 do nosso N.º 1.º, prevenindo as objecções dos patifes, escrevemos o artigo que ao diante copiaremos, applicavel ás bestas que hoje nos perseguem, aos podengos cheios de rabuje, de pira, de gafeira, e de ramela que agora principiaõ=béo! béo! béo!=a ladrar ao impávido Censor, ao Censor! o Censor Maranhense cuja doutrina e conducta amplamente acreditada e louvada pela opiniaõ publica, teve a honra de ser justificado pelo Augusto Imperador, reprehendendo severamente o Lobo voraz que o perseguira e deportara, como se vê da Portaria de S. M. I. datada no Rio de Janeiro em 3 de Setembro de 1825.: o Censor Maranhense! Que tem sido louvado por muitos homens de profundo saber e boas intenções, que correraõ a dar-nos abraços, e entre outros muitos que nos tem dirigido honrosas Correspondencias, por esse grande Jurisconsulto benemerito Brasileiro o sapientissimo Desembargador Vicente J. F. O. da Costa, de quem temos a honra de possuir Cartas em que louva o Censor Maranhense, mesmo presciudindo (palavras suas) de honrarmos seu nome em nossos Numeros (e nós conhecemos que nossos Numeros são hourados com tão distincto Nome) o Censor Maranhense! Taõ acreditado por suas boas intenções, doutrina, denodo, e franqueza, que tem agrado a todos, excepto á Canalha, e a esse gozo pirento e danado, que sem rebuço e cheio de espumante raiva se botou agora a morder as pedras, julgando nisso agradar e fazer serviços á reminada sucia inimiga por devoção e natureza, da benemerita, brioza, e brilhante classe do Commercio que he o objecto da zanga e aversão desses infatuados e envejosos patetas bem conhecidos.

O Censor Maranhense! Taõ applaudido e cheio de gloria, geralmente reconhecida pelo seu vehemente patriotismo: e nestas plauziveis circumstancias colocado, intentar agora esse noitibó mestre versatico dos pasquins, tendo o n.º 7 do Censor, mimo da Obra, atravessado



mo peito como osso nas goelas, intentar e arrojarse em fim de tudo o novo ~~philantropophago~~ a levar-lhe coiro e cabello como barbeiro novo a botar abaixo o Carmo sem attenção nem respeito á sacra Theologia... mas para quê he enthusiasmar com este verme ou rebotalho da Natureza humana? Vamos ao artigo dito do N.º 1.º a paginas 16,, =

" Quanto exista em nosso escripto de fastidioso,  
 " insulso, e sem methodo; irregular em logica, gram-  
 " matica, pontos, e virgulas de certo achará uma  
 " indulgencia benigna em todos os leitores, que se  
 " não acharem em opposição occulta com o Santo  
 " Systema que defendemos, vendo que para tão ditoso  
 " fim a nossa mente forceja mesmo sem animo sem  
 " forças, ainda mais que no languido estado que des-  
 " creve Camoens=

*Vão os annos descendo e já do Estio  
 Ha pouco que passar até o Outomno:  
 A fortuna me faz o engenho frio,  
 Do qual já me não jacto nem me abono.  
 ... &c.*

Ora está claro que este rabido moloso no espiri-  
 to, se não estivesse em opposição occulta, e hoje  
 bem clara, com o Santo Systema que defendemos,  
 ou se não estivesse louco, supondo ser gente, e  
 supondo saber grammatica latina, porque possui  
 um livrinho contra vontade de seu dono, que ha  
 huns annos pedira emprestado, não saltaria certa-  
 mente como quem dá estocadas no mar, e atira pe-  
 dradas ao vento, a combater o Censor com argu-  
 mentos de grammatica, pontos, e virgulas, ainda  
 que alguma cousa disso pescasse este pobertão de  
 toda a casta de idéas *sive* abstratas, *sive* concretas &c:  
 elle não fez mais que dar-se a conhecer por tolo-  
 ás Madamas Francezas, e aos rapazes, para d'ora em  
 diante pelo seu justo titulo ser mais respeitado e ap-  
 plaudido na rua &c.

Mas como promettemos transcrever a analyse ou

espressão com a resposta que merecesse o tal *piparote*, como vinhamos dizendo, suppondo muitos que seria alguma producção emprestada de certos Doutores que haviam chegado de fora, e a quem se deve agora restituir o credito, pois está visto ser obra mesmo propria do *tolinho*; e semelhante *Azamel* sahisse com a nogibunda cataplasma tal como os seus narizes e languentos olhos, nos persuadidos agora que o benigno Publico nos dispensará de enporcalhar-nos nosso Jornal com hum pessa tão ridicula, frivola, e enjoativa como haviamos prognosticado: e vendo aos mesmo tempo que aquelle *authomato* da estupidez, da maldade, e da intriga cheio de *acrimonia*, tanto jámais se vio! se arroja em seu exotico *piparotal* *Dialogo* a encher nos de injurias com a mais porca e bregeiral indecencia, atrevida, e grosseira linguagem, representando se um grande pantufo, ou grão Senhor fallando com seu vil Subdito ou muleque, tudo isto nos enche de confiança a esperarmos de nossos benevelos leitores o relevarnos por esta vez todas as frases menos honestas expendidas em justa recompensa de tão voluntario e devoto insulto contra nós dirigido por esse órgão estúpido da patifaria e da intriga: como se deve desviar a gente de hum *caxorrinho* que na rua se bota a querer morder as pernas? com polidez; não: e ainda que o deveriamos lançar á margem, e entregar ao desprezo e ao fado em que gira, como já fizemos ao *Argos*==

Qual esphera do rioste  
Onde gira o alcatruz  
Viverá eternamente  
Jesus nome de Jesus!!!

Ainda que deviamos sim desprezar este mentecapto como outros que temos visto iguaes por essas ruas, v. g. *Manoel Coko*, o *Esquirola*, o *Galagallinhas*, o *Beldroega*, o *Quezilia* que andava feito *Comendador* com *Caraxa* de papel e plumagens, a *Cabaço*



com Cuia, que se intitula D. Zabel &c. &c. &c. &c. &c. pois he mania dominante de todos estes loucos populares adotarem o nome, a figura, e ornato de grandes personagens—Tamerloens, Scandorbeks, Havaites, Philantropos, Piparotes, &c. e he tambem do seu instituto chamarem a todos por tu—vem cá Folhetazio Panga, da cá o nariz, leva dois piparotes, não torças o beicinho &c: e ainda que estes loucos a ninguem offendem directamente com as suas babozeiras e graçolas, isso não obstante, não deveria deixar a Policia de poupar estes espectaculos á curiosidade do femenino sexo que por entre as gelozias, ou por entre os dedos pode observar estes destemperos indecentes; com tudo este nosso Philantropo moderno porque surgio do centro de Familias que nós muito respeitamos, ainda que não ha geração que não tenha doido ou ladrão, mas cada um faz geração por si &c: e vendo que o nosso Philantropo, na cauza do excesso de seu desatino=

He mais culpa a da May que a do menino

Sempre por caridade e compaixão, atenta a sua qualidade de Piparote, lhe dirigimos a seguinte Carta, para que talvez lendo-a em algum intervalo do accesso de loucura que o costuma atacar possa tomar ainda algum caminho ou juizo para socego dos mortaes, antes que lhe dê na cabeça botar-se por ahi a mijar na gente como faz a cabaço com cuiã, sua camarada D. Zabel &c. &c. &c. &c. &c.

Illm.<sup>o</sup> Sr. PIPAROTE:

*Froid, sec, dur, rude Auteur, digne object de satire  
De ne savoir pas lire oses tu me blamer?*

*Hélas! Pour mes pêches, je n'ai su que trop lire,  
Depuis que tu fais imprimer.*

*Vuimorin, Epigr. a Chapelain*

Bem nos diziaõ todos por ahi que V. S. era ex-

*illis!* Mas como nos poderíamos persuadir de tal, quando estávamos capacitados de que V. S. pertencia á classe dos *ex nullis!* Agora vemos porem que V. S. não somente he *ex illis*, mas *ex illis* por dois lados; *ex illis* pelo escarneo officioso com que nos trata; e *ex illis* por lhe amargarem tanto as opinioes politicas do maduro Censor: pois tenha paciencia Sr. PIPAROTE que ellas hão-de ser sempre as mesmas por mais que V. S. escrapetee, e repita os seus piparotes, os quaes protestamos soffrer com tanta constancia como Jezus Christo soffreo a bofetada, porque nós nem ao menos lhe pretendemos perguntar a razão porque nos fere, sabendo já que V. S. somente o faz por ser *ex illis!*

Ora he preciso ser na realidade um PIPAROTE, ou Paparotão opaco e rotundo assim mesmo como V. S. em genero e pessoa, para desempenhar tão porca e grosseiramente um programa\* annuciado com tanto estrondo e bulha! Eis-aqui o que he praticar á risca o *Parturient montes* do velho Horacio, e sahír-se depois como fez o Argos no seu *Corolario*, com um ratinho, e posto que ratinho, ratinho atrevidinho, fazendo mofa dos gatos de bigodes sanhudos. V. S. promette no seu prospecto não personalisar ninguém, não atacar a pessoa do Censor cujas virtudes civís e moraes reconhece e respeita &, e sómente refutar as suas doutrinas; e por fim de contas a tal Piparotada ou paparotada he uma serie de descomposturas insulsas e huma bateria de improperios raivosos contra o velho Censor a quem até chama gallego por escarneo e divertimento, como se o ser Gallego, Francez, Hebreo, Italiano, ou Tupinambá podesse influir alguma couza no merecimento litterario dos individuos: e a respeito das opinioes politicas do mesmo Censor, nem uma palavra.

Propõe-se V. S. Illm.\* Sr. PIPAROTE dos PIPAROTES a desagrar o folliculario Chapuis que Deos haja, e que já foi apanhar pés de burro como V. S. lhe ha-de acontecer se continuar com a sua jumental zurradeira; e por consequencia se propoz

*Substancia e pro quanno*



V. S. a sustentar a doutrina expendida nas suas reflexões sobre a Carta de Lei de S. M. F., increpando piparotalmente o Censor de não ter dito nada sobre ellas: devia lembrar-se o Illm.<sup>o</sup> Sr. PIPAROTE, que naquella Numero dissemos, que trabalhando naquella analyse nós chegára á mão a que no Rio de Janeiro lhe tinha feito o judicioso e benemerito Redactor do Diario Fluminense, como supunhamos, e que por isso julgavamos a nossa desnecessaria: se o Illm.<sup>o</sup> Sr. PIPAROTE tinha tanto desejo de contrariar a nossa porque o não fez áquella?

Entre as atoleimadas reprehensões que V. S. faz ao Censor, por não cauzarmos aos nossos Leitores o mesmo enjão que lhe tem cauzado a leitura do seu piparotissimo Dialogo, numeraremos somente uma para mostra, por ser a mais caracteristica da sua estúpida e crassa ignorancia: diz V. S. que Cavalleiro andante que anda pelo mundo he crime de leza, locução que provoca ou deve provocar a riso; e eu digo a V. S. que a sua reprehensão he uma ignorancia tão bestial e pueril, que cauza ou deve causar compaixão da lastimoza manqueira que V. S. possue na cabeça, ou na de quem lhe ensinou semelhante lição. O que diria o Illm.<sup>o</sup> Sr. PIPAROTE se o Censor em lugar daquella expressão uzasse desta —hum Cavalleiro andante que está parado em Caza? Diria, para ser consequente, que era uma asneira contraditoria; e com tudo ambas as expressões seriam correctas: ora ouça Sr. PIPAROTE que tanto presume saber grammatica latina, quando julgamos que a ignora mais que a lingua hebraica: Cavalleiro andante Sr. PIPAROTE, segundo a lição dos Classicos do nosso uzo, he um nome appellativo composto, no qual o verbo—andar—ficou refundido; e por tanto podemos e devemos dizer, por exemplo, sendo a isso precisados: hum Cavalleiro andante andou trinta legoas sem dormir; hum Cavalleiro andante esteve parado tres dias sem comer &: chegue á palmatoria Sr. asneirão: pá, pá, pá, duas duzias: o que certamente nós não poderíamos dizer sem perigo de mentir,

he, q um Cavalleiro ou Pedestre andante, ou estacionario podesse ler o *Piparote* sem se nauzear: e se não diga-nos V. S. porque modo devemos expressar um Cavalleiro andante em movimento ou quietação: os seus Doutores Sr. PIPAROTE não tiverão certamente parte nesta sua analyse, isto he obra mesmo sua, não tem duvida; *quale caput est, talis prestatur sapor.*

Outro Officio Sr. PIPAROTE, he melhor cuidar na vida e no seu estabelecimento, que nós tambem desejamos fazer o mesmo em beneficio de nossos filhos, lembre-se que já he hum rapaz cazado; e para isso he preciso promover a tranquillidade e o socego geral, e não perturbar a sociedade civil com essa zangueira que tanto o devora, e a outros muitos basbaques, e mais alguma couza, que nós conhecemos, e que são os unicos que o aplaudem, *ut honra parentum*: e se não está disposto, ó Sr. PIPAROTE, a tomar o nosso conselho, e quer continuar na sua mania ou loucura de dar que fazer ao Chumbo modelado, nesse cazo, emende a mão no seu Espelho de Charlatens em que trabalha; porque se tiver bom aco e for claro pode ser um traste de muita utilidade para seu uzo, vendo nelle cada vez que o pozer de frente dos olhos o retrato fiel e expressivo do maior sendeiro ou burrorio em literatura que se poderia crear na Ilha do Mayó.

Adeos Illm.<sup>o</sup> Sr. PIPAROTE, não se desconsolle pelo máo acolhimento do seu primeiro parto bestial ou mental; talvez que no segundo tenha a Criança mais acceitação se não sahir tanto ao pai, e se assim não acontecer sempre ao menos tirou a utilidade de ficar com o nome honorifico de PIPAROTE, que a falar a verdade muito lhe quadra, por ser expressivo do acanhamento do seu fizico e insignificancia do moral &c. Adeos Sr. PIPAROTE.

Seu muito Pasmador,  
O Censor.

P. S. Visto que V. S. he tão apaixonado de *Epigraphes* pois no seu piparote as vemos no peito, nós



pes, e na cabeça, lebará também humia no fabo desta Carta, e he a seguinte—

Qui me commorit (melius non tangere. clamo)  
Flebit, et insignis tóta contabitur urbe. (a)

Hor. Sat.

Mais humas palavras sobre o Piparote; e serão as ultimas.

Ainda que em vista do que temos expellido não reste mais a darmos satisfação alguma a esse pateta, e a tudo com quanto vier, acha-se autorisada para lhe responder de hoje em diante a ~~Chica~~ ~~tirolé~~ ou a mencionada D. Zabel ~~Cabaço~~ com Cuia que já o principiou a tomar á sua conta; vendo porem a celeberrima notta a huma couza que ella chama Soneto a paginas 22 do seu *Piparote*, em que diz que alude a certa Cartinha que dirigimos a huma ~~Corporação~~ respectabellissima, cujos Membros se pozerão a rir quaes outros Democritos, como elle diz, dando a entender que elle *Piparote* he Sabedor com miudeza dos Negocios que alli se tratao; e como possam haver alguns individuos que fação juizos vacilantes sobre a firmeza de nosso character e ~~conduta politica~~, transcrevemos a diante a integra da referida cartinha que

(a) Pode V. S. pedir ao Sr. Professor do Latim o Illm. Suterio que lhe ensine a traduzir esta mesma Epigraphe; e seria bom tomar tambem com elle algumas licões de escrever, para o Publico se quizer continuar nesse Officio; e bastaria para esse fim seguir o exemplo daquelle judiciozo e erudito Escripitor no seu Jornal—o ~~Maranhense~~ obra de utilidade e q honra a seu Author pela sua moderação, litteratura e politica, e todas as mais qualidades que alem de fiel Cidadão Brasileiro, nato, o constituem digno da estima dos seus Concidadãos.

em o principios por nos sustentados,

dirigimos então ao Exm.<sup>o</sup> Sr. Presidente, para apresenta-la ou não, como fosse sua vontade, aos Exm.<sup>os</sup> Conselheiros Prezidiaes: e a fizemos não como órgão nem Procurador do Povo como diz o patola Piparote, ou pastel, mas em conformidade do Capitulo 7. do Livro 4 do Contracto Social de Rousseau, que diz, servindo-nos da traducção de B. L. Vianna=" Assim como a declaração da vontade geral se faz pela Ley, a declaração do juizo publico se faz pela Censura. A opinião publica he huma especie de Ley, de que he ministro o Censor, o qual só a applica aos casos particulares. Longe pois do tribunal censorio ser árbitro da opinião do povo, não he senão o declarador della &c. "

He verdade que Democrito com quem o Sr. Piparote compara os Exm.<sup>os</sup> Conselheiros, se ria das extravagancias e disparates da especie humana porque já nesse tempo havia Piparotes, e até mesmo Hypocrates deos da Medicina, não escapou do seu riso filosofico querendo examinar-lhe o estado de egritute mental. Os Excellentissimos Conselheiros ainda mesmo na hypothese de o Excellentissimo Sr. Presidente lhe apresentar o nosso escripto, o que ignoramos, poderião sim rir-se da insuficiencia de nossos conhecimentos e idéas, mas nunca das boas intenções, patriotismo e zelo pelo bem da Sociedade, que nos fez conceber o projecto de expender nossa opinião em o dito escripto. Nós tínhamos sido victimas da infracção da Lei e da Constituição, sendo prezos e deportados sem processo, e ainda que muito confiavamos na integridade, rectidão e justiça do Excellentissimo Sr. Presidente Barros, como houvesse quem dezesasse, talvez com susto de propinqua revolução, que as pessoas que tinham sido prezas por suspeitas fossem immediatamente deportadas sem processo, o que era inteiramente incompativel com o nosso modo de pensar, e da maxima parte da publica opinião, eis porque nos resolvemos então dirigir a SS. EEx. a nossa opinião sobre este assumpto não julgando offender a sua Sabedoria e circumspecção, como pertende o Sr. Piparote porque he piparote.

*opinão sobre o Piparote*



Illm.<sup>os</sup> e Exm.<sup>os</sup> Srs. do Conselho Prezidial.

O Redactor do Censor firme nos principios da marcha que adoptou, conducente a promover o bem geral, a união e concórdia de seus amados Concidadaõs, primeiro bem da Sociedade civil, de que he sem duvida feliz resultado a prosperidade do Imperio, e a gloria do Imperador; não podendo, pelo amor da Patria, ser insensivel á triste conjunctura que vê dos presentes successos, lhe parece que deve manifestar a sua opiniaõ politica ao Sabio Conselho Prezidial; não porque Este precize do socorro das insignificantes luzes do bem intencionado Censor, mas porque tendo-se declarado em outras occazides oryão ou manifestador da opiniaõ publica, julga commetter um Crime de Ommissaõ, se agora não declarasse quanto lhe parece ter observado sobre a mesma publica opiniaõ, sejaõ ou não dignas suas ideas da alta consideração e Sabedoria do mesmo Exm.<sup>o</sup> Conselho.

O Publico julga e quazi está persuadido que as pessoas que acabão de ser prezas estes dias, vão ser deportadas sem processo; isto será uma temeridade talvez em quem assim pensa, mas na hypothese de verificar-se uma tal medida, ella, a lem de ser contraria á Ley, seria mesmo incompativel com as circumstancias actuaes; em vez de obviar o mal que existe, ella o agravaria em extremo; daria mais impulso á rivalidade, cohriria de magoa acerba, e de lucto todas as familias respeitaveis desta Cidade, deslustraria em parte o brilhante Governo do Excellentissimo Sr. Barros, faria demasiadamente volumoso o partido contra elle, e grangearia voluntario odio sobre as pessoas de sua amisade, e de boa fé, que não deixariaõ de sofrer desgosto em sua auzencia.

Ha poucos dias que o Censor em seu N.<sup>o</sup> 15 a paginas 216 fallando dos individuos que chegarão do Rio de Janeiro, exprsesou as seguintes palavras=Elles tomarão novo alento e descarada ousadia com a chegada d'alguns camaradas das suas fâçanhas que ha dias desembarcarão do Brigue Correio da Bahia vindo do Rio

de Janciro para onde forão remettidos pelo afamado Cockrane com bem pouca justiça, equidade, e politica, pois havendo nesta Cidade uma Relação, nella deverião ser julgados e punidos os seus delictos, para exemplo dos mãos, e para satisfação da Justiça, e das partes offendidas; e talvez alguns fossem absolvidos, pois nem todos os que forão deportados seriaõ mereccdores de hum tal exterminio e dureza, como nem todos os que ficarão, dignos de amplo perdão com abuso da Ley.—

Seja qual for o crime, haja ou não haja conjuração formal, seja esta contra quem for não se deve, como julga o Censor, extorquir á Relação o seu conhecimento legal, e o seu castigo ou absolvição dos suspeitos, se estiverem criminosos ou innocentes, nem se deve temer que seja perturbada a execução da Ley, e as ordens do Excellentissimo Presidente, nem que seja nunca insultada directamente sua Pessoa.

O Excellentissimo Presidente deo as providencias, não ha que temer; haja ou não plano de conspiração, de cujo conhecimento deve estar o Governo inteirado porque lhe pertence; todos os Cidadãos estão persuadidos, e bem persuadidos por meio de huma dolorosa experiencia, que qualquer revolta que rebentasse, e fosse qual fosse o seu plano, o primeiro impulso della seria roubar e matar, e estes horrores tão consternantes nos devem cabalmente persuadir que nenhuma pessoa de bem, e menos qualquer familia illustre desta Cidade (se não mencionarmos acca-so algumas expressões indiscretas de alguns filhos poucos sensatos) teria a menor influencia na perpetração de semelhantes males e desgraças; e por isso não ha que temer; todos todos estão preparados e com coragem para defender suas propriedades, suas familias e pessoas, e o socorro publico, que ninguem em taes circumstancias ouzará impunemente perturbalo, e tudo o mais parecerá terror panico sem fundamento.

A vista do expellido parece ao imparcial Censor que se devem conservar os suspeitos em custodia sem tormento, abreviar-se o processo, ser castigado se for convencido o delinquente, e posto em liberdade satisfatoria sem demora o que for julgado innocente; e tudo o mais he ter medo do papão; segundo parece.



*Ao Ilustrissimo e Excellentissimo Conselho Presi-  
dial protesta o mais profundo respeito, e pede venia e  
perdão por quanto fôr inutil neste escrito, em que cré  
reluzirem suas boas intenções, imparcialidade, zelo, e pa-  
triotismo, sem que offenda a Dignidade e Sabedoria do  
Respeitavel Conselho Persidial, como se persuade.*

Maranhão 24 de Maio de  
1826, ás 10 horas da ma-  
nhã.

*João Antonio Garcia d'Abranches.*

## CORRESPONDENCIA.

O' Censor.

Cada vez que sahe á luz o Censor, porque não  
ha Caixeiro, nem Patrão, nem Mestre de Canoa que  
o não compre, sempre eu vou ouvi-lo lêr ao Caixei-  
ro do Caéla no Desterro porque lê bem espevitado;  
e lá ouvi que tú em o N.º 14 prometias huma  
Lasquinha para o N.º seguinte, e depois quando sa-  
hio o N.º 15 lá vinha a Lasquinha prometida em o  
dito N.º 14; e no mesmo N.º 15 tú prometeste tam-  
bem analisar em outra occasião os poetas e prosistas,  
e huma pasquinada em ar de Soneto que te pozerão  
na porta; e como não dizias quando, nem em que N.º  
o havias de fazer, eu supunha que tú, como era cou-  
sa que pouco interessava, o farias lá para o dia de  
juizo, pois não te obrigaste a faze-lo em dia e hora  
certa; mas agora me dizem que o meu Camarada  
*Piparote* ateima com toleima que a dita Lasquinha  
do N.º 15 he a analyse que tú prometeste no mes-  
mo N.º 15 dar ou fazer em outro momento, o que  
prova que o tal *Piparote* he sandedu, e ainda mais  
tolo do que eu: não te desconsoules, deixa-o á minha  
conta; tú sempre has-de ser o Censor Maranhense, e

elle sempre ha-de ser o *Piparote*. Adeos meu Relojoeiro.

Tua serva servissima e piparotissima

D. ~~Z~~abel &c. &c. &c. &c. &c. Cabaço com Cuia.

N. B. Esta ~~D~~oida tão conhecida, que anda continuo nas ruas desta Cidade dizendo disparates, todos sabem que ella tem intervalos em que diz algumas cousas com acerto, e ninguem duvidará que ella estivesse em perfeito juizo quando se lembrou escrever-nos esta carta.

*Explicação das Charadas do N.º antecedente.*

N.º=13————Cama-leão.  
 N.º=14————Pa-cova.  
 N.º=15————Ma-caco.  
 N.º=16————Me-do.

N.º 17.

No Ministro sou hum crime,—2.  
 Faço o homem respeitavel,—3.  
 Em toda a humanidade  
 Sou hum vicio detestavel.

N.º 18.

Entro na construcção dos Sacros Templos;—2.  
 A muitos campos dou fertilidade;—2.  
 De Pedro recebi Sagradas normas,  
 Para intactas guardar em toda a idade.



N.º 19.

De frouxa besta accidente;=2  
 Do animal lugar (forçoso;=1  
 Guarda em si mortal veneno,  
 Comido he delicioso.

N.º 20.

Da India fui Rei valente;=2  
 Sou emblema da fraqueza;=2  
 E n'hum Rio do Brasil,  
 Prodigio da Natureza.

N.º 21.

Sou pertencente a uma raça esteril,—2  
 Huma doença sou mui asquerosa;—2  
 E apezar de que tenha as cousas ambas  
 Posso ter descendencia numerosa.

---

## N O T I C I A S.

Recebemos uma Correspondencia vinda do Sertão dirigida ao Censor por—O ~~Vaqueiro~~ Piauiense—: ella he digna da lição do Publico pela vastidão e profundidade de conhecimentos, e muita instrucção de seu digno Author, e pelo seu grande patriotismo e interesse pelo bem e tranquillidade geral, mostrando ser amigo do Imperador: elle ampliou os Numeros do Censor 10 e 11 que trataõ dos revolucionarios, anarchistas, e democratas que tem perturbado o socego daquella Provincia; e faz uma innumeração de muitos individuos perturbadores da ordem geral, e devotos da democracia, a que intitula uma boiada democratica que remette ao Censor; e que fica ajuntando outra, em que lhe não ha-de escapar o Pai da malhada: nós suspendemos por ora a publicação dessa Correspon-

dencia, porque temos noticia que as cousas no Piauhhy vão tomando melhor Caminho, e que o Excellentissimo Barão tem emendado a mão (se he que delle provinha a tortura dos Negocios), e muito desejamos que todos os variantes tomem melhor direcção e juizo para o bem de todos, e nesse caso deve abrir-se-lhe o Caminho, e não hir com tudo ás do cabo, como temos dito muitas vezes, &c.

Foi reimpresso nesta Cidade o interessante Folheto intitulado—Inviolabilidade da Independencia e Gloria do Imperio do Brasil, ou Reflexões contra as Reflexões do Escriptor *machucho* o Cavalheiro Chapuis: he de cinco folhas, e se acha á venda a 320 reis, guarnecido com capa de papel pintado nos lugares onde se costumaõ vender os numeros do Censor: aonde tambem se achão as collecções inteiras deste Jornal,

---

## ERRATAS.

Pagina—237, linha 11—*ruens* deve ler-se—*recens*.  
Na mesma pagina linha 18 merece, merecesse

---

Maranhão, Typographia Nacional. Anno de 1826.



folto 17 258/266

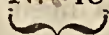
267/286

O

# CENSOR

MARANHENSE.

N.º 18



---

*A Rome les desordres domestiques ou publics étoient réformés par les Censeurs.*

Rollin.

---

---

MARÇO 31 DE 1827.

---



**A**inda que as duas primeiras e muito respeitaveis Authoridades que presentemente dirigem a marcha do Governo Civil e Militar desta Provincia, pelos seus conhecimentos, madura circumspecção, e recta justiça de seus genios não precisem de modelo para regularem com acerto o movimento da maquina politica na delicada tarefa, que lhes impõe seus altos Cargos no Serviço do Imperador, em beneficio dos governados, do bem publico, e dos direitos magestáticos do mesmo Augusto Senhor; mas para que alguns Commandantes e outros Empregados dos diversos Districtos da Provincia saibão immitar a seus Delegantes quando benemeritos e direitos, sem que em tempo algum servir-lhes possa de pretexto desculpante sobre seus manifestos erros, humanas paixões, imbecilidades mentaes, ou a vergonhosa capa da ignorancia, e possuão no-

bremente conduzir-se com imparcialidade e direitura na execução das ordens superiores, e na restricta observancia da Ley por hum modo tal que mereção os *bem-dizeres*, ou os gratos e sinceros louvores daquelles Povos que lhes cabe em sorte existirem debaixo da sua inspecção, e se fação ao mesmo tempo dignos de honroso nome e gloria para com a Patria, para com o Soberano, e para com o Mundo; nos parece convenientissimo para tão interessante fim, e a bem da humanidade, transcrevermos neste Jornal hum documento que no seu contheudo encerra as mais delicadas maximas, e a mais proveitosa lição da Politica, da Moral, e da sã Justiça: (o ponto está que elle aproveite) não reconhecendo nós seu memoravel author sómente por unica fonte de tanta sabedoria e moral pura, porém como um grande genio senão o primeiro em politica do seculo passado, ao menos um feliz e admiravel imitador dos homens mais célebres naquelle genero que nos mostra a história dos seculos antigos e dos modernos: e he o incomparavel documento, que mencionamos, a seguinte=

### C A R T A

Do Marquez de Pombal a Joaquim de Mello e Póvoas, quando foi nomeado para governar o Maranhão.

*Justo me pareceo, depois de querer V. Ex. entrar instruido no seu generalato, sabendo do clima, dos frutos, dos viveres, da jornada, e do preciso commodo della para o seu transporte, que tambem se instruisse nos genios dos Povos, com hum breve methodo de governar, e dirigir suas acções com menos embâraços dos que acontecem a quem primeiro ha-de praticar para conhecer, e que, quando se chega a fazer senhor das cousas, he quando tem involuntariamente errado com animo de acertar.*  
*O Povo que V. Ex. vai governar, he obediente, fiel a El-Rey, aos seus Generaes, e Ministros: com es-*



las circumstancias, he certo, que ha-de amar a um General prudente, affavel, modesto, e civil. A justiça e a paz, com que V. Ex. o governar, o fará igualmente bem-quisto, e respeitado: porque com huma e outra cousa se sustenta a saude publica.

Engana-se quem ententende, que o temor, com que se faz obedecer, he mais conveniente, do que a benignidade, com que se faz amar; pois a razão natural ensina, que a obediencia forçada he violenta, e a voluntaria segura.

Nos Generaes substitue El-Rey seu alto poder, fazendo duas Imagens suas; esta lembrança fará a V. Ex. exemplar de predicados virtuosos, para que não vejão os seus Subditos a sombra da cópia desmentir as luzes do original, que he puro e perfeito.

Conheção todos em V. Ex. que El-Rey he pio, e que o manda para ser pay, e não tyranno; porque isto he o mesmo, que V. Ex.<sup>a</sup> vê praticar pelo seu régio Ministerio: casos ha em que se deve usar de rigor, apezar da propria vontade: assim como vemos pelo professor, ou cauterizar uma chaga, ou cortar um braço, para restaurar a saude de huma vida, da mesma sorte quem governa, senão pôde conservar a saude do corpo mistico da republica por causa de hum membro podre, justo he cortalo, para não contaminar a saude dos mais: peze V. Ex. de sorte na balança do entendimento a sua benevolencia, que não diminua a authoridade do respeito, nem a justa severidade da Ley, obrigado do amor; porque neste equilibrio está o acerto de um feliz Governo: a jurisdicção que El-Rey confere a V. Ex., jamais sirva para vingar as suas paixões; porque he injuria do poder usar da espada da justiça fóra dos casos della. Duvilo se ha quem saiba executar estas virtudes; com tudo seja V. Ex. o exemplar para conseguir a palma de uma victoria tão heroica, como invencivel: defenda V. Ex. o respeito do lugar pela authoridade d'El-Rey, castigando a quem pertender mancharlo; porém os seus aggravos pessoaes saiba dissimular, e esquecer-se delles: os aduladores não se conhecem pelas

roupas, que vestem, nem pelas palavras que fallão; quasi todos os que os ouvem, são do genio do Rey Achab, que só estimava os profetas; que lhe predisião cousas, que o li-songearaõ; e porque Micheus em certa occasião lhe disse o que lhe não convinha, logo o apartou de si com odio.

Quasi todos os que governão, querem, que os lison-gêem, e sempre ouvem com agrados os elogios, que se lhes fazem: desta especie de homens, ou de inimigos, em toda a parte se encontraõ, e V. Ex. os achará tambem no seu governo; aparte-os pois de si como veneno mortal. O Espirito Santo diz, que os que governão, devem ter os ouvidos cercados de espinhos, só para que, quando os aduladores se cheguem a elles, os lastimem, e os fação afugentar. Hum crime ha em direito que os Juris-consultos chamão crime stelionatus: crime de engano, derivando a sua etymologia daquelle animal stelião, que não mata com veneno, e só entorpece a quem vê, introduzindo diversas qualidades, e effeitos no animo; castigue V. Ex. a estes stelioës, e negue-lhes attenção, para que o deixem obrar livre, e lhe não paralísem os sentidos nem o animo. V. Ex. vai para um governo tão moderno, que he o quarto General que o continua a crear; immitte ao primeiro em tudo aquillo, que achar ter sido grato ao povo, e util ao serviço do Rey, e da Republica: não altere cousa alguma com força nem violencia, porque he preciso muito tempo e muito geito, para mudar costumes inveterados, ainda que sejam escandalosos: os mesmos Principes encontrão difficuldodes neste empenho: Tiberio não conseguiu tirar os jogos illicitos, e publicos introduzidos por Augusto; Galba pouco tempo reinou, por querer emendar as desenvolturas de Nero; e Pertinax pouco menos de um anno empunhou o sceptro, por intentar reformar as tropas relaxadas por seu antecessor Commodo: com tudo quando a rasão o permite, e he precisa desterrar abusos, e destruir costumes perniciosos em beneficio d'El-Rey, da justiça, e do bem commum, seja com muita prudencia, e moderação; que o modo vence mais do que o poder. Esta doutrina he de Aristoteles; e ta-



dos aquelles que a praticarão, não se arrependerão: em qualquer resolução que V. Ex. intentar, observe estas três cousas, prudencia para deliberar, destreza para dispor, e perseverança para acabar. Não resolva V. Ex. com accelleração as dependencias arduas do seu Governo para que lhe não aconteça logo emendalas: menos mal he dilatar, para acertar com maduro conselho, que deferir com ligeireza, para se arrepender com pezar sem remedio: quando duvidar, informe-se, pergunte; e para não dar a entender o que quer obrar, figure o caso como questão a pessoas que o possam saber, para o informarem em termos. Tambem não quero dizer que por isso se sujeite V. Ex. a tudo e a todos, mas sim que ouça, e pratique, para resolver por si o que entender; porque de V. Ex. confiou El-Rey o Governo, e não de outro.

A família de V. Ex. seja a cousa mais importante, e escolhida, que comsigo leve; pois por ella ha-de V. Ex. ser amado, ou aborrecido, e por ella ha-de ser applaudido, ou murmurado. São os Creados inimigos domesticos, quando são desleaes; e companheiros estimaveis, quando são fieis; senão são como devem ser, participão para fóra o que sabem de dentro, e depois passam a dizer dentro o que senão sonhá fóra; e o mais he, que, como são tidos por leaes, e verdadeiros, achão grata attenção no que contão, prejudicando muitas vezes com mentira, a innocencia do accusado por vinganças dos seus particulares interesses.

He muito precisa a boa eleição da familia que hum General ha-de levar comsigo, principalmente para a America, porque o Paiz influe em quasi todos o espirito da ambição, e relaxação das virtudes, mormente na da charidade, cujo desprezo abre a porta para outros muitos males, e vicios. Por mão de Creados não accite V. Ex. petição nem requerimento, ainda que seja daquelle de que V. Ex. formar mais sólido conceito, para que não aconteça que á sombra da supplica que vai despida de favor, se introduza o que se acompanha de empenho, e de interes-

se: a mentira veste gallas, a verdade não: esta por innocente préza-se de andar núa, aquella por maliciosa procura enfeites para parecer formosa; e como os olhos se namorão do que vêem, e os ouvidos do que ouvem; em taes casos a confidencia que V. Ex. fizer do Creado, e a informação que elle der do requerimento que apadrinha, quando não obrigue que V. Ex. pela sua rectidão offenda a pureza da justiça, pôde facilmente inclina-lo a favorecer o despacho; mas para que assim não succeda (que a experiencia he a melhor mestra, e o primeiro documento para o acerto), dissera a V. Ex. que mandasse fazer uma pequena caixa com abertura, para as partes metterem dentro os papeis, posta em alguma casa exterior, cuja chave só V. Ex. confiará de si, para a mandar abrir e despachar de noite, para de manhã se entregarem ás partes; e não receber requerimento algum por mão de pessoa, que não seja a propria, ou procurador da parte; tiradas as horas do seu preciso e natural descanso, dê V. Ex. audiencia todos os dias, e a todos em qualquer occasião que lhe queirão fallar. Das primeiras informações nunca V. Ex. se capacite, ainda que estas venhão acompanhadas de lagrimas, e a causa justificada com o sangue do proprio queixoso, porque nesta mesma figura pôdem enganar a V. Ex.; que se a natureza deo com providencia dous ouvidos, seja um para ouvir o ausente, e o outro para o accusador: attenda V. Ex. e escute o afflicto, que se queixa lastimado e offendido consóle-o; mas com tudo não lhe desfira sem plena informação: e esta que seja feita pelo Ministro, ou pessoa muito confidente, para que assim desfira V. Ex. com madureza e rectidão, sem que lhe fique lugar de se arrepende do que tiver obrado: com este methodo livrar-se-ha V. Ex. tambem de muitas queixas vans, e falsas de muitos, que sem verdade as fazem, confiados na promptidão com que alguns superiores castigão levados da primeira accusação que se lhes faz. Quando assim succeda, que V. Ex. o enganem, mande castigar o informante, e o queixoso, ainda que tenha mediado tempo; isto



tanto para satisfação da justiça, e do seu respeito, como para exemplo dos que quizerem intentar o mesmo.

Não consinta V. Ex. violencia dos ricos contra os pobres, seja defensor das pessoas miseráveis, porque de ordinario os poderosos são soberbos, e pertendem destruir; e desestimar os humildes: esta recommendação he das leys divinas e humanas; e, sendo V. Ex. fiel executor de ambas como bom Catholico, e bom Vassallo, fará nisso serviço a Deos e a El-Rey. Toda a república se compõe de mais pobres e humildes, que de ricos e opulentos; e nestes termos conheça antes a maior parte do povo a V. Ex. por pay, para o acclamarem defensor da piedade, do que a menor protector das suas temeridades, para se gloriarem do seu rigor.

Pouco importará que se estimulem de V. Ex. não concorrer para as suas violencias; porque estes mesmos que agora se queixarem, conhecendo a justiça com que V. Ex. procede, logo confissão a verdade; porque a virtude tem consigo a preeminencia de se ver exaltada pelos mesmos que a perseguem e aborrecem. Ha muitos casos que merecendo castigo, primeiro ha-de haver uma prudente admoestação reprehensível; ou pela qualidade da pessoa, ou pela natureza da culpa: esta he a occasião em que V. Ex. ha-de mandar chamar o culpado, e com elle sómente, sem outras testemunhas reprehendolo, e encarregar-lhe a emenda, e o segredo da correcção com tanto empenho, que se revelar, ou abusar do conselho, lhe será preciso castigalo publica, e asperamente para exemplo dos mais. Esta reprehensão deve ser cheia de gravidade, e de palavras moderadas; porque estas infundem no Réo um certo espirito de pejo para a emenda, e respeito para com V. Ex., a cuja authoridade em muitas occasiões he mais efficaz a moderação, com que se reprehende, do que a severidade com que se castiga: o concerto do modo nas occasiões, faz uma suave harmonia entre o mando e a obediencia. Nunca V. Ex. trate mal de palavras, nem acções a pessoa alguma dos seus Subditos, e que lhe fôrem requerer; porque o supe-

rior, deve mandar castigar; que para isso tem cadeias, ferros, e Officiaes que lhe obedeção; mas não deve injuriar com palavras e affrontas; porque os homens se são honrados, sentem menos o pezo dos grilhões, e a privação da liberdade, que a descompostura de palavras ignominiosas; e, se o não são, nenhum fructo se tira em proferir improperios. Quem se preocupa das suas paixões, faz-se escravo dellas, e descompõe a sua propria authoridade. Mostre-se V. Ex. em todos os momentos de paixão e de perigo, superior e inalteravel; porque com os dois attributos de prudencia, e valor, o temeraõ os seus Subditos.

Tenha por descredito como superior, provar o seu poder na fraqueza dos miseraveis pertendentes.

Só trez divindades sei, que pintarão os antigos com os olhos vendados, signal de que não erã cegas, mas que elles as fazião, e adoravão: a um, Pluto, deos da riqueza, um Cupido Deos do amor, uma Astrea, deosa da justiça.

Negue V. Ex. culto a similhantes Deidades e nunca consinta que se lhes erijão templos, e se lhes consagrem votos pelos Officiaes d'El-Rey; porque he prejudicial em quem governa, riqueza cega, amor cego, e justiça cega.

Em (32) annos que temos de residencia nesta Cidade e Provincia havemos conhecido (14) Governos, não fallando nos actuaes cujo bom principio estamos felizmente disfrutando; incluindo naquelles os Triumviratos e as Juntas, e sem que nos abalancemos por ora a fazer a analyse de seus procederes, nem que fiquem deteriorados os merecimentos relativos de cada hum, avançamos com tudo a dizer, e persuadidos que o fazemos com grande fundamento; que nenhum daquelles, segundo observámos como testemunha de vista, e segundo nosso juizo e experiencia, se aproximou tanto nos preceitos de governar Póvos ao delicado systema que prescreve o nobre documentu que acabamos de trans-



crever; como fosse o Excellentissimo D. Diogo de Souza, hoje Conde de Rio Pardo, o qual por meio de seu benéfico e sabio Governo por espaço de seis annos, que decorrerão de 1799, a 1805, pouco mais ou menos, fez com que os habitantes desta Provincia vi-vessem felizes e tranquillós, e até quasi livres do con-tagio de demandas, pelo que mereceo geralmente o nome de—Mestre de Governar—apezar dos sinistros impulsos e raiva feroz de alguns intrigantes e egoistas accérrimos que malevolamente o pertenderão colocar na Classe dos despotas.

E nós que tivemos a ventura de o disfrutar, ó saudoso tempo! sem outra dependencia mais que a feliz garantia da nossa segurança, e da publica tranqüilidade, lhe rendemos hoje hum tenue, porém respeitoso tributo á memoria de seu inclito Nome como fiel tes-temunho de nossa gratidão, por meio da publicação do seguinte Soneto, feito naquelle tempo por um Vate de nossa amisade.==

Com destra mão Diogo tu prudente  
As redeas do Governo sustentaste,  
Sizudo com tranquillo pé calcaste  
Soberbos collos como Heroe valente..

O respeito do ouro refulgente  
Com desprezo altivo sempre ollhaste,  
A sordida lisonja abominaste,  
Feio crime baniste dentre a gente:

Confesse esta verdade o Cidadão,  
Estatuas te levante a votos puros,  
A' bocca cheia aclamem-te Catão:

Conheção-te os seculos mais futuros,  
Teus feitos tenham alta estimação,  
Escreva-se o teu nome em bronzes duros.

Pelas mesmas razões expendidas na reflexão do numero antecedente ficou demorada a impressão deste numero coordenado anteriormente: impresso agora com algumas addicções convenientes.

O Redactor,



*Continuação da materia suspendida na pagina 265 do numero antecedente, sobre o obscuro Maranhas.*

..... Este pestifero  
 Monstro prejudicial, vem sacudindo  
 As serpentinas azas com estrondo,  
 Que o Mundo todo espanta.

Corte Real.

De tal maneira, vinha-mos dizendo na pagina e N.º referidos, partindo, e não correndo, porém voando na direcção ou rumo desta Cidade o embusteiro Maranhas obscuro ou pestifero passaro do Piauh, que desatinado e resoluto se propuzera romper os densos ares com ganas de fazer em trapos os trez agentes da intriga como em seus cascos concebêra; e de tal sorte sem mais tirar nem pôr, se arrojando a fazer e a cantar a famosa guerra, qual aspérrima Gaticanea, e tal as venturas, e aventuras grandilocas do grande Priamo....Mas, levando de graças, d'istillo jovial, e argutos ditos, que nos periodicos, e nas mezas costumão despertar os alegres apetites; e porque he tempo de se antepôr o estillo sério ao burlesco, que mais propriamente e de mais proveito tem sido a combater o bando infame dos furiosos Sandovaes empenhados sempre em perturbar o suspirado progresso da boa ordem na sociedade civil por meio dos incendiarios, subversivos, vís, e até hereticos escritos, pois que jamais (e ha muito lho dizemos) Srs. Anarchistas temos a temer os seus desesperados raivosos e vãos impulsos, he tempo de tomarem juizo, e tomem-no já de uma vez por Santa Bárbara, e não mais repetiremos semelhante nome (de anarchistas), porque he tambem tempo de fallar-mos com mais sisudez, pois que da vil canalha jamais não voga o louco influxo, desenganam-se, pereceo de huma vez o subtil e damnado systema dos Carvalhos, Tristões, Helgueiras, Bruces, e os mais Demagogos da insana democracia, pois que a bem dizer he axioma de Política que todos os personagens revolucionarios uma vez perdido o assento em que a revolução os tenha colocado, jamais a fortuna os torna a subir, e a manter no mesmo lugar: assim o mostra a experiencia, e assim o diz o sabio Herrand author eminente da Theoria das revoluções no Tomo 4.º, Cap. 20. da Eddicção de Pariz de 1827.—*Je ne connois point de revolution dans l'aquelle un per-*



*sonnage révolutionnaire, ayant perdu le rang ou cette révolution l'avoit hissé, y ait été replacé e maintenu une seconde fois par la fortune. Au milieu de jeux sanglans qu'elle se plait à multiplier en révolutionnant et les personnes et les choses, la fortune semble avoir oublier ou méconnu celui la. Tout révolutionnaire qui n'a pas su conserver la place, où elle avoit eu le caprice de l'élever, est par elle abandonné s'il veut tenter d'y monter de nouveau.*

E os Apostolos do Evangelho do alado Barata ficarão de uma vez emudecidos; e seus loucos observantes ou sectarios se continuarem na tolice pertinaz, e não curarem de uma vez o endemico prestigio ou halito contaminante das infernosas medidas geraes que tanto adoraõ, correm o risco de serem Clementinados, ou forçados navegantes para o Rio, que vem a ser a mesma cousa: e esta medida tão severa como necessaria quando o caso o pede a bem da publica tranquillidade, perniciosa aos que vão infundindo clamor em suas familias, e assustadora a muitos outros que ficaõ lembrando-se de seus merecimentos, já era tempo de evitar-se o seu uso violento se esses cabeças de bolor e papões que fallaõ á tóa, e outros que metem os caens na moita, tivessem tomado juizo como tanto lhe temõs aconselhado, e dimitissem de todo, a insana zanguinha que os devora: ficará o mercenario ou sanguinario Portuguez em Londres esgalgado de ladrar: e as preversas doutrinas de todo de todo banidas nas Provincias do norte do Brasil, em quanto no Ceará, Piahy, Maranhão, e Pará, além do maximo e grosso partido dos bons Brasileiros anti-anarchistas, de mãos dadas com os Excellentissimos Presidentes permanecerem, quer outros semelhantes, os illustres varoẽs militares Commandantes e Governadores das Armas.—Escragnolles, Niemugrs, Barretos, Feives, e que breve assome ao Piahy o Excellentissimo Conde de Beaupere dignos todos de fama e maravilha, feliz, e sabiamente escolhidos por S. M. I.: e não he preciso mais nada para a conservação da boa ordem, e segurança interna das Provincias do Norte do Imperio: quanto á do Maranhão, Escragnolle, e mais Escragnolle, e uelle confiadamente descanse o Augusto Imperador: nós cá estamos, assim o entendemos, assim o dizemos, e não nos amedrenta o susto de nova anarchia mediante os auspicios de bem intencionados Governos. Isto posto, e segundo o nosso pensar; forme-se e reserve-se o exercito para repelir os inimigos externos continentaes, e para a garantia do sumptuoso Giganté, que ao mundo todo faça espanto; Marinha e mais Marinha.

No entanto: devemos louvar com grave e nobre enthusiasmo os illustres e benemeritos promotores da boa ordem e tranquillidade publica, os amigos fieis do Imperador; e lançar ao desprezo em fim de uma vez, (salvo a compente vigilancia do Governo,) todos quantos esganiçados latidos, aos ares se levantem desses *argo-nautico-piparotes*, e *les Chevaliers de Chapuis*, filhos primogenitos da desesperação, e da raivosa discórdia.

E justo seja que d'ora em diante tenha sómente proveitoso exercicio a moderada e decente censura sobre inveterados abusos, e em tudo quanto empecer possa o feliz exito do bem publico, e da Patria,

á doce harmonia da sociedade civil, e o engrandecimento do Imperio: não escapando do quinhão que lhes competir os accérrimos egoistas que tanto fedem, os usurarios, avarentos, ambiciosos, vis adultores, e os Empregados publicos de toda a casta, que escandalosamente se afastarem da restricta execução de seus deveres, &c.: e seja o primeiro e verdadeiro censor a moral publica, os bons costumes, e o exemplo do Cidadão probo e benemerito.

Tudo isto attento, e quanto mais convir possa á manutenção da boa ordem, seja-nos licito ainda por esta vez manifestar: que o Sr. Jozé Pereira da Silva Mascarenhas não desempenhou dignamente o ponderoso cargo que se resolveo tomar sobre si como se jacta no preambulo do celebrado impresso intitulado—*De feza*—na pagina 3.: de defender, diz, o Excellentissimo Barão, *illustrando o publico sobre factos que elle ignora, e cujo conhecimento he necessario para formar um juizo sólido e imparcial* &c. &c.

E para não cansarmos nossos benevolos leitores com uma fastidiosa analyse do fastidioso opusculo quadrilongo do Sr. Mascarenhas, e mesmo para não lhe dar-mos a confiança de responder a todas as suas *piparotadas*, diremos em summa: que não fallando nós no consolamento que inundou *su'alma*, quando na pagina 9. linha 10. *bem-diz* o nome de seu adorado Bolivar (ó glorias do campanario! ó meuninos da mulla ruça! que ainda não desistis da *Sugeitinha!* coitadinhos....) tudo o mais podemos dizer, que contém um perságo e monstruoso parto de sua balófa cabeça com que pertende provar: que tem sido trez os agentes da intriga contra o Excellentissimo Barão, que vem a ser—o Censor Maranhense, o Vigario Monteiro, e Alvarenga— e que o primeiro não he mais que o *écco* ou *relogio de repetição* escudado debaixo da capa (palavras suas) da opinião publica, e que esta deriva unicamente de impurissimas fontes as quaes são o mesmissimo Vigario, e Alvarenga, e nestes termos: pôde-se reduzir o argumento do Sr. Mascarenhas obscuro ao seguinte enthymêma—o Censor bebe sómente de duas impurissimas fontes que são o Vigario Monteiro, e Alvarenga: *ergo*: he impuro e podre tudo quanto elle diz ou escrevê.

Como havemos dito que he tempo de fallar-mos com mais sizerde, e apeteendo desempenharmos esta nossa opinião quanto o permittir o genio, e a nossa razão, diremos: que aquelle galantejo com que em nosso numero antecedente vinhamos descrevendo o episodio de um Conselho feito no Piauby a fim de ser defendido o Excellentissimo Barão, he tudo allasiyo á incoherente, ridicula, estúpida maneira, e tenebrosa logica com que o Sr. Mascarenhas ou alguém por elle se botou a querer conseguir aquelle fim tão desejado e de tanto empenho, pois não parece de homem que tenha raciocinio commum, e menos de quem como elle; diz, que officiosamente tomara a seu cargo aquelle delicado negocio; e, não obstante saber que o Advogado Manoel Raymundo Pereira lhe não achára furo pela via do Jury, para cuja diligencia chegarão a esta Cidade Outorgas, ordens para dinheiros e mais dinheiros, e récommendações de todo o lote, para dirigir mais delicadamente o negocio, a certa pessoa que por motivos ponderosos fica o



seu nome em silencio, xiton, calurda: não parece sim de homem sensato que se abala-se lá do Sertão a esta Cidade, proclamando o justo desempenho de tão famosa empresa, e depois se sahisse como um Senheiro em vez de Letrado, estabelecendo como auto de corpo de delicto os provarás do seu arresoado, pouco mais ou menos: " que o Censor vociferára, e atrozmente atacára, insultára, e velipendiára com epitetos afrontosos e grosseiros, carregando horrendos crimes sobre o Excellentissimo Barão, como êcco ou *relogio de repetição* escudado debaixo da capa da opinião publica, e que esta consiste unicamente nas duas impurissimas fontes " como acima dito fica, &c. &c.

Lêão-se e relêão-se os numeros do Censor desde que principiamos a fallar dos acontecimentos suspeitosos do Piahy, e mostre alguém aonde directa e formalmente recriminássemos o Excellentissimo Barão como fautor ou promovedor dos mesmos acontecimentos, que não seja fallando apenas hypotheticamente, e seguindo como nossas ideias o trilho de um vivo enthusiasmo pela tranquillidade geral, tendo a renovagaõ dos funestos males proximos passados, cuja dolorosa memoria não he facil esquecer por maior resignação de que sejaõ dotados os corações dos bons Cidadãos: e debaixo do mesmo enthusiasmo he que podião escapar algumas expressões menos sisudas, menos respeitosas tocante á pessoa do Excellentissimo Barão, o que deve ser desculpavel em quem se dirige unicamente pelo interesse e dezejos do bem geral, da prosperidade do Imperio, e pelo amor e fidelidade ao Augusto Soberano: não havendo outras causas externas que nos induzissem a falar desta maneira, salvo o demasiado amor da Patria, ou a falta dos talentos, e a escassa litteratura, porque outros tem sido os nossos cuidados, como temos dito muitas vezes; e quem diverso sentido á nossa exposiçaõ fizer tenha pacciencia; cabe-lhe de chapa a justa applicação do antigo rifaõ—*quem se pica, cardos come* &c.

Ainda mesmo que o Sr. defendente Mascarenhas obscuro plenamente provasse que as duas fontes sobreditas erãõ impurissimas ou lodozas (cazo negado) como poderia elle provar que o Censor não bebia de outras se não unicamente destas, e que nestas e somente nestas fontes he que consistia toda a extensão e força da opinião publica de que o Censor se constituia êcco, relogio de repetição, ou órgão da mesma publica opinião, como quer, e diz o Sr. Mascarenhas obscuro com tanta decizaõ? *Alegatio et non probatio est asinatio* diz o profeta Abacú.

Porem vamos a ver com tudo como elle pretende provar a impureza ou impuridade das duas impurissimas fontes por elle mencionadas: a primeira (o Vigario Monteiro) apresenta elle como documento ou prova da impuridade desta fonte, além de outras frioleiras, *ejusdem furfuris*, umas Cartas dirigidas pelo dito Reverendo Vigario Monteiro ao Exm.º Barão Presidente da Provincia do Piahy, cheias de elogios e rasgadas lisonjas que bem parecem paradoxos, levando por fim o pedir-lhe sessenta mil reis emprestados; com o que o defendente Mascarenhas obscuro não faz nenhuma hora ao Exm.º Barão, assoalhando semelhantes ninharias, e mostrando que o mesmo Exm.º Sr., não só dezejava comia e lambia como mel de pega-mão ou de Manoel d'Arruda

§ - *Alegatio et non pro-*

aquellas adulgações e servilismos affectados, a que o Reverendo Vigário talvez por conhecer os efeitos do incenso naquellas paragens, ou por muitos freguezes seus, lhe não pagarem bem os *benesses*, se via obrigado a recorrer para conseguir tão insignificantes favores no meio do Sertão vendidos tão caros; como manifestando ou dando a entender que o Exm.<sup>o</sup> Barão era dotado de sentimentos ordinarios das almas baixas (e isto não he de crer) lançado em rosto a hum homem condecorado e bem nascido tão diminutos benefícios e gragas triviaes entre os semelhantes, e guardando ao mesmo tempo para dar ao prélo cartas e bilhetes de similhante natureza: não sendo isto na verdade acções proprias dos Baroões assinalados, nem rasgos generozos dos Fidalgos Cavalheiros da Caza Imperial. Por tanto: o Sr. defendente obscuro he sendeiro porque não provou a impureza desta fonte: é ultrajou e borrou a dignidade e decôro do Exm.<sup>o</sup> Barão.

São da mesma forma escanifradas ou estramboticas as razões com que o Sr. obscuro Mascarenhas pertende provar tambem a decantada impuridade ou impureza da segunda fonte a que tambem attribue a ordinaria bebida do Censor; e vem a ser: o Illustre Alvarenga: e diz, que este he infatuado, que se arvorou em Advogado sem estudos prévios; que adherio á Independencia somente depois de 17 Provincias o haverem feito (o que se não deve reputar por desairozo ao Illustre Alvarenga, pois antes mostra com tal procedimento a firmeza de caracter e fidelidade ao Senhor D. João Sexto de Saudoza Memória, Augusto Pay de S. M. I. nosso Excelso e Amado Imperador: sendo os homens deste genero de caracter communmente mais estimados, e de mais confiança pelos novos Successores das Monarchias: alem de que, vemos e conhecemos muitos Personagens dos que primeiro seguirão a Independencia, que fizeram sim mais Servigos, e merecem maiores Despachos se fizermos menção da antiguidade, valor, e efficacia com que se distinguirão em contas de repartir, em roubos, em perseguições, em assassinios, e na vehemente devoção ás *Confederadas do Equador*: que foi o diabo para elles ficarem goradas por uma vez, apezar das ardentés esperanças dos Sebásticos, *istas...* e talvez que o odio encarnigado contra o padecente Alvarenga lhe provenha de não abraçar aquelle partido.)

Diz mais o homem obscuro, em prova da impuridade da segunda fonte que o mesmo Alvarenga deve sommas á Fazenda Imperial; (o que acontece a muito homem de bem; e isto que faz ao cãzo?) que profere blasfemias historicas e politicas, porque compara com Afonso d'Albuquerque, Joaquim de Souza Martins, sendo este hum pobre criador de gados do Piahy. Eis aqui porque em nosso N.<sup>o</sup> passado, e neste, chamamos *Sendeiro* ao Defendente Mascarenhas obscurissimo por não saber conservar a dignidade do seu heróe o Exm.<sup>o</sup> Barão, pois sendo este irmão daquelle de Pay e May, a que propozito vem chamar-lhe, *pobre criador de gado*, como quem trata o fabrica de um curral; e sendo aquelle hum nome honroso?

E nem porisso era de espantar a não ser um poldrinho ou cavallo passarinho como parece o Sr. Defendente Mascarenhas em



litteratura e politica, que se comparasse o benemerito Brasileiro Joaquim de Souza Martins com Affonso de Albuquerque, quando não naquellas accoës gloriozas que no Oriente praticou o inclito heróe Portuguez, de cuja raça nós Brasileiros nos devemos gloriar descender, accoës grandes; conquistando Gôa, e Ormús, arremecendo armas em vez de tributos aos Embaixadores do Rei da Persia, estabelecendo o Dominio Portuguez nos Golfos da Arabia, Persia, e no Malabar; conquistando Malaca aonde achou thezouros immensos, fazendo abaixar a cerviz aos Reis de Siam, e do Pegú, e muitos outros Feitos memorandos com que grangeou o Nome immortal de—Grande, e Marte Portuguez—: vindo longos tempos depois da sua morte os Indios junto ao seu Tumulo pedir justiga dos vexames de seus Successores: quando em todas estas acções de brilhante e permanente gloria, o Illustre Joaquim de Souza Martins não devesse comparar-se com tão esclarecido Heróe, ao menos não lhe fica atiaz, attenta a conjunção dos tempos, na lealdade ao Soberano, e nos bons desejos e puras intengões com que pertendeu, e se esforçou em promover no Piahy a concordia, união, e a paz entre os Cidadãos, primeiro bem da Sociedade civil, por meio principalmente da incomparavel Proclamação de 29, de Janeiro de 1823, transcripta em nosso N.º 3.º a paginas 45, sendo Governador das Armas; desejando terminar o vergonhozo sysma da rivalidade e distincção do nascimento, (unica cauza das desgraças do Brazil) fazendo por destruir os elementos da cruel anarchia, e restabelecer o socego publico naquella Provincia, bem como na India Affonso de Albuquerque reprimio a licença dos Portuguezes, e restabeleceo a Ordem e a Disciplina Militar em todas as Colonias &c. Portanto: o Defendente Mascarenhas obscuro, obscurissimo, e obscurecido he *sendeiro* e mais que *sendeiro* porque não provou ser tambem a segunda fonte impurissima.

Affonso de Albuquerque finalmente em premio de seus grandes Serviços, a voraz inveja, a infernal intriga e ambição tiverão poder de o langar no desagrado do seu Augusto Soberano, e morreo pobre: e nesta parte talvez possa comparar-se tambem com elle o Illustre Joaquim de Souza Martins, porque sendo este um Cidadão tão benemerito, util á Patria, e fiel ao Augusto Imperador tem da mesma fórma sido victima da devorante intriga manejada na Corte pelo grão poder do ouro, como he notorio, e permanecendo no Rio de Janeiro talvez em desagrado de S. M. I. a cuja Augusta Presenca, principalmente a respeito da Provincia do Piahy, não chega quasi nunca a verdade, como parece, senão entorpecida pelo mágico encanto dos Estelioës de Palacio, aquellos que debaixo de hum rico manto de brilhantes estrellas matizado, de fino ouro, e diamantes, encobrem as garras tenazes com que pertendem devorar a Purpura e o Sceptro Imperial.

(Continuar-se-há em outro N.º a mesma materia se não houver inconveniente.)

## CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor do Censor.

Tendo V. m. feito serviços e grandes serviços á Patria, pois que ninguém poderá com o menor fundamento duvidar de que V. m. além da inimitável coragem e valente ousadia com que tão denodadamente combateo Bruce, Argos, Lobos, Lirdes em desagravo dos ultrages feitos aos bons habitantes desta Província, e a bem do Imperio; fez também com seus nervozos e impávidos brados rompidos em seu N.º 10, com que vizivelmente retrogradasse ou se dissolvesse o medonho plano dos conjurados e faccinorozos que tão descaradamente se congregavam na Província do Piahy; e aos quaes o Exm.º Barão da Paruá-hiba, despertado pelas vibrantes vozes do Censor, do lethargo em que jazia a respeito d'aquelles Meninos, deo logo o destino que lhes competia: aos prezos remetendo-os para a Relação do Destricto, e perseguindo os faccinorozos alapardados, de tal sorte, que alguns perderão a vida na rezistencia: e porisso sou de parecer que o Exm.º Barão (olhe V. m. que eu não pertendo fazer serviços ao Barão) não intervisse, nem isso lhe convinha depois que as coizas tem mudado de figura, em qualquer plano de rebeldia; mas por sua bondade talvez foi-se descuidando de obrar com aquella energia e severidade que compete irremissivelmente ao sagrado dever de todos os governos depois de recentes commoções, e que lhes convém vigilancia, e mais vigilancia. Pelo que será V. m. sempre digno de louvor por quem tiver patriotismo puro: pois, suponhamos que todos erão huns santos; estavam huns prezos e outros soltos, porém suspeitos; que fazião elles lá? que mal fez V. m. com seus patrióticos gritos ao Excellentissimo Barão, e aos homens de bem? nenhum: quem se queixar pois he porque tem o peito envenenado e corrompido.

Mas se V. m., Sr. Redactor, torno a dizer, tem feito tantos e tão grandes serviços em geral, a que talvez bem poucas pessoas saibão dar o justo valor, e queira Deos não lhe aconteça como ao triste Camões: *depois d'asno morto cevado ao rabo*: porque não lança também hum golpe de vista sobre os Districtos desta Província afastados da Capital ou para melhor dizer sobre os seus Commandantes, e mais Empregados, a ver se a sua vehemente censura tem que fazer em beneficio dos habitantes sendo eu hum delles, que vivem debaixo da dura inspecção destes homens altanados? (não digo todos). Por melhores intencões que tenha o Excellentissimo Vice-Presidente Romualdo Antonio Franco de ~~sa~~, de quem por estas paragens correm as mais gratas noticias da sua extremada bondade, rectidão, e fidelidade ao Imperador, e de ser implacavel inimigo do republicanismo; por mais penetrantes que sejaõ as vistas do Excellentissimo Conde Governador das Armas, de quem por toda a parte corre com assombro a noticia de sua firmeza de carácter, e de ser implacavel executor das Leys Militares e Disciplina, em que consiste toda a nossa segurança e a tranquillidade publica. Suas Excellencias não pôdem com tudo estar ao facto com



exactidão de tudo quanto por cá se passa: e quem lho ha-de contar, ou queixar-se? eu mesmo que não digo se sou de Districto geral ou parcial, se de S. Bernardo, Caxias, Iguará, Cajapió, Sucurujú, ou Codó &c., se apparecesse o meu nome nesta carta publicada no Censor, ou no Amigo do Homem, ficava logo a tremer, e com medo e risco de ser passado para o outro Mundo sem me deixarem confessar, nem fazer testamento.

Eu não digo aonde, nem em que Districto, ou Districtos; porém saiba, Sr. Redactor, que ainda cá por fóra ha muita inclinação e devotismo ás *MEDIDAS GERAES*, que fóraõ certamente a maior peste que dessolou esta Provincia: grande cara teraõ de apparecer em publico os seus faganhosos inventores!!! Sabemos por cá que as duas primeiras Excellentissimas Authoridades da Provincia em conformidade dos Decretos do nosso Augusto Imperador, e dos sentimentos de integridade que os domina destrubem com igualdade a justiça, segundo o merecimento ou desmerecimento dos Cidadaõs sem distincção do nascimento, mas por cá, Sr. Redactor, ainda ha quem não se importe de seguir esse Systema saudavel, despresando com disfargada maldade o proveitoso exemplo de Suas Excellencias, primeiras Authoridades da Provincia.

Ainda voga muito por cá a preversa doutrina do Algoz da Ley, que dizia e escrevia: "*que a gente portugueza devia ser passiva, e sómente ser vigiada para que ninguem a matasse nem insultasse* (e nesta parte ainda o Algoz era mais indulgente do que por cá se dezeja) *mas que similhante gente não se devia relevar que entrasse nos Empregos civis ou militares, porque ninguem de bom grado a podia ver &c.*" Ah! Sr. Redactor, tem por cá sugeitos, mas eu não quero dizer se são alguns ou algum Commandante, porque tenho medo que me pello, que tem sim poupado, defendido, e agazalhado a gente portugueza no tempo da anarchia, e foi na verdade hum grande beneficio, mas quaes outros Buziris não querem que ninguem lhes faça mal he verdade; porém que sómente vivaõ como hospedes, e de cabeça baixa, para serem sacrificados ao idolo de seus caprichos, como, e quando lhes pedir a vontade; não querem nem se lhe póde conformar com o diabo do coração, que a mesma gente, tenha a menor preponderancia na Sociedade civil; (se alguns porém devem ser exceptuados de taõ extravagante conducta, he sem duvida hum delles o honrado Germano Commandante de Pastos-Bons que se tem comportado a esse respeito como homem muito de bem); querem que lhe viva sempre submissa, não gostãõ que tenhaõ lojas de fazendas, apenas alguma quitanda; e que se possivel fosse nem para feitores de negros, e athe ha quem tenha sacrilegamente proferido que nem para guardar porcos devem servir: e taes Srs. (athe quando ha-de durar esta louca mania!) com esta conducta, e com taes servigos, aspiraõ ser grandes do Imperio!! forte matrialidade! fortes.... forte cegueira!!!

Não pódem relevar de bom grado que o Excellentissimo Conde d'Escragnolle mandasse armar as Milicias sem distincção do nascimento, e que as pozesse em disciplina regular; e que medida taõ repugnante a seus coraçãoes! Não pódem relevar que exista armado e fardado hum

só Official de Milicias, nem mesmo hum Soldado europeos: suspirão e interpõe todo o seu poder e valimento para que todos estes sejam reformados com causas insignificantes, frivolas, e ridiculas, e que nenhum outro europeu seja proposto para Official, excepto algum por acaso com quem lá se entendem muito particularmente; dezejaõ que as armas e as bandas se empreguem, e permaneçaõ sómente nos camaradas do matto, ou nos patricios, e entaõ alguns que jandos! e que fique de todo nullo o nobre corpo do Commercio: quando neste com a primeira linha he que consiste a delicada combinaçaõ, que por cá temos noticia, em que o Excellentissimo Conde d'Escragnolle extriba o plano exacto da segurança geral, e publica tranquillidade, e unico meio pelo qual só podemos viver descansados.

Mas tem por cá figuras, (e ao mesmo tempo ignorantoës,) que procurão com estas manhas ardilosas todos os meios de conservar as armas sempre na gente da sua laia e do seu partido, gente *d'assobio*; não porque elles se lembrem de que tenha mais effeito o antigo prestigio da Republica *rapinantes* (este barrete não serve a todos) porque seria o modo de os levar o diabo por huma vez, mas porque querem sempre mostrar que tem da sua parte hum partido immenso, afim de que o Governo os conserve eternamente no poleiro como dependente necessario sempre de suas *preponderantes* pessoas; como que estivessemos ainda naquelles calamitosos tempos em que era preciso fazer do ladraõ fiel! neste caso aonde estava a preciosa liberdade dos Povos cá por fóra? gemendo eternamente: aonde estava além do Districto da Capital da Provincia, a delicada combinaçaõ das duas linhas, fina maxima, e poderoso exercito do Excellentissimo Conde d'Escragnolle em que só pôde consistir o socego publico, a paz da Provincia, e a segurança do Throno; não sendo preciso mais nada, como V. m. muito judiciosamente diz em seu N.º 17 a paginas 256?

Saiba mais, Sr. Redactor, que estes Bachás fazem grandes fanfaronadas e muita bulha na distribuiçaõ das medidas de policia, e na execuçaõ das ordens do Governo para constar na Capital da Provincia o seu grande zelo pelo Serviço Impérial: porem, Sr. Redactor, tem acontecido darem-se partes horrorosas ao Governo contra Cidadãos pacíficos, que não são capazes de fazer mal a huma môsca, afim de se desfazerem delles, sem respeito ao clamor das familias, ou porque estes os conhecêraõ *larangeiras*, ou por vinganças, contemplações, e interesses particulares, e para não serem testemunhas oculares de suas arbitrariedades, e de seus furores. E tambem muitas vezes acontece mandarem gargalheiras com grandes enfiadas de pobres homens arguidos ou calumniados de furtarem huma vacca, ou duas maçarocas de milho, não se fazendo mençaõ de muitos que furtáraõ não huma vacca, nem hum boi, porém o valor de centos e centos: ficando tambem outros muitos impunemente passeando ás descancaras, faccinorosos conhecidos, complices de atrocidades nefandas, gozando da indulgencia plenaria dos mesmos Bachás, e feis executores das suas ordens.

Basta por esta vez, Sr. Redactor; muito mais tinha eu a dizer-lhe sobre tão ponderosos assumptos, porém seria preciso encher longas pa-



ginas: para outra occasião direi mais o que poder, porque: *de Feitos taes por mais que diga, mais me ha-de ficar ainda por dizer.*

Resta-nos a consolagão da esperanza ardente de que hum dia chegará tambem por estas remotas paragens o suave orvalho do benéfico Governo Civil e Militar que gozão os felizes habitantes dessa Cidade, pois nem o Excellentissimo Vice-Presidente, nem o Excellentissimo Conde sofrerão no peito, que o doce fructo de seus providentes e sabios Governos seja sómente saboreado pelos habitantes da Capital e seus visinhos, e não chegue tambem a todos os mais contornos da Provincia.

Sou Sr. Redactor

Seu leitor e releitor.

*O Official reformado morador dos Contornos.*

P. S.

Estes amigos de quem fallo não gostão da doutrida do Censor, e porisso não será facil V. m. achar cá por fóra quem se lhe incumba da venda dos seus numeros, porque athe disso tem medo, por não soffrerem alguma violencia: e os Amigos da boa ordem que os prezão, chegão a lê-los ás escondidas.

### *Advertencia em tempo.*

Quando em nosso N.º antecedente a pag. 256, linhas 14, e 15 expendemos as expressões que naquelle lugar inculcámos proferidas pelo Augusto Imperador ao Excellentissimo Conde de Escagnolle—vai; que lá está Pedro Joze da Costa Barros; vai ajuda-lo; e não he preciso mais nada—não levámos em nossa mente neste periodo elogiar o Excellentissimo Barros nem o Excellentissimo Conde, porque nem somos capazes de tecer os panegirios que merecem os mesmos Excellentissimos Snrs.: e quando alguem se persuadissem que esse fosse o nosso intento não era preciso ser muito habil em Dialectica para conhecer do contexto que não levava menor quinhão de nosso culto o segundo que o primeiro dos mesmos Excellentissimos Snrs.: como porém tenhamos prescintido que algumas pessoas de conhecimentos e de respeito achassem no mesmo periodo alguma obscuridade, ou falta de exactidão no conceito e no estilo, somos compelidos pela nossa ingenuidade natural e franqueza, a confegar: que se com effeito alguma couza existe d'incorreto no mesmo periodo referido, provém de defeito do nosso entendimento, e da insuficiencia de nossa habilidade e litteratura, e jámais de vontade, isto he, do nosso coração, ou de sinistras intenções: e por essa mesma razão sem o menor vestigio de filauçia ou de pertinacia em defendermos naquella parte, o nosso escripto, expendemos com tudo as razões que nos induzirão a escrever naquelle estilo e fórma, e quando estas não sejaõ de maneira convincentes aos litteratos, resta-nos esperar aquella benigna indulgencia com que os homens probos em todas as Nações civilisadas, costumão

relevar os lapsos de penna dos Escriptores Jornalistas. E satisfaremos a isto em outro N.º por não fazermos este mais extenso.

*Explicação das Charadas do numero antecedente.*

N.º 22 — Des--tino.  
N.º 23 — Frei--xo.  
N.º 24 — Cor--no.

N.º 25.

Destingo o dia da noite,—1  
Ao Rey dos Judeos dei sorte;—2  
Quer na paz ou quer na guerra  
Faço das Nações o forte.

N.º 26.

Todo o sencível attaco,—1  
Vivendo sempre enterrada,—3  
Para couza alguma sirvo,  
Pois só quero estar deitada.

N.º 27.

Sou do Brasil huma fruta,—2  
De Pedro tive a Cadeira;—2  
Sou Districto carregando  
A syllaba derradeira.

*Erratas.*

Na pag. 1.ª deste N.º na penultima linha aonde diz—humanas paixões, imbecilidades mentaes, ou a vergonhoza capa da ignorancia: deve ler-se—humanas paixões, ou imbecilidades mentaes, a vergonhoza capa da ignorancia.

Paginas 277 linha 27 Niemgrs he Niemurs: ditta ditta Feives, he Teives: ditta pagina linha 28: Beaupere, he Beaurepaire.

Maranhão Typographia Nacional. 1827.



287/302

# O CENSOR

MARANHENSE.

N.º 19

*A Rome les desordres domestiques ou publics étoient reformés par les Censeurs.*  
Rollin.

OUTUBRO 31 DE 1828.

—[o]\*\*\*—\*\*\*[o]—

## PREFACÃO.

APARECENDO novamente o Censor, depois de dezenove mezes de supressão, deve semelhante novidade excitar o reparo de umas, a curiosidade de outras, e talvez a indignação de muitas pessoas: de umas, porque saibão medir a desproporção de nossas poucas luzes e forças com a importância do assumpto; de outras, porque desejem ver de todo promovida a concordia, e o publico bem com novos estimulos; e de muitas (fallando geralmente) porque muito lhes convenha o nosso silencio. Como quer que seja, protestamos que para banir a semente da discordia, advogar a paz, e socego dos habitantes, e promover a união entre os Cidadãos, primeiro bem da sociedade civil, empregaremos todos os meios conducentes a esse fim, que estiverem

ao nosso alcance. Fugiremos de personalidades odiosas; apenas com alguma excepção quando a toda á luz convenha ao bem da ordem geral.

Não tocaremos nos eixos da maquina politica; porque alem de ser contra a ordem estabelecida, é nos governados um procedimento criminoso, e sacrilego: com tudo, respeitando sempre as Authoridades, não deixaremos de acenar, quando seja preciso, á venda espessa, que o interesse, a ambigão, e o egoismo com mão subtil, e astucia, e com fingidos gesto, e zelo pelo bem publico, costumam, quando pode, lançar sobre os olhos de quem governa, captando-lhe a vontade, e entorpecendo como Estelião (\*) de dourado manto para conduzir-o a seus fins sinistros com aparente decoro.

Para o conseguimento de taõ importantes objectos não julgamos outro meio mais adequado, que examinar com imparcialidade, e franqueza, e livre de todos os respeitos humanos, o vicio ou defeito das differentes opiniões ou partidos, e fazer por dissipar os prejuizos ou illusões sem contumacia nem lisonjeamento: ainda que isto é mui difficil empresa em Paiz aonde tem ainda fraco domicilio a civilisação, e as letras: todos querem ser politicos, todos querem, sem ir a Coimbra, ser Desembargadores, e Ministros d'Estado para governar o Mundo em sêcco, e para condemnar, e absolver como, e quando lhes der na vontade, conforme seu bestunto, e paixões: e finalmente até o plebeo da escoria, ou o maior ignorantão, como por aqui succede muitas vezes, não cabe em si mesmo, quando chega a ser Vereador ou Edil, que então se dá logo a conhecer, dando por páos e por pedras, como uma mula bravia.

E' um erro indesculpavel, ou força de orgulho ou cegueira, sobre dous partidos em collisaõ (fallando da domestica rivalidade em geral), julgar que só este ou aquelle tem razão, que só este ou aquelle é puro ou puritano: alem de que, o que tiver mais juizo é que deve ceder. Não estamos na guerra de S. Miguel, e Belezal ou Astarote formada de dous grandes Exercitos, um composto de Anjos, outro composto de demonios: é ponto de fé:

(\*) O Estelião é um animal semelhante no feitio a um grande jacaré ou crocodillo, com garras, curvas, ferozes, horripéis, e penetrantes nos pés, nas mãos, e na ponta do focinho, tendo uma grande farpa no fim da cauda: é coberto de uma lindissima pelle matisada de estrellas, de ouro, e diamantes, cuja vista entorpece e encanta. A este monstro são comparados os aduladores e lisonjeiros metedidos nos Palacios dos Principes, aonde são mais perigosos ao Estado e á Patria, que as proprias armas dos inimigos. Sa-veda: Principe Politico.

*Estelião (adulador)*

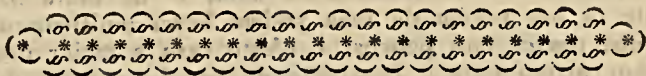


a nossa guerra é composta de homens, e podem haver diabos subtile, e ralassos ou desacisados de uma, e de outra banda, e certamente os ha: porém de uma podem haver muitissimos, e de outra podem haver mui poucos: e n'este caso a maior discricão, e o melhor artigo para a conclusão da paz interna, é, de uma, e de outra parte mondar como quem monda o joio do trigo, da Sociedade, todos esses espiritos malignos, e perniciosos hypocritas, isto é, langal os ao desprezo, e ajuntarem-se todos os bons Cidadãos Brasileiros sem distincão do nascimento em pura amizade, e união, e diserem com fervorosa ingenuidade—Viva o nosso **AUGUSTO IMPERADOR!** com elle seremos sempre unidos!—Tudo o que se afastar d'este ponto de fé politica, são asneiras que haõ-de dar na cabeça de quem as praticar, ou será ter vontade de andar sempre em rivalidade enjoante.

Nós já contamos desagradar a certas pessoas; vivemos na idade do orgulho, e do egoismo; bem conhecemos a todos: e não sendo commum, nem talvez possível haver homens sem defeitos, e não sendo de nosso genio, e caracter adular ninguem, nem relevar a impostura, quando se trata do bem geral, e sempre é nosso norte a ingenuidade, e a franqueza; e este estilo homogeneo da sã moral tem-nos grangeado a indignação, odio, e desprezo de grandes, e soberbos Avarentos, Ambiciosos, e Egoistas, e de outros entusiastas de que pouco nos importa.

Tendo nós por destino ou fado não cõlher fructos humanos da moral que seguimos, e crendo vãos por longa experiencia os respeito e as amizades dos homens (com rariissimas excepções), e em extremo ressentidos e chagados de mil ingratidões ou indifferenças; devemos nosso estar á Providencia, a quem unicamente rendemos humildes cultos: e esta situação e desengano nos enthusiasma a expender sem rebugo quantas idéas julgarmos convenientes ao bem da ordem social: pois ainda que nosso trabalho em pouco ou nada se tenha no lugar em que vivemos, porque: *nemo est profeta in patria sua*: tendo já logrado sob nossa doutrina alguns louvores de estranhos, homens de saber, a posteridade talvez nos fará justiga.

O. Redactor.



Considerações geras, especialmente sobre algumas doutrinas do Farol Maranhense: cujo trabalho feito de mais tempo, e que havíamos suprimido, nos resolvemos a publicar agora: não deixando de nos condoer do infortunio d'aquelle Redactor, e de suas Irmãs orfãs, sendo huma d'ellas nossa filha de baptismo: por não combalemos sua pessoa, mas sim os desvarios de sua doutrina, perniciosos á social armonia.

*Virtus repulsee nescia sordidae, incontaminatis fulget honoribus*

Horat.

A virtude, com não manchadas honras,  
De sordida repulsa isenta, brilha.

Elpino D.

Tendo nós terminado, ou antes suspendido a redacção do nosso pobre e acanhado Jornal, o Censor, como fizemos público pelo n.º... do Amigo do Homem, em o anno passado; isto não só pelo enjão repugnante, que nos causou uma colisão politico-litteraria, que sobre as doutrinas do mesmo Jornal tivemos com uma pessoa, cujo nome ao nosso assumpto nada importa declarar; como por anhelarmos o goso de sosegado espirito no seio de nossa cara familia em nosso ultimo periodo de vida, resolvemos entregar-nos ao silencio ácerca de materias policas, e nem ser necessario ninguem sobre ellas escrever, quando sabios, prudentes, ou considerados e vigilantes homens estão á testa da publica Administração: e para melhor conseguir-mos essa tranquillidade peculiar de nossa familia, procurámos um retiro no suburbio ao Oriente do Maranhão, aonde nas oras restantes d'aquelles negocios ou emprego que apenas nos chamassem á cidade, afim de promovermos a subsistencia e educação de nossos caros filhos, podessemos entreter-nos com mais sosegado espirito na cultivacão de uma horta em doce companhia de uma Consorte cuidadosa, qual Sabina exemplar, como nas Liricas descreve Vennzino:

.... *spudica mulier in partem juvenis  
Domum atque dulces liberos.*

Lucinda Maranhenses



*Apresentação de 20 de*  
*João Baptista 291*  
Tães são nossos serenos cuidados: mas eis que o genio do mal inimigo implacavel do bem, que nem na ardente

*Africa estar quieto o não consente;*

parece que dubio conhecedor de nosso animo, caracter e constancia, aï veio, aï veio provocarnos, tentando, ou intentando roubar nosso placido socego, ou erigir de nosso silencio um crime nefando contra a geral concordia que solemnemente professámos defender á custa dos nossos maiores sacrificios: e é o caso:—

*Quando fortuitamente vimos o 2.º n.º do Farol Maranhense, em que seu Redactor tão desorientadamente, no primeiro artigo, a paginas 5 caracteriza, e põe em parallelo a bem intencionada e prospera Administração (si não fallarmos em algumas perplexidades que offerecem as criticas circumstancias depois das commoções civis) do Exm.º Senador, ex-Presidente Pedro Rêze da Costa Barros, n'esta Provincia, com o Governo dos Tyranos de Roma; confessamos, que pela leitura de similhante escrito, attentas as circumstancias que o rodêão, fomos penetrados do agudo effeito da maior impaciencia e desgosto, pois na verdade;*

*Arripião-se as carnes e o cabelo*

*A mim, e a todos sô d'ouvil-o e rei-o.*

*Quando nos lembra que fomos espectadores das tristes e horro-  
rosas scenas que em 1823 e 1824 enlutáraõ aquelles desgra-  
dos tempos em que hum Governo inteiramente revolucionario,  
largando a redea a todas as paixões, e a todos os crimes, sem  
que proclamasse o menor acto de reprovação á licencia; e que  
naõ só se regôsijava com a perseguição, arrombamentos publicos,  
roubos, mortes, como assumindo sacrilegamente a soberana Autho-  
ridade decretára violentas contribuições, e lavrara Editos de pros-  
cripção, que comprehendiaõ milhares de Cidadãos pacificos; quan-  
do nos lembra que passámos por uma época tão pavorosa e  
consternante, e que gememos submergidos no mais profundo pe-  
lago de desgraças, que sem hyperbole se pôde afirmar que tan-  
tos males excedêraõ o doloroso quadro que dos tyranos de Ro-  
ma pateticamente descreve Cornelio Tacito; quando isto nos lem-  
bra, e que presenciámos tantas scenas tragicas, escapando mila-  
grosamente com vida entre o infinito numero de outras victimas  
da perseguição e da morte; quando isto nos lembra, e parece  
que vemos ainda a terra fumegando sangue innocente e que  
tambem sentimos ainda o palpitante sobre-salto que a toda a  
ora do dia e noite nos infligia o terror dos monstros de figura  
humana, que em certas rodas tomando bom café, ou patricia, (\*)*

*(\*) Agoardente cachaça, e tiquira, a que chamavão tambem  
imperial.*

*Est. Frei Caneca*

se recreava ã no infame e sanguinario exercicio de destranquilisar o espirito dos honrados habitantes desta infeliz Cidade e Provincia; quando tudo isto nos lembra, e vemos um Escripitor Publico, sendo coevo dos mesmos factos, e das mesmas testemunhas que sobreviveraõ á mesma desgragada epocha, esquecer toda a serie de taõ funestos acontecimentos, de que naõ profere uma só palavra, bem quizeramos, e muito era para deajar-se, que elle, nós, e os mais que ou por mania, ou por destino, ou por egoismo, por nobre zelo patriotico, ou por vil interesse se lembrão escrever para o público, langassem todos um denso véo sobre um assumpto taõ mortificante e vergonhoso, para que a sua tradiçaõ naõ manchasse as paginas da Historia do nosso Imperio.

Mas, quando vemos que este mesmo insensato ou indiabrado Escripitor, naõ fazendo mensaõ da viva memoria d'aquelle estupendo Governo o mais fecundo em males, em crimes, em horrores, este mesnio Escripitor sanhuado, feroz, raivoso, espumante PASSA FORA dos limites da ração, da probidade, da decencia, da honra, e de todo o sentimento moral do ser humano, e com o mais arrojado atrevimento e o maior escandalo da humanidade e do Publico, e de todo o Imperio, e do Mundo inteiro, se bõta, sem dõvida inspirado pelas negras fúrias, a escrever, imprimir, e publicar, além de outras infinitas extravagancias, o exercando artigo citado de seu 2.º n.º do Farol a paginas 5, em que se vê o maldito exemplar das seguintes expressões.—

" O Governo do mais furioso Duchá, que fugillou em 1825 e 1826 esta abençoada terra, a sucumbio de tal fórma, que muitos de seus habitantes the chegarão a esquecer-se que na sua Patria existia uma Constituição dada aos Brasileiros pelo melhor dos Monarchas. Esses tempos de calamidades em que o proprio filho temia derramar suas magoas no coração de seu Pae, em que os amigos temião ajuntar-se, esses tempos de magoa e de dôr que suffocarão no coração do homem liberal a zontade de dizer livremente suas opiniões, já passarão, Brasileiros: e mais adiante—  
..... no tempo do saqanhooso Barros de horrorosa memoria..... da decassa a que se vai proceder contra os numerosos crimes do mais orgulhoso e inhumano de todos os mortaes!! &c. &c. &c. "

Quando vemos tal destempero e depravidade do entendimento naõ do coração humano, a par dos influxos da natureza que nos anima, parece que o nosso sangue impellido dos pulos do coração impaciente e magoado forceja a romper os vasos em que gira: e a mente se perturba quando imagina que seja possivel deixar-se passar impune na tradiçaõ da Historia, um escrito taõ sordido, calumnioso, insultante, e audaz.

O concebimento e a declaração de tão desorientado e esti-

*5 Pericla de 21 no do*



M. Davi da Fonseca e Silva  
B. José Crispim Augusto Almeida e Silva  
293  
Patrono José de Almeida e Silva  
7.7.21  
31-8-4

mulante período, logo á nascença de semelhante jornal, insinua-  
do a realidade da Historia, como detrahindo em o maior es-  
candalo o illibado merecimento de uma das melhores columnas  
do Imperio, em nosso pensar, o Exm.<sup>o</sup> Senador Pedro José da  
Costa Barros, redobra a publica opinião que corre, de que este  
Redactor, constituído publico instrumento do odio, da persegui-  
ção, e da vingança, é um vil as-alaiado ou mercenario dos A-  
narchistas e Democratas de quem o mesmo Barros foi o terror:  
e um procedimento tão inaudito, sacrilego e torpe demasiada-  
mente convence, que o genio de semelhante Escriitor é suscepti-  
vel de todos os crimes, e por isso merecedor de todos os casti-  
gos: e pelo menos considerar-se deveria interdito á commun So-  
ciedade Brasileira.

Absortos em nosso retiro na contemplação de tão estranho  
e repugnante objecto, não podiamos conter os impulsos de reba-  
ter semelhante maroteira e ousadia: suavizou-se porém nossa sen-  
sibilidade ao lembrar-nos, que existindo n'esta Capital dous illus-  
tres Escriitores publicos, os Redactores da Bandeira e Minerva,  
não deixariaõ passar sem rebatimento energico, e sem coragem  
caracterisada, e mais, sem estrondo patriotico um embuste tão  
escandaloso, uma invectiva ou pouca vergonha tão indecente e  
exaltada, dirigida pela paixão mais impetuosa com manifesta vio-  
lação da verdade: o que se faz ainda mais agravante e sacrilego,  
não só por macular com a maior patifaria e torpessa a brillan-  
te reputação e conducta de um Presidente amigo fiel do Au-  
gusto Imperador, e benemerito da Patria, que á toda a luz  
(sem menos cabo da benéfica Administração do Exm.<sup>o</sup> Vice-  
Presidente Senador Patricio) restaurára e firmára o socego e a  
segurança d'esta Provincia, como por desfigurar malevolamente a  
exatidão dos factos que pertencem á historia do tempo presente,  
e que em parte devem compôr o comêço dos Annaes da Gran-  
de e Nobre Nação Brasileira, contra o testemunho ocular de  
todos os Cidadãos benemeritos, que amplamente reconhecem e  
odeaõ a vil impostura de semelhante Escripto, que muito deshon-  
ra a seu Author como homem, e extremamente o desacredita  
como Escriitor.

Por estas considerações, em lembrar-nos, que os ditos dous  
benemeritos Escriitores rebaterião corajosamente, como depois vie-  
mos a saber, taõ injuriosa afronta a um Varão Ilustre, á boa  
ordem da Sociedade civil, á Patria, contivemo-nos em nosso si-  
lencio, não mais pensando que nos fosse preciso pegar outra vez  
na penna Censoria: mas eis que nos despertão novos motivos que  
judgamos urgentes; e nos vemos colocados na imperiosa obriga-  
ção e dever a bem do Imperio, de levantar novamente nossa  
voz, e unir nossos exforgos, ainda que tenues, aos defensores da

Existindo os jornais

boa ordem e da geral concordia e união dos Cidadãos, primeiro bem da Sociedade civil: e em tal empenho com todas as nossas faculdades, punir pela observancia da Ley, pelos restrictos deveres de todo o Empregado publico, e defender a virtude e a innocencia quando atrozmente attacadas de sordida repulsa: isto, ainda que á custa dos maiores sacrificios do nosso socego pessoal, e do resto da vida que já para pouco serve.

\* < \* \* \* — \* \* \* > \*

### G E R A E S.

Ainda que não sejamos capazes de celebrar e tecer elogios ao merecimento dos homens benemeritos, e que seus illustres feitos cheguem a ponto de ficarem sepultados no escuro por ser mesquinha a natureza em produzir novos Demostenes, novos Ciceros, novos Plinios, e novos Camões, nem de fazer outros servigos de que a Patria careça, é com tudo um dever sagrado do homem de bem, do Cidadão honrado, uma vez que está fora do estado da natureza pertencente ás feras silvestres, forcejar quando poder, e amplamente manifestar seu descontentamento, reprovação, e dissabor; e em falta de outros meios até bradar e apupar como a um cão damnado, ou a um lobo devorante, quando algum ente desprezível da sociedade, indiscreto, malvado, ou loco, lisonjeando a superstição e a ignorancia da Multidão sempre cega a raciocinios, se bota com suas acções, palavras, ou escritos a perturbar a boa ordem, e os doces lagos da mesma Sociedade, ou a deprimir com insolencia e arrojo o nome e o credito das Authoridades constituidas, a cujo cargo está o regulado movimento da maquina politica.

Não desejando renovar a infanda dôr de trazermos á memoria, como temos dito, esses tempos de amargura e de males cujas dattas, e cujos promovedores malignamente inverte o façanhoso Redactor do Faról Maranhense contra o testemunho publico que a toda a luz comprova e mostra a existencia, a natureza, e authores dos mesmos factos, e cujos assentos lugubres parece que resão ainda em toda a Provincia, nos campos, nos valles, nos montes, e no recinto de toda a Cidade despertando a vingança da justiça, não devemos esquecer com tudo os dignos louvores, e a justa admiração que merece, attenta a conjungão dos tempos, o illuminado Ministerio de S. M. I. no Ryo de Janeiro pela Jurisprudencia Politica que seguiu no conflicto da Commogão geral, a respeito dos innumerados criminosos comprehendidos ou incursos nas multipliçes desordens publicas.

Re resentidos com justa causa infinitos Cidadãos pela dolorosa

*Contra o Farol*



lembrança dos padecimentos e das perseguições que sofrerão no meio das Commoções, e discordias civis, era preciso possuírem a sublime virtude, que ensina o Evangelho para não respirarem vingança e desejarem castigos contra todas aquellas pessoas, que até parecendo inimigas do Estado, motivarão, e promoverão seus males, e que á vista de seus attentados, erão geralmente julgados publicos criminosos á face da Ley.

Porém O Augusto Imperador como Pae Commum e Benefico de todos os Cidadãos Brasileiros, além do eminente Poder Moderador, combinando em sua alta Mente o bem da humanidade e do Estado com a natureza dos crimes, e com os grandes Sentimentos de Seu Inclito e Magnanimo Coração dando ao Mundo o mais grande e magestoso exemplo de tolerancia tão necessaria nas crises violentas dos Estados para a feliz concordia dos Cidadãos, adoptou e seguiu aquella politica e sabios dictames que em casos identicos tem adoptado e seguido outros Heróes do Mundo, aquellos que não tyranos.

Não sendo nós Jurisconsultos; e para que se não julgue temeridade fallarmos n'este lugar na importante materia de sua delicada profissão, referiremos por extracto as idéas connexas com este assumpto, expendidas em diversas obras illustres do memoravel homem dos nossos dias o Desembargador Vicente J. F. C. da Costa, natural da Bahia, residente na Ilha de S. Miguel, e d'outros Jurisconsultos e Politicos de credito sublimado, por elle imitados, si não excedidos.

Na eruditissima Analyse do referido Desembargador Vicente, sobre a Carta da Organização Política da Monarchia Portuguesa do Senhor D. Pedro 4.º, no artigo identico ao da Constituição do Imperio, falando sobre o Poder Moderador do Soberano, diz—

" Que fazendo as Amnistias uma parte da Jurisprudencia,  
 " ou do Direito Politico, que trata em geral dos meios que  
 " são tendentes aos grandes fins, para que os homens se unirão  
 " nas sociedades civis, nos quaes entra emminentemente o arbitrio das Amnistias, ou seja subsequentemente ás Guerras de  
 " Nação a Nação, ou seja depois das dissensões civis dos Estados: que se trata então uma questão em geral, e que vem  
 " a ser—*se mais conviria aos fins sociaes indagar, avaliar, e punir lues factos ou lues omissões que se praticarão no curso*  
 " *d'essas desatenções, ou se será mais proveitoso lançar um espesso véo sobre todas essas cousas:* e que decidida por esta segunda  
 " parte a questão, não se entra mais em indagação alguma á quella respeito. Que apparece em colisão a Jurisprudencia Criminal com a Jurisprudencia Politica, e entende-se que o uso  
 " e emprego d'aquella seria mais dannoso do que proveitoso; e

B

" que então o grande bem do Estado, que entra na considera-  
 " ção do Direito Politico, ou da Jurisprudencia Politica faz  
 " inutilisar, e reduz ao silencio aquelle outro ramo de Jurispru-  
 " dencia Criminal, que tambem era destinado áquelle dito bem  
 " do Estado, e que não devia por isso mesmo jámais ser empre-  
 " gado quando produzisse maior somma de males do que a dos  
 " bens que promovia.

" Que o Direito Politico, ou a Jurisprudencia Politica é  
 " um genero, que abrangê em si todas as diversas especies de  
 " Jurisprudencia, que são peculiarmente destinadas a este, ou  
 " áquelle ramo da pública Administração, mas que todas se  
 " dirigem a trazer ao Estado o seu maior bem possivel. Que  
 " a Jurisprudencia Criminal é uma d'estas especies a que per-  
 " tence o castigo dos crimes, afim de com elles se garantirem  
 " os direitos dos Cidadãos, por meio do medo das penas que  
 " ella impõe áquellas pessoas que os ofendem. Mas que quan-  
 " do esta especie entrar em colisão com aquelle genero, isto é,  
 " o ramo que é a Jurisprudencia Criminal com o tronco que  
 " é a Jurisprudencia Politica, não pôde deixar de ser de rigo-  
 " rosa necessidade inutilisar o ramo que não serve ao bem do  
 " tronco, para proveito do qual é destinado. &c....

" Que em consequencia d'esta philosophia Juridica o sabio  
 " Jurisconsulto Jeremias Bentham muito sensatamente escrevê-  
 " ra—*que nos casos em que a pena furia mais mal do que bem,*  
 " *depois das sedicções, das conspirações, das desordens publicas, o*  
 " *Podér de perdoar não é sómente util, mas tambem necessario—*  
 " Aqui cita a sentença de Martini (Jur. Publ. Univ. Lib. 2.<sup>o</sup>  
 " Cap. 8. § 12.) *Quemadmodum autem omnia, ita quoque pena-*  
 " *rum inflictio est subordinanda salutí civilatis, atque adeo, si ex il-*  
 " *la majus malum in eam redundat, differenda, vel remittenda po-*  
 " *tius est.* E por isto a Carta da Organização Politica muito  
 " coherentemente authorisa o Monarcha, como Poder Moderador  
 " para conceder a *Amnistia em caso urgente, e quando assim o*  
 " *aconselhar a humanidade, e o bem do Estado.* Em caso urgen-  
 " te: isto é, quando entrar em colisão o mencionado Direito  
 " politico com o castigo dos criminosos, e se entender que d'is-  
 " to resulta maior mal do que bem á Sociedade civil. *E quan-*  
 " *do assim o aconselhe a humanidade:* isto é, para evitar não só  
 " huma série infinita de castigos, que não teria nenhum outro  
 " fim mais do que a vingança para com os criminosos, quando  
 " este sentimento não deve entrar nunca nos Juizes Criminaes,  
 " e nas penas impostas: pois só é proprio na Multidão, quando  
 " impéra a Ochlocracia, considerar-se cada individuo com direito  
 " de vingar as suas injurias com as suas proprias mãos: então  
 " toda a offensa é ressentida com uma extrema vivacidade, e a



vingança á maneira dos selvagens, não só é exercitada com uma animosidade implacavel, como até se vê publicamente louvada, como si fosse uma virtude civil e até christã, sendo este espirito totalmente contraditorio com o da justiça; como discretamente diz o Cavalheiro Filangieri: *Science de la Legisl. Livr. 4. Cap. 3. Nem a vingança, nem a expiação do crime pôde ser objecto das penas: a vingança é uma paixão, e as Leys são isentas d'ellas. A Justiça não se parece com estas Divindades, a quem os homens crueis sacrificão victimas humanas para apasiguar o seu furor. As Leys quando castigão, tem diante dos olhos não o culpado, mas a Sociedade; ellas são excitadas pelo interesse publico, e não por huma raiva pessoal, e procurão hum exemplo para o futuro, e não uma vingança pelo passado.*

E Hobbes de *Civ. Cap. 3.* diz no mesmo sentido: *que a vingança olhando só para o passado, é unicamente um vão triumpho e uma falsa gloria que não tem fim, e que por consequencia é contraria á razão. E com o mesmo espirito Seneca: de Ira. Lib. 1.º Cap. 16. deixou escrito—Nam, ut Plato ait, nemo prudens punit quia peccatum est, sed ne peccetur.....*

Para evitar não só uma serie infinita de castigos (diz), mas tambem para não pôr em susto e em receio toda a grande collecção de Cidadãos, que nos mencionados casos serão expostos a persecuções muito frequentemente promovidas por particulares odios e vingança, como a experiencia mostra, que acontece todos os dias, si depois das discordias civis se não emprega o meio das *Amnistias*, ou da *Moderação*. São tão vagos, e tantos os meios de perseguir e de inquietar, pelo que se fez, ou pelo que se omittio no curso daquellas discordias, que si se abrir caminho a estas indagações, não poderá haver ninguem que se possa dar por seguro de não entrar em *Processo*, e de não ser objecto da imposição de penas. E então a humanidade pede em altissimas vozes que se lhe desvie uma tão franca origem dos seus padecimentos. &c. &c."

Foi n'este intuito e conformidade, e no de outros muitos, e muito respeitaveis Jurisconsultos e Politicos, que amplamente concordão na mesma eminente opiniaõ, e cuja pratica saudavel tem sido constantemente seguida por todas as Nações civilisadas desde o tempo de Trazibullo Atheniense, que O Augusto Imperador do Brasil, e seu sábio Ministerio, ou Conselho d'Estado, como pensamos, conformando-se mui douda e Soberanamente com o mesmo proveitoso systema politico homogeneo de seu Magnanimo e Augusto Coração, vendo a ingente copia de Cidadãos culpados que de todas as Províncias do Imperio, especialmente das do Norte, foram remettidos prezos para a Corte, ou por effeito de devassas, ou por effeito de arbitrios de Governantes du-

rante as Commusões; e vendo mais S. M. I. que um tão grande numero dos mesmos Cidadãos, além de outros muitos que ficáraõ nas mesmas Provincias co-réos d'aquell'outros, fôraõ arrastados pelas maximas arditosas de alguns homens fogosos seus Oraculos, e Demagogos, para o commettimento e perpetração d'eros e *maleficios infinitos*; n'este mesmo intuito, tornamos a dizer, e por taes considerações, olhando circumspecta e soberanamente para todas estas ponderosas circumstancias, S. M. I. como Imagem da Divindade sobre o Sollo Brasilico, pois como diz Cicerro—*Homines ad deos nulla rê, propius accedunt, quam salutem hominibus dando.* (\*) Que os homens em cousa alguma se parecem tanto com os Deoses, como quando perdôaõ aos seus semelhantes: S. M. I. do alto do Seu Throno, excitado sómente pelo interesse publico, e Olhando, naõ para os culpados, nem para o passado, mas sim para a Sociedade civil e para o futuro, como Imagem da Divindade, esparzio Sua Alta Clemencia e Soberana Moderação sobre todos os infelizes desvairados, perdôando, e concedendo livramentos de formalidade a bem dizer, mesmo daquelles crimes que em tempos ordinarios seriaõ dignos de ser punidos com gravrssimas penas: naõ escapando d'este benéfico Indulto e Liberalidade até o maior cumplice ou motôr das desgraças d'esta Provincia, e o maior cumplice ou motôr das desgraças, segundo a fama, da Provincia do Pará (que em nossa opiniaõ bastaria só reter em captura no Rio de Janeiro até certo tempo estes dous grandes Oraculos e Pedagogos da Multidaõ sem esperanza de triumpho, e á testa da Administração pessoas de probidade, e de boas intenções e tino, para as duas Provincias gosarem de permanente socego, sem serem precisos cá Exercitos, Esquadras, nem mais Lords Pacificadores): porém O Augusto Imperador como Imagem da Divindade, e como Pae Commum e Benéfico dos Cidadãos Brasileiros, devia estender como estendeo Sua Soberana Moderação, e alta Clemencia geralmente sobre todos os culpados, sem outra excepção mais que a d'aquelles delictos cuja impunidade fosse sómente contra o serviço de Deos e contra a segurança do Estado.

Entretanto: havendo S. M. I. eminentemente restabelecido a ordem da Navegação na Barca do Estado; fôra já daquellas urgentes circumstancias em que se Vio na estreita precisão, fallando vulgarmente, de fazer do ladraõ fiel; em fim de dirigir Cartas Imperiaes a diversos Chefes dos partidos da Multidaõ, e da mesma forma Nomear alguns Presidentes e outros Empregados Corifeos da Plebe, porque assim o exigia a Politica, segundo o estado desenvolto da Ochlocracia; e já considerando-se os

---

(\*) *Pró Ligario.*



misérrimos Cidadãos seguros em porto de salvamento como quem depois de procellosa tempestade escapara de triste naufragio sobre fluctuantes destroços; principiarão-se então geralmente a gozar com amplitude em todo o Imperio os doces effeitos da Benéfica Soberania do melhor dos Principes.

Virão-se logo raiar do luminoso Throno Imperial em plena Magestade, como as brilhantes luzes do flamigero Astro da Natureza quando cahem sobre a superficie da terra depois da hora matutina em dia limpo de nuvens, as Graças e a Justiça, como dimanações celestes diffundidas em todo o Imperio, de que tanto carecião os habitantes para sanarem as feridas e as magoas que tão profundas lhes deixára o violento turbilhão das tenebrosas tormentas passadas: Virão-se logo Nomeações eminentes de Varões conspícuos para os Empregos das diversas Repartições da pública Administraçãõ em todas as Provincias consternadas. Mesmo de longe não esquecerão á vigilancia do Soberano aquellas pessoas de merecimento dignas de serem collocadas n'estes ou naquelles Empregos: além de outras Provincias, n'esta mesma bom exemplo temos nas egrégias Nomeações de Presidentes, do Exm.<sup>o</sup> Salles, e do Illm.<sup>o</sup> Desembargador Joaquim Antonio Vieira Belfort, naturaes desta Cidade, para o Governo Administrativo da Provincia do Ceará: e na Provincia do Pará o Exm.<sup>o</sup> e Revm.<sup>o</sup> Romualdo para Arcebispo da Bahia, Varão distinctissimo em sabedoria e virtudes: não deixando de haver outros muitos benemeritos Brasileiros mui dignos tambem da Soberana Contemplaçãõ do Augusto Imperador, quando lhes chegar a sua vez: e por isso bem disse o grande Camoës.

..... não deixe em fim de ter disposto  
Ninguém a grandes obras sempre o peito,  
Que por esta ou por outra qualquer via  
Não perderá seu preço, e sua valia.

E si o Augusto Imperador por mais tempo conservou em exercicio algum Empregado, que ao vulgo pareceria menos benemerito, e menos digno; saõ arcanos do Gabinete, que ao mesmo vulgo não compete nem é dado penetrar: é maxima constante da Politica e dos Governos, e mesmo da moral, que: "muitas vezes é preciso conservar um mal, a fim de evitar outro maior;" e nem sobre as medidas e disposições do Throno pôde nunca recahir censura dos Subditos sem se commetter o mais grande attentado: muito mais quando um Povo tem a feliz ventura de possuir tal Soberano como o Grande PEDRO (\*) Augusta-

(\*) Um Pedro tem já o Sul prudente e forte  
Que excede o Pedro que ainda chora o Norte.  
Do Exm.<sup>o</sup> P. J. C. B.

to Imperador do Brasil, que em Magnanimidade e Sabedoria sobre a enorme tormenta das commoções civis, e desgraças publicas, no desenvolvimento da geral anarchia, excedendo a Trajano, e sendo sem duvida maior que todos os Monarchas na creação do primeiro Imperio Americano depois dos Incas; ver-se-ha obrigada a Natureza a produzir novos Virgilios, e novos Plinios dignos de cantar e celebrarem os Grandes e Altos Feitos que constituem a Excelsa Gloria de Seu Nome Immortal.

Circumscrevendo-nos porém, ou voltando ao nosso assumpto sobre quanto seja tendente á boa ordem, e feliz concordia, e cingindo-nos á succinta narraçãõ dos factos e acontecimentos convenientes á historia peculiar desta Provincia, cuja exacção deverá interessar a quem empreender essa importante tarefa, pois não possuindo nós mais que bons desejos, talentos nem forças para tanto, e tendo sido outros os nossos cuidados, conhecemos com tudo engenhos de superabundantes luzes e capacidade para o fazerem com desempenho, e que alguns estão em idade que arriscando já pouco da vida, poderiaõ ganhar gloria fazendo taes serviços á Patria; si os não enervar a pusilanimidade do animo, ou o egoismo, ou talvez o habito diuturno do jogo do dado, e Voltarete: circumscrevendo-nos sim, ao nosso assumpto, e contemplando-se sobre o simples esboço, que em nossa digressão temos acabado de traçar da Eminente Sabedoria e Augusta Magnanimidade com S. M. I. tão egregiamente se Houve para com os Cidadãos Brasileiros no desenvolvimento da geral anarchia, a bem dizer, e alem de tudo nos incessantes Disvellos, não se poupando a fadigas pessoas na deffensão da Integridade do Imperio do Brasil, de quem S. M. I. tão heroicamente Se Acclamou Defensor Perpetuo; não ha mais agora, que todos os Cidadãos Brasileiros, contemplando, e não perturbando o brilhante movimento da Maquina Politica, conservarem-se na restricta esfera de seus deveres, e deixar-se cada qual de botar-se á tãa a querer governar o Mundo em secco.

*Continuar-se-ha: si não houver inconveniente.*

---

*Novidades de Paizes ignotos, chegadas por Correio maritimo extraordinario.*

#### ILHA DE BABILARI.

Por extracto de uma Carta fidedigna, vinda d'aquelle Porto pelo sobredito Correio, transmittimos ao Publico a seguinte Noticia, que pode ser interessante a quem bem espremer o seu chorume.



Sabe-se que na dita Ilha de Babilari as mulheres naturaes do Paiz, por sublimé dom da Natureza, tem mais juizo do que os homens: são bem instruidas, e discretas, muito afaveis, muito prendadas, e até são mui lindas: e são ellas que estão á testa dos Negocios Publicos; occupão o Ministerio, os Tribunaes, a Marinha &c.: e os homens occupão-se em fiar, fazer renda na almofada, costuras, gomar, e tambem pescão, e jogão; são amigos de mexericos, benzem de lombrias, e tem muita curiosidade de curandeiros. Com tudo: desde longo tempo estava a cargo dos mesmos homens a Repartição da Governança municipal, e por isso n'aquella parte achava-se as cousas tão desorganizadas, pór-cas, e confuzas, que alem do vexame que soffria o Povo, fazião o maior nojo a todos os Estrangeiros que por alli passavaõ.

Tres dos ditos marmanjos do sexo masculino que se achavaõ empregados na mesma Repartição, e que se juntavão d'as vezes por semana no Alcaçar da municipalidade para fazerem as suas sessoës, como aqui tambem se usa; eraõ quasi sempre n'aquelle acto accommettidos de um accêso de loucura, de fornica que todas as suas deliberações pareciaõ propriamente filhas da molestia mental que os possuia. Em uma das sessoës, em que succedeo o periódico accêso ser mais benigno, e coadjuvados do consellho de uma pessoa mais cordata, que acaso lhes appareceo n'aquella occasião, resolveraõ, para se curarem de similhante molestia tão perniciosa ao bem do Povo, recorrer ao curativo, e pedir uma receita a um grande Medico estrangeiro, que appareceo na mesma Capital, muito instruido, e muito profundo, e formado nas Sciencias Exactas: e assim o praticaraõ.

Bem sabia este insigne Doutor a qualidade do remedio mais proprio, (talvez da classe dos drásticos,) que devia receitar áquelles deploraveis doentes; mas como era muito circunspecto, e de muito juizo, e não pertendia estabelecer-se, nem ficar a sua vida n'aquelle Paiz quasi selvatico na ordem masculina; e vendo por todos os sintomas da mesma enfermidade ser esta de natureza chónica, não quiz arriscar a sua grande reputação entre habitantes de similhante natureza; e assentou de ir com as turbas: mas para satisfazer com dignidade a todos os deveres de seu grande crédito, adoptou, e seguiu a esse respeito um systema muito judicioso, e politico: convocou uma Junta de Medicos, e Cirurgioes masculinos dos mais abalisados da Terra; e supposto entre estes havia alguns de melhor uno, havia outros mais, que posto de grandes cabeças; cabeças ôccas, e muito ôccas; pois no fim de longo debate, e discursos nervosos, ácrios, e patheticos; em resultado: Receitaraõ—**QUE OS MENCIONADOS ENFERMOS SE CURASSEM A SI MESMOS.**

Em outros Numeros iremos publicando, e analysando outras Receitas exóticas d'aquelles Facultativos ignotos; e os estrambóticos os disparatados procedimentos, e obras publicas da inspecção do mesmo Corpo Municipal da referida Ilha de Babilari, unica Repartição que na mesma Ilha se conserva em vergonhoso desarranjo, porque as senhoras Mulheres se não tem resolvido a occupar aquelle Tribunal por lhes não ser decente em publico cuidarem na limpeza das ruas e dos canos.

### LELIPUT.

Pelo mesmo Correio maritimo, que fez escala pelo porto de Liliput, tivemos noticia, que n'aquella Ilha, tendo ali os Astrologos observado um Cometa, que pela sua direcção e movimento devia em breves annos aproximar-se á terra, e combustal-a; logo todos os habitantes, assustados principiarão a reformar a sua vida e costumes: principiou a relusir em progresso a moral publica; vio-se d'improviso restituída a boa fê no Comercio; a Justiça equilibrou e tenteou a Espada e a Balança; os Letrados, Escrivães, e Procuradores poserao-se a jejuar; os Frades reclusarao-se no claustro vibrando a disciplina: os Clerigos e Congregados passarao do *estote cautos*, para o *estote castos*; as mulheres mundanas não peccarao mais, e principiarão a faser penitencia; o Culto Divino a exercitar-se com profunda reverencia; os pobres viraõ-se logo de barriga cheia; e somente os Usurarios ficarao insensiveis áquelle aviso da Providencia, cada vez mais accérrimos, porque parece que nenhum fogo, nem o do Inferno abrasa esta qualidade de homens. Porém n'aquelle paiz obra-se por aquella maneira, não só porque ali os habitantes são pigmeus, tem ordinariamente de seis a oito polegadas de alto, como porque a maior parte d'elles são pouco dados ás Bellas Letras: não sabem traducir o Volney, nem o entendem traducido, nem as Memorias de Saturnino, nem o Capit. dos Franciscanos; não estudaõ nem decoraõ a Martinhada, nem a Mantegay, nem o Saque do Porto! &c. &c.

### Explicação das Charadas do N.º 18.

Charada N.º 25—Sol-dado. N.º 26—dor-minhoca.  
N.º 27—Caja-pió.

### N.º 28.

Na Cidade não me encontras;—2

N'ella aflijo muita gente;—1

Nos campos achas-me sempre

Em lida conveniente.

Em outro numero diremos, quem o A. da boa collecção que possuímos destas engenhosas Charadas: pois ocioso seria dizer que não era obra nossa.

O Redactor.

Maranhão, na Typographia Nactonal. Anno 1823.



facta 303/348 349/350  
N 20

O

# CENSOR

MARANHENSE.

N.º 21.

*A' Rome les desordres domes-  
tiques ou publics étoient refor-  
més par les Censeurs.*

Rollin.

ABRIL 4 DE 1829.

**I**NTRIGA, desaforo, descompostura, malignidade, insulto, enredo, embuste, perfidia, calunnia, sacrilegio, embruhamen-  
to, e anarchia; com rarissimas excepções, são tudo synónimos  
da palavra—*Periodico*—diz um erudito, e mui celebre Escri-  
tor do nosso tempo. Entre os homens litteratos do seculo de-  
saseis nos apresenta a Historia um genio raro de estupenda  
moral, fraudulentto character, e revoltosa conducta, no faganho-  
so Pedro Aretino cidadão toscano: tão subtilmente manejava  
a penna no Elogio, como na Satyra, em prosa como em ver-  
so, e tão remarcavel se fez na espectação de quase todos os  
Sabios e Potentados da Terra, que muitos Principes vieraõ  
a ser o ludibrio dos arbitrios e capricho d'este venal e auda-  
cissimo especulador litterario, constituindo-se mansuetos arieta-  
rios (vaivem ou boneco) de seus escritos celeberrimos, uns  
para que elle lhes celebrasse e engrandecesse suas acções e  
seus nomes, outros para que lhes deixasse em silencio seus  
crimes erros ou defeitos, e outros finalmente para que os não  
calumniasse com estes e outros vicios.

Tão extravagante orgulhoso habil e facundo na arte de  
elogiar e deprimir os homes, segundo lhe convinha, conheci-

do e admirado em grande parte do Oibe, e recebendo immensas e requissimas offerendas dos mesmos Principes, chegou a conceber a espantosa e louca vaidade de intitular-se o *O-raculo da Verdade e o Secretario do Mundo* (parecia o Cidadão Chapuis) a pontos de fazer correr medalhas de lusente metal de uma parte com seu busto gravado e estas palavras — *Il divino Aretino*, — e da outra sobre um throno recebendo os Enviados dos Principes.

Este homem *divino* intitulado depois o flagello dos Principes, ao mesmo tempo insolente e o mais baixo e vil adulator, ameaçava os Soberanos umas vezes com libellos e satyras para os intimidar e fazel-os dependentes de seus escritos fannosos, tecendo-hes outras vezes pomposos elogios a troco de grandes recompensas: jactava-se de que a sua penna sugitava mais os Monarchas do que estes os Povos. Carlos 5.<sup>o</sup>, e Francisco 1.<sup>o</sup> compraraõ bem caro o silencio a este impudente que até recusava o agradecimento das generosas offeras que lhe faziaõ, recebendo-as como pagamento de devido tributo: porém um Embaixador da Inglaterra e alguns Principes da Italia, que mais bem o conheciaõ, menos condescendentes, menos constitucionaes, e menos temerosos de similhante papão, conseguiraõ melhoeres resultados fazendo-o calar massandolhe os ossos.

Ninguém mais do que este petulante Escritor colheo tão numerosos fructos de seu estupendo officio literario: mas pagou-lhe o Céo tão santo beneficio: refere a mesma Historia, que morrêra enforcado, na Cidade de Venesa á sombra da Constituição d'aquella Republica.

Porém o Seculo desanove, em que vivemos, e os fins do passado d'antes dos primordios da revolução francesa fecundo em vans theorias e em constituições politicas mais liberaes, tem produzido uma inundaçaõ assombrosa ou epidemia de outros Aretinos de novo genero e genio dignos de mais alta fama e maravilha, e estes, quer tomando a cousa pela pessoa, quer a pessoa pela cousa, não fallando em outros Escritos pomposos da impiedade, são os celeberrimos Periodicos da moda.

Bem como aquelle enfurecido barbeiro que refere Tolentino (permita-se um periodo um tanto vulgar) simultaneamente accerimo vate,

*Que das filhas de Jove namorado.  
Abrio ao Mundo asperrima batalha  
Tanto co'a penna como co'u navalha;*

Escallando as faces e os queixos dos freguezes, e ao



mesmo tempo flagelando e quebrando os ouvidos e os cascos a todos com a nauseante leitura de seus acrósticos versos, enthusiasmando a turba multa da bregeirada; de tal maneira e similhante loucura n'estes tempos que a philosophia moderna tem chamado os *seculos das luzes*; tem-se observado, com delirios crescidos, levantar-se no Mundo uma propagagão contaminante de espantosos *Escritos* ou *Escritores* escallantes e assoladores da humanidade, não só com o fim de saciar a sagrada fome de ouro e grangear nome famigerado, como Aretino e o Barbeiro poeta; mas com desejos ardentes e liberdade illimitada para cousas mais altas geradas nos largos espagos de philosophicos *frenezis*, de revoltar e destruir toda a ordem social e de ensanguentar a humanidade corrompendo e aniquilando todas as sementes da moral publica e dos costumes, com inaudito e nunca visto empenho e furor.

No meio de tudo isto porém nada mais revoltante, nada mais dessolador, nada mais abominavel e enjoante que o estilo ou tom stentorio, magistral, insolente, imperioso, arrogante, ou sultanico, que se tem quase universalmente atrogado n'estes ultimos *Seculos das luzes*, tornamos a dizer, os intitulados Periodicos, Periodiqueiros (1) ou poetico-barbeiros flagelladores da paciência humana como ora vemos, e temos visto n'esta Cidade, coadjuvados sempre por uma vil epidemia de correspondentes quejandos de atrevida ignorancia empolitica, mentindo, prégando, incendiando, barulhando, e propagando no meio da sociedade civil a immoralidade, a discordia, e o germen de todas as desgraças e males inconcebiveis: e com transporte furioso, á maneira do revolucionario Garra, e Marat, *tola que cattera* na revolução da França, atacando descarada e aleivosamente, de toda a sorte, com a maior indecencia e audacia os Cidadãos probos e benemeritos, as Authoridades regulares, e sacrilegamente insultando a sagrada Pessoa do Augusto Imperador, diffamando em certo modo o Systema de seu Sabio e providentissimo Governo.

Aonde iremos parar si a Providencia não poser termo a tantos dezatinos e maldades?! calem-se muito embora esses pusilanimos ou egoistas que decedidos unicamente pelo proprio bem e socego pessoal, e á maneira dos meninos com medo do papão, ficam atterrados pelas insanas vozes d'essa praga infesta dos incorregiveis anarchistas: e que alguns até possuindo sobejas luzes, talentos, e habilidade para combater

(1) Não nos eximimos da censura que nos competir feita pela probidade sobre as intenções e natureza de nossa doutrina.

e embotar a orgulhosa, arrogante, atrevida e cega ousadia  
 literario-periodiqueira, e suas frequentes consignações insulta-  
 torias tudo revoltante de toda a ordem social segundo suas  
 dannadas intenções, não se peja de deixar isolado no cam-  
 po o illustre Rector da Minerva digno dos maiores elogios  
 pela sua impassivel constancia e zelo patriotico contra o fre-  
 netico e ferrenho furor dos latrantes Sandovaes: outros, enco-  
 lhendo a cabeça entre os hombros, e similhanes aos anfi-  
 bios animaes horribéis da natureza, e tao asnos cuidando  
que hão de ser poupados pelos patifes, si estes tivessem oc-  
 casião favoravel, tem commettido a vergonhosa baixez de pro-  
 curarem o beneplacito ou assenso d'esses exaltados papoës a-  
 nonimo-litterarios nas pessoas que julgaõ serem seus authores  
 ou seus Clientes; e até tem chegado, como sabemos, a fazer  
 preproche a nosso zelo e desembaraço quando pômos em uzo,  
 porque outros o não fazem, o curto cabedal de nossas froxas  
 luzes, já cansadas forças pela idade, e frio engenho pelos  
 desgostos, contra os perturbadores da boa ordem e geral cõ-  
 cordia, debaixo dos titulos assimia referidos: nós não segui-  
 remos jámais tão vergonhoso exemplo: mui differentes são os  
 nossos sentimentos.

O silencio não é virtude, e cobardia: ninguém nos diga  
 que é melhor deixa-los: é verdade que similhanes escritos  
 sem os menores vestigios de instrucção e moral, destituídos  
 inteiramente até dos primeiros elementos da politica (parece  
 tudo obra capateiral!) sinistros oraculos sómente da mentira,  
 symbols da impudencia e da iniquidade a toda a parte que  
 chegarem excitando tédio, levão em si mesmos a recomen-  
 dação e o cunho do desprezo nas ineptas contradicções e pal-  
 paveis sophismas, embustes, ataques, e patifarias, da que são  
 superabundantemente mescabados; mas além de atromenta-  
 rem as pessoas de bem, pôdem fascinar os desacautelados; e  
 a parte irreflexivel dos habitantes da Provincia, pôde beber a  
 tragos o veneno de suas falsas idéas e subversivas doutrinas,  
 e pelo seu diuturno augmento causarem-se estagios e ruinas  
 no Corpo Social sem opposição alguma pela vil indifferença  
 ou ignorancia de uns, e desaparebimento e sinceridade de  
 outros.

Além de que, passando impunemente taes escritos sem  
 o menor rebatimento, pôde ao longe, e principalmente na  
 Corte, e aonde quer que se ignorar seu ardiloso plano de transfi-  
 gurar, como no tempo de Robespierre e seus dignos Collegas,  
 os erros em crimes, os crimes em erros, os vicios em virtu-  
 des, as virtudes em vicios; e vendo-se a imperiosa e jactante



authoridade censoria com que em tudo tão atrevidamente se intromettem analysando, estranhando, reprehendendo, correjindo, eliminando, absolvendo, deliberando, insinuando, tomando contas e decidindo com gravidade tonante, apostolica, e coscicante sobre os actos do Governo, dos Tribunaes, das Repartições, dos Magistrados, dos Theatros, da vida privada dos Cidadãos, e sobre a direcção, conducta, direitos, soberania, e destino do Povo, sendo tudo isto crimes iníquos contra a moral social, e contra a ordem estabelecida; pôde sim pensar-se ao longe, que seja tal o espirito geral da Provincia, o que é somente y nò más a estulta opinião, e a voz ruidosa, e o delirio ou perversidade de um mercenario periodiqueiro qual quer allucinado e atrevido aventureiro, e de meia duzia de seus Clientes ou consignantes de refinada malicia, e de outra meia duzia de seus sectarios mais bribantes de suissas rapadas-té á cornija, distinctivo da doce loucura de seus pertinazes sonhos delirantes. E uma tal illusão na corte, de apparente generalidade, pôde em certo modo ser inconveniente á marcha regular dos negocios politicos.

Por tanto, como já dissemos em nosso N.º 19: " é um dever sagrado do homem de bem, do Cidadão honrado, uma vez que está fora do estado da natureza pertencente ás feras Silvestres (não se metter nas encolhas) sem que ultrapasse a esfera de seus deveres, forcejar quanto poder, e amplamente manifestar seu descontentamento, reprovação e dissabor, e em falta de outros meios até bradar e apupar como a um cão damnado, ou a um lobo devorante, quando algum ente desprezível da sociedade, indiscreto, malvado, ou louco, lisongeando a superstição e a ignorancia da Multidão sempre cega a raciocinios, se bota com suas acções, palavras, ou escritos a perturbar a boa ordem, e os doces lagos da Sociedade, ou a deprimir com insolencia e arrojo o nome e o credito das Authoridades constituídas. "

Não se pôde na verdade supportar sem possuir um grão superior de paciencia, a odiosa leitura de certos Periodicos publicados ultimamente n'esta Cidade, cujas doutrinas n'elles transcritas pela maior parte productos simultaneos da ignorancia e da maldade enchendo-nos de profunda magoa pela sua desenvoltura pertinaz, nos deixão apenas a unica consolação de esperar-mos em breve, que elles propriamente pela sua profiada e volcanica frase anarchica e desorganizadora da ordem social, por si mesmos cheios de abominosa indignidade, devem excitar o Corpo Legislativo ou o Throno a deliberar de uma vez o remedio salutarifero que para o futuro possa cor-

tar pela raiz a perniciosa origem de todos os males que pôde causar ao Estado, á Sociedade e ao Culto religioso, a liberdade illimitada de similhantes escritos: tão ultrajantes, impios, e seductores.

Entretanto porém não pertendemos positivamente entrar em campanha litteraria contra essa desnordeada frota de seus freneticos authores (quasi todos anonymos!) apostados a perturbar entre os Cidadãos o socego, e a paz, para os combatermos e debelar, o que seria mais proprio do Carvalheiro Manchego, deixamos essa operação á inormidade, e á insania de suas pessoas (2) e mesmo á materia licenciosa, é tórpe, de suas doutrinas, que pelo seu criminoso contexto fará que elles por si mesmos se destruição bem como a Estatua da Liberdade na revolução da França, construida de gesso que em breve tempo se fez em pedaços: e seus authores philosophos da moda que tambem levantarão o primeiro templo ao culto da Razão não possuindo elles nenhuma, não só virão abortar o criminoso plano de suas maximas depravadas, como uns aos outros successivamente se gollotinarão: ergnendo-se depois o triumpho da legitima razão sobre montes e montes de ruínas.

Não devemos com tudo attribuir aos nossos anarchistas, coitados! o poder e a valentia nem a mesma gloria por mais que berrem, de causarem entre nós, senão desassócego, os mesmos estragos e ruínas: sua maldade insensata sómente se estende ás fumosas labaredas da horrida lingua, e ao impotente imperio de seus desejos infernaes sem força de obrar se não toleimas, que é o que nos vale: temos Throno, temos Governo Representativo firmados em sólidas bases; nem as intrepidas Aguias se amendrontão com negros bandos de corvos

(2) Não se dizem scandalizar os Sñrs. Anonymos de qualqucr tratamento que lhe quizer-mos dar: pois n'essa qualidade podem entrar na classe dos arbustos, ou das bestas; sem que nos possam levar injuria, nem chamar ao Jury: a esse respeito podemos dizer como Phedro—

Duplex libelli os est: quod risum movet,

Et quod prudenti vitam consilio monet.

Calumniari siquis autem voluerit,

Quod arbores loquantur, non tantum feræ:

Fictis jocari nos meminerit fabulis.

Quem escreve contra hum Anonymo, pôde dizer o mesmo: he como se escrevesse, fazendo fallar as feras, e as arvores: não offende pessoa alguma, ainda quando diverte, e mais insinua.  
Ferreira Cardozo.



grasadores: temos Authoridades que nos governão não mais nomeadas pela desenfreada multidão como nos tempos anárchicos, mas pela sabedoria do Ministerio, ou da Lei, nada temos a temer. -- E nós persuadidos que sejamos uteis aos nossos Concidadãos e á Patria pelo quanto desejamos a feliz concordia entre os mesmos Cidadãos, e a prosperidade do Imperio, faremos apenas sobre os mesmos escritos algumas observações que a nossa limitada intelligencia nos possa suggerir, para que não pareça que tantos desatinos correndo á redea solta sejaõ approvados pelo silencio: e nem para os confundir se carecem grandes esforços; porque: partos para decent.

Pouco tempo ha que havíamos em nosso N.º 19 a pag. 291 combatido um artigo do 2.º n.º do Farol Maranhense sobre o escandaloso e sacrilego paralelo que ali se vê da administração do Exm.º Senador Pedro Joze da Costa Barros n'esta Provincia, com o Governo dos Tyrannos de Roma; o que fizemos sómente na parte historica por não podermos tolerar que fossem nos annos da Historia do Brasil sem opposição factos desfigurados com criminosa calannia, e manifesto escandalo e contradicção da verdade: e sem que nos possuíssemos de qualquer prevenção parcial contra a pessoa de seu Redactor de quem sómente notavamos a erronea marcha que havia seguido segundo nosso pensar; muito nos alegramos, quando logo depois da posse do actual Exm.º Presidente, continuando a redacção de seu Periodico por algum tempo interrompida, em seu N.º 56 vimos o diverso e coherente caminho que o mesmo Redactor se propunha seguir de então em diante: nos inundamos de abundante prazer quando a pag. 230 do mesmo N.º fizemos a leitura do seguinte artigo.

" O que mais nos move a lastimar o estado da Provin-  
 " cia e, vemos que o espirito de partido domina demasia-  
 " damente parte d'ella; e que alguns homens (não sabemos  
 " com que fim) deligenciaõ faze-lo reviver! si não esquecer-  
 " mos esses nossos erros, a si não apagarem as rivalidades, a  
 " nossa felicidade será sempre quimerica e apparente... Va-  
 " mos defender a Causa Constitucional: não somos o orgão  
 " de algum partido, e sim os verdadeiros defensores da Li-  
 " bertade, porque a estima o Brasil... Indifferentes a attas-  
 " ques grosseiros, não o seremos de modo algum sobre o  
 " que respeitar opiniões politicas: por quanto, ou para def-  
 " tender as nossas doutrinas, com as armas da reflexão, ou  
 " para confessar o nosso erro, nos cumpre saber do silencio.  
 " Seremos o echo das privações das Authoridades, ain-  
 " da que tenhamos de soffrer o pelo que já passamos. Não

" se entenda com tudo que a injustiça e a licença no dis-  
 " curso serão as armas de que usaremos: muito pelo contra-  
 " rio com as mais decentes maneiras lhes faremos ver o nos-  
 " so modo de pensar, uma vez que se afastem do caminho  
 " da Lei &c. &c. //

E á vista de tão bello e consertado periodo muito nos  
 lisongeámos com seu tão franco e justo arrependimento, e ro-  
 gamos a Deos, e á May Santissima que aquelle acto reveren-  
 tissimo tão solememente proclamado não fosse semelhante á  
 hypocrisia daquelles penitentes que n'outro tempo sahindo do  
 Santo Officio para Rilhafolles em Lisboa, alli faziaõ uma  
 profunda confissão geral aos pés d'aquelles Padres podres de  
 penitencia e de virtudes; mas que depois de se apanharem d'al-  
 li para fóra parece que requintavaõ no commettimento relapso  
 das mesmas culpas ou peccados. Veio porém corroborar nos-  
 sos desejos, em que o mesmo Redactor com sua conducta po-  
 litica reformada faria feliz o seu destino ou existencia, fa-  
 zendo felizes seus Concidadãos com o novo plano de suas no-  
 vas doutrinas como tão francamente protestara nas expressões  
 assima transcriptas, o seu N.º 58 do Barol em que vimos  
 inseridas as peggas officiaes do Governo do Exm.º Sr. Pre-  
 sidente actual Candido Joze de Araujo Vianna, parecendo-nos  
 que constituindo-se o seu Jornal do Governo—isso seria o  
 meio d'elle se desviar das subversivas indecentes e perniciosis-  
 simas Correspondencias que são sempre o evidente escôlho em  
 que se precipitaõ todos aquelles Periodicos, ou Periodiqueiros  
 que as admittem com facilidade: sendo por semelhante moti-  
 vo que o erudito Redactor do Campeão Portuguez em Lis-  
 boa escaldado da experiencia passada quando redigira o Cam-  
 peão Portuguez em Londres, disse no prospecto do mesmo  
 Campeão ou Semanario Politico em Lisboa, o seguinte:

Mui escriptuloso será sempre o Campeão em publicar Cor-  
 respondencias. A experiencia passada além de que todos os dias  
 está presenciando, lhe mostra quanto n'este artigo deve ser acau-  
 tellado. Assim sem excluir de todo qualquer Correspondenciais,  
 declara que mui reservado será em admitti-las, salvo quando fo-  
 rêm em evidentissimo proveito do Publico, e vierem escriptas  
 com summa moderação e decencia. Verdade é que as Corres-  
 pondencias são de ordinario os artigos mais appetitosos para o  
 Publico; porem o Campeão dezejando muito agradar ao mesmo  
 Publico, nunca o fará com o sacrificio da verdade ou da de-  
 cencia.

Pensava-mos por tanto que o Redactor do Barol não  
 obstante suas luzes e talentos, quando pela sua mocidade e

*Campeão Portuguez* *Lisboa*  
*Lisboa*



falta de experiencia, ou mesmo por condescendencia, de todo se não desviasse d'aquelle perigo quasi commum que lhe receavamos, sendo politico cordato e civil não faltasse pelo menos ao decoro, ao melindre e ao respeito devido á primeira Authoridade da Provincia, nem manchasse ao mesmo tempo as paginas do seu Periodico collocando n'elle algumas Correspondencias subversivas insultantes e ascorosas a par dos Officios do Governo, fazendo por essa forma o seu Periodico indigno d'esse nome, e sabindo da esfera do escritor sisudo.

Mas com inexplicavel dissabor e tédio não só vimos logo na continuacão de seus numeros essa indiscreta e abominosa promiscuidade de multiplices Correspondencias disparatadas, ávidos e revoltosos elementos do incendio, e da intriga, conjunctas com os Officios do Governo, como ainda mesmo a sua publicacão com preferencia a estes, como cousa de mais alta importancia e primor que os proprios artigos Officiaes do mesmo Governo, que ficarão reduzidos á classe do não chega como no jogo de parar: conforme se vê no seu numero 70 a pag. 310, desta fórma:

"No numero seguinte daremos um Supplemento, e então tão publicaremos os artigos officiaes que temos do Governo: não o fizemos neste numero por termos já ha longo tempo as Correspondencias que n'elle apparecem.

Não se offenda porém o Sr. Redactor do Farol, nem os seus amigos caros, de chamarmos a algumas de suas Correspondencias: subversivas, insultantes, e ascorosas. Para que estes epithetos lhe quadrem, prescindindo mesmo de seus titulos exóticos como além de outros menos immondos porém de humor lethal que alli se achão estampados—o Coca n'ella, o Cabelleira, o Matuto, o Fura-bollo Malta-piolho, o Canella preta, Coca n'ella e mais Coca n'ella, o Curioso &c. &c. que segundo o sabio author do Escudo, ou Jornal de Instrucção politica, semelhantes nomes ridiculos são um indece da immoralidade, e uma prova das perversas intenções de seus autores, e a qualidade de anonimas que por isso mesmo se fazem suspeitas de malicia e depravidade; basta compara-las menos na erudição mas nas intenções damnadas, com alguns dos famosos escritos ou fachos da revolução franceza, e parece que alli fôrão buscar para modelos não os nomes suppostos, por menos infarruscados, mas o seu fel, suas normas, especies, e termos neologicos inculcando sapiencia nova, para illudir o Publico e revolucionar-lo, havendo lá de toda a casta muito por onde escolher, por exemplo:

*Le Patriote français*: bem escrito, redigido por Brisot, e

*8 Mente espreitadora que faze do Farol - depois se conhece o erro.*

Carra, intitulado aquelle o grande Inquisitor: avaro da celebridade, e orgulhoso té á cegueira, o seu elemento era a perseguição e o sangue de seus Concidadãos que não adoptavão seu partido: taes erão suas doutrinas e humor: e o sangue deriamado causa asco e tédio a quem não é de natureza tigrina.

*Revolutions de France, et du Brabant*: titulo do Jornal redigido por Desmoulins: este Bacharel foi alumno do *College de Louis le Grand à Paris, ou il fit ses études avec Robespierre, et plusieurs autres jeunes gens qui figurèrent ensuite comme lui dans la Revolution*. Seu cerbero fagoso e exaltado o fez abraçar com enthusiasmo os principios da Revolução franceza sem que previsse as consequencias de que ao depois foi victima funesta. O seu Periodico era uma especie de Observador Constitucional, sem Constituição; escrito sem algum plano racional e sem ligação de idéas, com calor delirante, tornando-se muitas vezes em rediculo, finalmente: embullhador. Para se popularisar tomou o titulo de *Procureur générale de la lanterne*. Foi em Pariz o primeiro pregador e Chefe da Multidão (lembramos o Cadavilla e seus Collegas) que o rodeava sempre nos Caffés, nos Passeios, e nas Praças.

Foi o inventor do laço tricolor divisa com que reunio a população, e á sua frente a 13 de Julho de 1789 foi atacar e tomar a Bastilha, uma prisão immensa: poz os presos em liberdade para multiplicar as desordens, e os malifícios publicos: que maldade! De resto destemprou e brigou com o seu Camarada de Collegio Robespierre por causa da ambigão da Dictadura (o que acontece sempre nas partilhas a todos os malvados por mais amigos que sejam) e foi enviado por este seu amigo e Collega á guilhotina, na idade de trinta e trez annos: alli, quando lhe amarravão as mãos gritou com furor, mas inutilmente: *voilà donc la recompense réservée au premier apôtre de la liberté. Sa statue va être arrosée par le sang de l'un de ses enfans: les monstres qui m'assassinent ne me survivront pas long temps.* Eis a recompensa reservada ao primeiro apostolo da liberdade. Sua estatua vai ser hoje regada com o sangue deste seu filho caro, porém os monstros que me fazem assassinar não me hão-de sobreviver longo tempo. E o mais é que assim aconteceu. E não se lembrava aquelle pateta (e sendo homem de grandes letras e Doutor) que elle não era menos monstro que os monstros que elle arguia. Quanto não fôra melhor a este moço seguir a sua nobre profissão de Advogado, ou de Magistrado do que metter-se naquelles assados?! Ou mesmo si quisesse seguir a vida levítica ou monastica visto ser formado, se tivesse mais um boca-



dinheiro de juízo, podia muito facilmente chegar a ser Bispo ou Arcebispo, Abbade, Lente, ou Reitor de uma Universidade. Grande pena é ver os delírios a que a Philosophia moderna, a libertinagem, ou a leviandade conduz a tantos miços bellos!

*Le Père Duchesne*: redigido por Hebert, um aventureiro mercenário de theatro: de caracter sedicioso e de imaginação ardente. O seu Jornal cheio de injurias grosseiras, de cynismo afrontoso, e de termos ordinarios; todo o seu empenho era lisongear a multidão, e mudar a sensibilidade do Povo em sentimentos de horror. Exortava magistralmente, até por cartas, os Eleitores para que nas Assembléas Parrochiaes não votassem nos Cidadãos benemeritos amigos da boa ordem e da Patria, e que gosassem a estima de todas as pessoas de bem; por exemplo: no Souza: porem sim n'aquelles individuos que tivessem dado provas não equivoacas de possorem sentimentos revolucionarios, e perseguidores, e que propendessem com afincamento, e lá do fundo do coração para a santa Democracia alapardada ou rebuçada (hoje depois da paz argentino-brasileira) com a capa ou manto constitucional, e sempre na bocca, os direitos do homem! do Cidadão! as nossas liberdades! adorado Imperador! e no coração, adorado Bolivar!!! &c. &c. &c. Quem os não conhecer que os compre saberá as bestinhas que levall!

*Le Publiciste Parisien*, depois, *L'Ami du peuple*: redigido por Marat, de caracter violento e coração cruel: (era Medico, mas não dissimulado) atacava descaradamente com falsos embustes as primeiras Authoridades, e os Empregados Publicos quer tivessem barbas quer não tivessem; pregava todos os dias a morte, o roubo a revolta com audacia sem exemplo: atacava a Policia, expunha a inutilidade dos passaportes, excitava as rixas entre os Cidadãos e a guarda do Rei; as armadas a degolar os seus Generaes, os pobres a invadir a fortuna dos ricos &c. Feito Presidente do terrivel Tribunal ou Comité da Municipalidade assumio todos os poderes, e decretou os massacres de Setembro, e passou ordens circulares para se perpetrarem os mesmos massacres nos Departamentos com que toda a França se inuundou de sangue. Este monstro foi apunhalado e morto por Charlotte Corday: esta heroína (semelhante as senhoras Maranhenses) em patriotismo e coragem levou a palma a Mucio Seévola Cidadão Romano.

Além destes, outros muitos revolucionarios escritores notorios que todos elles a titulo de bem publico, e muito Constitucionaes, promovião a desordem para ver si melhoravão de fortuna: mas todos tiveram a honra de largar as cabeças na

*Charlotte Corday (semelhante as senhoras maranhenses)*

guilhotina conduzidos uns pelos outros, e uns apoz os outros: mas por desgraça depois de terem sacrificado milhares e milhares de victimas innocentes por effeito de suas doutrinas sanguinarias, e procedimentos ferozes: apparecendo apenas depois um de entre elles mais humano, Mr. de Boulaes, que aconsellhou na Assembléa dos quinhentos que convinha, para se não devorarem uns aos outros, usar d'alli em diante do meio da deportação, cuja ordem foi logo decretada como MEDIDA GERAL, semelhante á nossa *Abriluida*, com a differença: que alli foi decretada por quem estava de posse da Suprema Authoridade, e contra conspiradores reconhecidos já presos; e aqui foi praticada por quem não tinha esse poder, porém com mais descripção e politica por comprehender sómente o *se* solteiros, dignos de maiores penas muitos delles pelo quanto *se* são acérrimos na conservação do estado de celibato!

Tornando porém ao fio: não pensavamos que o mesmo Redactor exvido o antecitado artigo do seu N.º 56 em que lastimando o estado da Provincia pelo espirito de partido que domina parte della, insinuando tão discretamente no coração humano o dever moral e politico: *de se esquecerem nossos erros assim de se apagarem as rivalidades, para que a nossa felicidade não seja sempre quimerica e aparente: que vai defender a Causa Constitucional, não sendo órgão de algum partido, que será o echo das prevaricações das Authoridades, e que a injustiça e a licença no discurso, não serão as armas de que usará, mas sim das armas da reflexão, e com as mais decentes maneiras para defender as suas doutrinas ou confessar o seu erro &c. &c.:* palavras suas. Não pensavamos tornamos a dizer, que depois de uma tão franca e explicita profissão de fé Civil e Politica, tão breve salis-se da orbita da razão, e prejurasse de um acto tão reverente e solenne por meio de tão manifestas contradicções e despauterios, como se observava em todo o decurso ou continuação de seus numeros.

*Explicação da charada do numero antecedente. N.º 29—Pa-pel.*

N.º 30.

He boa couza tal dito;—1.

De mim não se agrada alguem;—1.

Sirvo a Raynha no pago,

E no Theatro tambem.

*Continuar-se-há se não houver inconveniente.*

*Macranhão, Typographia Nacional e Imperial, Anno de 1829,*



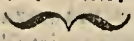
352/346

O

# CENSOR

MARANHENSE.

N.º 22.



*A' Rome les desordres domestiques ou publics étoient réformés par les Censeurs.*

Rollin.

---

MAIO 5 DE 1829.

---

## PREFACAO.

COM diversos titulos, e ha longo tempo tem constantemente existido em Lisboa uma Academia litteraria: das Sciencias; da Historia; dos Arcades: e ha pouco mais de um seculo intitulava-se—*Publica Academia dos Anonymos*. Alli concorria uma curiosa frequencia de Engenhos, dictando e ensinando eruditas lições, em multiplicadas e litterarias conferencias sobre os diversos assumptos das Sciencias, das Lettras, e das Artes, exercitando ao mesmo tempo o espirito no mais util e honesto passatempo do mundo, que segundo escreve Vanosio nas suas Miscellanias politicas, é a conversação de exemplares e eruditas pessoas: como tambem dizia Theogenes famoso e antigo Poeta, que tratar familiarmente com sujeitos de honesta vida e ligão, é um particular exercicio da virtude: sentença que tambem abonou a pena do moral Philosopho Seneca escrevendo ao seu Lucilio—*Nulla res magis animos honestos, et in pravam declinabiles revocat, quam bonorum conversatio.*” Nenhuma cousa, dizia, retrae mais os animos bem nascidos, e que podem declinar para o mal, que o trato e conversação com os bons.” E isto porque? Porque a conversação sempre tira a publico alguma operação similhante a natureza dos

*Andr.*

que conversão, e familiarmente se tratão: ella é a que descobre a sympathia dos genios; ella a que apura a consonancia, ou dissonancia das indoles, &c.

E de similhante modo, pelo commercio da familiaridade poderoso iman dos affectos, ou a força da virtude, ou a efficacia do vicio se derrama de uns em outros homiens. A primeira parte desta proposição se prova com a authoridade de Cicero, o qual julga, que a correspondencia recíproca da amisade nasce da concordancia dos costumes e natureza quando vemos no amigo algum raio de bondade e de virtude, que é o atractivo mais vehemente do amor. Assim o diz, *in Lelio de Amititia—Deinceps cum similis sensus extitit amoris si aliquem nacti sumus, cujus cum moribus, et natura congruamus, quod in ea quasi lumen aliquod probitalis, et virtutis perspicere videamur: Nihil est enim diuilius virtute, nihil, quod magis alliciat ad diligendum.* E a segunda parte da referida proposição tambem a authorisa o mesmo Seneca dizendo: que uns aos outros nos empuchamos para os vicios: *in vitia alter alterum trudemus.* De que temos grande exemplo no facinoroso Catillina, cuja amisade preversa e trato infame de cada dia, tornava a mocidade honesta e bem nascida de Roma, em viciosa, e similhante aos malvados e dissolutos da sua facção, como Lentulo, Cethego, e outros; segundo pouco mais ou menos refere Salustio, *in bello Catilinae: Quod si quis etiam a culpa vacuus in amititium ejus insiderat; quotidiano uso, atque illicitebris facile par, similis que cæteris efficiebatur &c.* Tornamos ao fio:

Em tão nobre, urbano, licito, e util exercicio das humanas lettras na referida Academia dos Anónymos de Lisboa, se exercitavaõ os illustres engenhos dos Sabios, escolhendo para as suas academicas conferencias o mudo silencio da noite á maneira dos Lacedemonios e dos Gregos, como diz Plutarco, que consagravaõ as oras nocturnas as mais ponderosas e discretas consultas, substituindo a ausencia de Sol e provocando o lusimento dos Astros com o resplendor, de seus graves e sublimes engenhos.

Bem era para desejar-se que no nosso Maranhão aonde se achão ainda em tanto atrasamento e obscuridade a civilisação e as luzes, se destinassem tambem algumas oras de algumas noites serenás interpoladamente com os communs divertimentos do wolterete, do dado, e da manilha, da nociva lage do Pelourinho, e da palestra do ex-Vereador Busca, para conferencias academicas sobre as Sciencias, as Artes, e as Lettras, de Agricultura, e de Commercio, e de todos os mais assumptos convenientes á prosperidade da Provincia e do Imperio: para o que seria muito a proposito e mui necessario que alguma Authoridade superior mettesse n'isso sua mão industriosa e solícita, E seria isso um gran-



de impulso para a extinção do diabo da rivalidade; que em quanto a nosso pensar, digão as parvoíces que quizerem os nossos *anonymos*, não provém de outra cousa mais que da falta de litteratura e civilisação, pois não se observa semelhante prestigio louco nos Brasileiros mais instruidos civilizados e polidos: d'ambas as bandas. Tornamos ao fio.

Em 1550 tambem se estabeleceo uma Academia dos *Innomi-nados* em Parma. Outra em 1660, dos *Incognitos* em Venesa. Em 1721 outra dos *Occultos* em Setubal; e em 1625 outra dos *Tantasticos* em Roma: e outras diversas em diversas Cidades, em diversas eras, e com diversos titulos &c.

Não sabemos se a qualquer das sobre ditas Academias os nossos authores *Anonymos*, que tanto nos atroão presentemente com seus discursos pasmosos ou pasmodicos, fôrão buscar a etymologia dos titulos para as lições academicas continuadamente publicadas nos actuaes Periodicos com que tanto estão instruindo, civilizando, e polindo a mocidade Maranhense, e promovendo o progresso das Sciencias, das Artes, e das Letaas de que tanto carece o nosso nascente Imperio!

E' verdade que pela analogia dos nomes com a materia e natureza de taes lições mais parece que se proposerão a emitir somente os titulos de outras Academias, tambem estabelecidas na Europa em differentes épocas: a dos *Humoristas*, em Roma em 1611: a dos *Inflamados*, em Padua em 1540: a dos *Caliginosos*, em Ancona em 1624: e a dos *Insensatos* em Perucia em 1561 &c. &c. A estas ultimas quanto aos nomes somente muito se parecem os escritos dos nossos *Anonymos* (não dizemos todos) pela natureza das doutrinas que nelles fulminão; e por isso, mesmo sem sabermos o local, o salão, ou o Jardim epicureo de suas conferencias letterarias lhe chamaremos d'ora em diante—Academia dos *Caliginosos*, *Inflamados*, ou *Insensatos* *Anonymos* *Maranhistas*, em vez de Anconistas Paduanos ou Perussistas.

Não deixamos tambem de conhecer, que o verdadeiro sabio é o que mais se exime por modestia de publicar o nome em seus escritos; mas si os de que fallamos são d'essa natureza, o Publico que o julgue.

Vinhámos dizendo antes da *charada* em nosso N.<sup>o</sup> antecedente: que não pensavámos que o Sr. Redactor do Farol depois de uma tão franca e explicita promissão de Fé civil e politica, tão breve saísse da orbita da rasão, e perjurasse de um acto tão reverente e solemne por meio de tão manifestas contradicções e despaunterios, como se observa em todo o discurso ou continuação de seus Numeros.

E a não ser isto assim não sabemos como se possa compa-  
decer com tão excellente doutrina do referido seu artigo citado,  
o repisamento obstinado que em todos os números, e em quase  
todas as páginas do mesmo Periodico (e de mais algum) se  
observa das innumerables invecitivas, tergiversações, insultos, calum-  
nias, ineptias, e insolencias descosidas sempre sempre sempre ao  
mesmo fim, sobre as mesmas materias, e sobre os mesmos as-  
sumptos, de cuja expôsição a falsidade, a má fé, e malevolencia  
saltão mesmo aos olhos de quem não tem o coração estragado:  
e isto não são na verdade os meios indicados de *esquecer os er-  
ros* nem são as *decentes maneiras de apagar as rivalidades*: mas  
sim os elementos combustiveis de ateal-as em chamas devoradoras.  
E se vemos a tão negro fim dirigirem-se algumas famosas  
Correspondencias do mesmo Periodico, pois que outras vemos ali  
tambem proveitosas; e seu erudito Redactor, professando boa fé,  
não procura com as ditas suas *decentes maneiras reflexões e dis-  
cursos* como prometera; desviar á seus authores do caminho tortuoso  
que vão trilhando, de seus incitiosos sophismas, ardís, e os mais cras-  
tos erros em politica, ou não admittir semelhantes escritos desmoralis-  
santes, e desorganizadores; e bem pelo contrario lhes dá com amplitude  
prompto lugar, calor, e gaz: não sabemos que d'esta forma deixe  
de ser o instrumento ou *órgão de algum partido*, e que deixe de  
ser perjuro do sagrado juramento que tão voluntaria e contricta-  
mente, impingira nos ouvidos (o que não pôde negar) de todos  
os mortaes em que zunem os intensos lumes do seu fulminante  
Farol.

Si attendessemos sómente á innumeração ou estrutura de  
todas as monstruosidades litterarias em *Dialectica*, em *Direito*, em  
*Moral*, em *Politica* que se encontra no vasto turbilhão de simi-  
lhantes escritos em geral; não veriamos mais que o monstro dis-  
forme que nos pinta Horacio digno do desprezo, ou do *risum*  
*teneatis*:

Estrovilho já safado,

E devisa conhecida

De hum Meliante arribado.

Porém attenta a immensa somma de quilates do letifro ve-  
neno que n'elles a cada expressão se pressente, e a manifesta  
depravidade a que tão pertinazmente se encaminhaõ sem atten-  
ção nem respeito ás Authoridades, ás pessoas benemeritas,  
á moral publica, aos deveres á ordem social ou Ley constitutiva,  
nem ao proprio Ministerio do Imperante, antes a cada passo in-  
sinuando no Povo a ochlocracia por meio das ideas e termos os  
mais indiscretos ou irrellexiveis, revoltantes, ardilosos, e sacrilegos;  
ainda que nos não seja dado nem da nossa attribuição repreen-



der nem castigar semelhantes erros insultos ou desatinos, o que pertence á Ley, ao Governo, e ao tempo, faremos apenas em geral para desengano dos desacantelados, e advertencia á parte irreflexiva dos habitantes, como já dissemos, e emprova das proposições que temos avançado, faremos sim nossas observações sobre alguns pontos de mais crasso e manifesto escandalo. *Ate aqui é o resto do artigo que não coube no Numero antecedente; e que porisso promettemos continuar.*

### GERAES.

\* *Escarnagim*  
 Hum grande parte dos celebrados Correspondentes Anónimos, e alguns Redactores dos Periodicos em scena no Maranhão, e no Rio, agulados quaes mastins na guerra Gaticanea não causão a toda a ora do dia e noite com esganigamento sanhudo e feroz de arremegar seus dentes devoradores contra a preclara e distinctissima classe das pessoas respeitaveis, e as mais amantes da boa ordem e da publica tranquillidade: e com desmedido furor e espumante raiva contra o solido merecimento, reputação, fidelidade e patriotismo dos dois ~~inlitos~~ *benemeritos* Cidadãos Brasileiros os Exm.<sup>os</sup> Senador ~~Pedro José da Costa~~ *Pedro José da Costa* e Marechal ~~Manoel da Costa Pinto~~ *Manoel da Costa Pinto*, *Scipiones duo fulmina nostri Imperii*: ambos ex-Presidentes d'esta Provincia, e ambos terrores dos nossos Anarchistas, e de tudo quanto respira sentimentos democraticos.

Não ha nada indecente injurioso, e ultrajante que estes furiosos e ardentes perturbadores não conspirem contra aquelles dois Varoẽs insignes, e não menos contra o famigerado blescido Conde d'Escarnagim, que todos amigos leaes do IMPERADOR e da Patria coincidirão, como era de esperar, nos puros, e efficazes dezejões e disvellos de promover o bem e o socego geral da Provincia, e a prosperidade do Imperio, em devido cumprimento e abono de seus illustres nomes e character, e do nobre desempenho dos ponderosos Cargos que o Augusto Imperador lhes confiara.

Mas como os esfaimados Anarchistas não dezejão o socego publico porque muito os incommoda e enfastia, e sua tenebrosa e cega vertigem os não deslembra do louco prestigio de seus planos infernaes, é lhes preciso em ultimo recurso assestar as armas da desesperação contra os bons Cidadãos, e a maior calibre contra as primeiras Authoridades, ou ex-Authoridades, com o depravado e insidioso fim de desacreditar os no alto conceito do Augusto IMPERADOR para que unõ sejão rendidos, e outros não mais

8 Bate do, de de dem...

empregados, a vêr se multiplicando-se as Nomeações e os Despachos acaso escapa algum Presidente; Governador de Armas; e da Justiça, e mesmo alguns outros Empregados que sejam dos mesmos malignos sentimentos e vil partido. d'estes obstinados e nefandissimos declamadores.

Mas que loucura! o Augusto IMPERADOR e seu sabio Ministerio tem Mente perspicaz e aguda, delicada e penetrante, conhece mui bem pela pinta, e mesmo de longe pelo cheiro os anarchistas, democratas, e motinos; não se engana na escôlha das pessoas a quem deve confiar os Governos das Provincias, e os outros diversos Empregos da publica Administração.

Muito nos custa, e com grande magoa o fazemos, escrever e recordar os odiosos e repugnantes nomes de *anarchistas; perturbadores motinos revolucionarios democratas &c. &c.*; mas elles assim o querem: pensavamos, que pregada no tinteiro a penna Censoria de uma vez deixaramos tão pesados e enjoantes titulos, sepultados em profundo e perpetuo esquecimento e silencio pelo menos depois que se terminara a guerra do Sul, em cujos desastres e com alegria ingente esses abominaveis espiritos turbulentos de continuo apoiavam e nutrião suas lisongueiras porém quimericas esperanças: pensavamos que a conclusão da paz os desenganasse e desvanecesse de seus freneticos e deliriosos desejos; que deixassem de ser *chuchas* por genio grosseiro, e sangue degenerado, inimigos implacaveis dos *puças*; e que revertissem ao caminho do acerto á união e concordia primeiro bem da Sociedade civil, e que de todo finalisasse, e se redusisse a pó esse revolucionario rivalioso e retrincado (1) partido execrandissimo da esquerda: (2) assim o pensavamos: porém o concurso ideando de tantos escritos difamantes sediciosos indiscretos, que ora vemos levantados com celeuma disputarem-se a primasia no insulto das pessoas de bem, e no promovimento e dasaio da discórdia e desordem, nos serve de barometro em que se observa sua criminosissima existencia, e o elevado grão de seu grosso fermento. E são elles que d'esta fôrma excitação e provocão o nosso silencio, o nosso socego, e a nossa paciencia.

Que outra cousa se poderá chamar senão esses feios nomes que ficam escritos aí para cima, e outros ainda peores se é possível havel-os, cuja pronuncia tanto nos aborrece; a esses energumenos espiritos do Averno, que na realidade não parecem outra

(1) *Aqui nos lembra um verso acróstico do sonho Herotico, mas com toda a propriedade do lugar—O placido silencio interrompia—Das raãs e rôco ralo o ruim ruido.—*

(2) *Queremos explicar por esta frase: os que andão ás vésas da razão.—*



cousa; que com a maior audacia grosseiria e despejo estáõ continuadamente accendendo a voraz intriga e a rivalidade, vociferando enormes insultos, vis ultrages, torpissimos improperios, e sarcasmos ferinos contra os Cidadãos de mais distincto merecimento, e com infernal ancia contra os dous mencionados ex-Presidentes, e contra as frias cinzas do defunto Conde todos Brasileiros preclaros; e ao mesmo tempo fazendo elogios ao Exm.<sup>o</sup> Presidente actual?

Que caso que conceito ou que estima poderá o Sr. Presidente faser de semelhantes panegyristas quando pertendem exaltar o seu nome e a sua administração com o vituperio d'aquelles de quem S. Ex.<sup>a</sup> se não deve certamente deshonrar de imita-los no amor, no zelo e fidelidade para com o AUGUSTO IMPERADOR, para com a Patria, e no vehemente esmero pelo socego da Provincia e da publica tranquillidade; chegando á insondavel demencia ou depravidade semelhantes malvados e maldiscentes de pertenderem contrastar o seu governo (sem duvida benéfico e sabio) com o d'aquelles mesmos seus esclarecidos Antecessores ou Predecessores pondo-os na classe dos Baxás e dos Tyrannos!!!! Não sabemos que os metaes e os diamantes da mesma tempera e do mesmo quilate possuão uns aos outros servir de contraste ou crysol. Na verdade que é preciso nadar n'um Oceano de ignorancia de parvoice ou de iniquidade infernal para commetter tão temerarios e tresloucados desatinos e arrojoss!!!

O Exm.<sup>o</sup> Presidente actual a quem não temos a honra de conhecer se não pelo muito bom nome que a fama lhe dá mesmo muito antes de chegar a esta Provincia, e pelos eximios principios de sua administração, poderá faser um Governo brilhante e assim é de esperar, basta ser escolhido pelo AUGUSTO IMPERADOR já quando a Barca do Estado isenta das turgidas vagas do imperio da anarchia, e livre de marinheiros rebeldes, vai navegando mediante um tempo mais prospero e sereno para que a sua Nomeação recaísse sobre o merecimento: e porisso mesmo, o amor proprio de S. Ex.<sup>a</sup> e sua modesta probidade certamente não exigirá exceder á aquelles sobreditos seus Illustres Antecessores, se bem que os iguale, em patriotismo e fidelidade ao SOBERANO, no amor da Patria, e no incansavel zelo em promover o socego publico e a segurança da Provincia: pois estamos persuadidos e bem persuadidos, que assim d'aquellas referidas qualidades de coração dos dous intrépidos e honrados ex-Presidentes não achará mais lugar a possibilidade.

Poderá S. Ex.<sup>a</sup> excedel-os no methodo e arte de governar pois o nosso voto por aquelles benemeritos Brasileiros é de justiça e não de officio, não somos adutores, nem assalariados para mentir ainda que nos faltassem todos os meios da subsis.

tencia, e nem temos a indiscreta e temeraria insania de assinalar os limites ao entendimento, aos talentos, e á sabedoria d'estes ou d'aquelles homens, como fez o Deputado Cerutti na Assembléa Legislativa de França no tempo da revolução, o qual propôz: *que o Código sagrado da Constituição obra de trez annos da Constituição, e que outorgava á França seculos de venturas, que tendo 492 Deputados jurado sustentá-lo até o ultimo suspiro, fosse julgado como Obra prima do entendimento humano e a mais perfeita possível, e que se retassem indelereis agradecimentos em nome da Patria a seus authores immortaes &c.*

O Deputado Enabot concordando em tudo o mais foi o unico que se oppoz a que se deixasse passar a idéa de que aquella Constituição fosse a melhor producção do juizo humano, e a mais perfeita possível: o qual foi interrompido por um suspiro unanime de tal maneira que não pode continuar a sua indicação, e a Proposição de Cerutti passou em Decreto. E que succedeo: que no fim de onze mezes aquella Constituição cheffe de obra das cabeças humanas tão gabada a ponto inimitavel por aquelles 492 augustos Representantes do Povo, e apostolos das *Liberdades*, por uma moção feita pelo Deputado Colot de Herbois na convenção Nacional, e apoiada por outros camaradas das *Liberdades*, muito e muito constitucionaes, foi revogada abolida e aniquilada por aclamação sem ser preciso tomarem-se votos. E a Monarchia representativa foi substituida por uma Republica: e levaram o Rei ao patibulo assim por modo de uma quixotada ou brincadeira semelhante aos *sucessos tão pouco consideraveis*, como diz o Barol, da Villa de Santo Antão de Pernambuco, ou da Villa de Cametá da Provincia do Pará! E por isso é preciso muito cuidado e olhar vivo, principalmente depois da paz argentina, com estes sugueitinhos que se esgalgão muito na repetição dos nomes pomposos *Constituição! nossas Liberdades! Independencia! Concundus! Absolutistas! Servis! Miguelistas! &c. &c.*

Tornamos por tanto a dizer, que o Exm.<sup>o</sup> Presidente actual poderá fazer um Governo brillantissimo, assim o vamos observando, e assim é de esperar até o fim pelas razões acima expendidas e pelas distinctas luzes e virtudes e mais qualidades que o condecorão, e o que amplamente se depreheende da tentada circumspecta e sabia marcha que vai seguindo, tendo além de tudo a feliz vantagem de ser Jurisconsulto, requesito não pouco essencial a um Administrador de Provincia nas actuaes circumstancias. Deverá fazer um Governo brillantissimo, tornamos a dizer, e assim é de esperar, mas não despertado pelos loucos ameaças e ousadia da negra raiva feitos contra seus Illustres Antecessores, nem adormecido pelas manhas e pelos contos indiscretos e atrevidos que todos os dias estão caindo dos gemidos



da Imprensa em ar de Oraculos cibylinos insinuantes e pressa-  
gos á queima roupa arremeçados a quem está á testa da publi-  
ca Administração, e que delles não precisa ex-vi-do a fementida  
audaciosa e execranda qualidade dos mesmos: e nem S. Ex.  
deixará tambem de pressentir o assolapado veneno que nelles se  
encobre, pois que seus authores são ao mesmo tempo perversos e  
tão asneirões que por si mesmo se dão a conhecer, e isso nos  
valle.

Como deixamos dito na pagina 325 do nosso numero ante-  
cedente, que para confundir ou rebater esses desenfreados desati-  
nos ou desatinados da ordem diaria de poucos esforços se havia  
mister, porque: *parva decent parcos*: nesta classe se devem consi-  
derar alguns lastimosos ~~authores~~ d'esses indigestos escritos cheios  
de ineptias ou rapaziesses, que farião a deshonor da Litteratura  
Brasileira se não devessem ser reputados como consequentes ra-  
cionios ou partos mentaes dos dignos habitantes das Casas dos  
Orates, ou importunos enfermos de rematada loucura:

*Mal que com nenhum outro se parece,  
Porque o não sente o mesmo que o padece.*

E a taes entes lunáticos, segundo os aforismos da egiena po-  
lítica, pôde applicar-se-lhes o remedio das palhas, ou o récipe do  
desprezo: e nisto sómente convimos com os nossos bipedo-anfibios.

Mas como outros de entre os mesmos escritos appareção or-  
nados de mais engenhosa e alta erudição e disvellos patrióticos  
apparentemente revestidos com a celeste pompa da constituciona-  
lidade cujos authores extasiados em zelo inflamante *pelas Liber-*  
*dades* tirando-lhe o coração ficariaõ uns anjos: é preciso para es-  
clarecimento do Publico desenvolver o artificio de seus capciosos  
sophismas e depravidade, e descartinar o sinistro fim a que se di-  
rigem quando se arrojaõ a deprimir e a injuriar com mortifera ca-  
lumnia e mordacidade não só os probos Cidadãos como as Au-  
thoridades constituídas, sobre aquelles actos de Governo que sen-  
do praticados segundo os tempos e as circumstancias mais ou  
menos estreitas em exercicio do mais fervoroso zelo e pontualida-  
de pelo bem do Estado em desempenho de seus ponderosos Mi-  
nistérios, elles anarchistas os invertem e desfiguraõ por meio das  
mais abominaveis, execrandas, e dolosas interpretações e embus-  
tes á maneira do que a similhante respeito diz Cicero, *in libro*  
*officiorum: Existunt injuriæ scæpe calumniæ quadam, et minis ca-*  
*lida, et malitia juris interpretatiõe.*” Muitas vezes se formaõ in-

jurias por uma certa calumnia, ou interpretação de direito demasiadamente astuta e maliciosa.

Estes nossos ~~marchistas~~ também se podem comparar, ainda que a maior parte d'elles de mais a mais mascarados, ou *anônimos*, que vêm a ser a mesma coisa, a aquella boa gente da escoria Romana que refere Phedro: *Est ardeliorum quedam Romanæ natio* &c., que havia em Roma uma certa especie de homens *ardeliões*, ou intrigantes, que em tudo se entremetião.,,

De tal maneira, mas com intenções superiormente malignas, e para fins infinitamente sacrilegos, estes nossos *ardeliões*, que segando os *synthomas* do veneno que hoje vomitão, são os mesmos Camaradas que d'antes marchavaõ de galope, e com fervorosa devoção para o seu idólo adorado das Confederadas do Equador, agora que veem frustrados de todo seus impios planos com o diachio da fasedura da paz tão cedo, que foi o diachol nos paroxismos de suas moribundas esperanças, e nos ultimos arrancos, procurando para consolação de su'alma, sofisticos pretextos para novas cavallhadas ou *Carvallahadas*, querem ao mesmo tempo justificar-se dos gigantescos, e criminosissimos passos que deraõ para tão bonitas brincadeiras, com a vil recriminação e achincalhamento rediculo e bregeiral contra os dois Illustrés e benemeritos ex-Presidentes, e defunto Conde, com proposito e porfia de os desacreditarem na Corte sobre as medidas de prevenção que se virão obrigados de tomar segundo as urgentes circumstancias em que se virão.

A vista de quanto fica ponderado observa-se, que tanto estrondo, e todos os embates da furiosa guerra destemperada d'esses escritos dos nossos inflamados e caliginos *anônimos* *maranhistas*, como os *fuministas*, ou fulministas que também lá são antantes das *Meninas* (as *Confederadas*) não desvairão de colocar na Classe dos Baxás dos Despotas e dos Tyranos, e é o ponto principal de suas fúrias raivosas, a aquelles tão dignos e benemeritos Brasileiros ditos ex-Presidentes e defunto Conde: e qual é a innumeragão dos crimes que tão impudentes blasfemos apresentam para tão atrevidamente ultrajarem seus inclitos nomes com tão injuriantes e sacrilegos titulos? Serão acaso algumas acções por elles praticadas que tenham a minima similhança com os horroresos procedimentos dos inercuecidos Neros Domicianos e Caligulas, ou dos Proconsules Veires, Lucio Pinario, e outros na Sicilia, ou Plaminio em Locres, tiranos e avarentos insaciaveis a quem até não escaparaõ os vasos as alfaias e os monumentos sagrados? Haverá quem se atreva a macular a solida reputação, pura fidelidade, e o merecimento illibado d'aquelles insignes varões que defendemos, com a mais leve sombra de semelhantes



maldades se quer no pensamento, a não serem esses monstros da murmuracão os nossos *anonimos & Companhia*; essas linguas de veneno, corações de fêl, como disse o queixoso Ovidio em seu desterro contra os maldiscentes e calumniadores: *Pectora felle vivunt lingua est suffusa veneno!!!!* Mas aonde me elevas petolante Musa?!... Então em materia.

### OBSERVAÇÕES.

O alvo principal a que se dirigem com inimiga cegueira os imptuosos e profiados tiros e ataques das pestilentes linguas dos obstinados anarchistas, consiste nos dois unicos factos em que os mencionados Excellentissimos ex-Presidentes Barros, e Pinto, em circumstancias identicas, precedendo consulta do Conselho Presidencial, coincidirão de suspender a formalidade ordinaria da Lei no Artigo 179 da Constituição do Imperio; o Exm.<sup>o</sup> Barros no §. 35 sobre os direitos individuaes do Cidadão, pelas prisões que fez a alguns Cidadãos; e o Exm.<sup>o</sup> Pinto no §. 27 sobre a inviolabilidade do segredo das cartas, como querem dizer, pela abertura de uns papeis impressos.

Nos não faremos aqui a sua apologia ou defeza sobre similhante materia, porque além de ser caso especial affecto ao Soberrano, aquem SS. EEx. muito nobreniente saberião responder, julgamos esse negocio no processo de sua legalidade ou illegalidade e sua decisão, se não fallarmos na simples exposição do facto, tão ocioso a um Jornalista, e tão improprio de nossa attribuição, quanto é estupenda a insolência dos letrantes accusadores populares por similhante desencabrestamento e maneira: apenas diremos: que não era preciso ser muito instruido em Pathologia e Dinamica politica para conhecer os vehementes symptomas de rebelião que compellerão o patriotico zelo daquelles Excellentissimos ex-Presidentes a suspender naquelles casos a formalidade ordinaria da Lei.

Seria preciso ser de todo Imbecil e até apathico para deixar de conhecer o estado febril da enfermidade, que pelo seu engravescimento e progresso exigia prompto remedio da classe da therapentica politica, que porlesse evitar a explosão de nova anarchia, talvez mais funesta que a dos tenebrosos tempos passados de que parece que ainda sentimos o palpitante e pavoroso sobre-salto.

Triste cousa é a situação periplosa de quem se acha a testa da publica administração em similhantes conjuncturas. Por

maiores que sejam os symptomas de uma imminente rebelião ou explosão politica, em quanto ella não rebenta, nem o Criminalista nem o Politico por mais sabios e habéis que sejam podem achar fundamento legal e seguro para os seus procedimentos criminaes ou politicos: estes em similhantes casos, não podem recahir senão sobre suspeitos e por suspeitas, e taes pontos são bases sempre incertas para o exercicio de qualquer daquellas duas profissões de jurisprudencia criminal ou politica. Assim o diz Arnobio, *advers. gentili: Quid este autem suspicio nisi opinatio rerum incerta, et in nihil expositum jaculatio mentis illuta?* &c. &c. E Plauto diz o mesmo: *suspicio est in pectore alieno situ* &c. O objecto ou materia da suspeita, reside no peito alheio, e por tanto, não tem por onde se lhe pegue.

Attentas porem estas considerações de uma parte, e da outra observando-se o entumecimento do volcão a pontos de rebentar a labareda, como aqui esteve para acontecer, pôde neste estado considerar-se a violenta situação de quem governa, maniatado pela propria lei, ainda mais e muito mais estreita e perigosa, que a triste sorte do arriscado navegante entre Sylla e Carybdis: este, poderá salvar o navio do terrifico naufragio que o ameaça, justificando com a maior pericia a navegação pelo estreito canal sem se encostar mais a um que a outro escólho: porem aquelle, o Governo, vendo de uma parte a horrenda imminencia do perigo, e da outra a prohibição dos meios de evita-lo antes que elle rebente; como se podera haver em similhante caso? *Dicant Anonimi*: estes dirão mil insolencias pela sua frase costumada: e nós, diremos sempre: que o verdadeiro Cidadão, o verdadeiro patriota, o benemerito Empregado sacrifica então os seus interesses, a sua pessoa, e até o seu credito e reputação ao bem da Patria e do Soberano, como heroicamente fez o Exm.<sup>o</sup> Marechal Manoel da Costa Pinto, o que bem explicitamente elle declarou em seu Manifesto, esse monumento de patriotismo e de zelo ardente pela causa publica, que os anarchistas, amantes das Mininas, tanto tem achincalhado, no Maranhão, e no Rio.

Se recorrermos aos exemplos em successos desta natureza, não precisa diglamar na historia estranha factos que nos comprovem e justifiquem a maneira de obrar mais proveitosa dos referidos procedimentos dos mencionados Excellêntissimos ex-Presidentes Barros, e Pinto, nos sobreditos casos: *Salus populi suprema lex esto*: esta maxima em muitos casos para obter-se o fim desejado conduz a suspender as formalidades ordinarias da Lei: e o exercicio desta medida, antes que o motivo do seu emprego se declare encontra, he verdade, o obstaculo que fica expellido no §. antecedente, e é contra a opinião de outros Politicos, bem assim



do sabio Jurisconsulto inglez Jeremias Bentham, como se vê no Tomo 2.º de suas obras, já citado em nosso N.º 6, a páginas 96 em que diz—*Que tanto mais grave é um remedio desta natureza, quanto mais é preciso que seja evidente a necessidade do seu uso: para que o meio da sua justificação seja admissivel, é necessario provar tres pontos essenciaes: 1.º A certeza do mal que se quer desviar: 2.º A falta absoluta de outro algum meio: 3.º A efficaçia infallivel daquelle que se emprega.*

E nem os illustres sabios Jurisconsultos deverião deixar em seus escritos uma porta aberta para que: *a maxima da saúde publica podesse servir de pretexto a todos os crimes.* Como diz o mesmo Bentham e outros. Mas que farião estes grandes theóricos na prática se se achassem á testa do Governo em semelhantes crises? Qual seria melhor? Arriscar uns poucos de Cidadãos a sofrer alguns incommodos em custodia, posto que ao depois se provasse a sua innocencia, ou esperar a explosão que irremissivelmente traria desgraças a milhares e males incalculaveis? O illustre author do Principe politico Saavedra Faxardo, diz—*En los grandes casos apenas ai remedio sin alguna injusticia, la qual se compensa con el beneficio comun.* E o grande Historiador Romano Tacito no livro 14 dos Ann: diz—*Habet aliquid ex ini quo omne magnum exemplum, quod contra singulos utilitate publica rependitur &c.*

Mas corroborando a nossa questão com os exemplos de casa, como havemos dito, em que bem se pôde verificar este axioma—*contra a experiencia não prevalecem argumentos*—que mais claro exemplo, que o da revolução de Pernambuco em 1817? Caetan<sup>o</sup> Pinto de Miranda Montenegro, General então naquella Capitania hoje Provincia deste Imperio, era Jurisconsulto; teve denuncias de que havia uma conjuração de rebeldes contra o Soberano, e até se marcava o dia da explosão 6 de Maio; mas como se observavaõ sómente momentaneas scintellas feridas ao acaso, da materia combustivel reconcentrada ainda em peitos alheios, de cujo grande foco se prescintia apenas o vehemente calor, o General Jurisconsulto homem muito probó circumspecto e prudente, que segundo a jurisprudencia de Bentham e outros famosos Theóricos não queria ser dirigido pela mão do nada; não achando materia conforme a Jurisprudencia criminal para basear qualquer procedimento com legalidade, não obstante reinar ainda nesse tempo o systema do despotismo, contentou-se em mandar ler dois dias antes do rompimento, uma Ordem do dia em que recommendava união á tropa: remedio não só intempestivo como de todo impróprio da gravidade da molestia, que mais ainda a engravesceu a ponto de já não obedecer ao remedio mais forte pelo retardamento da sua applicação.

Entretanto, rebentou a explosão: e ainda assim mesmo aquelle General obrou como paisano inepto, e não como déstro Militar: mandou o seu Ajudante de Ordens Alexandre Thomaz ao Quartel fazer nma exortação aos rebeldes; e estes em resposta e a queima roupa lha despejaraõ no peito uma carga de chumba da uma granadeira: não se lembrando aquelle bom homem General, *il bon trois fois*; que aquelle momento já não era proprio para usar de moderados meios, como diz o mesino Saavedra—*Quien quisiere enfruellarle (o povo) con una premeditada oracion, perdera el tiempo*. E facito no livro 1.º dos Ann, diz tambem—*Nihil in vulgo modicum: terrere, ni pavcant: ubi pertimnerint, impune contemni*.

Neste estado ateou-se o incendio: e o pobre General apenas se pôde escapar para a Fortaleza do Brum aonde não achou munições de bocca nem de guerra, e aonde passou pelo opprobrio de assignar o Ultimatum adiante transcrito, que segundo nos so pensar nada tem mais ignominioso quanto a sua pessoa, que o elogio que no mesmo lhe fazem os Reverendissimos Patriotas dizendo que: sabião apreciar as qualidades pacificas de S. Ex.

#### ULTIMATUM.

*Dos Patriotas dirigido ao Exm.º Sr. Caetano Pinto de Miranda Montenegro.*

- ” Os Patriotas sabem apreciar as qualidades pacificas de S. Ex., que movido por máus Conselheiros nos queria submergir em todas as desgraças. Nós pelo mesmo respeito a S. Ex. daremos segurança a todos os individuos que o acompanharem, e debaixo da nossa palavra promettemos, que tanto a sua pessoa, como essas outras serão salvas de todos os riscos, e perigos, com as condições seguintes:
- ” 1.º Que a Tropa do Paiz que se acha na Fortaleza do Brum saia com suas armas para se junir ao Corpo que se postar em certa distancia da mesma Fortaleza, no termo de uma hora depois da recepção desta.
- ” 2.º Que um Corpo de Tropas Patriotas entrará successivamente na dita Fortaleza para tomar posse della, em nome da Patria, e este Corpo irá encarregado da protecção da pessoa de S. Ex. e daquelles que lhe forem adherentes, ou o quizerem acompanhar.
- ” 3.º Que os Patriotas lhe apromptarão o mais breve possível para o seu transporte para o Rio de Janeiro, uma embarcação de sufficiente capacidade, naqual S. Ex. será obrigado a embarcar com as pessoas de sua companhia.



" Não sendo admittidas por S. Ex. estas trez condições, os Patriotas declaram, que não responderão mais pelas consequências, ainda mesmo as que tocarem na segurança pessoal de S. Ex., sua familia, e companhia, protestando não admittir nenhuma negociação em differentes termos.

" A resposta ha de ser dada dentro naquella mesmo prazo de uma hora, que se prescreve para a saída da Tropa do Paiz, que se acha na Fortaleza.

" Dado no Campo do Patriotismo aos 7 de Março de 1817.  
(Assignados)

O Padre Astréu.

O Malagueta.

O Aurora.

N. B. Não pozemos os nomes proprios dos trez Patriotas, por não mortificarmos as nobres familias a que pertencem, e que não tiverão culpa dos seus desatinos: porém substituímos com aquellos outros nomes de guerra, de que nos consta ellés usarem nas Esquissas da veneranda *Parlamenta*: mas ralha a verdade.

Outro exemplo não menos estupefahdo quanto na sacrilega rebelião ao Soberano, porém sem igual talvez na história quanto a cruenta ferocidade que o assignalara, cuja memoria horripida faz congelar de dor todos os sentimentos da natureza humana, e o horroroso successo da Villa de Cametá na Provincia do Pará na madrugada do ominoso dia 22 de Abril de 1826, em que aquella Villa ficou alagada de sangue humano esparzido de um grande numero de victimas innocentes massacrados pela voraz atrocidade dos encruecidos tygres da ferina classe sem duvida dos nossos furibundos anarquistas, de cujas intenções daminadas o sanguinoso e pestifero halito tanto ainda nos tresanda e incommoda.

O Exm.<sup>o</sup> Joze Felix Pereira de Burgos, Presidente que então era naquella Provincia, cujas relevantes qualidades e virtudes que o caracterisam e constituem um dos benemeritos e abalisados Brasileiros, não deixou de ter bem fundadas suspeitas das perversas maquinagões d'esses e de outros malvados; porém mahiata-do pela Lei, como seu fiel executor, não podia o Presidente pôr em obra as medidas de prevenção da natureza e do pezo que o caso pedia, sem que ao depois, pelo mesmo crime soffucado, e na frase dos anarchistas, deixasse de ser arguido de haver praticado um procedimento illegal e injusto, e muito mais tendo a medida produzido o effeito desejado: e quem não dirá que em tal aperto sob o systema constitucional a situação de quem governa é peor do que a do triste navegar entre Sylla, e Carybdis?

Destes dois exemplos de caso ainda de tão viva e medonha

lembrança, se pôde muito bem concluir, que se o General de Pernambuco, e o Presidente do Pará seguissem a politica de Barros, e Pinto; se tivessem a tempo tomado medidas energicas e apropriadas, a lei do *Salus populi*; desagradariaõ sim aos ternos Amantes das *Menhinas*, porém certamente teriaõ evitado a furiosa torrente de tantos males e desgraças.

Da mesma forma se pôde tambem deduzir: que os dois Excellentissimos ex-Presidentes do Maranhão referidos, em similhantes circumstancias, não obstante o inconveniente já ponderado, olharaõ sómente para o bem publico, e do Estado, e para a tranquillidade geral; fecharaõ os olhos a tudo o mais; salvaraõ a saúde publica; e n'isto fizeraõ relevante serviço ao Imperador e á Patria; porém cahiraõ na indignação e desgredo dos nossos *Anonymos* e Companhia: dos Farões, dos Observadores, dos Astréas, dos Auroras, dos Malaguetas, dos Mays, dos Vasconcellos, dos Linos, dos Dias, Odóricos, Mattos, Mattusios, Mattutos, e Mattas, dos Cocanelles, Sobrinhos, Tios, e Netos, dos Cabelleiras, dos Canellapreta; Espigas, Ferrúges, Tacões, Casmurros, Gibóias, Sorucucús, Baratas, Macacos, Moscas, Mosquitos, e Zangos, &c. &c. Finalmente de todos os perturbadores e gritadores ou anarchistas cujo elemento vital é sómente a desordem.

E nem os malevolos anarchistas com suas costumadas tergiversações e manhas incidiosas, nos queirão agora increpar ou arguir de que nos regosijassemos com as prições ou incommodos que diversos Cidadãos sofferaõ com as anteditas medidas de prevenção adoptadas, nem que julgássemos ou fôssemos de opinião, que todas as pessoas sobre quem recahiraõ similhantes providencias fossem cúmplices ou mesmo susceptíveis de serem com fundamento suspeitas de maquinações criminosas: a esse respeito muito francamente expendemos nossa opinião no mesmo momento do conflito, em uma memoria que dirigimos ao Exm.<sup>o</sup> Conselho Presidencial, a qual se acha transcrita em nosso N.<sup>o</sup> 16 a pag. 248.

Em similhantes cryses, por mais perspicaz e agúdo que seja o juizo de quem governa, principalmente tendo pouca estada no Paiz, é mui difficil de acertar no verdadeiro conhecimento dos principaes authores do projectado plano: elles ordinariamente costumão sempre ser destes sujeitinhos de expressões pausadas, que sabem com delicadeza tomar o pulso á dubiedade dos acontecimentos; influem a outros entes iguorantes porém audaciosos e menos atilados, como seus instrumentos ou automatos maquinaes, que saõ os que ficaõ sempre na guingorra se o projecto se malogra; e elles chilrando de fóra da moita, como melros de bico amarello.

*Explicação da Charada do N.<sup>o</sup> antecedente—N.<sup>o</sup> 30 Da-ma.*

*Maranhão, na Typographia Nacional, e Imperial. Anno 1829.*



# O CENSOR

MARANHENSE.

N.º 23

*A' Rome les desordres domestiques ou publics étoient reformés par les Censeurs.*

Rollin.

NOVEMBRO DE 1829.

3

RYO DE JANEIRO.

ARTIGO DE OFFICIO.

**F**oi presente a SUA Magestade o Imperador, o Officio do Presidente interino da Provincia do Maranhão, de 4 de Junho deste anno, em que refere o procedimento que tivera com João Antonio Garcia d'Aranches, Redactor do Periodico intitulado —o Censor— fazendo-o por fim embarcar violentamente para Lisboa: e não podendo justificar-se tão incompetente e absoluta medida, pelo exposto no referido Officio sobre a natureza das doutrinas publicadas naquelle Periodico, bem que se indiquem tendentes a destruir a ordem estabelecida, e ainda menos pelo extravagante motivo allegado de ter o dito Redactor atacado a conducta do Marquez do Maranhão, como se fosse defeso por ley o censuralo: Houve por bem o Mesmo Augusto Senhor Desaprovaz tão injusto arbitrio, que descobre em quem o pratica, ou perfeitamente ignorancia dos meios legais applicaveis em taes casos, ou determinação criminosa de atropelar direitos garantidos pela Constituição. E Manda pela Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio

participalo ao dito Presidente interino. Estranhando-lhe mui severamente o haver-se neste negocio por hum modo que só poderia ser aprotado em governo onde regesse a vontade e não a Ley.

Palacio do Ryo de Janeiro em 3 de Setembro de 1825.—  
Esterão Ribeiro de Rezende. *M. E. N. Injuncto*

Cumpra-se, e registre-se. Maranhão Palacio do Governo 2 de Janeiro de 1826. Barros, Presidente.

Continuavamos então vagando em nosso desterro, na dolorosa ausencia de nossa cara familia, quando veio pelas hórridas ventas do nosso insano perseguidor o inteirino Presidente Lobo, a eminentissima Portaria que deixamos transcrita: e que maior triunfo e gloria poderíamos desejar sobre a emissão de nossas doutrinas, tendo até agora seguido o mesmo plano e a mesma constante marcha, do que honrar-nos o AUGUSTO IMPERADOR por via de seu Ministro de Estado dos Negocios do Imperio, com tão enérgicas, expressivas, e justicosas expressões? que maior justificação de nossa inocencia e das puras intenções de nossas doutrinas!

Neste procedimento, o nosso amigo e alentado Lobo mostrou, ou perfeita ignorancia, ou determinação criminosas: tudo possuia: materias estas, e outras similhantes sanfúrrias em que fez seus actos grandes, e se graduou de capêto em Coimbra, com bem empregado dinheiro do seu Paisinho, e com que por desgraça nossa, principiou a distinguir-se no intruso governo desta Provincia, dando mostras de sua jumental capacidade logo na sua primeira Proclamação do—ora-sus: gente ouzada!

Serêmos constantes em proseguir sempre da mesma maneira a bem da concordia, e da cauza publica, e com o mesmo firme caracter, imparcialidade, e franqueza, quando nos parêça que o caso o pede, como agora hum tanto respeito á poeira levantada dos publicos escritos actuaes.

*Procar libertas civitatem miscuit,  
Frenum que solvit pristinum licentia:  
Hinc compiratis factionum partibus.*

*Phedr.*

Eis que, a liberdade petulante  
Perturba a paz civil, quebrando o freio;  
Conspiraõ-se as facções, tudo se inverte.

*Horac. Boar.*



Assim se comportava o Povo de ~~Athenas~~ quando as leys mais justas lhe confirmavão hum imperio o mais florente, granjeando o mesmo Povo em premio de seus loucos e vãos desatinos colocar-se no Throno o Tyrano ~~Pisistrato~~, debaixo de cuja insolencia os infelices A'ticos bem depressa choraraõ a sua triste escravidão.

Similhante loucura indomavel nos parece que estamos vendo em nossos horisontes, na intensa e furiosa guerra literaria dos actuaes periodicos, que com o mais inflamante e desabrido furor dos animos que a móvem, sem a menor consideração nem vislumbres de razão e prudência, nos faria sem duvida temer a furi-bunda catastrophe do total estrago e devastação de todos os elementos da ordem social, se não devessemos considerar que similhante bulha renhida, enjoante, e feia sómente se limita ao fôgo devoradôr da mente exaltada ou delirante e embrulhadora, dos enfurecidos Redactores; pois de outra fôrma, se taes escriptos fossem a expressão do publico, o funesto exemplo da Cidade Cecrópia que acabamos de narrar, seria então infelizmente applicavel ao tedioso estado dos partidos luctadores na massa geral da Sociedade: veriamos em combustão a tranquillidade e o socego publico desta Cidade e Provincia, cujos habitantes deverão conservar sempre viva a pungente memoria dos padecimentos que soffreraõ debaixo da dura tyrania dos governos revolucionarios de 1823 e 1824; servindo-lhes tão vehemente lição não para despartar no peito o resentimento daquellas tristes scenas e animozidades cujos horrores se devem cubrir com o véo do esquecimento, mas sim para se unirem em concordia que he o primeiro bem da Sociedade civil, e saberem melhor apreciar, não só o doce gozo da continuação dos bens que até hoje succederaõ á aquella desgraçada época, (cuja cryse se verificou no fim do governo interino do memorando Lobo) mas tambem as felizes vantagens do benéfico e sabio governo actual do Exm.º Sr. Candido Joze de Araujo Vianna, e fazerem preces pela sua conservação, não procurando incautos, ou inertes, se não ingratos, por suas proprias mãos, sem que nada os satisfaça, a repetição talvez ainda mais funesta, de outros mais que os passados, duros, acérbos, e horriveis males: devendo sériamente temer que lhes aconteça como ás raças da fabula, que não vivendo satisfeitas com a ampla liberdade que gosavaõ á sombra do lenho immovel que lhes fôra dado para regêlas, e a quem encheu de insultos a edionda turba loquaz, novo Rey pedirão a Jupiter potente, o qual em castigo da iniquicia, e da improbidade daquellas nãdantes alimarias, lhes mandou hum Sucurújú que com dente feróz huma a huma as foi tragando, sem que jámais podessem resistir.

lhe, e cheias de medo nem ao menos poderem abrir a boca para queixar-se.

*Tum misit illis hydam; qui dente aspero  
Corripere cepit singulas: frustra necem  
Fugilant inertes: vocem precludit metus.*

26-12-27  
1.º H.

*Servatis servandis:* quando dizemos—a mente exaltada ou dilirante e embrulhadora dos enfurecidos redactores,—fallando em geral, não he nossa intenção atacar os dois illustres Auctores da rutilante Estrella, e do justiceiro Poraqué quando os vemos tão eficaz e louvavelmente empenhados em debellar as pérfidas doutrinas incendiarias e subversivas do tenebroso Parol, esse escriptor das trevas, qual noutro tempo o Argos da Ley, campeão dos perseguidores, e atigador impertinente e barbaro da rivalidade e discórdia; pobre moço, de que temos compaixão! vendido, e ajornalado como he notorio, a hum partido execrando de anarquistas e ociosos perturbadores, huns submersos em demencia, saudosos outros da rapina, e outros da vil perseguição, antropofagos, *buveurs de Sang*, que he o seu elemento vital: mas seria muito para desejar-se (permitaõ-nos esta franqueza) que a etherea Estrella quando promove a união e a fraternidade, e derrama suas vivificantes luzes entre as familias e os Cidadãos, e o peixe undivago quando com seus choques repetidos deixa da Patria os inimigos confundidos, nobres trabalhos a que estes dous valentes Escritores se propozeraõ conforme suas judiciosas epigraphes, seria sim para desejar-se, que o seu exaltado enthusiasmo, que attribuímos nelles ao vigor da mocidade, e zelo ardente pela cauza publica, os não empúxase hum tanto fóra, á Estrella de sua lúcida órbita, ao Poraqué do seu elemento undoso, quando contra a infame corja dando vibrações igníferas huma, est'outro rabanadas pavorosas, além de ferirem outras materias estranhas do nobre plano que proclamaraõ, não borrisassem tambem com suas hysopadas, posto que indirectamente e sem intengões sinistras como acreditamos, á quem está á testa da publica Administração, que não faltassem por qualquer fôrma ao decôro e devido respeito á primeira Authoridade da Provincia; que tratassem ao Exm.º Sr. Presidente com expressões mais respeitosas, e honorifica dignidade que por todos os titulos lhe he devida: que tão irreflectidamente não fizessem de S. Ex.ª instrumento ou jogo ludibrioso nos aspérrimos argumentos em seus furores politicos, indecentemente envolvendo seu Illustre nome em suas contendas literarias; que atentos em seus deveres não sahisses da perfixa classe dos governados, e que respeitassem ou ensinassem a rea-

8 Poraqué e Estrella - contra



peitar melhor a sagrada ordem dos governos, que são huma das partes essenciaes do Corpo politico.

Todos os elementos da Sociedade civil, e relativamente os Cidadãos, devem em seus limites conter-se, pois de outra forma volveremos ao cáho primitivo do—*ante mare et terras*—ou de outra sorte: ao estado da natureza, estado anti-social, estado de oppressão em que domina a ley do mais forte contra o mais fraco: ou pelo menos, he caminhar a'ochlocracia em que os governados aprehendem o exercicio da Soberania e do [governo: tal he o aspecto confuzo e violento da Sociedade, quando os homens desprendendo-se do indelevel lago da moral social, se afastão da prescrita esfera dos seus deveres largando a rédea aos affectos, sem consultar primeiramente a razão: e por isso he preciso não se confundirem os Governados com os Governos: cada hum no seu lugar. \* Todos os excéssos ou exaltamentos do espirito quer em moral, quer em religião, quer em politica em tudo são perniciosissimos ainda mais nos que defendem a boa causa; do que nos proprios inimigos della: e he sómente debaixo deste ponto de vista, que a nossa censura se dirige a respeito dos mesmos dois vehementes jornaes, cujos authores devem dar exemplos de moderação e de ordem, e lições como publicos escritores para que ninguem do povo falte ao respeito, e attente, fóra dos limites de huma moderada e decente censura, ás attribuições e actos das Authoridades constituidas, cujo plano, maximas, methodo, ou Systema, e sciencia de governar a ellas sómente compete, porque sómente ellas são responsaveis ao Soberano que lhes confiou o poder: e não sabemos de donde venha o direito ou alvedrio a hum redactor, ou ao Lourido de Vinhaes de se constituir seu Juiz, ou Mestre grãuito nos preceitos delicados da arte de governar, só porque a Imprensa he livre a todo o escritor cordato, como a todo o bicho carêta.

Além de tudo: quando se trata de combater as doutrinas incendiarias, irritantes, e subversivas d'esse louco e desencabreado rapaz do Farol e seus clientes, que não obstante perdidas de todo as esperanças do quimérico imperio das *Confederadas do Equador*, e do regabofes da communidade de bens, porque tanto ainda suspirão os almas danadas; e elle pertinaz como a mulher da tizourinha, porém como bom jornaleiro, ainda ateima na toleima do exercicio de anarchista para que tem superabundante talento e quéda, forte mania! Senão convém lança-lo antes ao desprezo o que seria talvez melhor, dêsse-lhe como quem dá n'hum boi ladraão, ou apupeselhe como a hum caõ danado, isto he, por via do discurso; não se lhe dê quartel como diz a nítida Estrella, façaõ-no em bôrra os choques repetidos do electrico

Poraquê de maneira, que os seus murroes apenas sirvaõ para graixa das botas do diabo; mas para que he sabir deste plano de campanha, sabir da linha de batalha, e meter-se qualquer a censurar, a reprehender, a interpetrar, e a dididir sobre os actos intenções, e athe o pensamento de quem governa? a dizer stentoriamente e com o maior descôco, se o Sr. Presidente fez bem ou se fez mal; se devia accellar ou não devia accellar o convite que lhe fizeraõ para a celebração dos seus annos ( neste caso discorreu mais directamente a Saõba ) e isto com palavras e termos bastantemente estimulantes, e pouco polidas, como—ninguem as calça que as não borre: devia dizer-lhes—não quero, não posso, não vou lá: &c. &c. e outras chufas extremamente incompatíveis com a dignidade, sisudêz e decencia com que deve ser tratado o Chefe da Administração da Provincia: estílo inteiramente estranho de todo o escritor publico que deseja ser util á Patria, e grangear honorifico nome e gloria. Muito atrasados estamos ainda em literatura, e Politica!

Se tudo quanto pôde offender os sentimentos de qualquer pessoa, he hum libello injuriante; tudo quanto tende a ridiculizar, ou a indúzir o povo á irrisão e desprezo das Authoridades, he hum libello publico incomparavelmente mais offensivo e atroz, consequentemente, he hum acto sacrilego, repugnante, e intolleravel em paizes civilizados. Deixemos porém, e por em quanto este assumpto ao raciocinio das pessoas cordatas, e voltemos á materia.

Seria negar a luz do meio dia, e as trevas da noite não confessar ou conhecer o justo merecimento, o carâcter integérrimo, e as bellissimas intenções (não somos aduladores nem assalariados para mentir) do Exm.<sup>o</sup> Sñr. Presidente actual Candido Joze de Araújo Vianna, quanto permitem os limites de suas attribuições no desempenho de seu oneroso ministerio em todo o tempo que o temos possuido: podendo-se asseverar, segundo temos observado athe agora, que jámais em sua Administração tenha commetido, ou poderá commetter qualquer desacerto, segundo a natureza das cousas humanas, sem que se diga com verdade: que nada fizera izento de Conselho: e tanto não existe duvida sobre o mérito de sua brilhante conducta e reputação, que geralmente se observa fazerem-lhe todos, em todas as classes, e em todas as partes sem a minima exaltação e discrepancia, essa ponderosa e honorifica justiça, de que amplamente deriva a nobre aura popular que S. Ex.<sup>a</sup> possui em grão imminente.

Na flor da idade parece athe assombroso que S. Ex.<sup>a</sup> se tenha distinguido com a mais justificada prudencia, circumspecção, maduro conselho, e paciência na complicadissima tarefa dos



negocios do governo em tempos ainda assáz complicados pela adolescencia do Systema, sendo por isso que já em nosso N.º antecedente a paginas 338 dissemos—*Tornamos por tanto a dizer, que o Exm.º Presidente actual poderá fazer hum governo brilhantissimo, assim o ramos observando, e assim he de esperar até o fim pelas rasoës acima expendidas, e pelas distinctas luzes e virtudes que o condecoraõ, e o que amplamente se deprehende da tenleada, circumspecta, e subia marcha que vai seguindo, tendo além de tudo a feliz vantagem de ser jurisconsulto, requizito não pouco essencial a hum Administrador de Provincia nas actuaes circums-tâncias &c.*

Dissemos entaõ, e dizemos agora: tendo a feliz vantagem de ser jurisconsulto &c.: porque, muito ruim cousa seria em quem governa, e principalmente agora nas adolescentes Municipalidades electivas, e no paz robis das novas judicaturas leigaes da Provincia quando todos os novos Empregados Constitucionaes ( os mais asisados, porque os outros tudo sabem e tudo fazem dando para traz os pés juntos ) de continuo estão pedindo explicacaõs como quem está com os olhos e o entendimento tapados, muito ruim cousa seria na verdade não possuir o Presidente suficientes luzes e conhecimentos nas diferentes faculdades e negocios para nos mais dos casos se dirigir e resolver por si mesmo, ainda que por formalidade e preceitos legaes se veja obrigado a consultar os seus Conselheiros: pois, diz, o Padre Vieira: que a cauza de andar o Mundo taõ mal governado, he de haver muitos Conselhos sem conselho, em que de ordinario se baralhão os metaes, trazendo desencontrados os conselhos e os Conselheiros, sahindo cada qual da sua profissão, e metendo-se, por exemplo, o Soldado a votar nas letras, e nas materias de Religiaõ: o Theologo nas armas e na guerra fazendo planos de campanha, e ao mesmo tempo compondo sermoes sobre as pomposas bases de huma republica, e citando textos dos doutores da sua Igreja Franklin e Rousseau: o Letrado na navegaçaõ e marinha: o Piloto na jurisprudencia e nas leys: o Medico no commercio de canquilhaes: o Negociante na Theologia, na moral, e nas regras de consciencia: o Matuto na politica e em finanças: o Lavrador nas impbortancias e negocios do Estado: o Artifice em medecina e cirurgia &c.: e os Rapazes da sucia apenas instruidos no jogo da bilharda e do peão, a modo de fallar, elevados de salto a Vereadores por graça da Constituiçaõ e do Suborno, votando nos regulamentos municipaes, e a torto a e através decretando profuzamente rigorosas prizoões, avultadas coimas, e posturas ou imposturas extravagantes e inexecutaveis, que em vez de fórmarem o estatuto de hum policiamento considerado, commodo, e

previdente a bem do povo e da Cidade, pondo pelo contrario quasi tudo no maior gravame, confusão, barulho, e desordem. (1) Além de que o espirito da mentira, o vil interesse e a intriga torpe trabalhão muito por se introduzir em taes assembléas, sendo por isso que o Rei Acab encontrou no seu proprio Conselho os meios da sua perdição, fazendo os seus conselheiros, que eraõ os Profetas, porém profetas falsos como por aqui temos muitos, com que elle acabasse com a vida e com a Corõa na guerra de Ramoth: mas voltemos ao fio.

Se he pois amplamente manifesto a todas as luzes, como ninguém com verdade poderá negar; que o nosso actual Exm.<sup>o</sup> Presidente o Sr. Candido Joze de Araujo Vianna (não somos aduladores nem assalariado para mentir) tanto se tem esmerado e esmera no promovimento do bem geral da Provincia, e na paz e sossego dos habitantes, dando assás não equivocas provas do seu zelo patriotico, e amor e fidelidade ao AUGUSTO IMPERADOR, fazendo-se tão dignamente merecedor da sabia escolha que S. M. I. fizera de sua illustre pessoa e capacidade para o intricado governo desta Provincia; se S. Ex.<sup>a</sup> possue todas as qualidades essenciaes para o bom desempenho, tornamos a dizer, do complicado cargo que peza sobre seus hombros valentes; se nós todos tão claramente estamos vendo que S. Ex.<sup>a</sup> na imparcial, sabia, e circumspecta marcha que vai seguindo, sómente se decide pela ley, e pelos sabios dictames da politica, combinando segundo as circumstancias, sabias providencias nos casos fortuitos ou embaraços em que a ley não provê, sendo digno de admiração pela grande assiduidade e paciencia com que está de continuo dando explicações aos empregados novigos de

(1) Ainda que este periodo, não obstante por idéas geraes, pareça ser allusivo á Illm.<sup>a</sup> Camara actual, com tudo, resalvamos n'essa epothese a dignidade e merecimento de alguns poucos Membros della, entrando neste pequeno numero o Illm.<sup>o</sup> Presidente da mesma o Sr. José Alexandre Ferreira Bayma a quem demos o nosso voto persuadidos que o mesmo Brasileiro por sua conducta he merecedor do lugar que occupa, no que muito nobremente corresponde á bella educação, honra, e gravidade homogeneas de sua illustre Familia que muito conhecemos e respeitamos. Não se podendo todavia tolerar que na mesma Corporação, pelo escandaloso suborno, e maquinação criminosa das eleições existão alguns Membros ineptos e futuos da classe dos amphibios, e algum de quem o melhor Pintor e o melhor Poeta poderião copear todos os talhos e todos os rasgos para formarem o verdadeiro retrato da enormissima estupidez ou da maldade, que em nossa opiniaõ são synonymos.



todos os lugares da Provincia, quebrando a cabeça com elles com tanta benignidade como quem lhes está ensinando o A. B. C., liçoës em que S. Ex.<sup>a</sup> tanto se multiplica e afadiga como se vê de seus numerosos, prudentissimos, e discretos Officios e Portarias, além de outras couzas minunciosas e enfadonhas de que não pôde eximir-se para dar honrosa conta ao Soberano da enormissima carga que lhe impuzera; que com summa prudencia e bondade afavel não dá calôr, e antes amaina, dissuade, e a paga os indiscretos indicios da rivalidade de huma e outra banda; que não dá accêssão á intriga sanguinaria dos embusteiros; que não se deixa iludir nem adormecer dos subtils estratagemas da epocrysia e do engano dos falços aduladores setembristas; (*servatis servandis*) que não adopta as ardilosas idéas e sinistros conselhos dos mentecaptos e falços democratas; &c.

Se estamos vendo que o Sr. Presidente como preclaro Brasileiro, politico, sabio, e probo abomina e sincéramente detesta como bem se observa, o louco prestigio que em muitos coraçoës jaz pertinazmente arraigado das execrandas MEDIDAS GERAES germanas do nefando e sempre abominavel Conselho Militar de 29 de Margo de 1824, e seus dois filhos primogenitos *Editaes* de 1, e 2 de *Abril* do mesmo anno, em que a antropofagia sem exemplo, dos canibaes subio ao mais elevado ponto de refinamento, mandando dispersar os europeos (seus progenitores e irmãos, aliás seriaõ cáfres) *pelos diferentes districtos da Provincia*, isto no tempo em que *João Bunda* e outros verdugos seus patricios e amigos como lhes chamava o cara d'asno republicano de cabeça louca redactor exegético da memoranda Proclamação do, *ora sus*, andavão esquartejando e cassando aos infelizes europeos, como a veados, cutias, e páccas; ó vergonha da especie humana! invengão e doutrina infernal dos governos revolucionarios daquelle tempo, e seus devotissimos adherentes de medonha e horrenda memoria, (de cujo esquadrão edeondo, posto que hoje em retirada debandado, he seu estandarte o *Farol*, e seu Arauto ou Passavante, a *Cigarra*) e fonte venenosa, impia, e terrivel das desgraças e atrazamento desta Provincia.

Se estamos vendo dizemos mais, que além de tudo isto, o Snr. Presidente em respeitosa e prompta observancia do § 4 do Art. 6.º, e do § 14 do Art. 179 da Constituição do Imperio, e mesmo pelos sabios dictames da Politica, indifferente ao lugar do nascimento não distingue em suas informações ou Provimientos para os Empregos, os Cidadãos Brasileiros mais que pelo merecimento e virtudes de cada hum, e nesta linha de conducta dando a todos igual estima quer sejam de cá quer sejam de lá; se estamos vendo que S. Ex. na marcha circumspecta, imparcial,

B

*Sot Cigarra - arauto ou  
passavante do Farol.*

serena, e grave que tão felizmente vai progressando, se não afasta destas acertadas e sabias maximas verdadeiramente constitucionaes que unicamente devem servir de regra aos benemeritos Brasileiros escolhidos para os ponderosos Cargos, com que a pâr da união e concordia dos Cidadãos, sabiamente promovidas, se pôde sómente conseguir o engrandecimento e a estabilidade do Imperio Brasilico: &c.

Se tudo isto finalmente estamos vendo, como na verdade não só vemos mas experimentamos e gozamos, e que para maior cumulo do feliz socego e segurança dos habitantes da Provincia, vemos tambem reinar a mais bella intelligencia e harmonia entre o mesmo Exm.<sup>o</sup> Sr. Presidente, e o Exm.<sup>o</sup> Governador das Armas o Sr. Antonio Eliziário de Miranda e Britto, os quaes bem longe de consumirem o precioso tempo em pueris, e inuteis controversias sobre tratamentos, e etiquetas d'excellencias, senhorias, ou vocemecês, quiméras e vaidades lastimosas das cabeças abstractas dos navegantes lá dos vastos entremundios de Epicuro; materias fúteis que nada influem a bem, da marcha ordinaria do Governo, e antes dando elemento á discordia turbulenta com detrimento, ou rizo do publico; parece, que SS. Ex.<sup>as</sup> pelo contrario, sómente incançaveis no publico bem, concordemente se deoaffiã apenas na presteza de cada qual melhor ha-de preencher os deveres de seus respectivos Cargos: pelo que se fazem emminantemente dignos do Agrado e contemplação do AUGUSTO IMPERADOR, como tambem credores do sincero reconhecimento e perpetua gratidão de todos os bons habitantes desta Provincia.

Por tanto: se vemos, experimentamos, e gozamos tornamos a dizer, como na verdade assim acontece, tão bellas disposições, e tão felizes resultados da benéfica, sabia, e solícita Administração do Exm.<sup>o</sup> Sr. Candido Joze de Araujo Vianna, não havendo mais a temer, segundo o melhoramento das actuaes circumstancias, esse resto errante ou debandado de gafanhotos zunidores, rampiros, freneticos anarchistas esganigadores esfaimados, inimigos despresíveis do Ministerio, e do Throno; que mais temos a desejar? O que he que nos falta? Será talvez a Cobra que nos traguejou devore?... Bastantes estão afiando o dente venenoso: he preciso termos juizo e união: se estamos bem; a que preposito se abrem nesta Cidade as portas do Templo de Jano?! A que preposito se abrem os diques da mais estrondosa e destemperada guerra literario-periodical, vindo tambem meter-se no meio da bulha ao cheiro das iscas huma Cegarrêga aventureira, precursora do Azurrague ou do Ante-Christo, com o papo cheio de huma massagada indigesta de quim, de farêlos, e de bôrra de tudo quanto he ineptia e parvoice?! Ou aliás de tudo quanto he essencia de patifaria, e depravidade!!! Surgindo quando deviamos



gozar do socego e paz, hum espesso cardume de novas invectivas, embustes, e zurradeiras novas—*inimigos da Constituição, Miguelistas, &c.* e como diz o 4.º N.º da *noçibunda Cigarra*, 40 Absolutistas: e a gram páta que os pôz! (não pôde haver paciencia e sizudêz para suportar tantos desatinos ou dilirios) não fazendo esta epidémica alluviaõ de folhas volantes qual medonho bando das arpias immundas sujando a meza do troyano Navegante, mais que meter nõjo a todos, accender as animozidades, e espalhar entre os habitantes incautos da Provincia a desconfiança e os recêios, perniciosos elementos da intriga e discordia, em vez de lançarem mão de todos os meios conducentes a promover a conciliação e concordia, (unico meio de não hir a Constituição á garra) como muito judiciosamente diz e aconsella o *Inimigo das rivalidades*, no N.º 21 da Estrella—*Que os Periodicos devem fazer ver a todos os Cidadãos, que não devem conservar entre si rivalidades nem devizaõs de qualidade alguma; que se unão mutuamente, e que sustentem o Governo que nos rege em toda a sua magnitude, &c.*

Com muito boa rasaõ nos devemos todos estimular a seguir taõ proveitoso e prudente conselheiro: conspirando as rixas, as discordias, e rancõres sòmente contra os inimigos externos quando se levantem: e Cidadãos contra Cidadãos sò devemos contender em virtudes, imitando o heroico e nobre Povo da antiga Roma, como do mesmo diz Sallustio, *in bello Catilinari: Jurgia, discordias, simulates cum hostibus exercebant. Cives cum civibus de virtute certabant: &c.*

E pois que o Exm.º Sr. Presidente, tornamos ainda mais a dizer, taõ incançavelmente, e solicito se empenha em promover o bem e o socego geral dos habitantes da Provincia, sendo Amigo fiél do AUGUSTO IMPERADOR, e sem reserva como estamos bem persuadidos; devemos todos com animo sincêro evitar-lhe odiosas e peizadas occasiões de desgostar-se e aborrecer-se de sua necessaria residencia entre nós: e não dar-mos motivo a que S. Ex. pérca em seu conceito o bom nome que o povo desta Provincia, á excepção de meia duzia de intrigantes, a bem dizer, motores das passadas desgraças, tem sempre merecido de todos os bons Governos della: unamo-nos todos a elle com puros coraçoẽs; e com procedimento regular cada hum em seus respectivos deveres, como já dissemos do Exm.º Barros em nosso N.º 3.º a paginas 29—*Suarizemos suas fadigas na longa tarefa prolixa*—Devendo já de huma vez, pois que tem cessado o motivo, pôr-se termo ao vergonhoso excêso, e arraigado costume de se manifestarem mais do estado politico desta Provincia, lugubres idéas. De maneira que se não fallar-mos em alguma confuzaõ das

novigas Judicaturas, Conselhos, e Camaras, e em algumas mortes que alguns Scelerados vagabundos tem perpetrado nos districtos da Provincia principalmente depois que de lá se mandaraõ retirar por resolução do Conselho Presidencial, os *instrumentos da oppressão*, sobre que fallaremos em outro artigo, e vogaõ por toda a parte as asneiras dos Juizes de Paz, (*servatis servandis*) e depois que o louco partido republicano, ou dos patétas, ficou descorçoado òa de garrotinho pela paz do Sul, vira-volta do *adorado Bolivar*, (*forte maroto!*) e *fragata de guerra* no porto desta Cidade ás ordens do Exm.º Presidente (*forte quizilia!*) goza o Maranhão e gozará do mais bello socogo e segurança publica á sombra da vigilancia eficaz e fadigas do Exm.º Presidente, e do Exm.º Governador das *Armas* como temos por mais vezes dito; e os Periodicos, synonymos da palavra, *intriga, desaforo, descompostura, malignidade, insulto, enredo, embuste, perfidia, calumnia, sacrilegio, embrulhamento, e anarchia*, como já dissemos no principio do nosso N.º 21, (*servatis servandis*) se bem se atender á sua frase, desviando-se do nobre caminho que deviaõ seguir, isto he, em vez de difundir a illustração e as luzes nos Cidadãos amigos da Patria, e brandir crueis rabanadas sómente nos lombos dos inimigos d'ella; e não devendo meter-se a interpretar os actos politicos do Governo, em que parecem hereses; vão manifestar ao longo, e principalmente a quem não souber o que são periodicos em Paizes leigos de literatura e politica, vão sim manifestar escancaradamente ao longo que existe nesta Provincia huma luta obstinada de partidos dessolantes entre os Cidadãos, e que estamos em completa anarchia, e desordem: e o mais he que todos elles, prégando o susto, e infundindo temores, concordão ao mesmo tempo, que o Exm.º Sr. Presidente Candido Joze de Araujo Vianna, he cheio do mais solido merecimento, que a sua Administragaõ, he imparcial e justiceira (o que he purissima verdade) e que tudo vai bem debaixo de seu solicito Governo.

Ora quem poderá tolerar de sangue frio similhantes contradicções, ou mexórdia de letra redonda taõ enjoante e embrulhada pertinazmente espremida do suco esteril de cabeças taõ óccas ou debelitadas, que pençoõ que he o mesmo que jogar o dado e o Woltarete; pegar na pena, e pôr-se a escrever em politica, imprimir, e publicar?!

Preguem com todos os Redactores, e a nós tambem, apezar de sermos pó, fumo, e nada, como nos classifica e honra o mansuetto e polido Redactor do escorregadio Poraquê em seu N.º 11, (2) preguem com todos na casa dos orates, ou no Corpo de

(2) O Sr. Redactor anonymo do Poraquê, quem quer que seja, ha-de perdoar-nos: mas além de outras chincadas, parece fan-



Artilheria como muito proveitadamente fez ao Farol o Exm.<sup>o</sup> Marechal Pinto de honroza memoria excepto para patifes, e anarchistas, preguem lá com todos os periodiqueiros, e com bem pouca mais; *eu te fico*, que será huma maravilha o socego e tranquillidade publica em toda a Cidade e Provincia. Mas voltemos ao sério.

Se esta fervente, e nauzeante guerra de papel e tinta dizemos, se não limitasse somente ao incendio devorante das esque-  
tadas cabeças dos nossos Redactores e dos seus Correspondentes anônimos, (*seratis servandis*: pois que não se pôde negar que são sublimes escritos pela sua elegancia, facundo e corrente estilo, verdade em tudo o que dizem, com muito sal, e agudos conceitos, as Correspondencias do ~~China~~, e ~~Sauba~~, e parecem produções do mesmo genio; que suposto são debaixo do anônimo, que nos he repugnante, porque todo o Cidadão deve a bem da Patria dizer sem mascara e com valentia os seus sentimentos; com tudo, neste cazo tem lugar como pancada de Cégo, na cabeça dos insolentes: e a mistura do ridiculo não he desaprovada por grandes sabios: e nem hum Escritor por muito sizudo que seja pôde jámais com estilo sério combater a vil Canalha) deveriaõ os bons Maranhenses sem duvida temer que o Sr. Presidente enjoando de governar hum povo tão inconsequente e variavel, procurasse todos os meios de retirar-se, já pelo nobre pretexto de hir tomar assento na Assembléa Nacional como Deputado, ou já solicitando do AUGUSTO IMPERADOR sua Dimissão, fazendo-se depois á vela na Fragata, e deixando-nos entregues ao nosso infeliz destino, e a novas desventuras, (o que nunca seria de esperar de sua consumada prudencia, probidade, e patriotismo) não que podessemos receiar que S. M. I. e seu illuminado e sabio Ministerio se enganasse na escôlha do novo Presidente que nos mandasse, pois se bastantes patifes se tem dado a conhecer na Assembléa e fora d'ella, para desprezalos, outros muitos Brasileiros tem benemeritos tambem dentro e fora d'ella, imitadores ou imitados das virtudes e merecimento do Exm.<sup>o</sup> Sr. Candido Joze de Araujo Vianna, e dos Ex.<sup>mos</sup> Barrós; e Pinto, que muito dignamente podessem succedelo no Governo da Provincia; mas porquê poderia facilmente acontecer, que outro qualquer que fosse nomeado, vendo a odioza renominada de

fúrria a generalidade com que, exceptuando 5, ou 6 Periodicos do Imperio amantes da boa causa, inclusive sua mercê ou Senhoria, em seu N.<sup>o</sup> 11 a paginas 52, n'um momento reduz a pó, fumo, e nada todos os outros jornaes: alhe gabando-se a si primeiramente que aos outros Colegas!!! quanto a nós não depende meramente da sua penna, o nosso credito. Ergo: rosas.

proceder do povo desta Provincia (na dita epothese) e a recuza ou repugnancia de S. Ex.<sup>a</sup> na continuação do mesmo Governo, tudo isto a pár dos infames ultrages com que os mutinos ou anarchistas tem tratado a seus Illustres Antecessores os Ex.<sup>mos</sup> Barros, e Pinto, poderia sim facilmente acontecer, que outro qualquer que fosse nomeado, á vista de semelhantes exemplos, não acceitasse: e no entanto, quem nos diz, que por graça das eleições ultimas da Cambada, lá para Mayo vindouro não salte ao Poleiro algum Vice-Presidente de circular semelhante, estúpido-malecolo, que pertenda fazer-nos o mesmo que ás loucas raãs fizera o tremendo, escamôzo, e horrífico Sucúrjúj, que foi pregando com ellas huma a huma todas no papo?!!! ergo: rozaz.

Ainda que tudo quanto temos expellido a respeito da Administração do Exm.<sup>o</sup> Sr. Presidente Candido Joze de Araujo Vianna, seja a todas as luzes a expressão da verdade, sentindo não poder-mos reservar para o dizer sómente em sua auzencia como temos feito de seus Illustres Antecessores, quando não ha que temer nem que esperar, porque muito abominamos a tachá de lizongeiros; não deixamos com tudo de reear, que possam haver alguns genios exaltados ou superficiaes mesmo de boa fé, que pelo menos em seus pensamentos, nos censurem talvez de alguma inexactidão, ou de exagerados, nos elogios de S. Ex. por não notar-mos com imparcialidade, alguma falta que S. Ex.<sup>a</sup>, não obstante suas bellissimas intengões, talentos, e luzes, mas como homem possa ter commettido, ou qualquer couza que na barafunda dos negocios lhe possa fortuitamente ter escapado, ou em que factivamente se tenha equivocado: por exemplo: (e parece que estamos ouvindo dizerem-nos.)—além de outras couzas de menos entidade; duas de transcendente importancia, que vem a ser:

Primeira: ter S. Ex. por sua Portaria de 19 d'Junho p. Mandado retirar dos diversos Districtos da Provincia as Correntes de ferro que allí serviaõ para segoranza e condução dos facinorosos, não havendo naquelles logares casas de prizaõ ou Cadêas, nem se poderem conduzir á cortezia cúmplices de crimes enormes, sem grande risco de assassinarem a seus Conductores, e fugirem quando o não possam fazer de outra maneira, como continuadamente tem acontecido: tendo-se, depois de semelhante medida, e da dissolução dos Commandantes Geraes, por aquellas paragens, perdido o respeito e o temôr, e crescido com espantoso progrêssos os assassinios, e os roubos, de que tem chegado frequentes noticias, e com tanto descaramento tães maleficios, que até em Vianna no dia 8 d'Setembro p. se fez huma morte horrozoza n'um soldado, mesmo nas barbas do Exm.<sup>o</sup> Governador das Armas desta Provincia,



*Antônio  
José  
Chadaya*

em que elle agora se podessem prender os aggressores, pois que athe querendo-se mandar immediatamente huma diligencia de Milicianos sobre elles. consta que não apparecerão armas, por se terem mandado recolher para esta Capital, por ordem superior, em consequencia do Systema que *felizmente* nos rege: &c.

Segunda: a espantosa impunidade da publicação de alguns escritos incendiarios e subversivos, que parecem apostados a perturbar de todo, o bello socego que gozavamos nesta Cidade, e a ordem publica: com demaziado e nunca visto escandalo o periodico intitulado *Cigarra*, sendo seu Redactor hum desprezivel e esfarrapado Estrangeiro chegado á pouca a esta Cidade, aonde se constituiu o orgão e instrumento de huma manada ou quadrilha de anarchistas da ordem estúpida e baixa, mesclados com hum, ou dois ou trez de engenhos mais subidos da ordem dos falsos oráculos, tudo pertencente á caterva debandada do velho esquadraõ Brucino, porém que no auge de sua desesperaçãõ ou demencia revoluçãoria, lançaraõ mão deste ultimo recurso para nutrirem ainda as moribundas esperanças de seus negros e nefandos fins: inculcando-se aliás, os mesmos perversos: conciliadores, e moderados, e muito amadores de S. Ex.<sup>a</sup>, e do Amabilissimo IMPERADOR, (*sic valeant ut farina sunt!*) porém metendo lenha e mais lenha ao forno por via da mesma esgalgada e motinadora *Cigarra*, parto metamorphósico e ediondo da sepulcral crysalida do alagartado Parol. E pois se no Rio de Janeiro apparecendo o Cavalleiro Chapuis estrangeiro revolucionario de officio e genio, posto que dotado de talentos; e este titilario *Cigurreiro* muito ignorante e patêta, porém intrigantes e malvados ambos; se no Rio de Janeiro foi mandado pôr fóra immediatamente aquelle intrigante depravado que alli *tambem* redigia hum periodico, intitulado-se—*Cidadão do Mundo*,—ou Cosmopolita; porque rasão o Sr. Presidente não ha-de *tambem* pôr fóra desta Provincia, e para fóra do Imperio, a este perverso *tambem* estrangeiro que aqui se veio inculcar—*Procurador de alguns Portuguezes*: (e que taes devem ser os seus clientes!) e que para ser com rasão abominado, corrido, e apupado este errante Aventureiro blasfêmo infêsto, basta vir entre nós, em seus inflamantes escritos, além de amotinar o povo incauto, e chamalo á sedicãõ, não só injuriar, e praguejar a sua Patria, e o seu Rey, porém mesmo quando falla no Augusto Nome do Nosso Immortal Imperador, não o profere de outra fôrma senão—o Pedro cá o Pedro lá: &c. veção-se os seus N.<sup>os</sup>: e por effeito de seu lethal veneno, generalizando sempre como synonymos o impio nome de *tyrano*, e *déspota*, quando geralmente falla de todos os Monarchas, a quem dirige sacrilegos tiros de composicãõ dos novos Philosophos, e dos

nossos escritores anarchistas inimigos todos implacaveis da Religião, e dos Thronos, e consequentemente de toda a ordem social; como se observa em sua nova epigrapha estropeada; em que bem claramente se descobrem suas negras intenções infernaes—

*Da liberdade a arvore, não florece;  
Sem que o sangue dos Déspotas a regue.*  
Garret.

Assim o diz o bruto sanguinario!!!

Porque rasaõ, he para saber-se; a bem da tranquillidade geral, e do respeito, e segurança do Throno do nosso Imcomparavel e Augusto Imperador; porque rasaõ o Sr. Presidente não bota daqui para fóra e para fóra do Imperio, sem perda de tempo e de minutos, como na Côte talvez por muito menos, se fez ao perverso Chapuis, a este indigno Estrangeiro, revolucionario intrigante, perturbador, e malvado, vil instrumento, expressão, e portavoz da infima bôrra dos Brasileiros degenerados!!!!

Para outro N.<sup>o</sup> satisfaremos ás duas questões supra, com aquella circunspecção que pedem objectos tão sérios.

*Para desagrato publico ou desabaço da virtude ultrajada pelo espirito da depravidade.*

Entre as ascôrozias enormidades que apparecem no Periodico Cigarra, chamando os povos á sedição, ao tumulto, ao crime, a dar pancadas com cacêtes de sucupira, &c. he tão revoltante o periodo de seu N.<sup>o</sup> 3, a pagina 13, linha 38,—Pinto, hum homem leigo, e rustico, &c. isto pronunciado por hum vil Estrangeiro, a respeito de hum Marechal do nosso Imperio, hum Varão cheio de virtudes, e consumado em Sciencias; e tolerar-se de frio humor, semelhante blasfemia! parece o mesmo que ver apedregar impunemente os Templos, demolir os Altares, e profanar, e desacatar o Santissimo Sacramento. Alem de tudo isto: não he menos detestavel o escandaloso insulto que naquelle infame escrito digno da execração publica, se faz ao Religiozos Regulares de Santo Antonio, e com especialidade ao exemplarissimo Padre Mestre Fr. Francisco de Maria Santissima das Dores, cujas qualidades distinctas e collocarião talvez na Ordem Episcopal, se ao Augusto Imperador chegasse a noticia de seu sublime merecimento e virtudes.

Na pag. 352 linha 9 deve ler-se—discretamente a Saúba.—

Maranhão na Typographia Nacional e Imperial. Anno 1829.



# O CENSOR

MARANHENSE.

N.º 24

*A Rome les desordres domestiques ou publics étoient réformés par les Censeurs.*

Rollin.

MAYO DE 1830.

## REFLEXÃO.

**S**ENDO o objecto da principal materia deste N.º, rebater o arrogante, estólido, e injurioso ataque com que, passado bastante tempo por nos termos privado de ler periodicos, por acaso, nos vimos personalizados na Estrella e Poraquê, em que serão combinados estes dois campeões do jornalismo, como se vê de sua coincidência tanto no erro da citação que ambos fizeram do nosso N.º —21, em lugar do 23—, como do plano de vil intriga, quasi uniforme na tática do combate pueril que ambos nos fizeram: e como não existão presentemente em scena os proprios Redactores daquelles dois Periodicos; e por isso possa haver quem diga ser cobardia fazermos agora esta publicação, como quem malha em homem deitado; respondemos: que tendo nós sido maculados, principalmente na Estrella, em pontos de que muito se resente e offende o nosso amor proprio, reputação, crédito, e caracter; com o nosso silencio a tal respeito deixaríamos sem duvida prevalecer a nossa infamia, no conceito do Publico: mas, nos offerecemos com toda a franqueza a publicar em nosso Jornal, qualquer escripto que os mesmos Redactores, de onde quer que estiverem, ou algum de seus

Colaboradores anônimos, ou Amigo, nos queirão enviar, que destrua sem sophisma, as nossas razões, e os fundamentos do nosso desaggravo.

### OUTRA REFLEXÃO.

O nosso Jornal, ainda que não nos comprometemos nunca dallo em períodos certos, sahe quasi sempre depois de grandes intervalos de tempo o que pôde ser reparavel, porque, não tendo nós Assinantes, nem os querer-mos nunca por não sujeitar-mos nossa doutrina a vis contemplações da parcialidade nefaria, odiosa e repugnante qualidade essencialmente opposta a quem deseja escrever, e manifestar sempre verdades puras: e porque os Assinantes ordinariamente quando se não escreve a seu gosto e modo de pensar, não continuão suas assinaturas, e chorão o dinheiro perdido; e mesmo porque assim o permite ainda a falta de luzes no Paiz; haver pouco quem lêa papeis que lhe custem dinheiro; (e elles aqui na verdade pouco zalem) sómente mandamos imprimir quando nos urge algum motivo mais eficaz, e se nos proporciona commodidade de fazer essa despesa: levando o satisfatorio interesse de distribuir muitos N.ºs gratuitamente pelos nossos Amigos.

Humas palavras á Estrella: e ao Porquê, o quinhão que nas mesmas lhe tocar.

.... exploranda est veritas multum, prius  
Quam stulta prave judicet sententia.

Phedr.

**B**EM como arrastados a hum duro sacrificio, neste momento pegamos na penna, para rebater hum excesso de improbidade, que de combinação com o Redactor do Porquê, com nòsco insananamente praticou o Sr. Redactor da Estrella em seu N.º 28 de 9 de Janeiro do corrente anno, e que á poucos dias em fins de Abril, em rasão do retiro a que nos tinhamos entregado, fugindo hum pouco do bulicio da Cidade, tivemos por acaso a primeira occasião de lêr, e pouco antes a seu confrade o N.º 18



do Poraquê: pois que bem mal parece entre escritores publicos que caminham ao mesmo fim, e de boas intenções posto que por diferentes caminhos, e mais vagarosos huns, e apressados outros, gastar-se o tempo em controversias pueris e odiosas, que nada tendem ao bem da Patria.

Em nosso N.º 23 fizemos nós huma tal ou qual censura aos Periodicos em geral a que podesse congruir, ou fosse adequada: e em particular aos dois a cima referidos á cerca de alguns pontos de suas doutrinas em que desconcordamos, por nos parecerem oppostas em certo modo, ainda que de boa fé, á ordem regular da Sociedade civil, segundo a sua instituição primordia, que devemos promover, e não enervar.

A nossa primeira censura no dito nosso N.º, e no primeiro periodo, podia comprehender em geral não só aquelles dois como a todos os outros Periodicos, e podia tambem não comprehender a todos, e sim alguns, bem como a todos os outros Cidadãos a quem exortavamos, que soubessem apreciar as felizes vantagens do benéfico Governo do Exm.º Presidente Candido Joze de Araujo Vianna, e que não abuzassem da liberdade como o Povo de Athenas antes de Pisistrato, para que lhes não acontecesse como ás raças da Fabula: e a nossa doutrina a semelhante respeito era do Sabio e venerando Mably, de Raynal, e tambem de outro grande profeta Politico dos nossos dias, o eminente Jurisconsulto Doutor Vicente Joze Ferreira Cardozo da Costa, nosso Mestre, que aconselharaõ sempre aos Cidadãos em commoções politicas—Sede livres, se o sabeis ser; e sabei ser livres, se o quereis ser—A nossa energia talvez fosse excessiva na expressão: mas fallando hypotheticamente em geral, a ninguem podiamos offender destintamente: e se os dois Snrs. Redactores em que fallamos, lhes serviraõ algumas carapugas; com juizo, e perfeitamente com juizo, não se deviaõ queixar do fabricante que as tecêra.

Diziamos mais em summa, e sem espirito algum de má vontade, ou desatenção para com os mesmos dois Redactores a quem respeitamos: que seria muito para desejar-se (permitindo-nos a nossa franqueza) que o seu entusiasmo, que attribuia-mos nelles ao vigor da mocidade, e zelo ardente pela cauza publica, (supposto o Redactor do Poraquê seja anonimo, julgamo-lo inoco pelos seus verdes escriptos) os não empuxasse hum tanto fora de suas orbitas, além de outras materias, no que tocava ao tratar o Exm.º Presidente com mais decôro, respeito, e honorifica dignidade que lhe he devida como á primeira Authoridade da Provincia: ligões que os Escriitores Publicos, sendo probos e discretos, a bem da boa ordem devem ao Publico ensinar

com sua doutrina, e com seus exemplos: pois viamos com tédio em seus escritos, o Illustre nome de S. Ex.<sup>a</sup> borrifado de expressões e termos assás desatenciozas, e indecentes.

Diziamos: que os Cidadãos devem conter-se em seus limites: que os Governados não devem assaltar as attribuições do Governo, nem faltar-lhe ao respeito: porque taes procedimentos sediciosos são effeitos da ochlocracia, e esta, desconjuntando todos os eixos da Maquina Politica involve os homens no tenebroso estado de anarchia horrivel: que todos os excêssos ou exaltamentos do espirito quer na moral, quer na Religião, quer na Politica em tudo são perniciosissimos: e que era sómente de baixo deste ponto de vista, que a nossa censura se dirigia a respeito daquelles dois vehementes Jornaes, cujos Authores deverião dar exemplos de moderação e de ordem, e lições como publicos escritores, para que ninguem do Povo faltasse ao respeito e attentasse, fóra dos limites de huma moderada e decente censura, ás attribuições e actos das Authoridades constituidas, cujo methodo ou systema de governar a ellas sómente competia, por serem ellas sómente responsaveis ao Soberano que lhes confiara o poder: e que não sabiamos de donde viesse o direito ou alvidrio a hum Redactor, ou a qualquer pessoa da plebe, de se constituir seu Juiz ou Mestre gratuito nos preceitos delicados da Arte de governar, só porque a imprensa he livre &c. &c.

Diziamos tambem, e por ideas geraes: que como se tratava de combater as doutrinas incendiarias de alguns Periodicos; e que se não convinha lançalos antes ao desprezo, o que julgavamos mais acertado; que embora se lhes fizesse guerra e mais guerra com todo o fogo e metralha do discurso, sem descomedimento da rasão, e até que se lhes não desse quartel como dizia a nitida Estrella: que em fim os fizessem em bôrra &c. mas, que nos parecia que não deviaõ salír desta conducta e linha de batalha, e metereq-se a satyrisar, repreender, interpretar, e decidir sobre os actos, intenções, e até o pensamento de quem governa: a vociferar inconsideradamente e com impudencia, se o Sr. Presidente fizera bem ou se fizera mal, se devera ou não devera acceitar o convite que lhe fizeraõ para a celebração de seus annos: &c. o que se via escrito nbs mesmos Periodicos que censuravamos, com palavras e termos estimulantes, e pouco polidas, ou antes indecorózas, como — *ninguem ás calças que as não bórre: (fallando com o Sñr. Presidente) devia dizer-lhes — não quero, não posso não vou lá* &c. &c. e outras chufas inteiramente estranhas da dignidade, sizudez, decencia, e respeito com que deve ser tratado o Chefe da Administragaõ da Provincia, e todas as Authoridades constituidas: estilo em demasiado estranho de todo



o Escriitor publico que deseja ser util á Patria, e grangear honrífico nome e gloria.

Depois disto: discorriamos em geral no referido nosso N.º sobre a Administração do Exm.º Presidente actual Candido Joze de Araújo Vianna, mostrando quanto em nós cabia, o bem que resultava á Provincia do seu benéfico e temperado Governo, e o quanto era para admirar na sua idade, a justificada prudencia, circumspecção, maduro conselho, e paciencia na complicadissima tarefa dos negocios publicos, na conjuncção em que o Systema Constitucional se achava ainda na sua adulescencia. (lamentando nós, e ainda hoje em particular, a estreita situação de S. Ex.ª na difficil navegação da barca de que lhe foi confiado o leme: porque, apezar da sua forga, e pericia, sabe Deos o quanto lhe terá suado o topete por se achar feit Juiz comtaes mordomos). Que para complemento dos felizes desejos dos habitantes da Provincia, era de summo louvor, e digno de admirar-se, pelo quanto he raro, a bella intelligencia, e harmonia tão manifestas entre o mesmo Exm.º Presidente, e o Exm.º Commandante das Armas o Sr. Antonio Elisiario de Miranda e Britto, que tanto se esmeraõ, e em extremo assíduos em preencher os deveres de seus respectivos Cargos dentro em seus limites, pelo que se fazem eminentemente dignos dos louvores da Patria, e do Agrado e contemplação do Augusto Imperador &c.

Concluimos finalmente em summa: que exvido o melhoramento das actuaes circumstancias, e das belles disposições do Governo, bem como aconselhava o Inimigo das rivalidades na Estrella, e como dizia Sallustio, do Povo da antiga Roma, que se devia promover com todo o empenho a uniaõ e concordia, conspirando as rixas, as discordias, e rancôres sómente contra os inimigos externos, e que Cidadãos contra Cidadãos só deveriaõ contender em virtudes &c. E todas as mais considerações que expendemos no referido nosso N.º: o que tudo muito bem pôde lá vêr, e comprehender quem não tiver os olhos e os meollos toldados, ou não estiver inteiramente *pasmado*, ou frenético &c.

A vista do presente extracto, parece que expendemos bastante materia no referido nosso N.º 23, mais bem ou mais mal colocada conforme a pouquidade de nossos conhecimentos e luzes, para que a refulgente Estrella com seus fulgôres, e o justiceiro Poraquê com sua electricidade podessem, ou illidir as nossas razões com bons raciocinios, ou fazendo com nôsco causa commum, quizessem discórrer, e ampliar, profundar, aperfeigoar, esclarecer, electrizar as mesmas nossas idéas e doutrina, de maneira, que amalgamados entre dois moços e hum velho os mesmos desejos, e os conhecimentos respectivos de cada hum para

o bom progresso da mesma cauza, e unidos o vigor e o conselho, poderemos sem exaltamento ou effervescencia do meollo, formar e meter em obra hum plano de doutrina politica, civilisagaõ, e moral bem combinado, e despido de frioleiras, conveniente aos gloriosos fins a que nos propomos, e verdadeiramente digno dos Escritores Publicos, e dos bons Amigos da Patria: pois, se nos Moços sobeja, e nos Velhos falta o fogo da mocidade, tambem nos Moços faltaõ, e nos Velhos sobejaõ as liçoẽs da experiencia: *Vis consili expers mole ruit sua: chae com seu peso a forga sem conselho:* dizia o Velho Horacio. *A actividade dos Velhos,* diz o grande Cardozo da Costa, *consiste em caminhar constantemente; porẽm sempre de vagar: festina lente.* Os Velhos assim caminhando, quasi sempre chegaõ aonde desejão: e os Moços, por muito saltar, se chegaõ, he sempre muito cansados, quando nãõ quebraõ no caminho as pernas ou a cabeça. &c.

Por tanto: se os dois Snrs. Redactores referidos, no engendramento de suas importantes e ponderosas tarefas, estivessem bem conformes com estes e outros semelhantes conselhos, e mais bem instruidos nos preceitos do divino Author da Epistola aos Pisoẽs—

*Sumite materium vestris, qui, scribitis œquam  
Viribus: et versate diu, quid ferre recusent,  
Quid valeant humeri: &c.  
Scribendi recte sapere, est principium et fons:*

E visto a incomparavel e bazoficante superioridade que nos tem como inculcaõ, e nós o confessamos, em conhecimentos e talentos; certamente se nãõ afastariaõ do nobre estilo, prudencia, e dignidade que compete aos Escritores instruidos e assisados: haviaõ sem duvida sobre o nosso escrito, elucidar as nossas ideas, dissipar, e corrigir os nossos erros com sólidas rasoẽs, e boa e clara logica: e nós então de bom grado nos conformariamos com suas doudas liçoẽs: e o Publico, compadecendo-se de nossa impericia, lhes louvaria então o seu merecimento, a sua erudição, e a sua capacidade. Mas com que sahiraõ elles a nosso respeito? *Parturient montes, et nascetur ridiculus mus!* Veja-se o que diz a Estrella no citado seu N.º 28 pagin. 223. Chegou-nos á mão o N.º 21 do Censor Maranhense, e com a sua leitura ficamos inteiramente pasmados! Huma estrella ficar pasmada! grande por certo deve ser o Astro que lhe fizera eclipse! nãõ da barafunda com que amalgâma suas idéas vulgarissimas; nãõ



dos vituperios que á Estrella e Poraquê gratuitamente liberaliza; mas sim de como em tão limitado espaço de tempo mudou de sentimentos á cerca do celebre festejo, que aqui varios individuos, bem assignalados na Publica Opinião, aos annos do Sr. Presidente consagrarão. O Censor, por ventura, quando compunha esse escrito inconsequente, não se recordaria da correspondencia, que sobre a mesma festividade nos dirigio, para que em nossa folha lhe dêssemos publicidade, o que recusamos fazer em consequencia da demasiada acrimonia, com que vilipendiava festa, festeiros, e o proprio festejado que agora tanto engrandece? Terá o Censor o arrojo de negar o que expendemos, só porque lhe restituimos á Carta? Lembre-se pois o Censor que se á isso nos provocar, provar-lhe-hemos que não fomos nós os unicos, que em nosso poder a tivemos; lembre-se da pessoa a quem a deo aberta para que nola entregasse.

Dom Quixote naõ accommetteo com tamanho impeto e arrogancia, nem com menos juizo, os trinta ou quarenta moinhos de vento, que julgava gigantes de cem braços, nem os dois rebanhos de carneiros que lhe pareceraõ ser os exercitos do Rei dos Garamantes, e do Alifanfaraõ da Taprobana!!!

Este pasmo da Estrella, segundo os bons classicos, póde tomar-se na accepção de espanto, e admiração: e tambem por ellipse póde tomar-se na accepção de pasmo em lugar de espasmo, retracção violenta e convulsiva de nervos: e neste segundo caso, pela immediata influencia do fizico no moral, naõ fica em muito bom estado a mente humana para deixar de commetter improvizos desacêrtos e loucuras: mas como por esta parte, segundo o nosso conceito, nada possa ser applicavel ao Sr. Redactor da Estrella, julgamo-lo no primeiro caso: naõ se espantou porém nem admirou, e pasmou, da barafunda e do amalgåma de nossas idéas vulgarissimas, nem dos vituperios que diz á Estrella e Poraquê liberalizamos: e nisto, na verdade foi coherente com a conjuncção do tempo, e com seus vastos conhecimentos, pois, sendo o Sr. Redactor tão instruido, como nós o conhecemos; e muito uzado a lêr e entender obras de toda a casta de proza e verso; não era proprio espantar-se, admirar-se, e pasmar-se, á vista de nossas idéas vulgarissimas, e vituperios, quando actualmente por desgraça, não se vê neste Paiz senaõ escritos cheios de despropósitos, insolencias, desaforos, descompósturas, heresias, e barafundas informes de politica-gotica: (1) isto sem excepção: que na verdade he cousa edeonda, e fazem nõjo na republica literaria, e o maior desarranjo na ordem da Sciidade civil.

(1) Não se repare na cacofonia: he proprio do caso.

— Espantou-se o Sr. Redactor da Estrella, e ficou inteiramente pasmado, como diz: mas ha-de permittir-nos de lhe dizer, que he hum espandisso de novo genero: muitos homens se espantaõ; e ainda mais as mulheres, e as mulas; huns mais, outros menos conforme o seu genio esquivo ou ardito, e humores, e tambem alguns cavalloos a que chamaõ passarinheiros, ou assombradiços, se espantaõ de humã sombra, ou de alguma folha que bóle &c. e em fim todos podem espantar-se mais ou menos, de alguma cousa que subito se vê, ou se prescente: mas espantar-se alguem, e ficar inteiramente pasmado, do que não vê, ou não prescente; isso he hum sestro ou manha singular, e original que sómente vemos pegada no Sr. Redactor da Estrella!

A Historia nos diz, que n'outros tempos houvera huma escola de Philosophia com bastantes Sectarios, de Doutores Scépticos ou Pirrronicos, que duvidavaõ de tudo, e não acreditavaõ em nada: e nisto mesmo eraõ faltos de boa fé, e em opposição áquella grande Sentença de Phedro na fabula 10 do livro 3.<sup>o</sup> — *Periculosum est credere et non credere*. Acreditar tudo, e não acreditar nada, he huma igual bestialidade, huma igual loucura, huma falta de juizo. E o Doutor Soares, Medico, tambem nos ensina o mesmo nestes dois versos.—

*Em crêr tudo ha perigo manifesto,  
Assim como tambem em nada crêr.*

Porém, duvidar, e não acreditar, nem espantar-se, nem pasmar-se, do que vê, e não duvidar, e acreditar, e espantar-se, admirar-se, e pasmar-se do que se não vê, e não existe, e escreverem-se taes idéas com tanta ufania e desembaraço, isso he huma escola nova de Doutrina Anti-Scéptica, se amente nos não engana, que só estava reservada para o Sr. Redactor da Estrella do Norte do Brasil, ser o seu Illustre Fundador.

Não se espantou, nem pasmou da barafunda das idéas vulgarissimas, nem do amalgame, ou, rudis indigesta que molles do ante mare et terras, et quod tegit omnia celum: que tal se lhe representou a indigesta massa ou materia do nosso Jornal, que anthe lhe pareceu e ao Sr. Porquê, ser o N.<sup>o</sup> 21, em lugar do 23: (taõ desorientadas e pretenidas estavaõ as suas cabeças a nosso respeito!) nem tambem se pasmou dos vituperios por nós liberalisados a suas excellencias redactores, isto por ser abundante fruta do tempo: e pasmou-se sim, admirou-se, e espantou-se do que não vio, e de cousa nenhuma: como vamos provar-lhe. Diz, que ficara inteiramente pasmado,—*de como em tão limitado espaço de tempo, (o Censor) mudou de sentimentos*



à cerca do celebre festejo que varios individuos bem assignalados na Publica Opinião, aos annos do Sr. Presidente consagrarão, ergo: rozás. E pertende provar, ou deduzir o seu corolario sobre a nossa inconsequencia, do theorèma contido, ou filosofado pela sua cabeça, entre a composiçã do nosso escrito inconsequente (o Censor) em que engrandecemos huma festa, festeiros, e festejado, como diz, e huma Correspondencia que diz lhe dirigimos, em que vilipendiavamos a mesma festa, festeiros, e festejado. Eis aqui toda a força do seu argumento: dissemos mal na Correspondencia, e bem no Censor: ergo: somos inconsequentes, e isto faz pasmar!

Pondo de parte o que poderíamos dizer sobre a probidade, character, e honra com que o Sr. Redactor da Estrella descobre o segredo de huma Correspondencia anonima que lhe fôra confiada, porque talvez não seja nisso demasiado escrupuloso; supponhamos a sua existencia, e mesmo que não fomos sómente o portador d'essa Carta, pois que a sua assinatura era—O Fiscal dos Camêlos, amigo sincêro da conservação do Sr. Presidente da Provincia. Se ella nos fosse indecorosa como pertende o Sr. Redactor, o que negamos, nós poderíamos uzar então de hum meio airoso para com o Publico, repelir a sua imputação negando esse facto: e o Sr. Redactor nesse caso, não obstante a testemunha que alega d'essa pessoa a quem a deramos a berta falso em seu favor, nem de revelar o segredo como sua mercê, e mesmo por ser unica que não faz prova em juizo, se veria embaraçado, e a sua prova não passando do seu dizer: e ficaria taõ airoso como hum prêto pábulo de quem se conta, quizerá provar a outro prêto: que havia já estado na Azia: e lhe disse —mulos côcco tem zbrugado estas mão pescadora nos Inda—pois rozo já lá estão? lhe preguntou o outro prêto: não; mas ôre dizero. Porém: Mais allo canto fenda os densos ares. Vamos ao caso. A espaventosa conclusão com que o Sr. Redactor da Estrella em seu mencionado N.º, taõ ousadamente nos proclama ao Mundo, de sermos inconsequentes, e de mudar-mos em taõ limitado espaço de tempo de sentimentos á cerca do festejo, festeiros, e festejado, he deduzida das premissas: de que naquella correspondencia disseramos mal, ou vilipendiaramos festa, festeiros, e festejado que agora (em nosso N.º ultimo) tanto engrandecemos: ora, para ser exacto, e não errôneo e depravado o seu theorèma, era preciso que entã dissessemos mal, e agora bem daquella funçã, ou *vice versa*: entã bem, e agora mal: sendo isso assim; teria o Sr. Redactor desbancado: mas, *adqui*: que em todo o nosso N.º referido, não se acha huma só palavra e esse-

Entrada

respeito; ergo: ou he embusteiro contra a verdade manifesta; ou devemos crêr que o mesmo Sr. Redactor da Estrella, acreditou, e admirou-se, espantou-se, e pasmou-se do que não viu, nem realmente existia, finalmente, de cousa nenhuma: e propagando semelhante doutrina estrambótica, sem punidade, com seu Substituto Porquê, tem conseguido heroicamente ser o grande fundador da referida nova escola de Doutores Anti-Scépticos, ou Anti-Pirrhonicos: philosophia novíssima! que não consta que fosse ainda adoptada nas Universidades do Brasil.

Tornamos a dizer, a dizer, a dizer, que em todo o nosso referido N.º não se amostra huma só palavra que tenha a menor relação com o mencionado festejo e festeiros: e isto não o provamos com huma testemunha unica, nem com alguma correspondencia anonima: provamo-lo com o proprio folheto que se acha impresso em letra redonda: apenas na pagina 352, sem fallarmos positivamente com este ou com aquelle Redactor, com esta ou com aquella pessoa, mas por idéas geraes, dissemos—*para que era meter-se qualquer a censurar, a reprehender, a interpretar, e a decidir sobre os actos, intenções, e até o pensamento de quem governa? a dizer stentóriamente, e com o maior descôcco (assim se fallava por ali) se o Sr. Presidente fez bem ou se fez mal, se devia acceitar ou não devia acceitar o convite que lhe fizeram para a celebração dos seus annos?*

Nisto bem se vê, que não dissemos: nem se a festa e os festeiros erão cousas boas, nem se erão cousas más: nem engrandecemos, nem desengrandecemos a festa, nem dissemos se o Sr. Presidente fizera bem, ou se fizera mal em lá hir, ou deixar de hir &c.

Porém, se em nosso referido N.º, se achão expressões de elogio ao Sr. Presidente, muito, embora *baixas lisonjerias*, na bella afeição e vontade do Sr. Redactor; na referida correspondencia, mesmo na hypothese de ser ou não ser nossa; seu author não tratava a S. Ex.ª com menos dignidade, decôro, e respeito, sem a menor expressão, nem a mais leve idéa de vilipendio ao mesmo Exm.º Sr. Presidente, como muito depravadamente se anima a proferir como alaioso, e grosseiro intrigante, o Sr. Redactor da Estrella, neste caso. O principal objecto da mesma correspondencia, não obstante ridiculizar em certo modo por idéas geraes, e sem personalizar, algumas pessoas que concorrião para o festejo, pela sua conducta passada; era prevenir com anticipação a S. Excellencia, a méra circumstancia de que a noite de 14 para 15 de Setembro dia dos felizes annos do Sr. Presidente, era tambem o anniversario da horrorosa e criminozissima revolução em 1823 de funesta memoria, acon-



cida nesta Cidade, de que S. Ex.<sup>a</sup> não podia estar talvez no conhecimento: e parece muito conveniente, que quem governa dêa ser informado de tudo, com muito boa fé.

Terá o Censor (diz a Snr.<sup>a</sup> Estrella) o arrojo de negar o que expendemos, só porque lhe restituimos a Carta? Lembre-se pois o Censor que se a isso nos provocar, provar-lhe-hemos que não somos nós os unicos, que em nosso poder a tivemos: lembrese da pessoa a quem a deo a berta para que no-la entregasse.

Tenebrôsa logica! Sendo esta sublime Sciencia, a nobre Arte que ensina a pensar exactamente, e a descobrir a verdade meditando, lendo, discorrendo, disputando, observando, experimentando &c. como não ficarão idiôtas os Alumnos de hum Collegio, aos quaes se ensinassem taes liçoës de raciocinar; e discorrer, por semelhante fórma, para se descobrir a verdade?!

De maneira: que se tivermos o arrojo de negar o que o Sr. Redactor da Estrella, ou alguém por elle, quiz expender, e o provocar-mos, elle nos provará isso mesmo e todas as mais theses, ou asneiras que quizer, mostrando, que não foi só elle o unico que em seu poder tivera huma carta anonima que demos aberta a huma pessoa para que lha entregasse: ergo: rosas: pôde haver semelhante patetisse, ou bestialidade?! Com este grande silogismo ficará demonstrada a verdade do caso, segundo a dialética exquesita do mesmo Sr. Redactor. Desgraçados Estudantes a quem se ensinarem similhantes liçoës de raciocinar!

Está-nos parecendo que o Censor pretende entrâr em algum negocio; de que os felizes resultados estão pendentes da influencia do Sr. Presidente. Ora, se assim he, implore a protecção de S. Ex.<sup>a</sup>, téga-lhe os elogios de que he crêdor, que ninguém lhe nega o seu merecimento; mas veja que para chegar ao cabo do que deseja, não he licito intermediar com baixas lisonjerias, descomposturas a quem o não offende.

Aonde estão estas descomposturas? O Sr. Redactor estaria sonhando? não: este periodo da Estrella que deixamos transcrito, he mais huma prova incontestavel da espantosa marcha, e progresso com que o Sr. Redactor da Estrella do Norte do Brasil, vai coherente no Scientifico Curso da sua nova escola de philosophia Anti-Scéptica ou Anti-Pirrhoneica. Aonde hiraõ parar os Brasileiros se se guiarem unicamente pela flamigerante luz da nova Estrella do seu Norte?! Está-nos parecendo: diz elle: &c. não vê, nem lhe parece o que existe; e vê, e parece-lhe o que não existe, e que nem ponta tem por onde se lhe pegue: não vê que o Sr. Presidente, segundo a fiél observancia do actual Systema, e segundo a sua imparcial e louvável conduçta de governar, ainda que nós tivéssemos a indesculpável indiscricão de

*implorar* a sua protecção em alguma cousa fóra das attribuições do Governo, não pôde ter influencia em negocio algum particular que nos podesse ser util ou vantajoço: nem mesmo (o que n'outro tempo se podia fazer com humia simples Portaria) pôde repellar, por exemplo, a injustiça manifestá, escandalosissima, e tórpe com que fomos esbulhados do Emprego de Administrador do Terreiro Publico: (injustiça fundada sómente no publico crime de sermos Redactor do Censor) nada disto vê o Sr. Redactor porque he huma verdade manifesta; porém recorrendo aos expagos immaginarios da nova faculdade de sua graduacão, vê o que o Censor tem no pensamento, que he, pertender entrar em hum negocio de que *os felizes resultados estão pendentes da influencia do Sr. Presidente*. Grande Adivinhação he o Sr. Redactor da Estrella! Como lhe não hirá se elle tiver os mesmos felizes resultados dos seus estupendos versos isentos de *baixas lissonjerias*, que costuma offerecer a pessoas que lhos não encommendaõ, nem delles gostao por sua natural modestia?!

Não fizemos mais, que defender a dignidade do Governo, pelos motivos tao manifestos no desassizo dos Periodicos: sendo este o unico importantissimo negocio em que pretendemos sempre entrar: e o Sr. Redactor da Estrella, louvando (sardónicamente) o merecimento de S. Ex.<sup>a</sup>, chama ao nosso discurso—*baixas lissonjerias*—: e com a simplicidade de hum minino que faz queixa á mãe que o pariu, nos argue de intermediar-mos com essas *baixas lissonjerias*, os vituperios e descomposturas que prodigalisamos á Estrella e Poraqué, depois de ter dito no seu exordio tao quexotésca e basofeantemente que não fazia caso, nem se *pasmava da barafunda* e do amalgame de nossas *idéas vulgarissimas*, nem dos mesmos vituperios.

De maneira: que as expressões com que defendemos a dignidade do Governo, e as virtudes ultrajadas em S. Ex.<sup>a</sup>, e o seu decôro, e respeito como Presidente, são *baixas lissonjerias*: e a justissima censura que fazemos aos mesmos ultrages, e reproches em termos indecentes, grosseiros, e indiscretos dirigidos á primeira Authoridade da Provincia, são descomposturas, e vituperios feitos ao excellentissimo Commundado do Estrella—Poraqué no seu modo de pensar! Em nossa opiniao devia adicionar-se aoCodigo penal dos crimes da Liberdade da Imprensa, hum Artigo, que impoesses a pena de rapar-se a cabeça a todos os Escriptores deste genero: e manda-los tomar ares para a Ilha do Médo, ou do Marajó.

Não vê, nem lhe parece, que não tecemos elogios ao Snr. Presidente, nem disso somos capazes: que apenas esclarecemos ao Publico, o conhecimento das suas boas intenções, e conducta



circumspecta e proba na constante marcha de sua Administração: ao que fomos impelidos a bem da ordem geral, pelo desorientamento e falta de respeito com que alguns Periodicos tão irreverentemente em menoscos de seu Illustre nome, diziaão arrojadados despautérios sobre a honra do seu Governo: doutrina impolitica ou indiscreta que se quer em certo modo a induzir o Povo á irrisão e desprezo das autoridades constituídas, o que he sempre hum libello publico offensivo, como dissémos no mesmo nosso N.º

Nada disto vê o Sr. Redactor, que he o que se acha escrito em o nosso folheto: porém vê o que a sua cabeça lhe ordena, analogo á sua nova profissão: vê que são *baixas lisonjerias* ao Sr. Presidente, a justa censura que fizemos ás indiscrições ou rapaziões fogozas dos fêrvidos ethontes da vibrante Estrella, e do Peixe elétrico-indolente: não vê o que escrevemos, nem o que existe; e vê o que a sua cabeça lhe manda, constituindo-se fatidico oraculo das cabeças dos outros: parece que temos por fado encontrar sempre adversarios antagonistas de novo genero: nós, por exemplo, fallamos em alhos, e elles respondem sempre em bogalhos semelhantes ás suas cabeças na levêza e no meollo: por semelhante motivo disse Montesquieu a hum aristárco que julgava do avêssio o Espirito das Leis—*vous jugez, le livre qui est dans votre tête, et non celui qui est sorti de la mienne*. E nós, se julgássemos o Sr. Redactor menos instruido que de má fé para com nôscos, poderíamos então dizer a seu respeito, e de todos os nossos adversarios pseudo-literatos, como o Sulmonense Ovidio desterrado no Ponto, dizia aos Capadoces—*Barbarus hic ego sum quia non intelligor illis*.

Naõ vê, forte Cegueira!.. Que censuravamos os Periodicos pela obstinada e furioza guerra literaria em que se entretinhaão, e ainda hoje continuaão tresloucadamente, manifestando ás outras Provincias do Imperio, e a toda a parte que chegarem taes escritos, hum quadro horroroso e assustador de desordens intestinas, e continuadas nesta Provincia: o que em verdade não he mais imagens de pavor, ou avernôas, que não passa das debilitadas, ou temerosas, alucinadas, ou impêstadas cabêgas dos proprios Redactores, e de seus Correspondentes anonimos (*servatis servandis*) únicos embrolhadores, e assustadores do socego publico presentemente: pois, dizer o contrario disto, he hum a nefanda calumnia, ou mentira grosseira, e hum descomedido ultrage e ataque feito a todas as Authoridades actuaes desta Cidade e Provincia, que tão manifestamente vemos empenhadas com feliz successo, no esmêro de promoverem o publico socego: o que he

inegavel e bém patente, se não fallarmos em alguns successos casuaes inevitaveis em todos os tempos ordinarios, apesar de á poucos dias por hum dos maiores frenesís de loucura, depois de figurar hum quadro imaginario e medonho de terror e espanto, erguendo fantasmas, dizer a Estrella em seu N.<sup>o</sup> 45 (pag. 363, que a Patria está em perigo: e outros delirios da mesma natureza em diversas paginas do mesmo Periodico.

Não vê finalmente, nem lhe parece, que em resultado de nossas considerações, he bém obvio que não levamos em vista outra coisa mais, que o desejo de promover a união e concordia entre os Cidadãos, combatendo os excessos e prejuizos politicos, de huma, e de outra banda: se este pois fosse o negocio que ao Sr. Redactor, está-lhe parecendo, que pretendemos entrar; então hiriamos concordes: pois á muito tempo que neste mesmo negocio temos entrado: e seus felizes resultados muito pendem na verdade da influencia do Sr. Presidente, de que se não descuida: porém o Sr. Redactor, coherente na profissão da sua nova Escola, nada disto vê, nem lhe parece, porque he huma verdade manifesta: porém vê, e está-lhe parecendo, que dezejamos entrar em outro negocio ou especulação de mais alta monta; como adiante diz — o dezejo de ser-mos quando menos, Juiz de Facto. Ora Deos lhe depare tamanha ventura que talvez não seja muito abastado! mas, Vamos a tante humana charumêla. Prossegue:

Já o Censor fascinado talvez pelo desejo de sahir quando menos, Juiz de facto, poz peito em negar o soborno (bem provado na Minerva) que houve nas eleições da Freguezia da Conceição para a nova Legislatura. Porém disso qual he o fructo que tirou? Continuar na sua horta longe do bulicio da Cidade, a colher as rescendentes flores, de que formu as grinaldas, com que enrama a frente da sua virtuosa Sabina.

Quanto a primeira parte do primeiro periodo, sendo a maior das frioleiras, já dissemos a cima: e com mais huma risada, temos plenamente respondido a semelhante sandice. Quanto á segunda: se devemos neste periodo julgar a seu author de boa fé no que escreveu; elle se nos representa como huma viva imagem de toda a massa da ignorancia cega ornada e coroada com todas as suas vestiduras e joias preciosas, caminhando descalga sobre agudissimos espinhos: mas, fazer tal conceito do Sr. Redactor da Estrella, que tão instruido tanta gente o considêra! Seria isso huma indiscrição ou erro crasso: he bém certo que elle mui claro diz na sua folha, que pozemos peito em negar o soborno que houve nas eleições da Conceição: quando nós pelo contrario bem claro dissemos em nosso N.<sup>o</sup> 20 na pagina 310, fallando desses malvados promoyedores do mesmo soborno, e até fazendo delles huma



pintura que nós parece que nem Carrache, ou Titien pintariaõ com mais vivas cores o diabo aos pés de S. Miguel, dissemos no referido nosso N.º—temos observado, que apesar de seus ímpios, insolentes, e desavergonhados esforços, com insólita profanação dos Altres sagrados, e do Divino Sacramento &c.

Ora, parece que ninguém, a não ser patêta ou matriculado na nova escola de philosophia Anti-Scéptica do Sr. Redactor da Estrella, poderá afirmar, que aquellas nossas expressões não fossem dirigidas a combater o mencionado soborno; que o Sr. Redactor diz, que pozemos preto em negar. Confessámos, e combatemos o soborno; e o Sr. Redactor diz que o negámos: por tanto, nesta parte, vem a ser o Sr. Redactor da Estrella tam-bem hum Doutor Scéptico-anti-Scéptico, ou Pirrhonico-anti-pirrhonico.

Bem claro se observa no dito nosso N.º ultimo, que a nossa mente, e o fim de nossa doutrina, posto que mal amanhada, he promover a uniaõ e concordia, empregando todos os meios a nosso alcance conducentes a taõ glorioso resultado: e para taõ nobre empreza, combinando o nosso plano com algumas noções que podemos adequerir, dos preceitos da Arte de Medecina Política, (Sciencia bem desconhecida ainda neste Paiz) pelo menos os primeiros elementos da Patrologia, Dinamica, Anatomia, Physiologia, Semeotica, Hygiena, e Therapeutica politicas &c. E o conhecimento do grão de febre da enfermidade politica, pelos sinais diagnosticos, anamnesticos, e prognosticos &c: não podiamos por estes pequenos conhecimentos que possuímos, deixar de conhecer o estado de egritude que tem atacado, e ainda hoje ataca, com mais ou menos engravescimento, a compleição moral dos Cidadãos: e ainda que não perfeitamente instruidos na referida Sciencia de Medecina Política, porque outro tem sido o nosso destino, e fado; sabia-mos, que o curativo dos doentes, segundo o estado em que se achavaõ, pertencia á classe da Hygiena, devendo por esta raaõ uzar-se sómente dos remedios epistasticos ou de precaução, e não como querem os nossos Conci-dadãos exaltados, que a torto e a direito se uze sómente dos tópicos, estimulantes, drásticos, ou deletorios da classe da therapeutica, que fariaõ irrimissivelmente exacerbar ou engravescer a molestia, que se deveria sómente procurar o desvanecela: que he a tática politico-medical que vemos, muito imparcial e judi-ciozamente observada com delicada sagacidade, pelo Exm.º Sr. Presidente Candido Joze de Araujo Vianna: que em nosso conceito está quasi, hum perfeitissimo Mestre de Governar. //

Por estes principios, fundados nos mesmos preceitos de Me-dicina Política (materia grego para o Sr. Redactor da Estrella,

segundo parece) he que nós, fugindo de personalidades odiosas, (com rarissimas excepções) levamos de plano combater sempre os vícios, os erros, ou desacertos, e os mesmos crimes, sem combatermos as pessoas: e por isso não admitimos Correspondencias: fallamos em ~~anarchistas~~, ~~perturbadores~~, ~~motinos~~, e ~~democratas~~, porque ainda os ha por ahi os montes, posto que insignificantes: mas a ninguem offendemos positivamente; não publicamos os seus nomes; quem lhe não servir o barrete não o ponha: e por isso empregámos estimulantes frases contra o vil soborno, de huma banda e de outra; de toda a fôrma he crime: e não contra os seus Agentes operarios, para ver se estes, e seus demagogos vindo a melhores sentimentos, se envergonhão, ou emendão mudando de rumo, e de juizo.

( Para outro N.º se continuará a mesma materia, para não enfasiar tanto. )

Tendo em nosso N.º antecedente feito, ou proposto duas questões ou perguntas segundo a expectação publica: primeira: sobre a Portaria de 19 de Junho do anno passado, do Exm.º Sr. Presidente, que em resolução do Conselho Presidencial mandara retirar dos Districtos da Provincia as correntes de ferro que serviaõ para segurança, e condução dos facinorosos &c.

Segunda: porque rasão S. Ex.<sup>a</sup> não expulsaria para fôra da Provincia, o Redactor do periodico, Cigarra, como perturbador publico; e visto ter-se feito, e pela mesma rasão, o mesmo no Rio de Janeiro, ao Cavalheiro andante, Chapuis &c.

Esperavamos que alguém, com suas observações, melhor do que nós satisfizesse ao Publico: e como muitos dissessem muito, e ninguem escrevesse nada a semelhante respeito, expendereimos nossa opiniaõ.

Quanto a primeira: sabbes, que semelhante medida tivera sua origem na inflamada, fêrvida, e feryóza imaginação, ou philanthropia de hum insigne Conselheiro Presidencial do anno passado, que tendo sempre na bôca—os direitos do homem, do Cidadão, nossas liberdades, soberania do povo, leis da natureza, e agrão... e no coração o fogo electrico das virtudes liberaes do immortal Franklin, e Rousseau, á sua moda; teve a honra e gloria da iniciativa daquella pompoza indicação, aspirando em beneficio da humanidade, ser o accérrimo banidor dos instrumentos da oppressão: (não sabemos como não indicou para se arrancarem tambem as grades da Cadea) e amatoria dos Conselheiros seus Colegas, que o tintão por hum oráculo Dêlfico em rasão de possuir muitos livros virginaes e bonitos (para onde nos pa-



rece, que á maneira dos pombos quando se tratão mal, fugirão huns nossos tres tomos da historia dos Incas) donde apenas joieira palavrinhas exegéticas para a composiçã dos seus galantes escritos originaes; a maioria dos Conselheiros, tornamos a dizer, apoiou com especial agrado, a sua philantropica ou philantropofogotica Indicação, e passou em decreto.

Resultando da sua execuçaõ, e bastaria só de semelhante lembrança, huma copioza alegria, e hum benefício geral, e immenso a todos os facinorosos do Sertão coitados, que não podendo athe alli praticar as suas costumadas façanhas com ampla liberdade, e sem receio de serem amarrados e punidos, ficarão com esta judicioza, providente, e liberal medida ou resoluçaõ do Sapientissimo, providentissimo, e discretissimo Conselho, no amplo gozo das *liberdades*, e dos seus direitos naturaes para poderem de entaõ em diante sem empecilho, e sem mais o temor dos ferros, roubar, assassinar, perseguir e especialmente acabar de todo com essa porção restante dos europeos ainda espalhados por esses Sertoões; unicos fragmentos dos láutos manjares dos nossos Busiris sedentos: podendo commetter toda a casta de malefícios, em virtude de semelhante medida (*láto modo*) sem o menor escrúpulo de serem presos sem culpa formada, e de serem condusidos em ferros, e sim á cortezia, sendo por acaso ou illegalmente presos: e quando muito, acompanhados de lugares distantissimos por onde não ha Gadeas para prenoitarem os presos, por Cidadãos para esse fim obrigados; na falta de soldados: deixando suas casas, suas familias, e seus serviços agrarios, e em risco de serem assassinados em caminhos pelos seus beneméritos condusidos, afilhados e muito amigos do nosso Indicante Conselheiro: como parece: conforme com os puros e humanissimos desejos e sentimentos dos nossos Liberaes da moda, dignissimos confrades do Illustre Preopinante. E eis a obra de hum Conselho sem conselho, como diz o Padre Vieira!

Estamos: que o Sr. Presidente, não desconhecendo as consequencias que deveriaõ resultar, deu á execuçaõ aquella philantropico-apparente medida, ou resoluçaõ do Conselho, por meio de sua Portaria Circular, por não deixar de conformar-se com os preceitos do Systema representativo, e nova legislaçaõ, talvez prescripto no seu Regimento, como julgamos: pois do contrario, ahi gritariaõ os periodicos Liberaes da moda contra Sua Excellencia, e perderia para com elles huma boa parte do grande conceito em que elles o tem da bôca para fora &c.

Tambem estamos: que o Sr. Presidente, a não estar ligado, ás formalidades, e Consultas do Conselho, que não pôde nem deve dispensar segundo a lei, de que S. Ex.<sup>a</sup> he fiel executor, e não obstante não ter a longa pratica dos usos do Sertão como nós temos, certamente nos parece, que não teria semelhante lembrança, e quando muito, a sua resoluçaõ a semelhante respeito

se limitaria unicamente, a recommendar e ordenar muito escrupulosamente, como costuma, ás Authoridades locaes, que não abuzassem, ou fizessem uso daquelles ferros, como instrumentos de oppressão sobre a innocencia, porém sim muito opportunamente, como meios de segurança, para a condução dos facinorosos, visto não haver outros recursos por aquellas distantissimas, e desértas paragens: e nem o uso dos ferros contra os criminosos ser prohibido pelas leis nos Governos mais liberaes.

Tendo-se observado: que depois daquella Circular, em que se mandarão recolher os ditos ferros á estação competente, não só se tem multiplicado os crimes por aquelles lugares, como, as proprias Authoridades locaes receáo prender os facinorosos com medo de que estes fugindo a seus condutores, como bastantes já tem praticado, voltem a vingar-se de quem os prendera procurando assassinalos: o que no Sertão he tão facil como agoa: e por isso hirão deixando correr as cousas por agoa abaixo: e a continuação dos crimes sempre em vigor pela sua impunidade: e consequentemente, o Systema Constitucional em contradição com si mesmo, nesta parte: e eis o bello fructo da philantropica indicação do nosso Liberal ex-Conselheiro; indicado *indicante*, hoje Deputado á Assembléa Nacional: posto que em nossa opiniaõ faça hum exuberante serviço a esta Provincia em quanto lá não apparecer.

Quanto á segunda questão, sobrê o *Cigarra*: perguntavamos, porque rasão o Sñr. Presidente, (mas não perguntavamos a Sua Ex.ª) não lançaria desta Provincia para fóra, aquelle Redactor endiabrado, sendo hum publico perturbador, &c.

E parecendo-nos essa rasão muito óbvia, e clara, observavamos com tudo, e observamos, que a maior parte das pessoas de bons sentimentos, e amigas da boa ordem, tendo ao Sñr. Presidente em muito bom conceito, se admiravaõ de que S. Ex.ª não esconjurasse, e botasse daqui para fóra aquelle *demonio*, empenhado a perturbar a ordem estabelecida, accendendo entre os Cidadãos a mais revoltante e sanguinária intiga, o que o Sñr. Presidente podia evitar deportando semelhante amotinador, como no Rio de Janeiro se havia feito ao Cavalleiro Chapuis, &c.

Nós pensavamos porém de diversa maneira; e nos conveniamos cada vez mais do puro liberalismo, summa prudencia, e da circumspecta penetração, e sciencia de Governar do Sñr. Presidente: consideravamos: que o Chapuis era homem de instrucção politica não vulgar, e hum velhaco mui sutil, e por isso tanto mais perigozo: que escrevia quando os hórizontes politicos ainda estavaõ bastantemente nebulosos, e mui vigorosas as sentenças dos partidos lutadores: que escrevia na Córte á face do Soberano, com tanta maior audacia: e que fóra o Ministério, ou o Poder Executivo, quem deportára aquelle incendiario Escritor, que parecia dirigir seus escritos a promover no Imperio huma revolução geral. &c.

Tendo porém mellorado posteriormente as circumstancias



políticas, e não havendo a recear mais do que nôjo dos debandados anarchistas e motinos por mais que bérrem, em cuja ordem entraõ os Redactores e seus clientes, de todos os Periodicos que presentemente insultão, e combatem calumniosamente os Cidadãos beneméritos, e as Authoridades estabelecidas pelo Ministerio de S. M. I.; teria o Sñr. Presidente feito huma não pequena queixotada, e ultrajado os Artigos da Constituição do Imperio, se tivesse suspendido as formalidades ordinarias da lei, por cauza dos impertinentes latidos de hum cachorinlio á Lua, que tanto valem hoje os desatinados insultos, e sarcasmos de todos os *escritos liberaes da moda*, todos aquelles que fallão muito, e a torto e atravéz, em—*Absolutistas, Reactionistas, Miguelistas, Columnistas* &c.: cousa que não existe nesta Provincia: o que existe sómente he huma enórme manada de democrattistas ou piratas esgalgãdos da classe da relé, que desejão perturbar a ordem estabelecida, para vêr se enchem o pápo: sobre os quaes se estende a vigilancia do Governo, da Justiça, e da Policia.

E tanta menor consideração merecia o Redactor da Cigarra, para que se obrasse com elle hum procedimento illegal e extraordinario, quanto se observa, que sendo elle hum *escrevinhador inconsequente*, sem methodo, e sem plano que não fosse o da desordem, seu allimento ordinario; e sem o conhecimento dos costumes do Paiz, e do verdadeiro espirito publico, exvido sua doutrina tenebrosa logo á sua entrada; claro estava que elle se tinha constituido o *méro instrumento assalariado de huma vil quadrilha de despreziveis anarchistas mascarados*, que por sua via vomitavão a lethifera bilis dissolvida de seus perversos e malvados corações, por effeito da mais cega e vingativa raiva que os devora, e arrenéga do dever civil de homens, contra a melhor porção de Cidadãos beneméritos, e Empregados publicos, todos aquelles que vemos injuriados em tal qualidade de escritos, como he o da Cigarra, e de seus defensores, ou apologistas &c.

Quanto mais: sendo caso, não obstante de insolencia desmedida, privativo da Magistratura estabelecida para julgar dos crimes da liberdade da Imprensa, e que nada tinha, nem sonhando, com o § 35 do Artigo 179 da Constituição do Imperio, para que o Sr. Presidente houvesse levemente de despensar as formalidades ordinarias da lei, nem meter-se nisso investindo o Poder Judiciario, a respeito dos erros ou crimes de hum *vagabundo Jornaleiro*, que não era mais que o *manequim*, ou instrumento como dito fica, da referida quadrilha emboscada de motinos: que lá estavam as Authoridades competentes, para castigarem, conforme a lei, os seus delirios, quando a sua loucura os levasse a ponto de se declararem positivamente.

Além disto: seria irrisorio e ridiculo, infringir os Artigos da Constituição em semelhante caso, sem que se extirpasse o mal na sua origem, ainda que este fosse de maior ponderação: e mo-



traria o Sr. Presidente, que ignorava athé os primeiros elementos da Medecina Política; como hum Medico inhabil, que errando na sua clinica, applicasse os remedios á parte sam de hum enfermo, deixando sem cura a que estivesse duente. A molestia residia por exemplo, nos Jozes, Joaquins, Manoéis, Antonios, e Bernardos; e applicava-se o remedio, aos Agostinhos, aos Andrés, aos Pascoães, aos Ambrozios &c: que a tanto equivalia, o ser deportado o *Cigarra*, ficando impunes, e em pé os mesmos malvados revolucionarios que o alimentaõ. (2) Mostraria o Sr. Presidente, se tal fizesse, que ignorava tambem os elementos da Jurisprudencia Política, da mesma fórma que na Jurisprudencia criminal, hum Jurisconsulto Magistrado se lembrasse de condenar a espingarda, com que hum assassino fizesse huma morte, ficando este saõ e salvo, e livre de culpa e pena.

Tal seria em nossa opiniaõ, o procedimento do Sr. Presidente, se se lembrasse de alterar a lei inutilmente deportando a-quelle insignificante *insécto*, só porque muita gente indiscreta e exaltada assim o desejavaõ, posto que de boa fé. (3)

Semelhante procedimento finalmente, seria pueril, e filho da imprudencia, e do desasizoz; e inteiramente incompativel com os acértados dictâmes da madura circunspecção, com que o Sr. Presidente Candido Joze de Araujo Vianna, tem dirigido as rédeas do Governo desde o principio de sua feliz Administração nesta Província.

### NOTICIA.

Na Collecção de Actas das Sessãos da Camara Municipal desta Cidade, do anno da 1829, que se achá impressa: na Sessão do dia 5 de Outubro do mesmo anno, em que fóraõ presentes os Srs. Vereadores, Machado, Sotero, Faria, Porto, e Costa: alli se observa huma improba, e precipitada Deliberação a nosso respeito, como Administrador do Terreiro Publico desta Cidade; dictada pelo odio, pela paixão, pela vingança, pela maldade, e pela ignorancia, com que se ataca a nossa honra, e crédito. Em tempo opportuno havemos justificar para com o respeitavel Publico, a nossa integridade, e conducta regular como Empregado publico naquella Administração: sem faltarmos ao respeito devido á nobre Corporação Municipal, desenvolveremos o espirito de partido, de maldade, e ignorancia que neste negocio levou á maior cegueira, e tórpeza aquelles miseraveis, e despreziveis homens, descendo da honroza dignidade e caracter que deviaõ conservar naquelles respeitaveis Assentos da Municipalidade.

João Antonio Garcia de Abranches, Ex-Administrador do Terreiro.

(2) Fallamos no alimento moral.

Marankas Typographia Nacional e Imperial. Anno de 1830.